

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE
LINHA 1 - PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA
E PLURALIDADE CULTURAL

**PERSPECTIVAS DE *RAPPERS* BRANCOS/AS
BRASILEIROS/AS SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS**
um olhar sobre a branquitude

JORGE HILTON DE ASSIS MIRANDA

Salvador

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE
LINHA 1 - PROCESSOS CIVILIZATÓRIOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA
E PLURALIDADE CULTURAL

**PERSPECTIVAS DE *RAPPERS* BRANCOS/AS BRASILEIROS/AS
SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS**
um olhar sobre a branquitude

JORGE HILTON DE ASSIS MIRANDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade Estadual da Bahia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação e Contemporaneidade, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder.

Salvador


2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

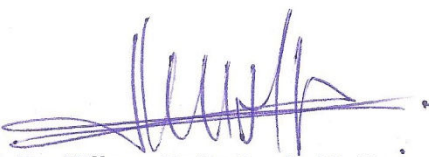
PERSPECTIVA DE RAPPERS BRANCOS/AS BRASILEIROS/AS SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS: UM OLHAR SOBRE A BRANQUITUDE

JORGE HILTON DE ASSIS MIRANDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 04 de novembro de 2015, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:


Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Sociologia e Antropologia
Universite Lumiere Lyon 2, U.LYON 2, França


Prof. Dr. Lourenço da Conceição Cardoso
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB
Doutorado em Sociologia
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP


Prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

*Ficha catalogafica elaborada pela Biblioteca Prof. Edivaldo M.
Boaventura - UNEB, Salvador.*

MIRANDA Jorge Hilton de Assis
PERSPECTIVAS DE RAPPERS BRANCOS/AS BRASILEIROS/AS
SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS : um olhar sobre a branquitude
/Jorge Hilton de Assis Miranda.--
Salvador: O autor, 2015.
180 fls;:

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. -
Departamento de Educação – DEDC.

1.Educação. 2.Racismo. 3.Rap. 4.Rappers brancos.
I.Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder. IIUniversidade do Estado
da Bahia.Departamento de Educação.

AGRADECIMENTOS

Aos/às *rappers* que colaboraram diretamente com este trabalho, entendendo a sua importância, colocando-se humildemente à disposição para responder o questionário e ter suas letras e visões interpretadas, comentadas e analisadas. Meu máximo respeito e admiração a DeDeus, De Leve, Don Bruno, Elvis Kazpa, Fabio Brazza, DOPE69, Fex Bandollero, Gaspar, Janaina Noblat, JASF, Kaab, Livia Cruz, Lurdez da Luz, MC Osmar, Preto Du, Rubia e Shark. E o desejo de que todos/as se comprometam com a leitura integral desta obra.

Ao DJ Branco (CMA Hip-Hop), Mandrake (Portal Rap Nacional) e Joe Blue Souza, por articular alguns contatos.

A Sérgio Bahialista, pelo incentivo ao mestrado. À irmandade de Nildinha Débora, suas dicas e apoio. À Simone Gonçalves, Coscarque, Márcio Ricardo, Binho Abede, Lícia Barbosa e Zelinda Barros, pelas contribuições significativas, cada qual de um jeito diferente.

A Marcos Messeder, pela orientação prestativa, pelas cuidadosas indicações bibliográficas e leituras, bem como pelo rigor das suas análises. Acima de tudo, pelo diálogo de "mano", sempre aberto e de modo simples.

A Lourenço Cardoso e Wilson Roberto de Mattos, pela leitura e importantes considerações na Banca de Qualificação.

À FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia -, pela bolsa de estudo, fundamental para o desenvolvimento qualificado deste trabalho.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, em especial, aos que contribuíram diretamente nas reuniões dos Fóruns de Pesquisa.

Aos colegas de trabalho e alunos da Faculdade Montessoriano, pelo constante incentivo e interesse neste estudo.

À minha família/familiares. Em especial, a minha esposa Vanessa Paixão Miranda, pela parceria incondicional de todas as horas, e a nossa princesinha Nayla Makeda, que possa em um breve futuro colher os resultados de nossa luta e se inspirar pela continuação da mesma.

A todos e todas que se sentem responsabilizados em contribuir com a eliminação do racismo e com a construção de uma sociedade mais justa.

RESUMO

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. *Perspectivas de rappers brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais: um olhar sobre a branquitude*. Salvador, 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade Estadual da Bahia – UNEB.

Esta dissertação busca compreender a visão de *rappers* brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais e, em específico, sobre a branquitude. Em que medida os temas relacionados ao racismo têm feito parte do olhar crítico dos/as mesmos/as? Veremos que o modo como se definem racialmente não impede que a maioria reconheça a existência de privilégios por conta do fenótipo branco. A análise de discurso e de conteúdo é feita com base em composições e participação direta de 17 (dezesete) artistas que responderam a um questionário e, indiretamente, através de entrevistas disponibilizadas em diferentes fontes documentais e obras de outros 8 (oito) nomes, de carreira individual ou em grupo. Discuto como as categorias de classe, gênero, estética e religião se imbricam na identidade artística e racial e de que maneira a interseccionalidade opera. Apresento uma abordagem conceitual contemporânea, relacionada aos estudos sobre raça-etnia. E para se entender tais marcadores no contexto das relações que envolvem os/as *rappers*, construo novos conceitos, como o de "padrão Racionais", "empatia abnegada", "branco denegrado". Outros são desdobrados buscando caracterizar e referendar as posturas dos/as artistas numa perspectiva autocrítica e educativa.

Palavras-chave: branquitude; educação; racismo; Rap, *rappers* brancos/as.

SUMMARY

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. *Perspectives on race relations from white Brazilian rappers: a look at white privilege*. Salvador, 2015. Dissertation (Masters). Post-graduate Program in Education and Contemporarity. Universidade Estadual da Bahia – UNEB.

This dissertation seeks to understand the point of view of white Brazilian rappers as it pertains to race relations and, specifically, their own white privilege. To what extent the issues related to racism affect those artists' self-perception? This investigation reveals that however they may define themselves racially that does not impede the majority of onlookers from recognizing the existence of inherent privileges for that artist due to his or her white phenotype. The content base of this dissertation are the compositions and direct participation of 17 artists that answered a questionnaire, and the indirect involvement of another eight artists, as individuals or as a group, through publicly available interviews and tracks. I discuss how social categories such as class, gender, aesthetic, and religion imbricate themselves within an artist to form his or her artistic and racial identity and how those intersections operate. This dissertation presents a contemporary conceptual investigation of race and ethnicity, paralleling the same issues in United States. Additionally in the context of race relations new terms and concepts have been created that relate to white Brazilian rappers, such as "Race Pradigm" (Padrão Racionais), "Black Empathy" (Empatia Abnegada), and "Blackened White" (Branco Denegrado). Meanwhile, other vocabulary arises grasping to characterize and reference the postures, positions, and traits of white Brazilian rappers from a self-critical and academic perspective.

Key Words: White privilege; education; racism; Rap, white rappers.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CAPÍTULO 1 - RELAÇÕES RACIAIS NO RAP E A VISÃO DE NEGRITUDE | 19 |
| 1.1 Influência negra na origem da música Rap..... | 19 |
| 1.2 A chegada da música Rap no Brasil e a luta antirracista | 23 |
| 1.3 Tensões e melindres - "brancos/as cantando música de negro/as"..... | 31 |
| 1.4 Rappers brancos/as brasileiros/as e a visão racial..... | 49 |
| CAPÍTULO 2 - MISTURA E CATEGORIAS IDENTITÁRIAS NA VISÃO DOS/AS RAPPERS BRANCOS/AS..... | 69 |
| 2.1 Autodeclaração racial 1 - "Sou da raça humana"..... | 69 |
| 2.2 Classe e raça..... | 86 |
| 2.3 Identidades e imbricamentos..... | 103 |
| CAPÍTULO 3 - OS DILEMAS DA BRANQUITUDE | 125 |
| 3.1 Autodeclaração racial 2 - "Sou branco/a" | 125 |
| 3.2 Rappers brancos/as e a visão dos privilégios | 135 |
| 3.3 Música Rap e educação racial | 150 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 164 |
| REFERÊNCIAS | 171 |
| ANEXOS..... | 179 |

Introdução

Minha ligação mais direta com o Hip-Hop¹ surgiu em 1994, com a idealização e criação do grupo de Rap Simples Rap'ortagem, do qual também sou *rapper*². A nossa trajetória contou com a participação de outros/as vocalistas, musicistas e músicos, negros/as e brancos/as, de modo afetivo-colaborativo e, em outros momentos, somente profissional. Nunca presenciei tensões raciais envolvendo a relação entre pessoas da banda. Porém, essa tensão sempre foi visível na história do H2³ mundial e local, mas pouco aprofundada em estudo de caráter científico. E era explícita para mim, também fora do Hip-Hop, nos mais diferentes espaços de convívio social. No exercício da minha graduação, no curso de Ciências Sociais, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), presenciei embates inquietantes nesse sentido; no geral, envolvendo alunos/as brancos/as e não brancos/as militantes do Movimento Negro. Um desses choques me provocou duradouras reflexões. Num seminário que contou com a participação do *rapper* carioca MV Bill, após a fala de uma militante que atribuía ao homem branco a culpa pelas mazelas infringidas historicamente à população negra, uma aluna branca falou que concordava, mas de certa forma a situação a incomodava, pois era como se a fala generalizasse a culpa a todas as pessoas brancas. Continuou desabafando que se sentia diferente, porém desejava saber pelo Movimento Negro como ela, mulher branca de classe média, poderia contribuir com essa luta. A resposta foi desanimadora e frustrante para a garota: não vislumbrava a possibilidade de pessoas brancas como aliadas, pelo fato exclusivo de as mesmas não reconhecerem e tampouco estarem dispostas a abrir mão dos seus privilégios. Fiquei com aquela cena na memória, me perguntando se de fato brancos/as não podem contribuir com a luta antirracista. Outra ocasião que mexeu com minhas especulações teóricas e políticas se deu no III Encontro⁴ Baiano de Hip-Hop. Em um debate relacionado ao fim das injustiças sociais e raciais, o

¹ O Hip-Hop é um Movimento sociocultural formado por cinco elementos, dos quais quatro são artísticos (música Rap, Dança de Rua, arte mural do *Graffiti* e DJ - abreviação de *Disc Jockey*, aquele que pilota o toca disco ou *pick-up*-, com sua performance e técnica sonora) e o quinto, de ordem teórica e política, o Conhecimento, considerado elemento central e agregador dos demais. Abordarei melhor esse assunto mais adiante.

² Cantor/a de música Rap, que também pode ser chamado/a de MC (Mestre/a de Cerimônia).

³ Sigla para Hip-Hop.

⁴ Aconteceu em 2004, na cidade de Vitória da Conquista.

rapper e panafricanista⁵ conhecido como Menelik, do extinto grupo Júri Racional, gritou: "morte aos brancos!". O mal-estar foi geral e, a partir dali, não se conseguiu continuar a atividade, devido ao "bate-boca" gerado. Retomarei esse episódio no capítulo: Tensões e melindres - "brancos/as cantando música de negro/as".

Em 2004, tive contato pela primeira vez com o conceito de branquitude, a partir do qual encontrei respostas, bem como novas questões e caminhos para entender tal problemática. Dez anos depois, o presente estudo faz parte desse contexto de busca pessoal. O título original desta pesquisa era "Hip-Hop, branquitude e mestiçagem: reflexões para uma luta antirracista". Durante as aulas e orientações no mestrado, fui me dando conta de que, mantendo-o, estaria diante de dois complicadores. O primeiro se referiria ao termo "Hip-Hop", ao invés do Rap. Conservá-lo significaria que minha pesquisa, em alguma medida, abarcaria os quatro elementos artísticos que o compõem. E isso me faria um tanto distante do foco pretendido, que é na música Rap, seus/suas artistas e composições. O segundo complicador seria de ordem teórica e metodológica, ainda mais complexa. Minha intenção inicial era realizar análise de discurso e de conteúdo com base em letras de *rappers* brancos/as, buscando compreender a branquitude e mestiçagem através das mesmas. Com base em pesquisadores que discutem tais temáticas, pretendia refletir sobre essa análise, na perspectiva de contribuir para a luta antirracista. Porém, o Rap é um estilo musical marcado pela tensão das relações raciais e de classe. Ignorar esse fator representaria uma comprometedor desvantagem. Assim, após muito diálogo com meu orientador, essa nova dimensão foi incorporada e o foco foi ampliado, tendo em vista contemplar a análise da branquitude e negritude, dentro do universo da música Rap, como fenômenos que se relacionam e como categorias ideológicas consideradas em suas origens específicas e em seus contextos históricos diferenciados.

Consequentemente, o título da pesquisa mudou. Com o presente estudo busco compreender e averiguar a visão dos/as *rappers* brancos/as sobre as relações raciais. O que é ser branco/a para eles/elas? Como se autodeclaram racialmente? Quais suas percepções sobre o racismo, democracia racial e mestiçagem, e como esses temas refletem ou não em suas músicas?

⁵ Pan-africanismo é um movimento político, filosófico e social que propõe a união de todos os povos da África, como forma de promoção e defesa dos seus direitos e a potencialização da voz do continente no contexto internacional.

E, ainda, quais suas percepções sobre privilégios e vantagens referentes à cor da pele? Como é muito raro identificar algum/a artista ou grupo que tenha composto letras que, em alguma medida, abordem essa questão, minha hipótese inicial é que a maioria não possui dimensão sobre os próprios privilégios. Para aqueles/aquelas que não abordam a temática racial em suas composições, significa que são indiferentes ao assunto? Acima de tudo, investigo o viés educativo das suas letras de Rap e suas possíveis contribuições para a abolição do racismo. Essas e outras questões norteiam este trabalho.

Acrescentei como instrumento metodológico um questionário⁶ (ANEXO 2), para ser apresentado aos/às *rappers* brancos/as. O fato de eu também ser artista foi um facilitador na hora de pensar estratégias de sensibilizar outros/as do meio, a fim de colaborarem com a pesquisa; o que atenua, mas não elimina as dificuldades. Optei por definir poucas perguntas - nove, ao todo, sendo a última opcional - no esforço de manter aquelas indispensáveis à compreensão e análise das ideias e posições de cada participante. A aplicação desse instrumento representou o que talvez seja o maior desafio desta investigação. Antes de discorrer sobre esse ponto, julgo necessário falar sobre critérios que nortearam a pesquisa. Considerei a questão de gênero como importante, ou seja, não só estudar artistas homens, mas de ambos os sexos, tentando um número equilibrado. Outra questão envolvendo a escolha dos/das *rappers* referiu-se à como definir quem é branco/a. Para isso, usei como critério o fenótipo daqueles/as que possuem pele⁷ clara. Conforme Liv Sovik:

A branquitude não é genética, mas uma questão de imagem (2009, p. 36). [...] ser mais ou menos branco não depende simplesmente da genética, mas do estatuto social. Brancos brasileiros são brancos nas relações sociais cotidianas: é na prática – é a prática que conta – que são brancos. A branquitude é um ideal estético herdado do passado e faz parte do teatro de fantasias da cultura de entretenimento (2009, p. 50).

⁶ Inspirado no modelo apresentado pelo mestre em Psicologia, Lúcio Otávio Alves Oliveira, em sua dissertação intitulada: "Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos", UFBA. 2007.

⁷ Para Antônio Sérgio Guimarães, "cor" não é uma categoria objetiva, mas sim raça, entendida como categoria sociocultural, ou seja, construída ao longo da história das relações intersocietárias. A classificação por cor é orientada pela ideia de raça, por um discurso sobre qualidades, atitudes e essências transmitidas por sangue, que remontam a uma origem ancestral comum.

Nessa perspectiva, identifico e exploro como os/as *rappers* brancos/as se autodeclaram racialmente e se tal visão está em sintonia com a própria declaração de como a sociedade os vê no quesito racial.

Outra regra foi escolher cantores/as que eu conheço e também os/as que desconheço o trabalho, mas que possuem certa notoriedade profissional, seja por aparecerem na grande mídia⁸ ou por terem seus nomes circulando nas redes sociais e em veículos especializados sobre o universo da música Rap, como a revista Rap Brasil e o Portal Rap Nacional⁹. Com base nisso, relacionei diferentes artistas e grupos.

A partir da aplicação do questionário, começa o que posso classificar como "odisseia". Com exceção dos/as *rappers* que eu já possuía uma ligação pessoal, chegar aos demais foi muito árduo. Fiz uso de estratégias variadas. Em alguns momentos concentrei as buscas pela internet, com pesquisas pelo Google, Facebook e Youtube. Em outros, acionei pessoas influentes no universo do Hip-Hop, que me ajudaram a chegar ao contato pessoal de alguns/algumas, ou ao contato da produção.

Ao me apresentar, optei por omitir minha relação enquanto *rapper* e militante do Hip-Hop, uma vez que o Movimento é marcado por diferentes tensões, principalmente associadas à dimensão política e profissional, e talvez essa informação tornasse a situação ainda mais complicada. Os convidados poderiam, por exemplo, ouvir músicas da banda a qual faço parte, Simples Rap'ortagem, e não se identificar ideologicamente, desistindo de colaborar com o processo.

Antes de enviar o questionário, mandei uma mensagem inicial (ANEXO 1), com pequenas adaptações do texto, conforme o canal midiático que estava utilizando. Senti a necessidade de fazer isso, a fim de despertar maior atenção dos envolvidos para a importância da pesquisa. Houve quem nunca respondeu, nem pessoalmente, nem por intermédio da sua produção. Dos/das que deram retorno, houve os/as que, de modo breve, enviaram o questionário respondido; os/as que enviaram depois de bastante diálogo e pedido e os/as que não enviaram. Dentre esses últimos, uma parte justificou que colaboraria após outras prioridades; os/as demais, curiosamente após conhecer o conteúdo das perguntas, passaram a ignorar as comunicações feitas, levando a interpretação de que não desejariam colaborar com este trabalho. Uma hipótese para

⁸ Canais de TV aberta, de grande audiência.

⁹ <http://Rapnacional.virgula.uol.com.br/>

esse silêncio, assim como para a demora em obter algumas respostas, pode ser relacionada ao incômodo do/a artista em ter que se confrontar com uma realidade até então inusitada e desconcertante, que é o reconhecimento da própria branquitude, o que pressupõe certa exposição e a saída de sua zona de conforto (FRANKENBERG, 1995; PIZA, 2003; BENTO, 2003). Para Maria Aparecida Silva Bento (2003, p.45):

É compreensível o silêncio e o medo, uma vez que a escravidão envolveu apropriação indébita concreta e simbólica, violação institucional de direitos durante quase 400 dos 500 anos que tem o país. (...) Essa herança silenciada grita na subjetividade contemporânea dos brasileiros, em particular dos brancos, beneficiários simbólicos ou concretos dessa realidade.

A pesquisadora Valéria Ribeiro Corossacz (2014. p.211) chama esse silêncio de nó, que é ao mesmo tempo metodológico, teórico e dizemos, também, existencial. Sobre sua experiência, nesse sentido, ela conta:

Os próprios entrevistados colocavam barreira à comunicação. Na maioria das vezes, as respostas às perguntas sobre a branquitude estão no registro do silêncio, da necessidade de tomar tempo para pensar, e, de todo modo, são marcadas por um sentimento de estranheza em relação ao objeto de reflexão (*ibidem*).

Esse silêncio é um quesito a ser estudado. Conforme Lourenço Cardoso (2014), as pesquisas sobre branquitude contribuem para quebrá-lo, visibilizando e apontando onde o/a branco/a se encontra. Cardoso (*idem*), em sua tese¹⁰, apresenta a perspectiva do pesquisador negro frente ao branco, deparado na condição de objeto, a inquietação desse diante do olhar "desnudador" do outro, que não é seu par racial. Tal perspectiva representa um rompimento do "monopólio do/a branco/a quanto à interpretação científica" que, no conjunto da produção acadêmica recente, "tem contribuído para construção do/a branco/a antirracista" (p.121).

Outra tática para chegar a mais artistas foi pedir àqueles/as que responderam ao questionário indicação e contato de nomes que eu ainda não tinha, assim como de novas referências.

Ao total foram relacionados 17 (dezesete) *rappers* participantes diretos, em função de responderem ao questionário. Seguem, em ordem alfabética:

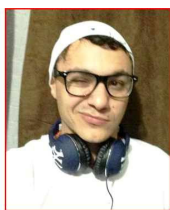
¹⁰ Cf. "O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil". Cf. <http://hdl.handle.net/11449/115710>



DEDEUS MC / SP



DE LEVE / RJ



DON BRUNO / SP



ELVIS KAZPA / BA



FABIO BRAZZA / SP



DOPE69 / SP



FEX BANDOLLERO / SP



GASPAR / SP



JANAINA NOBLAT / BA



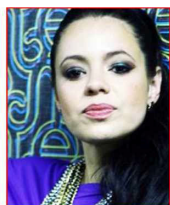
JASF / BA



KAAB / SP



LÍVIA CRUZ / PE



LURDEZ DA LUZ / SP



MC OSMAR / PE



PRETO DU / MG



RUBIA FRAGA / SP



SHARK / BA

Cada artista especificou seu estado de origem. A maioria ainda reside no mesmo local. As exceções são MC Osmar e Preto Du, que residem na Bahia, e Livia Cruz, em São Paulo. Infelizmente, o contexto para produção deste trabalho não propiciou uma maior diversidade regional. Como relatei, o processo de identificação dos contatos diretos e sensibilização dos/as *rappers* foi difícil: durou meses.

Pelas composições com algum conteúdo racial e envolvimento de alguns/algumas em situações diversas relacionadas ao tema, também examinei obras e casos dos grupos Alternativa C, Filosofia de Rua e Inquérito, bem como de outros/as *rappers* brancos/as: C4bal (anteriormente conhecido como Cabal), Flora Matos, Gabriel O Pensador, DJ Alpiste e Suave. Com exceção dos dois últimos, todos os demais foram contatados para responderem ao questionário, resultando, sem sucesso, em alguma das situações já descritas.

Fotos do perfil público de cada artista colaborador indireto, disponibilizadas em suas redes sociais:



C4BAL / SP



DJ ALPISTE / SP



FLORA MATOS / SP

GABRIEL
O PENSADOR / RJ

SUAVE / RJ

Apesar dos percalços e desafios, a produção dos dados gerou um conjunto de informações instigantes, inclusive os silêncios, que me permitem uma reflexão consistente sobre os/as protagonistas, objetos-sujeitos que me propus a investigar. Assim, para dar conta desta tarefa, organizei este primeiro texto em três capítulos. No capítulo 1, "Relações raciais no Rap e a visão de negritude", apresentarei no item (1.1): intitulado "Influência negra na origem da música Rap", de qual forma tradições da diáspora africana influenciaram o surgimento do Hip-Hop. E como o contexto envolvendo o Movimento pelos direitos civis dos afro-americanos nos EUA, a luta dos líderes Martin Luther King Jr., Malcolm X, o Black Power e o Black Panthers inspiraram o caráter político e ideológico do H2, em especial, da música Rap. No item (1.2): "A chegada da música Rap no Brasil e a luta antirracista", mostrarei como todo esse contexto de luta dos/as negros/as estadunidenses marcou o desenvolvimento do estilo musical no nosso País. Abordarei a contribuição dos bailes Black nacionais nesse desenvolvimento e dos principais expoentes da chamada Velha Escola do Rap Estadunidense, principalmente para o surgimento de uma militância mais sistemática do Hip-Hop no enfrentamento ao racismo, através de articulações coletivas. No item (1.3): "Tensões e melindres - "brancos/as cantando música de negro/as"", exponho o dilema e os conflitos em torno da legitimidade de artistas brancos/as em se apropriarem simbólica e materialmente da música de origem negra, além das diferentes interpretações e negociações que estão em jogo relacionadas a esse processo. Desenvolvo aqui dois conceitos: um, que denomino "empatia abnegada", para entender em que contexto *rappers* brancos/as compreendem e aceitam ofensas de negros/as; outro, que chamo de "padrão Racionais", para análise e entendimento das hostilidades sociorraciais dentro do Rap. No último item (1.4): "Rappers brancos/as brasileiros/as e a visão racial", evidencio, com base nos questionários respondidos e na análise das letras, o olhar dos/as artistas sobre o tema. Busco identificar os/as que possuem e não letras sobre o assunto e propor uma interpretação referente aos/às que não abordam a temática.

Esse fato indica que tais *rappers* são desprovidos/as de reflexões críticas em relação à matéria?

No capítulo 2, "Mistura e categorias identitárias na visão dos/as *rappers* brancos/as", no item (2.1): "Autodeclaração racial 1 - "Sou da raça humana", tratarei da autodeclaração enquanto brasileiro, raça humana, bem como do tema mestiçagem e democracia racial, e como o mesmo aparece na visão dos/as *rappers* brancos/as e as possíveis implicações desse olhar no combate ao racismo. No item (2.2): "Classe e raça", apontarei como essas duas categorias são abordadas por esses artistas, como se articulam, investigando se o discurso de classe se sobrepõe ao de raça. No item (2.3): "Identidades e imbricamentos", abordarei outras categorias de análise, como religião, gênero e estética, acrescentando aspectos que fazem os/as *rappers* acionarem tais categorias para demonstrarem que também são vítimas de preconceito e discriminação.

No capítulo 3, "Os dilemas da branquitude", focarei no tema branquitude, a percepção dos privilégios e seus desdobramentos. No item (3.1): "Autodeclaração racial 2 - "Sou branco"", refletirei sobre a autodeclaração racial dos/as artistas e a percepção dos/as mesmos/as sobre como a sociedade os/as classifica. Buscarei entender o que faz alguns/algumas de fenótipo branco, que se reconhecem como tal, assumirem politicamente a identidade racial enquanto negro/a. Para tanto, refletirei sobre o conceito de "branco africanizado" e desenvolverei o conceito que batizo de "branco denegrado". No item (3.2): "Rappers brancos/as e a visão dos privilégios", abordarei as diferentes visões dos/das artistas sobre a dimensão do privilégio da cor branca. Apresentarei, com base no conceito de branquitude crítica, criado por Lourenço Cardoso (2008), a relação dos/das que percebem e questionam os próprios privilégios, assumindo, a partir daí, um posicionamento antirracista; em que medida tal postura reflete nas composições dos/as mesmos. No último item (3.3): "Música Rap e educação racial", abordarei o papel da educação racial no processo de mudança de pensamentos e atitudes; educação pelo fim do racismo como processo fomentador da alteridade, sociabilidade e respeito à diferença. Ponderarei sobre os possíveis caminhos que os/as *rappers* brancos/as apontam como contribuição das pessoas brancas para eliminação das desigualdades raciais.

Nas "Considerações Finais", reflito sobre minhas hipóteses e convicções antes e depois da pesquisa, destacando novos pontos e abordagens a serem aprofundadas.

Por fim, quero deixar em negrito que o objetivo maior com esta pesquisa vai além dos teórico-metodológicos exigidos pelo padrão acadêmico. Enquanto ativista, me

utilizo da condição científica buscando sensibilizar o meio artístico, principalmente, para a importância do tema. Minha motivação maior para este estudo é de cunho ético-político, em função de um comprometimento que considero existencial, com as transformações que os processos educativo-artísticos podem operar na vida das pessoas.

Capítulo 1

Relações raciais no Rap e a visão de negritude

1.1 Influência negra na origem da música Rap

O Rap é um estilo musical que não pode ser entendido fora do seu contexto elementar de composição do Hip-Hop, que é uma manifestação de caráter sociopolítico que se desdobra entre Cultura e Movimento. A Cultura simboliza a dimensão artística-profissional e o Movimento, a política ativista. Como dito, o H2 é formado por cinco elementos: Rap, Dança de Rua, Graffiti, DJ e Conhecimento; esse último, estabelecido em sua origem como princípio interdisciplinar e consolidador da Cultura de Rua. Agrega os elementos artísticos, imprimindo um caráter de comprometimento político-pedagógico e histórico. O que levou o mesmo a ser instituído? Conforme a Cultura Hip-Hop foi ganhando projeção mundial, várias contradições se evidenciaram. A partir da década de 1980, nos Estados Unidos, a indústria fonográfica e a mídia passaram a tratar o Hip-Hop como sinônimo de Rap, deixando os outros elementos de fora. Resultado: Hip-Hop passou a ser difundido como um estilo musical, chegando a ser considerado por uns como apenas sinônimo para Rap e, por outros, como estilo diferente. Essa ideia espalhou-se de modo equivocado, preocupando seriamente a Universal Zulu Nation¹¹ que, buscando a superação do problema, promoveu o Conhecimento como o 5º elemento, representando, assim, todo o saber que possa ser comprometido pelos membros do Hip-Hop enquanto afirmação de identidade e das origens do Movimento, crescimento pessoal e instrumento de união dos componentes artísticos: Rap, Dança de Rua, Graffiti e DJ (MIRANDA, 2014).

Essa Cultura de Rua nasce nos Estados Unidos, no início dos anos 1970. Para entender o contexto que a precedeu, precisamos recuar às décadas de 1950 e 1960, momentos das lutas cruciais pelos direitos civis protagonizadas por negros e negras de diferentes camadas sociais. Esse Movimento - que teve a adesão de alguns/algumas brancos/as - emergiu nas entranhas do sistema de segregação sociorracial estadunidense,

¹¹ Organização que fundou o Hip-Hop enquanto Movimento organizado, em 12 de novembro de 1974. Atualmente, considerada a mais importante organização de H2 no mundo. Tem representações em mais de 50 países e atua como principal referência até os dias atuais. Nasceu com o propósito de articular a arte como meio de superação da violência.

logrando conquistas históricas, dentre as quais, o direito a "escolas integradas, a não separação racial em espaços públicos e o início de uma política educacional universitária compensatória para negros/as (o sistema de cotas em universidades brancas), que ocorreu durante o governo Kennedy" (PIZA, 2003, p.68). Os efeitos positivos dessa vitória levariam algum tempo para serem sentidos.

Com a chegada dos anos 1970, a situação de desigualdades que abatia as populações marginalizadas ainda era grande.

Gente pobre, com empregos mal remunerados, baixa escolaridade, pele escura. Jovens pelas ruas, desocupados, abandonaram a escola por não verem o porquê de aprender sobre democracia e liberdade se vivem apanhando da polícia e sendo discriminados no mercado de trabalho. Ruas sujas e abandonadas, poucos espaços para o lazer. Alguns, revoltados ou acovardados, partem para a violência, o crime, o álcool, as drogas; muitos buscam na religião a esperança para suportar o dia-a-dia; outros ouvem música, dançam, desenham nas paredes (...)

As semelhanças não são coincidência: tanto os Estados Unidos como o Brasil foram construídos com o trabalho escravo de negros sequestrados de suas terras na África. Aqui e lá, a abolição da escravatura foi conseguida com luta e revolta, batalhas incontáveis (...)

Como no Brasil há tantos nordestinos na periferia, nos guetos americanos juntaram-se aos negros outros marginalizados. Em Nova York, completaram o caldeirão humano do gueto os imigrantes latinos, de países como México e Porto Rico, também considerados ralé pelos americanos brancos, por sua pele morena e olhos indígenas, herdados de seus ancestrais igualmente escravizados. (PIMENTEL, 1997).

Nesse palco, o Hip-Hop aflora com base na influência de componentes originários de outras partes do mundo. O DJ e o Rap se consolidam como produção negra, enquanto o Graffiti e a Dança de Rua, como produção mista, com predominância branca. A história do H2 começa com os DJs¹². Dois deles se destacaram. O primeiro foi o DJ Kool Herc, jamaicano que, na adolescência, migra com a família para os EUA, em busca de melhores condições, indo morar no Bronx, bairro popular de Nova York. Leva duas importantes tradições: uma refere-se aos *sound systems* (sistemas de som), que passaram a armar nas ruas para suas festas e a outra, ao hábito de falar em cima de

¹²

Arte de origem jamaicana.

bases rítmicas, remontando aos *toasters*¹³ e *griots*¹⁴ africanos. Estabelecia-se ali o ponto central para uma verdadeira revolução. As festas evoluíram, atraindo centenas de jovens, alguns dos quais membros de antigas gangues que viam naquela nova manifestação uma possibilidade de competir sem violência, através da arte. Um estilo de vida estava em desenvolvimento. Vários desses jovens passaram a demarcar território com Graffitis. Nas rodas de dança, se desenvolveu o Breaking¹⁵. Kool Herc animava o público com músicas e com suas falas ao microfone. No geral, eram frases de efeitos para entreter, que se tornaram cada vez mais elaboradas, com o uso de rimas. Desse improvisado, nasceram os primeiros Raps sobre bases rítmicas negras do Soul e Funk (MIRANDA, 2014). Essa era a forma de lazer de jovens negros/as e latinos/as marginalizados/as, que cada vez mais foi se relacionando com outras linguagens artísticas.

Sobre o contexto musical herdado pelo Rap, o pesquisador Spensy Pimentel (1997) diz:

Para os negros dos EUA, os anos 60 não eram de Rock'n'roll: nos guetos, o que se ouvia era o Soul, naquele tempo, importantíssimo para a consciência do povo preto. James Brown cantava "Say it loud: Im black and proud!" (Diga alto: sou negro e orgulhoso!), frase de Steve Biko, líder sul-africano. Mas logo essa expressão musical caiu na mão do sistema, virou fórmula comercial, perdeu seu potencial de protesto. Contra-atacando, surgia o Funk, radicalizando novamente, para surpreender os brancos. A agressividade desse estilo não pede explicação. Basta ouvir as poderosas pancadas do ritmo e os gritos escandalosos do mestre James Brown para perceber que aquilo era um choque para os brancos. A essa altura, o Black Power já influenciava o Brasil nos bailes Black no Rio e em São Paulo.

Outro DJ que teve destaque no cenário de origem e crescimento da Cultura H2¹⁶ foi Afrika Bambaataa. Através da herança deixada pelo Movimento dos Black

¹³ Mestres de Cerimônia que em cima de bases rítmicas do Reggae e Dub comentavam assuntos como a violência das favelas de Kingston e a situação política da Jamaica. Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rap>

¹⁴ Lideranças religiosas de alguns países africanos, que, através da arte e da oralidade, passam de geração para geração as tradições do seu povo. Segundo o Wikipedia: os *griots*, *jali* ou *jeli* (djeli ou djéli na ortografia francesa), são contadores de histórias, vivem hoje em muitos lugares da África Ocidental, incluindo Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal, e estão presentes entre os povos Mandês ou Mandingas (Mandinka, Malinké, Bambara, etc.), Fulbe (Fula), Hausa, Songhai, Tukulóor, Wolof, Serer, Mossi, Dagomba, árabes da Mauritânia e muitos outros pequenos grupos. A palavra poderá derivar da transliteração para o francês "*guiriot*" da palavra portuguesa "criado". Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Griot>.

¹⁵ Uma modalidade da Dança de Rua, cujo movimento evoca a "quebra" do corpo, daí o nome *break*, pausa, quebra de ritmo em inglês.

¹⁶ Cultura Hip-Hop.

Panthers¹⁷ (Panteras Negras) e Black Power¹⁸, ele, juntamente com outros amigos que assimilavam essa influência política, fundou, em 12 de novembro de 1973, a Universal Zulu Nation.

Um dos principais “venenos” do capitalismo é o estímulo à competição. A sabedoria do Hip-Hop foi utilizar de uma forma positiva esse “veneno” que estava levando muitos jovens negros a morrerem em brigas violentas entre gangues. Assim, a competição passou a ser entre as equipes de Breaking e Graffiti, disputando através de suas artes qual era a melhor equipe. Essas “batalhas” tornaram-se a essência do Hip-Hop no mundo. Foi o que permitiu o Hip-Hop se expandir a elevado nível de profissionalismo, tornando alternativa de sobrevivência entre seus adeptos. (MIRANDA, 2006, p. 6)

Essa organização, preocupada com um alicerce teórico e ideológico para o Movimento que se desenvolvia até então com seus elementos artísticos dispersos, estabeleceu a data 12 de novembro de 1974 como aniversário do Hip-Hop e definiu princípios universais para o mesmo, tratando de consolidar suas bases conceituais e políticas. Bambaataa, que originalmente chama-se Kevin Donavan, conta que após assistir ao filme chamado “Zulu¹⁹” e conhecer a valentia daquele povo que lutou bravamente pelo seu patrimônio geográfico e cultural, decidiu que “algum dia seria também um guerreiro zulu”. Confirmando a “profecia”, tempos depois adotou o pseudônimo de Afrika Bambaataa²⁰ e fundou a organização conhecida popularmente como Zulu Nation.

O Rap nasce em meio à forte influência política relatada, porém as primeiras letras de denúncia ao racismo só surgem posteriormente. A espontaneidade que marcou o princípio desse estilo musical se traduzia primeiro na reivindicação ao lazer e diversão, e depois pelo poder de se evitar mortes com o estímulo à competição artística, ao invés da competição violenta entre gangues. Esse momento é conhecido como “*old school*” ou “velha escola”, que tem como marco o que se considera o primeiro Rap gravado, em 1979, intitulado Rapper’s Delight, do grupo Sugarhill Gangs.

“O Rap pegou porque oferecia aos jovens de Nova York a chance de se expressarem livremente (...), era uma forma de arte acessível a qualquer um. Você não precisa de um monte de dinheiro ou de equipamentos sofisticados

¹⁷ Partido Político, surgido na década de 1960, que lutou sob enorme repressão pelos direitos civis dos negros e negras estadunidenses.

¹⁸ Movimento Político e Cultural, surgido na década de 1960, nos Estados Unidos, que buscava, através da arte, a afirmação e valorização da negritude.

¹⁹ Filme sobre a batalha britânica ocorrida em 1879 contra o Reino Zulu (África do Sul), pela posse de terra.

²⁰ Nome inspirado num guerreiro do século XIX.

para rimar. Nem precisa fazer um curso. (...) O Rap também se tornou popular porque oferecia desafios ilimitados. Não havia regras, exceto ser original e rimar na batida da música. Tudo era possível. Fazer um Rap sobre o homem na lua ou sobre quão bom um DJ é." (DAVEDAVEY DCOOK, 1985 citado por PIMENTEL, 1997)

Essa fase dura até 1982, quando um novo cenário batizado como "*new school*" ou "nova escola" é inaugurado, caracterizando-se pelo Rap voltado à crônica-denúncia social e racial, tendo seu representante mais enfático o grupo Public Enemy.

A música Rap se desenvolveu carregando uma riqueza estética e variedade temática que engloba, dentre outras, a dimensão da descontração, da denúncia crítica e do duelo (batalha artística). É uma tendência em crescimento, destacando-se com as suas músicas de protesto, sobretudo, de raça e classe. (GILROY, 2001).

1.2 A chegada da música Rap no Brasil e a luta antirracista

No Brasil, o Rap surge na década de 1980. Seus precursores são herdeiros da Black Music brasileira dos anos 1970, cena fortemente inspirada pelo contexto de luta política e cultural estadunidense. Nesse enredo anterior, as composições dos artistas negros locais refletiam cada vez mais consciência da sua cidadania e negritude, com valorização da estética afro, revolta contra opressão e incentivo à mudança de comportamento.

Jorge Ben, em 71, gravou "Negro é Lindo", tradução do lema "Black is beautiful", assim como Wilson Simonal alguns anos antes já havia feito o seu "Tributo a Martin Luther King". Os fundadores do bloco Ilê Aiyê, de Salvador, fundado entre 75 e 76, inicialmente queriam que ele se chamasse "Poder Negro". A polícia política da ditadura militar foi quem os "aconselhou" a procurar outro nome. (PIMENTEL, 1997)

Nas periferias das grandes cidades brasileiras, proliferaram bailes Black marcados principalmente pela trilha sonora do Soul e Funk. No Rio de Janeiro, esse Movimento é batizado pela mídia de "Black Rio". Segundo Hermano Vianna (1987), os bailes cariocas registraram vários casos de perseguição por parte da ditadura militar, do DOPS²¹, que associavam a manifestação estética de orgulho negro como indício de

²¹ Departamento de Ordem Política e Social, órgão que atuou objetivando controlar e reprimir manifestações de caráter social e político contrários ao regime militar no poder à época.

conspiração²². Em São Paulo, a equipe Chic Show, famosa pela produção dos seus eventos, começara a organizar no Palmeiras as festas que seriam o embrião do Hip-Hop. Clipes dos sucessos estadunidenses eram exibidos em telões, e a realidade vista abordava, dentre outras coisas, a vida de pessoas negras, pobres e ricas, violência policial e racismo, imagens que criavam uma empatia inspiradora de lutar por melhores condições. Na capital baiana, ganhava popularidade o Baile Black Bahia²³, no bairro de Periperi - situado no Subúrbio Ferroviário - região de onde surgiram alguns dos pioneiros do Hip-Hop soteropolitano (MIRANDA, 2014). Para Hemano Vianna (1987), "o Soul teve um desenvolvimento único, talvez a concretização do sonho "conscientizante" de todos os ideólogos do Movimento Negro Brasileiro". Ele cita a obra *Carnaval Ijexá*, de Antônio Risério, em que se constata como "o Baile Funk foi o território para a revitalização do afoxé baiano, e o nascimento do primeiro bloco afro, (Ilê Aiyê)".

A grande maioria do público frequentador dos bailes era composto por negros e negras, mas também participavam pessoas brancas, refletindo a realidade dos moradores das periferias. Era um espaço em que o entretenimento que a arte propiciava servia como base para construção e afirmação de identidades, pois "aquele público não vai ao baile somente para ouvir música e dançar, mas também porque lá se sentem entre iguais e não são discriminados" (FELIX, 2000, p.82).

A música Rap brasileira se desenvolve sob a influência desse legado cultural e político. Sobre a cena paulista, conta Pimentel (1997):

Milton Salles, produtor do Racionais, organizava bailes do Black Power em São Paulo. "O Rap é filho do *Soul*", ele diz. Dois dos pioneiros do Hip-Hop na capital paulistana, Nelson Triunfo e Nino Brown, que participaram da equipe de dança Funk & Cia no início da década de 80, são alguns dos que se encarregam de manter viva essa conexão entre o Hip-Hop e seus parentes mais velhos, guardando em casa raridades como os discos de Gerson King Combo e Toni Tornado, artistas *black* que estão para o Rap brasileiro como James Brown para o americano. Como diz o Rap "Senhor Tempo Bom", de Thaíde e DJ Hum, "O Hip-Hop é o Black Power de hoje".

Na capital baiana, grupos pioneiros, como Leões do Rap, Elemento X, Erê Jitolú, Simples Rap'ortagem, Ideologia Alicerce, Black Power, Atitude Negra, entre os

²² Cf. "O Movimento Black Rio: desarmado e perigoso".

<http://super.abril.com.br/cultura/movimento-black-rio-desarmado-perigoso-445240.shtml>

²³ Cf. Livro "Bahia com H de Hip-Hop".

anos 1980-90, tiveram na trajetória de seus integrantes a influência, em níveis diferenciados, do que vinha de "fora". Muitas vezes esse de "fora" estava relacionado às produções estadunidenses que chegavam primeiro em São Paulo e Rio de Janeiro e, em outros contextos, dizia respeito ao que já era assimilado e apresentado como produto local desses centros urbanos.

No geral, assim como nos EUA, as primeiras letras dos grupos de Rap brasileiros seguiam a tendência da *old school* (velha escola). Cantava-se por diversão, para zoar o amigo, contar "historinhas", dizia Jamaika, *rapper* do Distrito Federal. Porém, com a ascensão da chamada nova escola, a influência na mentalidade e postura dos MCs brasileiros foi marcante. Esses passaram a sentir o impacto do trabalho de dois grupos que estremeceram as referências até então conhecidas em matéria de Rap: NWA, sigla para Niggers With Atitud (Negros com Atitude) e Public Enemy (Inimigo público).

KL Jay²⁴ comenta:

– Nossa ideia de protestar contra a situação social surgiu aos poucos, mas o pontapé inicial foi quando a gente começou a ouvir Public Enemy. Lemos a autobiografia do Malcolm X. Começamos a refletir: quem é culpado pelo nosso povo hoje? Como a nossa gente vivia no passado? Estudamos História...

Jamaika também fala da importância desse momento para o Hip-Hop no Distrito Federal:

– Com o NWA a gente viu que podia escrever alguma coisa mais crítica. Começamos a fazer letras sobre o que rolava na nossa área, a periferia. (*op. cit.*)



Foto²⁵ do Public Enemy

²⁴

DJ do grupo paulista Racionais MCs.

²⁵

Cf. <http://upnorthtrips.com/post/20060303164/fight-the-power>

O grupo Public Enemy, impregnado pelas ideias de Malcolm X e dos Black Panthers, inaugura um estilo de Rap diferenciado pelas críticas contundentes ao poder branco norte-americano. Defendia uma América para os negros e seus *shows* articulavam rimas agressivas, com performance de dançarinos uniformizados de militares (SHETARA, 2001).

Popularizando um estilo polêmico, rapidamente assimilado e impulsionado pela indústria fonográfica estadunidense, o N.W.A. crava seu nome na história do Rap mundial. O Gangsta Rap desponta com seu caráter controverso, sendo amado e odiado pela comunidade negra tão heterogênea. As letras desse estilo possuem dois vieses principais: ao mesmo tempo em que critica a violência policial, a dura realidade das ruas e demais injustiças sociorraciais, também exalta o sexismo, o machismo, a violência direcionada aos grupos rivais, a apologia às drogas, o desacato às autoridades. Portanto, interpretar o Gangsta Rap de modo unilateral ou maniqueísta é um grande equívoco. Em seu primeiro álbum musical intitulado "N.W.A. and the Posse" (N.W.A. e a Posse), o grupo apresenta o conceito político cultural conhecido por Posse que, no final dos anos 1980, influenciou determinantemente toda uma geração do Hip-Hop brasileiro.



Álbum²⁶ "N.W.A. and the Posse", lançado em 1987.

Na capa do álbum, o local sugere abandono governamental, ausência de políticas públicas, sendo palco principal de ocupação e de afirmação de um poder jovem, de ar misógino e hedonista. Periferia urbana, bebidas, paredes pichadas, demarcação de território. O único símbolo que se relaciona à figura feminina é o par de salto alto, talvez indicando que o local também seja de prostituição. A imagem da capa do disco é pano de fundo para o grupo de Rap N.W.A.²⁷ apresentar seus parceiros, em reunião, não de uma gangue, mas sim do que eles chamam de Posse, formada predominantemente por negros e com alguma presença de latino-americanos. No álbum "N.W.A. and the Posse", o grupo introduz para o universo Hip-Hop esse conceito de Posse²⁸, que, em inglês, remete a agrupamento, equipe, pelotão. De fato, em 1987, esse "esquadrão" voltado para a produção musical estreia com um time de peso formado profissionalmente por DJs, músicos e MCs.

Alguns atribuem à Zulu Nation a reputação de primeira Posse de Hip-Hop no mundo, porém, eu, enquanto membro e representante baiano dessa organização, desconheço em meus estudos o emprego desse termo por seus fundadores; o que não significa que o uso dessa expressão simbolicamente não seja adequado. Ao contrário, acredito ser bastante apropriado, principalmente se estivermos associando-o com o seu sentido brasileiro, como veremos mais adiante.

Antes de abordar mais a fundo esse tema, apresentarei, de modo breve, alguns versos de Rap, para que se tenha a dimensão de como, a partir dos anos 1990, as letras foram marcadas pela forte denúncia à discriminação racial e afirmação de negritude.

"Negrofobia, Ne-negrofobia, se você tem medo de negro sua cabeça é vazia /
Negrofobia, Ne-negrofobia, apague essa ideia da mente e sinte a nossa ideologia".
Erê Jitolú²⁹, música Negrofobia. (1994, Salvador - BA).

²⁶ Cf. <http://www.laweekly.com/2010-05-06/music/whatever-happened-to-n-w-a-s-posse/>.

²⁷ O N.W.A. fez história. Em sua carreira, alcançaram disco de ouro e platina, estando, segundo a revista Rolling Stones, entre os "100 Maiores artistas de todos os tempos". Alguns de seus membros como Ice Cube e Dr. Dre se destacaram em trabalhos solos e como atores de filme hollywoodiano.

²⁸ No Brasil, se refere a um núcleo de Hip-Hop que se articula em um bairro específico, em torno de causas comuns de cunho político e educativo.

²⁹ O nome do grupo significa "Meninos do Barro Preto", na língua iorubá.

"Nós da raça negra temos o nosso valor / Mas tem muita gente que acha que a gente é o terror / Bandido marginal e coisa e tal / Ovelha negra, da classe social"

Grupo União de Rappers, música Teresina Periférica (1997, Teresina - PI).

"Ressuscita Negro Cosme, ressuscita Rei Zumbi! / Por vocês meu Rap é mantra contra o FMI! / Dos pretos, pelos pretos, para os pretos, com os pretos / Todo ódio à burguesia! Orgulho de ser da periferia!"

Clã Nordestino³⁰, música Todo Ódio à Burguesia (2003, São Luiz - MA).

"A discriminação eles levam onde for, seu prato preferido é um cidadão de cor! / Ser negro pra polícia é ser um marginal, ignoram os negros, seu valor cultural / Pois as leis eles não cumprem direito, seu trabalho é nojento e não tem jeito"

Faces do Subúrbio³¹, música Homens Fardados (1997, Recife - PE).

"Precisamos de um líder de crédito popular / Como Malcolm X, em outros tempos, foi na América / Que seja negro até os ossos, um dos nossos / E reconstrua nosso orgulho, que foi feito em destroços"

Racionais MCs, música Voz Ativa (1992, São Paulo -SP)

"Eu não quero ver minha coroa cheia de preocupação / Com medo que eu seja preso confundido com ladrão / O sistema de racismo é muito eficaz / Pra eles um preto a menos é melhor que um preto a mais"

MV Bill, música Traficando Informação (1999, Rio de Janeiro - RJ)

Além dos líderes externos, os *rappers* brasileiros também passaram a exaltar suas referências nativas, dentre as quais, Zumbi dos Palmares, Ganga Zumba, Dandara, Luiz Gama, Maria Felipa, André Rebouças. Segundo Yoshinaga (2001, p.44), outra particularidade é que, "se por um lado, os grupos norte-americanos adicionam influências de Jazz e Blues ao seu Rap, os brasileiros incorporam sonoridades misturando Samba, Embolada, Toada e outros ritmos genuinamente nacionais".

³⁰ Cf. <http://letras.mus.br/cla-nordestino/todo-odio-burguesia/>

³¹ Cf. <http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/faces-do-suburbio>

Retomando a questão anterior sobre o termo "Posse", dois anos após o lançamento do álbum do N.W.A., surge, em São Paulo, a primeira Posse brasileira, denominada Sindicato Negro. No início, reunia-se na Praça Roosevelt e não considerava a questão racial um tema diretamente relevante. Até que batidas policiais foram se tornando constantes e levaram o grupo a repensar essa questão. Um dos integrantes era filho de um advogado da ONG Geledés³² e militante do Movimento Negro, através do qual houve o alerta de que aquele tipo de ação policial era comum, principalmente contra pretos e mestiços; e de que deveriam buscar se conscientizarem a respeito do racismo no Brasil. O instituto Geledés cedeu uma sala na sede e, segundo Felix (2005, p.87), "nos dois primeiros encontros compareceu uma dezena de pessoas. Com o passar do tempo, a sala não comportava mais o volume dos interessados". Dentre os principais projetos da Geledés ligados ao H2, o que teve maior repercussão foi a criação da famosa revista *Pode Crê!*, primeira publicação nacional especializada em Hip-Hop, que durou de 1992 a 1994. Num cenário onde as informações sobre a Cultura de Rua eram escassas, a revista colaborou com a missão de suprir essa deficiência nos diferentes cantos do País. Além disso,

A *Pode Crê!* cumpriu papel importante na impulsão da autoestima da juventude negra e abertura de espaços na grande mídia, para incorporar mais uma parcela da juventude brasileira, apresentada até então como branca e de classe média. A revista *Pode Crê!* veio para dizer, e disse, que a juventude negra tinha rosto e voz ativa e deveria ser contemplada como uma das diversas faces da juventude do Brasil. (SILVA in ANDRADE, org./1999, p.99).

A partir das informações que circulavam através de diferentes meios e formas, outras Posses foram surgindo:

Em pouco tempo, as Posses multiplicavam-se em cada região distrital da capital paulista, ou mesmo em outros municípios. A Posse Força Ativa, fundada na Zona Norte de São Paulo, chegou a incorporar 52 grupos de RAP. Com o tempo, foram surgindo as Posses Conceitos de Rua, Aliança Negra, Símbolo Negro, Mente Zulu (hoje um conceituado grupo de Rap), Hausa, Associação Cultural Negro Atividades (ACN), entre outras dezenas de organizações. (YOSHINAGA, 2001, p.63).

Enquanto ativista do H2 baiano, lembro-me de que o conceito de Posse chegou para a gente em 1998, a partir do qual batizamos o grupo fundador do Movimento Hip-

³² Geledés – Instituto da Mulher Negra, criado em 30 de abril de 1988. É uma organização política de mulheres negras que têm por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral.

Hop no estado de Posse Orí (em iorubá, Cabeça). As reuniões aconteciam semanalmente na sede da UNEGRO³³, no Pelourinho. Em meu livro "Bahia com H de Hip-Hop³⁴", contabilizo exatamente a existência de vinte Posses envolvendo Salvador e Lauro de Freitas, e outras sete no interior do estado. As Posses se espalharam por todo o Brasil, caracterizando-se por uma atuação diferente das originais nos EUA, onde geralmente eram ligadas a objetivos profissionais. Em solo brasileiro, esses núcleos que envolviam artistas, ativistas e simpatizantes do Hip-Hop - e que potencializaram as ações de enfrentamento ao racismo e às desigualdades sociais - tinham uma motivação essencialmente política e pedagógica. As reuniões eram espaços de formação, onde se assistiam palestras, filmes, estimulava-se a leitura e planejavam-se atividades das mais diversas, dentre elas, elaboração de informativos impressos, realização e participação em oficinas, debates, seminários, congressos, *workshops*, articulação com diferentes instituições, ONG's, centros comunitários, busca por espaço em rádios, TVs, e intervenção frente ao poder público para efetivação de políticas públicas. Nesse sentido, entre os anos de 2004 e 2012, articulando Posse e adeptos da Cultura de Rua das cidades de Salvador e Lauro de Freitas, atuou uma das mais expressivas organizações do Movimento Baiano: Rede Aiyê³⁵ Hip-Hop. Suas ações se deram nas esferas local, regional e nacional. Além do foco nas temáticas de raça e etnia, também trabalhavam gênero, orientação afetivo-sexual e profissionalização.

Ademais das Posses, redes³⁶ e coletivos espalhados pelo Brasil, surgiram as seguintes organizações caracterizadas pela sua articulação nacional: MH2O (Movimento Hip-Hop Organizado do Brasil), Zulu Nation Brasil, Nação Hip-Hop, MOHHB (Movimento Organizado do Hip-Hop Brasileiro) e, afiliada a essa última, o Movimento Enraizados. Basicamente essas organizações possuem o mesmo objetivo: a valorização e o fortalecimento do Hip-Hop e contribuir para o fim das desigualdades. O que diferencia umas das outras são os modos como se organizam para alcançar tais objetivos e algumas especificidades e crenças que não são focos deste estudo.

³³ Organização do Movimento Negro, de caráter nacional, fundada em 1988, na cidade de Salvador-Ba, com objetivo de combater o racismo e diferentes formas de discriminação e opressão social.

³⁴ Cf. <http://zuluhilton.wix.com/livrohiphopbahia>

³⁵ Termo em iorubá, que significa "mundo, terra".

³⁶ Segundo o consultor Cássio Martinho: "é uma forma de organização democrática constituída de elementos autônomos, interligados de maneira horizontal, não-hierárquica e que cooperam entre si". Extraído do livro "Redes - uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização". Cf. <http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/?3960>

1.3 Tensões e melindres - "brancos/as cantando música de negro/as"

A fim de que tenhamos melhores condições para analisar o que propõe este subcapítulo, é necessário vasculhar a história de desenvolvimento da música Rap no País, buscando entender, em que medida, negros/as e brancos/as fizeram parte desse processo. Para isso, começemos com uma curiosa questão: o que dizer daqueles/as que defendem que o Rap surgiu no Brasil? Durante a escrita do meu mencionado livro "Bahia com H de Hip-Hop", busquei resposta para essa pergunta. A mesma consta em minha próxima obra a ser lançada, "Hip-Hop Interdisciplinar" e que transcrevo em trecho a seguir:

Nos Estados Unidos, em 1979, o grupo Sugarhill Gang se consagrou com a música Rapper's Delight, considerada por alguns como o primeiro Rap gravado. Só que quinze anos antes, aqui no Brasil, numa época na qual não existia Hip-Hop no mundo, Jair Rodrigues, em 1964, fazia sucesso com a música "Deixe isso pra lá", que tem no refrão um genuíno exemplo de canto falado, influência da Embolada nordestina. Embora a parte instrumental seja de outro estilo, a parte cantada especificamente do refrão é o que conhecemos hoje como Rap. Pois bem, sempre achei interessante ver as pessoas fazendo gestos com as palmas das mãos, movimentando-as para cima e para baixo, quando eu dizia que cantava Rap. Ficava intrigado sem saber o porquê. Perguntavam: "Ah, você canta aquela música que faz assim, né?" E aí faziam o gesto com as palmas das mãos. Só depois entendi que esse gesto foi criado e popularizado por Jair Rodrigues para a música "Deixe isso pra lá". O gesto era uma espécie de coreografia da música. Um ano depois, ele lançou outra música, de título "Zig Zag", na mesma linha, mas que não fez tanto sucesso. Tenho esses dois discos. Penso no que poderia ter acontecido caso esse último disco fizesse sucesso e se tornasse uma tendência. Uma hipótese é que o Rap poderia ter surgido no Brasil e, logicamente, dentre outras coisas, teria outro nome.

Segundo Yoshinga (2001), o primeiro registro de Rap brasileiro foi o compacto "Melô do Tagarela" (RCA, 1980). Quem gravou não era nem MC, nem negro, mas sim um branco, então conhecido apresentador de TV: Miéle. O Hip-Hop chega ao Brasil por volta dos anos 1984. Portanto, a música de Miéle surge anterior ao contexto de florescimento da Cultura de Rua no País. A letra é uma paródia da música "Rapper's Delight" (1979), do grupo Sugarhill Gangs, em tom de sátira sobre situações políticas e sociais da época:

É, sim, de morrer de rir
Quando a gente leva a sério o que se passa por aqui
(...) No supermercado, a oferta da semana

Tudo a preço de banana, o anúncio é um colosso
 Vou comprar alguma coisa, tô vidrado no almoço
 Meu cruzeiro, espero a carne
 Pago um quilo, levo um osso
 Levo um carro de dinheiro e trago as compras no meu bolso
 E sobe outro edifício, tome apartamento
 Falta grana e sobra gente, sobra lixo e falta vento
 Ai, ai, não consigo respirar
 Meu pulmão virou um tanque de óleo diesel, em vez de ar
 (...) Lar, doce lar, mas quem mora no subúrbio
 Perto do bar, toda noite tem distúrbio
 Já tá todo mundo alto, se arranca que é um assalto
 “Mas levaram a minha grana e sou eu quem vou em cana?”
 (...) Lar, doce lar, tão pequeno nunca vi
 Para o Sol entrar em casa, um dos dois tem que sair
 É moderna a construção, e o tijolo é tão fininho
 Que eu ouço quando sobe o aluguel do meu vizinho
 É, sim, de morrer de rir (...)

Por conta dessa referência da música de Miéle, em meados da década de 1980, o Rap ficou conhecido como "tagarela" (ANDRADE, 1999). Ainda antes, outra gravação de Rap considerada pioneira pertence a Gérson King Combo - considerado por Afrika Bambaataa, o "James Brown brasileiro" -, intitulada "Melô do Mão Branca" (POLYGRAM, 1984):

Esses bandidos soltos, cruéis e vagabundos
 Que andam perturbando por aí
 Daqui pra frente, é bom tomar muito cuidado
 Que agora o Mão Branca está aqui
 Eles se escondem e pensam que estão muito seguros,
 Mas sou o dono da situação
 Estou lá em cima, lá embaixo, na frente e atrás do muro
 Sozinho, valho mais que um esquadrão
 Eles assaltam, batem, matam e violentam
 Criando um império de terror
 Mas são covardes, fracos, e vivem implorando:
 “Mão Branca, não me mate, por favor!”
 A bandidagem, agora, é bom sair das ruas
 Estou limpando a área pra valer
 Quem tiver culpa, se mata ou manda comprar velas
 Porque vai ser o próximo a morrer (...)
 Rá-tá-tá, pá-pá, pá... bum!
 São sons que você tem que acostumar
 Essa é a música que toca a orquestra do Mão Branca
 Botando os bandidos pra dançar

Em suma, tais produções de Miéle e Gérson King Combo podem ser oficializadas como as primeiras gravações de Rap no Brasil, datadas do início da década de 1980. "Nessa época, Hip-Hop ainda era uma palavra desconhecida para a mídia,

inclusive para Miéle e King Combo, e até mesmo para a maioria dos jovens de periferia". (YOSHINGA, 2001, p.48).

Uma questão a ser aprofundada em trabalhos futuros é em que medida o pioneiro Rap do branco Miéle e do negro Gérson King Combo influenciou o desenvolvimento do estilo no País.

*

Durante o período de desenvolvimento da música Rap brasileira, surgiram *rappers* brancos, com carreira individual ou em grupo, fazendo eclodir incômodos e questionamentos por parte de simpatizantes, artistas e ativistas não-brancos do Hip-Hop sobre a legitimidade dos mesmos em se apropriarem do Rap. As tensões criadas se manifestaram em diferentes níveis, chegando a hostilizações diretas e, às vezes, bem agressivas. A primeira cena que tive conhecimento nesse sentido foi por volta do final dos anos 1990, assistindo a um programa televisivo comandado pela apresentadora Silvia Poppovic. O *rapper* paulista, MT Bronx, ao ser perguntado sobre o que achava de Gabriel O Pensador enquanto branco da classe média cantando Rap, respondeu em tom irônico e incisivo que Gabriel não cantava Rap e nem era pensador. A crítica era evasiva e não fundamentada. Soava como despeito.

Antes de seguir com outros casos de discriminação direcionados a *rappers* brancos/as, cabe conceituar brevemente o termo. Enquanto o **preconceito** está no campo do pensamento, das ideias, a **discriminação** é uma ação, uma prática. Sendo assim, "o preconceito racial seria um julgamento depreciativo, *a priori*, feito a outra pessoa ou grupo" (CARDOSO, 2008, p. 52), enquanto que a discriminação racial seria uma manifestação prática com base no preconceito étnico e/ou de raça. E tanto preconceito racial como discriminação racial são diferentes de racismo. Sobre este último, segue um conceito particular construído ao longo dos anos, com base em minhas vivências em torno do tema

O que é racismo?

É um sistema de poder, de dominação, forjado no pressuposto de uma superioridade

racial, que cria e reproduz desigualdades e demais violências de ordem simbólica e material, através de mecanismos estruturais e institucionais.

Nem todos que têm preconceito necessariamente o materializarão num gesto discriminatório. Ideias, julgamentos preconcebidos são características que se aprendem no convívio social. Diante do mesmo, a autorreflexão, ou uma ação pedagógica pode sensibilizar o indivíduo a mudar seu pensamento, evitando que chegue a discriminar³⁷.

Seguindo o relato e análise dos casos, em um fórum³⁸ de discussão, o DJ paulista autodenominado Cortecertu relata:

Em 1995 (eu acho), num evento³⁹ para milhares de jovens amantes do Hip-Hop, no Vale do Anhangabaú, um grupo de pessoas começou a vaiar o grupo Código 13, pelo simples motivo: eram brancos no Rap. O MC Rappin Hood pegou o microfone e disse: "O que vocês estão fazendo? Por que isso? Saibam que quando eu estava engatinhando esses caras (Código 13) já faziam Rap. Tenham mais respeito!"

Integrante do grupo Código 13, o *rapper* DOPE69 participa desta pesquisa. Sobre o incidente, perguntei a ele se além da questão da pele haveria outro motivo para as vaias, ao que respondeu:

Não que eu me lembre. Acho que o maior problema foi mesmo a cor da pele. Mas foi um grupo pequeno de pessoas. As pessoas estavam lá para a comemoração de um grande herói, e acho que muitos nem sabiam que o C13 era formado por brancos. Foi uma surpresa para nós e para as pessoas que vaiaram. E o Rappin Hood mandou bem, tomando a frente.

Não acredito que somente a cor da pele tenha sido motivadora para as vaias à banda. Até porque o mesmo carregava uma característica um tanto diferente para a

³⁷ A literatura em torno do tema Ações Afirmativas tem apresentado o termo *discriminação positiva* (GLUZ, 2010; SANTOS, 2014; e outros) ou *discriminação justa* (SILVA JR., 2003 citado por CARDOSO, 2008) como sendo uma política reparadora de desigualdades de grupos historicamente discriminados. Não é meu foco aprofundar o assunto, mas considero sua utilização pouco estratégica, senão inadequada; principalmente quando se refere ao imaginário popular. Mesmo diante de todo esforço em explicar conceitualmente o termo, percebo que tende-se sempre a pesar sobre tal a interpretação negativa da palavra "discriminação", como se fosse paradoxal, inaceitável à possibilidade de se entendê-la em alguma medida como algo positivo. Julgo mais apropriado a substituição pelo termo "equidade". Este último conceito, abordarei no sub-capítulo "Rap e Educação Racial".

³⁸ Cf. http://centralhiphop.uol.com.br/site/%3Furl%3Dmaterias_detalhes.php

³⁹ Show em homenagem aos 300 anos de Zumbi dos Palmares

época e, mesmo considerada estranha para muitos simpatizantes do estilo, ou seja, uma mistura de Rap com Rock, feito para dançar pulando, o chamado estilo "bate cabeça"⁴⁰.

O grupo possui uma página no Facebook, na qual divulgaram um *clip*⁴¹ da música "Raças diferentes" (1996). As imagens apresentam pessoas negras e brancas no mesmo patamar enquanto vítimas do racismo. A postagem feita em 04 de janeiro de 2014 segue com a seguinte declaração: "Segundo clipe do grupo, filmado na Ton Ton Club. Música contra o racismo e o preconceito que existe, maquiado, mesmo dentro do Movimento Hip-Hop". Desejoso de analisar a letra do clipe, busquei a mesma na rede⁴², não encontrando. Solicitei ao grupo o envio, que, embora prometido, até o presente momento de finalização deste trabalho, não o fez. Essa situação se repetiu com outros artistas. Nesses casos, tinha a opção de ouvir a música e tentar fazer a transcrição, o que consegui de alguns. Com as demais, tornou-se inviável por problemas com a dicção e a não compreensão de algumas partes do Rap, o que poderiam me levar a cometer erros.

Seguindo o relato e análise dos casos de ofensa, os episódios são muitos. No blog DMV Hip-Hop, um *rapper* paraense que assina como Guitarista (2010), escreve⁴³:

(...) eu sabia que os brancos, como eu, sofrem o preconceito por ser *rapper*, se quando alguns verem o branco pelo caminho, provavelmente vão pensar: "Aquele branquelo⁴⁴ não sabe que esse Rap é para negro!" ou "Esse branquelo é fulano sem futuro!", e a entrada do branco no Hip-Hop, na década de 90, virou insatisfação para os negros, pois eles já são vítimas do racista há muito tempo. O que eles vão pensar de nós, brancos? Há 50, 60 anos pra trás, o branco já foi o responsável pelo sofrimento dos negros, com o *apartheid* na África do Sul, e período racista nos EUA, quando a KKK conquistou o poder há 120 anos, e fazemos os negros sofrerem, que é muito grave para nós, mas se enfraquecendo graças a Movimentos do Martin Luther King. O Martin Luther, pra mim, é o professor que me ensina que todas as etnias são iguais! (...)

Parece haver uma predisposição em compreender incômodos derivados da presença branca na música Rap, em função das atrocidades cometidas historicamente pela mesma. Interessante é que em sua fala, o *rapper* não se exime de se reconhecer pertencente ao grupo racial branco. Assume a primeira pessoa do plural ao dizer: "... fazemos os negros sofrerem, que é muito grave para nós".

⁴⁰ Bate-Cabeça é a mistura de Rap com Hard-Core (uma vertente do Rock). Para alguns, o Código 13 é considerado o primeiro grupo brasileiro a registrar fonograficamente essa fusão.

⁴¹ Cf. <https://pt-br.facebook.com/codigo13oficial/videos/345642912245479/>

⁴² Rede mundial de computadores; internet.

⁴³ O texto original possui muitos erros. Ajustei-o basicamente a fim de facilitar a fluidez e compreensão da leitura. Cf. <http://dvmhiphop.blogspot.com.br/2010/11/apartheid-urbano.html>.

⁴⁴ Forma jocosa e depreciativa de se referir a uma pessoa de pele muito branca.

O grupo Filosofia de Rua, por conta da polêmica música "A cor da pele não influi em nada"⁴⁵ (1993), foi vaiado em alguns *shows*, chegando ao extremo de ter um dos integrantes agredido fisicamente. Parte da comunidade H2 da época interpretou que a canção desrespeitava e desvalorizava a luta contra o racismo (FELIX, 2005). Considerando a importância da opinião da banda para o nosso estudo, com a indicação da *rapper* Rubia, tentei insistente contato com os líderes do grupo, Ugli C e Man, que chegaram a sinalizar colaboração com a pesquisa. Mas ao receber o questionário⁴⁶ não deram retorno e, após algum tempo, deixaram de responder completamente as minhas comunicações pelo Facebook e *e-mail*. Sugiro duas hipóteses para isso: uma, o possível desconforto que as lembranças em torno do incidente violento podem trazer, levando-os a uma busca pela preservação da própria imagem; outra, o desconhecimento e possível constrangimento em relação ao tema branquitude. Analisaremos a música no capítulo 3.

O *rapper* Suave, do grupo Jigaboo, também reclama na canção "Qual é a Cor?" (1997): "Não discrimino, mas às vezes sou discriminado / Por ser um *rapper* loiro, branco e de olho claro". Em entrevista ao escritor Alessandro Buzo (2010 p. 124), o *rapper* Cabal também se posiciona sobre a questão:

BUZO: Você é branco, nasceu na classe média, viveu nos Estados Unidos. Quando entrou pro cenário Rap nacional sofreu algum tipo de discriminação?
 CABAL: Sempre rolou discriminação, mas eu nunca sofri! A discriminação existe em todos os lugares, mas penso que sofrer é opcional, sofre quem quer... Eu escolhi fazer o meu trabalho sem me fazer de vítima, saca? Agradeço a quem gosta, a quem não gosta, mas respeita, e foda-se quem discrimina.

Dentre os 17 (dezesete) artistas que responderam ao questionário, 9 (nove) indicaram, em algum nível, ter sido alvo de discriminação motivada pela cor da pele. Vejamos:

| Quadro 1 | |
|--|-----------|
| 1. | DeDeus MC |
| (...) já senti algumas vezes as portas se fecharem para mim dentro do Hip-Hop por não ser negra. | |

⁴⁵ Cf. <http://letras.mus.br/filosofia-de-rua/100126/>

⁴⁶ Anexo 2.

| | |
|--|--------------------------|
| 2. | Don Bruno - grupo Ments |
| <p>(...) Canto Rap há quase 15 anos... no começo fui visto como um branco “oportunista” por estar ingressando em um movimento musical que estava no auge nos anos 90... tenho até em minhas lembranças um fato onde fomos cantar em um <i>show</i> de consciência negra e um <i>rapper</i> de outro grupo fez duras críticas e de forma generalizada a todos os brancos que cantavam Rap... foi uma situação constrangedora para todos os poucos brancos que estavam ali, inclusive para mim... o público vibrou com os ataques, o público era em sua maioria negros... minutos depois era a vez do meu grupo cantar... Eu subi ao palco e antes da apresentação fiz um discurso contundente sobre os ataques do colega minutos antes... Falei de toda a minha história.. de todos meus amigos negros... e principalmente meus parentes negros... não recordo cada palavra, mas fui tão incisivo que o mesmo público que vibrou com os ataques aos brancos vibrou e me aplaudiu com minha defesa... e publicamente esse <i>rapper</i> pediu desculpas pelo que disse, logo depois...</p> | |
| 3. | DOPE69 - grupo Código 13 |
| <p>Sentimos o preconceito inverso, por sermos brancos fazendo Rap. Quando começamos, não tinha esse problema. Só apareceu depois de algum tempo e também não entendo por que. Algumas pessoas acham que não temos o direito de subir no palco. Mas acho que esse tipo de pensamento dificilmente mudará. São muitas variantes, como educação, ambiente familiar, convivência... mas estamos de pé até hoje.</p> | |
| 4. | Fabio Brazza |
| <p>(...) o fato de que sofri preconceito por ser branco no mundo do Rap. Quando participava de batalhas de Rap o argumento usado pelo outro MC para me desconsiderar era de que eu era branco e <i>playboy</i>⁴⁷. Muitas vezes senti que por ser branco eu tinha que rimar duas vezes melhor para ganhar uma batalha.</p> | |
| 5. | Jasf - grupo Os Agentes |
| <p>Quando cheguei no Hip-Hop, mesmo pobre e sofrendo as mesmas mazelas, era considerado <i>playboy</i> e com isso existia uma barreira para acessar alguns grupos e lugares, existia um pedido subjetivo no ar de que eu não assumisse meu cabelo liso, continuei trabalhando e com a convivência nos eventos, oficinas, festas, perceberam que eu era a mesma coisa que todos, porém todos nós sabíamos que diante da sociedade racista eu teria muito mais chance pra crescer em qualquer área do que cada irmão e irmã de pigmentação de pele mais escura. Ter essa consciência sempre fez com que lutasse contra os privilégios de cor, e por isso nunca reclamei de ter existido barreira no início (...)</p> | |
| 6. | MC Osmar |
| <p>Eu conheci e vivi o racismo às avessas desde criança, cresci numa rua onde só havia duas famílias brancas, uma era a minha. Sempre fui um "galego"⁴⁸ nos guetos da Bahia.</p> | |

⁴⁷ Na música "Retrato de um *playboy*" (1993), Gabriel O Pensador define "*playboy*" como o jovem das camadas abastadas de postura descompromissada e irresponsável, que não liga para estudo ou trabalho, só preocupado em curtir a vida irremediavelmente.

⁴⁸ No contexto brasileiro, termo não pejorativo, de maior predomínio na região Nordeste, para se referir à pessoa de pele e cabelos claros, ou loira. Para alguns, sinônimo de "sará", ou seja, mestiços de brancos e negros, cuja principal característica é a presença de cabelos loiros ou ruivos. Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarar%C3%A1_\(termo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sarar%C3%A1_(termo)) / <http://pt.wiktionary.org/wiki/Discuss%C3%A3o:galego>

Por mais que pra mim não fizesse sentido as diferenças da cor da pele, tive que lidar desde muito cedo com essa diferença: branquelo, amarelo empapuçado, viado branco... eram adjetivos pejorativos que era obrigado a ouvir constantemente (...)

7. Livia Cruz

(...) Ao longo da vida fui compreendendo as diferenças e as segregações e sempre fiz o caminho oposto desde a infância, já na adolescência, quando enveredei pelos caminhos do Hip-Hop, percebi uma resistência das pessoas para me aceitar, mas meu posicionamento foi de resistir e não revidar com hostilidade, compreendendo que preconceito e violência só geram mais preconceito e violência, aceitei alguns comportamentos muitas vezes inclusive em respeito à história de luta e resistência do povo negro, eu tive que provar que merecia estar ali entre eles. (...) dentro do contexto específico do Rap e Hip-Hop já fui muito constrangida e desacreditada pelo fato de ser branca, exemplo: no dia em que conheci minha enteada e ela me perguntou o que eu fazia, quando respondi – “Canto Rap” ela gargalhou ironicamente na frente de muitas pessoas.

8. Lurdez da Luz

(...) eu também não aceitaria, por exemplo, representar *rappers* brancas, não existe essa classificação, porque existe pre-conceito dentro do Rap com minha cor, claro que existe, mas é individual e não institucionalizado (...)

9. Rubia - grupo RPW

(...) no começo de minha trajetória no Hip-Hop, por ter pele clara, fui hostilizada em alguns meios mais radicais. Hoje é passado e tenho meu espaço e respeito conquistados na cultura.

O *rapper* Gaspar, de modo mais genérico, desabafa: "neste País te discriminam por tudo, se você é preto demais é discriminado, se você é branco demais é discriminado! Que porra é essa... será que a humanidade irá acordar ou viver neste abismo para sempre?"

A discriminação dói e dor causa sofrimento. Pode deixar marcas psicológicas, emocionais e materiais profundas. Não sou conivente com atos discriminatórios, porém a fala de Gaspar pede uma reflexão mais cuidadosa, uma vez que não faz distinção histórica entre brancos e negros, colocando ambos na mesma balança social. Nas hierarquias raciais, ser "preto demais" e "branco demais" tem consequências extremamente desiguais para ambos, quando não, opostas. Se analisarmos o depoimento anterior de MC Osmar, em toda uma comunidade pobre que ele cita, só havia duas famílias brancas. A grande maioria era de famílias não brancas. Volto a afirmar que não concordo com as ofensas direcionadas aos *rappers*, porém, a desigualdade existente

entre brancos e não brancos não pode ser encarada como normal. Exceto nas condições de albinismo⁴⁹, ser "branco demais", o "branquíssimo", considerado "branco da elite", é um padrão invejado por brancos e não brancos de outras condições financeiras. Ser negro demais é um estigma (COROSSACZ, 2014). Quanto mais branco, mais empoderado, quanto mais preto, mais violentado (SCHUCMAN, 2012). "Conceber a branquitude como espelho da negritude pressupõe uma ficção de igualdade social": eu sou discriminado como você é discriminado (SOVIK, 2009). É uma ideia perigosa, pois, em nome de se buscar respeito, direitos, justiça, desconsidera os contextos diferenciados de desigualdades e privilégios que recaem em ambos os grupos. Os negros são maioria discriminada, e essa se dá sistematicamente. Os brancos são minoria e a discriminação a qual são vítimas não é sistemática, e sim pontual. Como sinalizou a *rapper* Lurdez da Luz, diferente dos brancos, o mais agravante é que negros são afetados por uma discriminação estrutural e "institucionalizada", e é preciso se ter dimensão do impacto dessa realidade na vida das pessoas.

MC Osmar é personagem de um incidente que citei na introdução deste trabalho, no qual se sentiu excluído e ofendido, após ouvir, no 3º Encontro Baiano de Hip-Hop (Vitória da Conquista), o *rapper* panafricanista Menelik bravejar para um auditório cheio: "morte aos brancos!". Foi ponto determinante para o aumento de minhas inquietações ético-político-filosóficas, me levando, enquanto ativista e educador, à busca de compreensão do problema. O evento aconteceu em 2004, e agora, onze anos depois, retomo-o no contexto deste propósito. Solicitei a MC Osmar que falasse sobre as circunstâncias do episódio. Ele faz um relato que se inicia em 2003, no 2º Encontro Baiano de Hip-Hop (Itapetinga).

Em Itapetinga, tive o primeiro choque com relação à cor de minha pele com pessoas do Movimento: "Hip-Hop é cultura de preto"..."esse bicho quer ser o Eminem da Bahia!" E eu nem sabia quem era Eminem⁵⁰. Junto com Mamah⁵¹ numa roda de *freestyle*⁵² quando fui entrar pra fazer uma rima, os caras desmancharam a roda e todos deram as costas pra mim e saíram...ouvi os

⁴⁹ Condição causada pela deficiência na produção de melanina. Pessoas com esse problema são muito brancas e, dependendo do grau, apresentam alterações até mesmo na cor dos olhos e dos cabelos. Costumam ser muito discriminadas por sua aparência, muitas vezes porque as pessoas não sabem exatamente do que se trata o albinismo.

Cf. <http://www.minhavidacom.br/saude/temas/albinismo>

⁵⁰ Polêmico e bem sucedido *rapper* branco, que, a partir do final dos anos 1990, tornou-se conhecido no mundo inteiro.

⁵¹ *Rapper* do município de Alagoinhas.

⁵² Rap feito no improvisado.

caras do SAN⁵³ dizerem "branco na roda da gente, não". Fui atacado inclusive por alguém que era pra mim até então uma liderança que vc conhece, que é Tonho Mc (Antonio Alves⁵⁴), que tentou impedir que eu cantasse no evento, com o argumento que minha cor não representava o Hip-Hop de Alagoinhas. Então, quando participei do III Encontro, em Vitória da Conquista, já tinha plena convicção que estaria exposto a vivenciar esse tipo de situação. Menelik estava no ônibus que nós fomos, não o conhecia até então. Já em Conquista, ouvi o cara dizer "HISTORICAMENTE OS BRANCOS ESTUPRARAM NOSSAS MULHERES, MATARAM NOSSAS CRIANÇAS..." e por aí vai... O cara levanta no meio da plateia e grita: "MORTE AOS BRANCOS!" o que senti foi um misto de tristeza, decepção e medo, pois não consegui enxergar tal discurso como algo que se enquadrasse naquilo que pregamos, não vi luz naquelas falas, não vi um pensamento libertário. E sim uma expressão de ódio, de intolerância e um discurso de generalização da questão racial de uma maneira tendenciosa. (...)

Talvez no contexto atual, episódios como esse não acontecessem, em função de uma maior maturidade entre os adeptos da música Rap, maior participação de artistas brancos no estilo e, acima de tudo, compreensão de que "nem todo branco é inimigo, nem todo preto é aliado" ⁵⁵ (SIMPLES RAP'ORTAGEM, 2011). Basta recordar o massacre na Nigéria, com mais de 2000 (dois mil) mortos em um único dia, promovido pelo Boko Haram⁵⁶ a seus pares, também pretos, por serem de outra religião. Na experiência brasileira muitos são os exemplos, principalmente quando se referem aos crimes de ódio, cometidos por neo-pentecostais, contra adeptos de religiões de matriz africana. Negros que praticam e incitam a violência contra outros negros em nome de uma crença religiosa. A história de luta de diferentes Movimentos Sociais pelo mundo revela que radicalidade (HELLER, 1982; FREIRE, 2000) tem o seu lugar, porém, muitas vezes, em função de interpretações generalistas e da forte sobreposição do componente emocional sobre o racional, pode incidir em graves erros. Segundo Fanon (2008), o negro que prega o ódio ao branco é tão infeliz quanto o que quer embranquecer a raça. "Morte aos brancos!" é diferente de "Morte ao sistema⁵⁷ branco!". Os equívocos de natureza individual e institucional demandam atenções diferenciadas, sendo as primeiras mais relacionadas ao campo pedagógico e a segunda, mais ao jurídico. Para Freud (1930), os seres humanos revelam uma tendência inata para o

⁵³ Sigla para "Só Afrodescendente Nervoso", extinto grupo de Rap soteropolitano.

⁵⁴ Principal liderança do Movimento Hip-Hop de Alagoinhas em seu início. Cf. Miranda (2014)

⁵⁵ Trecho da música Denegrada. Cf. <https://youtu.be/iT2Fia3-e-0>

⁵⁶ Organização fundamentalista de base Islam, que através da imposição da religião e do terror, busca a constituição de um novo Estado regido pelas suas interpretações das leis islâmicas. Não considera o governo nigeriano como legítimo. Cf. <http://e-internacionalista.com.br/2015/01/19/a-nigeria-e-o-boko-haram-a-questao-do-fundamentalismo-religioso/>

⁵⁷ Sistema de poder hegemônico, estruturante e institucionalizado que opera reproduzindo desigualdades em diferentes níveis.

descuido, irresponsabilidade e a agressividade. O poder no 'direito', em oposição ao poder do indivíduo, constitui o passo decisivo da "civilização". Assim, grande parte das lutas da humanidade centraliza-se em torno da tarefa de encontrar uma acomodação (que traga felicidade) entre a reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo.

A *rapper* Livia Cruz, diante dos constrangimentos e hostilidades impostas por ser branca, traz a perspectiva de aceitação, movida pela compreensão do contexto histórico e social da população negra: "Aceitei alguns comportamentos muitas vezes inclusive em respeito à história de luta e resistência do povo negro, eu tive que provar que merecia estar ali entre eles." Aqui, ela se orienta pelo "respeito" (FREIRE, 1996). Entretanto, sua "aceitação" não é incondicional, se deu em relação a "alguns comportamentos", indicando haver um limite sobre o tipo de ofensa a ser suportada. Porém, o posicionamento predominante é "de resistir e não revidar com hostilidade, compreendendo que preconceito e violência só geram mais preconceito e violência". Aqui, ela se orienta pela "compreensão". Tanto o respeito, quanto a compreensão, na concepção de Paulo Freire (1996, p.21), representam "valor indispensável para não permitir que a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade, que gera um pensar errado e falso." Tais valores evitam que "do alto de minha falsa superioridade" trate o outro "com desdém" (*ibidem*).

Porém, observo que, diante de um gesto discriminatório, uma ofensa que nos abata, não é comum a aceitação da mesma em virtude de se compreender os contextos históricos de exclusão que o agressor se encontra. Aceita-se muitas vezes por outras motivações. Entre os entrevistados, além de Livia Cruz, o *rapper* Jaf também expressa essa característica, que eu denominei de "empatia abnegada". Empatia⁵⁸ é:

a **capacidade psicológica** para sentir o que sentiria uma outra pessoa caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela. Consiste em **tentar compreender sentimentos e emoções**, procurando experimentar de forma objetiva e racional o que sente outro indivíduo.

Em todo processo educativo, a empatia é uma qualidade poderosa. Para fins didáticos:

⁵⁸Cf. www.significados.com.br

O que denomino de “empatia abnegada”⁵⁹?

A elevada capacidade de compreensão e aceitação de situações ofensivas por outro indivíduo ou grupo, em razão de contextos históricos de injustiça nos quais esses se encontram.

Diante das "barreiras" que Jasf relatou, por ser branco no Rap, seguiu no Movimento trabalhando colaborativamente, aceitando abnegadamente as investidas dos irmãos não brancos, até que, com o tempo, perceberam (ou concederam) sua legitimidade. Os "irmãos" passaram a ter empatia com ele. No convívio, Jasf aponta que havia uma mútua percepção sobre as vantagens que sua pele clara o concedia na dinâmica social: "todos nós sabíamos que diante da sociedade racista eu teria muito mais chance pra crescer em qualquer área do que cada irmão e irmã de pigmentação de pele mais escura. Ter essa consciência, sempre fez com que lutasse contra os privilégios de cor". Esse posicionamento de enfrentamento ao racismo questionando publicamente a própria branquitude é o que o pesquisador Lourenço Cardoso (2008) chama de "branquitude crítica", que abordaremos melhor no Capítulo 3 - Os dilemas da branquitude.

Um dado a ser ressaltado é que, no questionário⁶⁰, não há pergunta direta sobre terem sido ofendidos por serem brancos/as no Rap. Os depoimentos refletem uma necessidade de tais autores expressarem-se nesse sentido. No geral, apareceram em resposta a duas questões, sendo a maioria a: "Como tem sido na sua trajetória de vida a convivência com pessoas negras [relação interpessoal, afetiva, artística, escolar, universitária...]?". E a outra, que é uma questão opcional e mais aberta: "Deseja considerar algo mais?". Já a resposta de Rubia e parte da de Livia Cruz partiu do

⁵⁹ Segundo o dicionário do Google, abnegação é ação caracterizada pelo desprendimento e altruísmo, em que a superação das tendências egoísticas da personalidade é conquistada em benefício de uma pessoa, causa ou princípio; dedicação extrema; altruísmo.(...) / ét sacrifício voluntário dos próprios desejos, da própria vontade ou das tendências humanas naturais em nome de qualquer imperativo ético. Cf. www.google.com - "o que é abnegação".

⁶⁰ Cf. Anexo 2.

questão: "Você considera que há alguma espécie de privilégio, vantagem em ser branco? Você já vivenciou alguma experiência nesse sentido?"

Essa relutância em se aceitar a participação dos/das *rappers* brancos/as tem sido pouco problematizada tanto dentro do Movimento H2⁶¹ como nos estudos acadêmicos. Do que vivenciei enquanto artista e militante nos primórdios da popularização da música Rap no Brasil nos anos 1990, há uma espécie de pacto em torno do que denominarei de "padrão Racionais", na postura de quem não aceita brancos cantando Rap. O Racionais MCs - considerado o mais importante grupo de Rap do Brasil - nunca defendeu tal postura, porém algumas de suas composições do início da carreira demarcaram de modo contundente o que viria a ser assimilado - pela grande massa periférica adepta da Cultura de Rua - como padrão, dentre outras coisas, para caracterizar o que é fazer Rap e ser *rapper* "de verdade", do que é e não é legítimo nesse sentido. Um dos fatores para tal caracterização é o lugar que se ocupa. Assim, o branco, no geral, é aquele que historicamente habita a esfera de privilégios e vantagens simbólicas e materiais. Na música "Hei, Boy"⁶² (1990), o grupo Racionais MCs simula uma situação na qual um *playboy* é visto no "lugar errado", na quebrada dos mansos, que se dirigem ao mesmo para lhe dizerem algumas "verdades":

(...) O sistema é a causa e nós somos a consequência
 Maior, da chamada violência
 Por que na real com nossa vida ninguém se importa
 E ainda querem que sejamos patriotas
Hey, Boy!
 Isso tudo é verdade, mas não tenha dó de mim
 Porque esse é meu lugar, mas eu o quero mesmo assim
 Mesmo sendo o lado esquecido da cidade
 E bode expiatório de toda e qualquer mediocridade (...)
Hey, Boy!
 Pense bem se não faz sentido
 Se hoje em dia eu fosse um cara tão bem sucedido
 Como você é chamado de superior
 E tem todos na mão e tudo a seu favor
 Sempre teve tudo e não fez nada por ninguém
 Se as coisas andam mal é sua culpa também
 Seus pais dão as costas para o mundo que os cercam
 Ficam com o maior, melhor e pra nós nada resta
 Você gasta fortunas se vestindo em etiqueta
 E na sarjeta é as crianças futuros homens
 Quase não comem, morrem de fome
 Com frio e com medo
 Já não é segredo e as drogas consomem
 Sinta o contraste e só me de razão

⁶¹ Hip-Hop

⁶² Cf. <http://letras.mus.br/racionais-mcs/63439/>

Não fale mais nada porque vai ser em vão
 Hey, Boy...
 Você faz parte daqueles que colaboram para que
 A vida de muitas pessoas seja tão ruim
 Acha que sozinho não vai resolver
 Mas é por muitos pensarem assim como você
 Que a situação vai de mal a pior
 E como sempre você pensa em si só
 Seu egoísmo ambição e desprezo
 Serão os argumentos pra matar você mesmo (...)

Ser branco enquanto indivíduo ou coletividade significa ter vantagens simbólicas, subjetivas e objetivas em relação a outros grupos raciais. É um modelo fenotípico tido como ideal, como padrão normativo único (BENTO, 2003; CARDOSO, 2008; SOVIK, 2009; e outros). A branquitude é uma condição de privilégio herdado pelas pessoas brancas, fruto da representação dessa raça como modelo universal de humanidade (PIZA, 2003). Ao que parece "*Hey, Boy!*" é o primeiro Rap brasileiro a abordar o tema, sem se referir diretamente ao termo "branquitude".

Na música "*Racistas Otários*" (1990), o grupo canta a situação da desvantagem de ser negro e pobre:

(...) E os poderosos bem seguros observando
 O rotineiro Holocausto urbano
 O sistema é racista, cruel
 Levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus
 Os sociólogos preferem ser imparciais
 E dizem ser financeiro nosso dilema
 Mas se analisarmos bem mais você descobre
 Que negro e branco pobre, se parecem, mas não são iguais
 Crianças vão nascendo em condições bem precárias
 Se desenvolvendo sem a paz necessária
 São filhos de pais sofridos e por esse mesmo motivo
 Nível de informação é um tanto reduzido
 Não... É um absurdo
 São pessoas assim que se fodem com tudo
 E que no dia a dia vive tensa e insegura
 E sofre as covardias, humilhações, torturas (...)
 Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
 O preconceito e desprezo ainda são iguais
 Nós somos negros também temos nossos ideais
 Racistas otários nos deixem em paz (...)
 Enquanto você sossegado foge da questão
 Eles circulam na rua com uma descrição
 Que é parecida com a sua: cabelo, cor, feição
 Será que eles veem em nós um marginal padrão?
 50 anos agora se completam
 Da lei antirracismo na Constituição
 Infalível na teoria, inútil no dia-a-dia
 Então que fodam-se eles com sua demagogia (...)

A crítica é direcionada ao sistema racista branco. Ambas as músicas são do primeiro álbum do grupo, *Holocausto Urbano* (1990), com letras centradas na denúncia do racismo e da miséria na periferia de São Paulo, marcada pela violência e pelo crime. "O álbum tornou o Racionais MC's conhecido na periferia paulistana, realizando uma série de *shows* pela Grande São Paulo." (SILVA, 2001, p.83). Esse fato me ajuda a entender por que, no início da década de 1990, os *shows* de Gabriel O Pensador, que assisti na capital baiana, tinham público bastante misto com leve predominância das camadas populares. Em Salvador e outras cidades brasileiras, o Racionais MCs só passa a ser conhecido bem depois de Gabriel, que ganha projeção nacional a partir de 1993. O "padrão Racionais" foi se forjando nacionalmente, com o sucesso dos álbuns seguintes do grupo, chegando ao auge com o CD "Sobrevivendo no Inferno" (1997). Esse "padrão" consolidou-se primeiro em São Paulo e, como esse estado foi a principal referência para o desenvolvimento do Hip-Hop em outras regiões⁶³, logo se espalhou. Antes de se conhecer o Racionais MCs, a única referência que pudesse ser acessada para o entendimento da resistência em se aceitar brancos cantando Rap no Brasil viria da cena estadunidense. Porém, a mesma não é suficiente para explicar o fenômeno. Particularmente, quando o ianque Vanilla Ice⁶⁴ chega às rádios brasileiras, com seu *hit* "Ice Ice Baby", eu e amigos curtíamos o som e desconhecíamos qualquer polêmica em torno do mesmo ser branco. Reservada as proporções, o mesmo vale para o grupo Beastie Boys⁶⁵. Nos Estados Unidos, no geral, algumas das tensões em torno de *rappers* brancos só chegaram a repercutir no Brasil, quando os mesmos já estavam afastados do mercado fonográfico. Futuramente pretendo desenvolver estudo referente à perspectiva de *rappers* brancos/as estadunidenses sobre as relações raciais, seguindo o mesmo direcionamento desta atual pesquisa. Por hora, nos concentremos na realidade brasileira.

O "padrão Racionais" funciona como uma identidade de defesa ou, segundo Munanga (2002), como uma identidade de resistência, ou seja, aquela produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante. Para resistir e sobreviver, eles se barricam na base dos princípios estrangeiros ou contrários aos que impregnam as instituições

⁶³ A exemplo, cito o Hip-Hop baiano, no qual a maioria dos pioneiros, nos diferentes municípios, começaram em algum nível sobre influência da cena paulista. Ver "Bahia com H de Hip-Hop" (MIRANDA, 2014).

⁶⁴ Primeiro *rapper* branco a fazer sucesso nos EUA, início dos anos 1990.

⁶⁵ Primeira banda de Rap formada por brancos, bem sucedida nos Estados Unidos. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Beastie_Boys

dominantes da sociedade. Talvez a mais forte dimensão que impregna as instituições dominantes seja a do privilégio e, para compreendê-lo, "é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram. Por isso, é necessário entender as formas de poder da branquitude, onde ela realmente produz efeitos e materialidades." (SCHUCMAN, 2014, p.136)

De modo mais abrangente, dentre os privilégios que o/a branco/a artista possui, há o de acessar a grande mídia. Nesse sentido, praticamente se desconhece dupla sertaneja negra. Mesmo quando alguma aparece na grande mídia e alcança certa popularidade - como no caso de Angelo e Angel, no Programa The Voice Brasil⁶⁶ (2013) - se dá de modo breve. Tais artistas não desfrutam do repertório de vantagens e oportunidades que se verifica, de maneira geral, aos brancos na mesma condição. Esperamos que mude. Mesmo entre os pobres da periferia, os artistas de Funk que chegam à grande mídia geralmente são brancos. No caso específico da música Rap, é nesse sentido que a identidade de resistência se caracteriza no "padrão Racionais". Segundo Lachowski⁶⁷ (2011?),

O talento produzido pelo Hip-Hop conecta-se à “condição para a legitimidade artística” (Silva, 1999), que corresponde à experimentação do processo de exclusão quanto à etnia e ao cotidiano na periferia. Portanto, ser negro e ser ou ter sido pobre confere ao jovem capacidade para fazer e cantar Rap.

Na canção "Larga o bicho", a *rapper* negra carioca, Nega Gizza, solta o verbo: "O Rap não é perfeito, assumo meu preconceito (...) É som de preto, meu nego, é som de preto / É som de preto, meu nego, é som de preto".

No livro "Acorda Hip-Hop" ⁶⁸, o *rapper* Suave admite:

Eu acho que Rap vai ser sempre uma coisa da cultura negra, sem dúvida. O Rap foi criado pelos negros, são os negros que têm o ritmo e isso ninguém nunca vai tirar do preto (...) Você quando tem dom de alguma coisa, você tem que aproveitar e saber usá-lo. No Rap, eu nunca falei uma mentira quando eu canto, eu sempre fui realista no que eu falo (...) Eu acho que isso é independente de cor, de raça e de classe social, de idade, de religião, enfim, Rap é música, e música é universal. Ele foi criado pelo negro, a gente deve isso ao negro, e eu vou continuar sempre achando que Rap é coisa de preto! Mas não justifica, eu sendo branco deixar de fazer uma coisa que eu acho que

⁶⁶ *Reality show* brasileiro exibido pela Rede Globo.

⁶⁷ Cf. <https://hetec.wordpress.com/anteriores-2/artigos/89-2/>

⁶⁸ Acorda Hip-Hop!: despertando um movimento em transformação / Sérgio José de Machado Leal (DJ TR). - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

faço relativamente bem e adoro, também foi uma forma de conhecer um pouco a realidade dos pretos de favela aqui do Brasil, e foi ouvindo. (...) O Rap, ele atinge os brancos, e isso é uma coisa boa. Daqui a 20 anos, você vai 'tá' vendo cada vez menos discriminação racial.

Suave apresenta uma justificativa interessante para a aceitação de brancos/as no Rap, que se contrapõe à preocupação de MV Bill. Em entrevista à Revista Caros Amigos, Bill afirma: “Pô, eles (brancos das classes média e alta) vão entrar no Rap e começar a falar de outras coisas, vão usar a linguagem deles, e a tendência é somente serem consumidos e o resto ser esquecido, como tudo que aconteceu” (CAROS AMIGOS, 2005, p. 35 citado por LACHOWISKI, 2011?). A argumentação de Suave, dentre outras, é de cunho pedagógico. Independente de quem canta, se o Rap fala a realidade com um objetivo positivo, ele sensibiliza pessoas e a sensibilização é o primeiro passo para mudanças de posturas e possível engajamento na luta pela eliminação de injustiças.

Em alguma medida o pensamento de Bill se mostra procedente. O *rapper* Suave recebeu duras críticas com seu famoso e polêmico trabalho "Dogão"⁶⁹, personagem virtual de um cachorro-homem, que, em suas letras, reforça estereótipos machistas, sexistas, em nome do divertimento. Em 2004, o clipe⁷⁰ "Dogão é mau" foi o mais pedido na emissora MTV, sendo que a música ganhou prêmio do ano por alcançar as paradas de sucesso em rádios. Em função de casos como esse, Bill conclui: “Não vou cair nessa armadilha de achar que, porra, a mistura vai ser legal, que desenvolver um outro olhar vai ser bacana, e que vai ser bom pra todo mundo, porque não vai. Automaticamente a nossa visão começa a sumir” (*ibidem*).

O que se chama de "som de preto" é, no geral, a música de origem negra, como no caso do Rap, Rock⁷¹, Jazz, Blues, Soul, House⁷², Reggae, Techno⁷³ e Samba. Mas embora sejam estilos musicais criados por pessoas negras, o Rock, por exemplo, não recebe popularmente essa caracterização de "som de preto". É um assunto a ser

⁶⁹ Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dog%C3%A3o>

⁷⁰ Cf. Letra "Dogão é mau" <http://www.vagalume.com.br/dogao/dogao-e-mau.html>

⁷¹ Cf. Chuck Berry, considerado o pai do Rock & Roll. http://www.openculture.com/2011/10/hail_hail_chuck_berry_the_father_of_rock_roll_is_85.html

⁷² Cf. DJ Frankie Knuckles, considerado pai da House Music. http://en.wikipedia.org/wiki/Frankie_Knuckles

⁷³ Cf. The Belleville Three, considerado o grupo criador desse estilo musical. <http://www.awakenings.nl/artists/the-belleville-three/471/>

aprofundado em outro trabalho. Mas voltarei a abordar brevemente o tema quando refletir sobre a indústria cultural.

Sobre a legitimidade em cantar Rap, a mesma crítica que afeta o branco de classe média-alta, considerado um "*playboy*", também tem afetado o *rapper* branco da periferia. Para tal, discutirei outras dimensões do "padrão Racionais" no próximo capítulo, item "Classe e Raça".

Com o passar do tempo, verifica-se uma maior aceitação de brancos e brancas cantando Rap, constatada nos depoimentos dos/as próprios/as artistas. Rubia afirma: "Hoje é passado e tenho meu espaço e respeito conquistados na cultura". Em entrevista⁷⁴ que o *rapper* BER concedeu à página Literatura do Rap, no Facebook, ao ser perguntado se já foi vítima de algum tipo de preconceito por cantar tal estilo, o mesmo declarou: "(...) Já sofri preconceito por ser da Zona Sul e fazer Rap, por ser branco e fazer Rap e pelo experimentalismo e estilo da minha banda Cartel Mcs. Isso tá mudando e o Rap tá evoluindo." A mesma página, em outra entrevista⁷⁵, dessa vez com o *rapper* Daniel Shadow, repetiu a pergunta para esse, que respondeu: "Já sofri preconceito por ser branco e fazer Rap, mas isso já não me incomoda há muito tempo."

Como mostrei anteriormente, em sua origem, o Rap é música negra. Faz parte do Hip-Hop, Cultura constituída com a contribuição de outros grupos étnico-raciais não-negros, sendo esse um dos fatores que substanciam o argumento da Organização Mundial Zulu Nation para instituir o respeito enquanto um valor fundamental a ser seguido pelos adeptos do H2. Como representante dessa entidade, consegui, em abril de 2010, viabilizar a vinda do DJ Afrika Bambaataa pela primeira vez à Bahia. Em sua fala⁷⁶, o mesmo reforçou a importância do respeito e do comprometimento solidário com o outro e com o planeta:

Saiba que a África é de onde você veio, é o útero de onde você veio, de onde veio todo o mundo. A gente tem que ter respeito pelos negros, pelos marrons, amarelos, vermelhos, brancos e todas as diferentes civilizações que temos espalhadas por esse grande planeta. Se formos só pessoas que gostamos de Hip-Hop, Samba, Bossa Nova, House, Techno, Electro sem se importar com que os políticos estão fazendo, sem se ligar com o que está acontecendo com

⁷⁴ Cf. <https://pt-br.facebook.com/cartelmcs/posts/297467317012109>.

⁷⁵ Cf. <https://www.facebook.com/LiteraturadoRap/posts/521735127838497>.

⁷⁶ Cf. <http://youtu.be/SUOeq94021s>.

a "Mãe Terra", o que adianta? (...) Se você olha para o outro e não se vê no outro? Então parem de se odiar, comecem a ter amor por si mesmo, comecem a saber de onde vocês vieram, pois vocês são deuses e deusas. (BAMBAATAA, 2010).

Bambaataa faz referência à importância do comprometimento político com as mudanças; da empatia e do respeito pelo outro e pelo planeta. Seu estímulo à alteridade em hipótese alguma deve significar "fechar os olhos" para as desigualdades e demais injustiças sociorraciais; tampouco ser confundido com o discurso do "somos todos iguais". Em sua fala, embora o fato de o continente africano ser o berço da humanidade, somos diferentes étnico-racialmente, em gostos musicais etc. Seu discurso é um alerta, conforme Fanon (2008, p.27), para se pôr fim ao que chama de "narcisismo mórbido", caracterizado por um "ciclo vicioso", dentre o qual "o branco está fechado na sua brancura. O negro na sua negrura". E que vale para os demais grupos étnico-raciais. Fanon (*idem*) defende que o indivíduo deve "tender ao universalismo inerente à condição humana" (p.28). Condição essa que Paulo Freire descreve como "compromisso radical com o homem concreto. Compromisso que se orienta no sentido de transformação de qualquer situação objetiva, na qual o homem concreto esteja sendo impedido de ser mais" (FREIRE, 1983, p.12), impedido de se manter em constante busca por situações melhores individual e coletivamente.

Em minhas perspectivas ético-político-pedagógicas, o grande desafio para os *rappers*, como um todo, é que a necessária revolta e rebeldia (FREIRE, 2000) na luta pelo fim das injustiças sociorraciais não sufoque a capacidade de compreensão e solidariedade mais ampla - não restrita a seus pares. Como Fanon (2008, p. 29), "Quero sinceramente levar meu irmão negro ou branco a sacudir energicamente o lamentável uniforme tecido durante séculos de incompreensão".

1.4 Rappers brancos/as brasileiros/as e a visão racial

Neste sub-capítulo, analisarei a letra e a fala de *rappers* que participam diretamente da pesquisa, buscando identificar os que abordam e não abordam a questão étnica e de raça em suas composições. Focarei a análise das respostas às seguintes perguntas específicas: "Há alguma letra de Rap de sua autoria na qual a questão racial

(mestiça, branca, negra ou indígena) em alguma medida seja abordada?"; "Como você acha que os brancos percebem a si mesmos? Como você acha que os negros percebem a si mesmos?". O questionário ajudará a entender se aqueles que não tratam do tema em suas produções necessariamente não dispõem de senso crítico ou são indiferentes aos assuntos racismo, preconceito e discriminação racial. Também examinarei as obras de *rappers* que participam indiretamente⁷⁷ e suas relações com a temática. Reservarei o exame mais direcionado sobre a presença ou não do tema branquitude nas letras, para o Capítulo 3, item "3.3 Rappers brancos/as e a visão dos privilégios".

Em resposta à pergunta: "Há alguma letra de Rap de sua autoria na qual a questão racial (mestiça, branca, negra ou indígena) em alguma medida seja abordada?", dos/das 17 (dezessete) artistas participantes diretos, 14 (quatorze) disseram "sim" e 3 (três), "não".

1.4.1 Porcentagem de *rappers* brancos/as que abordam ou não a questão racial em suas letras



1.4.2 Relação dos/as *rappers* brancos/as que abordam ou não a questão racial em suas letras

| | ARTISTA | SITUAÇÃO |
|----|--------------------|----------|
| 1. | DeDeus | Sim |
| 2. | De Leve | Não |
| 3. | Dom Bruno (Ments) | Sim |
| 4. | DOPE69 (Código 13) | Sim |
| 5. | Elvis Kazpa | Sim |
| 6. | Fabio Brazza | Sim |
| 7. | Fex Bandollero | Sim |

⁷⁷

Aqueles que não colaboraram diretamente respondendo o questionário.

| | | |
|-----|--------------------------------|-----|
| 8. | Gaspar (Záfrica Brasil) | Sim |
| 9. | Janaina Noblat (Noblah) | Sim |
| 10. | Jasf (Os Agentes) | Sim |
| 11. | Kaab | Sim |
| 12. | Livia Cruz | Não |
| 13. | Lurdez da Luz | Sim |
| 14. | MC Osmar | Sim |
| 15. | Preto Du (Simples Rap'ortagem) | Sim |
| 16. | Rubia (Rpw) | Sim |
| 17. | Shark | Não |

Dos/das outros/as 8 (oito) *rappers*/grupos⁷⁸ que não são focos prioritários dessa pesquisa, todos possuem, em alguma medida, composições que abordam a temática em tela.

Assim é possível sugerir que questões relacionadas à raça-etnia estão, em algum grau, presentes nas produções da maioria dos/das *rappers* brancos/as brasileiros/as.

Sobre os/as cantores/as que trazem em suas obras alguma referência à temática étnico-racial, passarei ao levantamento da opinião desses/as em relação às perguntas: "Como você acha que os brancos percebem a si mesmos? Como você acha que os negros percebem a si mesmos?"

Quadro 3

| | |
|--|-----------|
| 1. | DeDeus |
| Não posso falar pelos outros, apenas de mim. Eu não tenho nenhuma percepção pela minha cor, mas sim pela pessoa que eu sou. Os negros eu creio que tenham uma questão forte sobre o orgulho de ser negro. | |
| 2. | Don Bruno |
| Em sua maioria os brancos se veem a si mesmo, não como uma raça superior, porém com velhos paradigmas e pensamentos considerado racistas, ocultos no dia-a-dia... ao meu ver, um branco que ri de uma piada racista, é conivente mesmo que inconscientemente com o racismo... me coloco no lugar de um negro, e não gostaria de ouvir piadas sobre minha cor, sobre um passado sofrido e banhado a sangue, sobre parentes meus como talvez avós, bisavós que foram torturados e mortos de forma cruel. Pensamentos também ocultos e que de certa forma pode ser visto como uma forma de preconceito, sempre achar que um negro na rua, em determinada hora da noite, pode estar fazendo algo errado. A sociedade "branca", em sua maioria, pode se dizer NÃO | |

⁷⁸ Alternativa C, C4bal, Filosofia de Rua, Flora Matos, Gabriel O Pensador, Inquérito, DJ Alpiste e Suave.

RACISTA, mas na dúvida, a culpa, o receio, a suspeita sempre cai em cima do negro... ao meu ver, uma forma oculta de preconceito e racismo... enfim, ao meu ver, brancos não se veem uma raça superior, mais cultiva mesmo que ocultamente velhos preconceitos em relação a raça negra infelizmente. Já os negros, por circular tanto entre eles, acho que em sua maioria, se veem uma raça inferior, muitos aceitando essa condição, já outros de forma sempre ferrenha lutando contra isso... mas a maior parte ainda aceita calada. Vejo muitos negros alheios a sua própria história... conheci muitos e muitos negros que não sabiam que o Brasil foi o ultimo país a libertar seus escravos... No Brasil, a ultima cidade a aderir a abolição foi justamente a nossa: Campinas, ou seja, historicamente, mediante registros e documentos, a cidade em que moramos foi a ultima no país e no mundo a libertar seus escravos. Muitos não sabem, não se importam e aceitam de forma passível o preconceito da sociedade.

3. | DOPE69

Acho que existe racismo velado. Muitas pessoas afirmam que não são racistas, mas não deixariam um filho ou filha casar com pessoas de outra etnia ou raça. Acho que, de certa forma, os brancos são mais privilegiados. Não sei o que dizer com relação aos negros. Existe uma consciência coletiva de que foram injustiçados, escravizados, e que merecem o devido reconhecimento e respeito. Mas de novo afirmo que na minha concepção, somos a mesma coisa.

4. | Elvis Kazpa

Não posso generalizar nada! Pessoas se enxergam de formas diferentes independente do tom da pele cada um vai se ver de uma forma diferente.

5. | Fabio Brazza

Acho que inconscientemente há na sociedade um sentimento de superioridade que foi implantado na cabeça de muitos brancos e um sentimento de inferioridade em muitos dos negros, é uma espécie de crença cultural implantada no inconsciente coletivo da sociedade. A desigualdade social é o fator de maior divisão e preconceito e no Brasil essa desigualdade social se mistura com a desigualdade e o preconceito racial. Como disse o *rapper* Mano Brown, dos Racionais MC's: "Desde pequeno, minha mãe me disse: "filho, por você ser preto você tem que ser duas vezes melhor. Aí eu me pergunto, como posso ser duas vezes melhor se estou pelo menos 500 anos atrasado? Pelo passado, pelos traumas, pelas psicoses, ser duas vezes melhor como?" Muitos negros discriminam os próprios negros como o caso de policiais negros que param o negro, mas o branco não! Alguns negros tentam agir como "brancos" para serem socialmente aceitos. Esse comportamento muitas vezes é um comportamento serviçal. Em contrapartida, há um sentimento de orgulho negro que eu admiro e respeito muito. Esses negros não querem "agir como branco" para serem aceitos, pois acreditam que antes de serem aceitos pelos brancos o mais importante é os negros aceitarem a si mesmos. Esse orgulho negro de uma grande parcela da população negra é encontrado no samba e no Rap o meio qual faço parte e é por isso que eu admiro muito esse sentimento, essa luta e às vezes me dá vontade de ter nascido negro! Como dizia Mano Brown em Negro Drama "Seu filho quer ser preto, ah que ironia."

6. | Fex Bandollero

Alguns ainda sentem-se além do que são. Outros, já não mais. Tanto os brancos na sua ancestral atitude nefasta de pretensa superioridade, tanto os negros lançados à própria sorte, escravizados física e mentalmente. A liberdade e a consciência social é boa para

ambos. O contrário sempre segrega.

7. Gaspar

Pô, eu sei como eu percebo a mim mesmo, me vejo como ser humano, brasileiro universal, afrodescendente, um homem preto, branco, indígena, um Latino, um Tupã PeriAfricano um mano cósmico...um quilombola ZÁfricano filho da mãe terra e do cosmo. Todo brasileiro é afro descendente, ascendente, todo brasileiro tem sangue indígena, todo brasileiro também fala português dos brancos europeus... somos latinos americanos em terras indígena/africana, o Brasil é um pedaço D´Africa... é isso que sou e luto pra que o Brasil e o mundo se veja assim também. Não esta falsa democracia disfarçada, miscigenação forçada e sim o mundo real, a mistura real... por isso o combate ao racismo e qualquer forma de preconceito e discriminação é um papel de todos... (O racismo é institucional, se você segue simplesmente só as regras, você pode se tornar um racista em potencial). Cuidado!

8. Janaina Noblat

Cada pessoa carrega em si seu próprio universo. Tem pessoas claras que afirmam serem brancas. Há claros, pardos, indígenas e negros que amam sua cor e assumem seus traços e cabelos com segurança, simplicidade, naturalidade e há os que se deixaram e deixam ser abatidos pelo o ponto de vista de preconceituosos . Não dá pra saber exatamente como outros indivíduos se percebem, é tudo muito diverso o interior, a forma de externar e a maneira de pensar das pessoas. Não podemos generalizar um só ponto de vista.

9. Jasf

Os brancos no Brasil nem sempre estão vinculados apenas aos traços e cor, tem muita gente misturada que se considera puramente branco, eles se percebem como seres evoluídos e bonitos, além de serem detentores de alguns privilégios e ter a possibilidade de ascensão social com muito mais facilidade do que qualquer outra etnia. Nós, negros, fomos confundidos e educados a não se perceber, às vezes pensamos que somos brancos, brancas ou índio apenas como fuga da possibilidade de ser NEGRO. Porém muitos já percebem que a pigmentação da pele, os traços marcantes e a cultura faz de nós pessoas diferentes das não negras.

10. Kaab

Na leitura, ao meu ver, de não existir um branco ‘puro’ tratando-se de Brasil, acredito que muitos brancos se acham mais brancos que o normal apropriado, resumindo sua pigmentação lhe define de qual suposta classe social é derivado ou quer pertencer. Não posso achar como um negro se percebe, posso pontuar como ele não se percebe. Por sermos um país colonizado ainda percebemos parte não integrante da sociedade, dados as ações da mesma, na discriminação generalizada que ocorre em qualquer camada que possamos com uma observância mais apurada perceber a segregação, horas camuflada, horas escancarada.

11. Lurdez da Luz

Muito complexa essa questão, vou tentar pensar sobre isso aqui, mas num sou socióloga eu só faço arte, eu quando leio raramente é sobre política, mas tenho posições políticas intuitivas, de formação familiar e baseadas no meu olhar e experiências... Aqui temos essa história recente da escravidão, e que até hoje não é tratada com a seriedade e urgência devida. É um tabu em alguns aspectos pro povo em geral e um

descaso da parte da elite e governo, por questões econômicas principalmente (conectar com a fala do racismo institucional). Mas o que se vive hoje do racismo, e até um *apartaid* cultural e econômico arraigado, vem dessa história nefasta. Acho que a maior parte da população considerada branca se sente superior aos negros, não sei se é consciente ou assumido, em quais pontos, acho que em relação a direitos inclusive, e o contrario digo, negros que sentem superiores aos brancos é bem menor, geralmente quando isso acontece vem da consciência de exploração do seu trabalho e/ou negação de sua cor nos meios de comunicação e perseguição da sua cultura. Acho que a sociedade em geral vai sendo "embranquecida" culturalmente. Ao mesmo tempo sinto uma consciência bem maior, e uma busca da juventude negra pela sua história e direitos, assim como uma assimilação da parte branca da população da cultura negra. Ou pelo menos um orgulho de ser negro, isso estatisticamente com certeza cresceu.

12. MC Osmar

Percebo que dentro do contexto de vida que tenho, que brancos se sentem privilegiados esteticamente e negros intolerantes com relação aos de pele clara quando provocam ou promovem o debate, discussão em torno questões das raciais, por acharem que o tom da pele define o pensamento e a postura diante da vida.

13. Preto Du

Os brancos em sua grande maioria não se percebem como seres privilegiados. Na verdade, eles sentem esse privilégio na pele desde quando nascem. Então acabam entendendo todo esse processo como algo normal. Se enxergam iguais e sem nenhuma necessidade de entender e abrir mão desses tais privilégios.

Sou branco Difícil pra mim, responder como acho que os negros percebem a si mesmo... Mas como os brancos, os negros também já nascem nessa realidade de "desprivilégio", então acredito que muitos enxergam isso como algo normal também. Essa educação racista que nos é passada de todas as maneiras, é o que há de mais democrático em se tratando de questões raciais. Pois ela é passada da mesma maneira para negros e brancos. Fazendo com que muitos negros acabem acreditando que são inferiores. No entanto, acredito que a maioria dos negros se enxergam como negros. Ou seja, se enxergam como seres desprivilegiados, porém só alguns que conseguem driblar o sistema, entendem o processo real dos fatos.

14. Rubia

A qual "branco" estamos nos referindo? E a qual "negro"? Existe aí um problema a ser definido. A pergunta está muito aberta, pois num país como o Brasil, além da questão étnica, existe a de classe social e econômica, e essas variáveis podem reformular totalmente o conceito da questão. (Essa era a questão que tive dúvidas, mas acredito que com as outras respostas possa ter respondido essa).

Metade dos/as entrevistados/as aponta a impossibilidade de falar por todo um grupo. Porém, alguns entenderam que a pergunta permite opinião, hipóteses referentes à percepção de uma maioria branca e negra sobre si. Tais depoimentos, pela diversidade de aspectos relacionados ao tema-foco, por si só bastariam para se desenvolver

problematizações e reflexões em todo o corpo deste trabalho. Algumas das questões que aparecem serão estudadas em capítulos seguintes. Coloquei todos os depoimentos na íntegra, para que se tenha dimensão dos olhares. Dentre os pontos mais convergentes na visão dos *rappers*, destacam-se a questão histórica envolvendo a colonização e escravidão; o orgulho negro; racismo velado e escancarado; relação racismo e poder econômico; o privilégio branco e o embranquecimento do/a negro/a. Porém, a fim de evitar redundâncias analíticas, alguns dos temas serão estrategicamente discutidos em outros sub-capítulos. Por ora, passarei a articular alguns desses pontos e falas em contexto com trechos musicais de alguns artistas.

Sobre o passado colonialista e escravista, Fabio Brazza, na música "Filho da Pátria" (2014), canta:

Eu sou um erro que não se conserta, uma descoberta lucrativa
 A ferida aberta em carne viva
 Sou Patativa e Tarsila do Amaral
 Mais de 500 anos de um problema social
 A sina da pele preta, perneta ou Pelé?
 Ou apelar pra escopeta pra se ter o que quer
 Pra não terminar na sarjeta como um qualquer
 Ou dentro duma gaveta cuma etiqueta no pé
 Sou um legado infeliz, sou Machado de Assis
 Sou a locomotriz dessa loca matriz
 Descentes Zulus e Zumbis, Meretriz
 Com a mania de achar que aqui é Paris
 e zombar da raiz, dizimar Kaiowa Guaranis,
 estão sós Kaiapós, Kariris,
 Fica a atroz cicatriz, nem FUNAI, nem Green Peace
 Oh meu pai o que eu fiz, perdoai meu país
 Vai sem paz diretriz, aqui jaz o juiz
 Vai por cima das leis debaixo do nariz

Ora representando os colonizados, ora o colonizador, o *rapper* aborda na primeira pessoa o "descobrimento" do Brasil e o destino de injustiças sobre a população negra e indígena. Nessa perspectiva, Kaab defende que a permanência dos problemas sociorraciais está no fato de ainda "sermos um país colonizado". Conforme Brazza, a abolição inaugurou uma nova fase da "sina da pele preta". Sobre esse quesito, Dom Bruno apresenta o curioso dado histórico que eu, particularmente, desconhecia, o de Campinas - SP ter sido a última cidade "brasileira e mundial" a libertar os escravizados. Na canção "A cor que falta na bandeira brasileira", Gaspar rima, relacionando tais contextos:

Verde, amarelo, azul, branca e vermelha
São as cores que compõe a bandeira brasileira
Só que o vermelho não quiseram botar
É cor de sangue, é cor de morte, é cor de farsa
É todo o sangue derramado nesses 500 anos
É toda a história maquiavélica tramada nos nossos mocambos
A dominação de um fogo por ouro
Fora o sofrimento de um povo que foram se acabando aos poucos
Meus antepassados indígenas celebravam os deuses
Hoje me lembro que os índios são poucos e só aparecem as vezes
Quando são queimados vivos em praça pública
Por uma raça sádica que faz um mal a sua cultura (...)
Era um das matas, era um dos cantos
Hoje os índios são poucos mas significam tanto
Isso é, para quem sabe, para quem tem raiz
Porque sou índio, porque sou negro, por isso sou feliz
Por ter esse sangue correndo nas veias
Por ter nascido de três raças formada brasileira
Habitada por índios, construída por negros
Administrada por brancos, era nobreza herdeiro
Era, era nada, era uma bandeira de gangues
Falta o vermelho derramado por eles, o vermelho do sangue

Essa autodeclaração multi-identitária de Gaspar, em referência à mestiçagem, será analisada no próximo capítulo, item "Somos todos irmãos". Sua música em questão e seu depoimento expresso no "Quadro 3" se harmonizam com o de Janaina Noblat e JASF, que, além do olhar sobre negros/as e brancos/as, também fazem importante referência aos índios. Cardoso (2014, p.72) chama atenção para o problema da "invisibilização dos outros" devido ao que denomina "o modo de pensar da razão dual racial", ou seja, um modo de pensar limitado a "oposição binária: branco-negro", que leva ao "isolamento" e a invisibilidade de "outras identidades sociais no Brasil", a exemplo da indígena, cuja temática merece não apenas ser citada, porém, mais aprofundada nas composições dos/das *rappers* brasileiros/as. E eu me encaixo nessa crítica.

Sobre a relação racismo-poder econômico, Lurdez da Luz, em seu depoimento, considera que racismo "é um tabu" (NASCIMENTO, 2003) para a maioria da sociedade brasileira, sendo tratado como "descaso da parte da elite e governo, por questões econômicas principalmente", o que remete ao chamado *racismo institucional*⁷⁹, termo que questiono por entender se tratar de uma redundância. Considero que todo racismo tem a característica de ser estrutural e institucional. Pretendo desenvolver o assunto em

⁷⁹ Segundo o Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) implementado no Brasil em 2005, Racismo Institucional é o "fracasso de uma das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica".

um trabalho futuro. Rubia pondera que "a questão étnica" se relaciona diretamente com a de "classe" e "econômica". Na mesma direção, Fabio Brazza pontua que a "desigualdade social se mistura com a desigualdade e o preconceito racial".

Um dos grandes impedimentos para a abolição do racismo é confundí-lo com o mero preconceito ou discriminação de raça-etnia. De acordo com Elisa Larkin Nascimento (2003, p.52), racismo é "o conjunto de mecanismos discriminatórios institucionais que perpetuam as desigualdades raciais". Tais desigualdades são vistas como normal, norma, regra. Daí o fato de poucas pessoas questionarem, por exemplo, a Bahia - estado com mais de 80% da população negra - nunca ter tido um/a governador/a negro/a. Ou assistir horas de comerciais de TV e não se incomodar com a maioria absoluta de pessoas brancas. É o normal, a regra.

Na música "Notícias no ar", MC Osmar (2010) diz:

Novas diretrizes, planos de governo,
 Mas todos se omitem quando o assunto é o desemprego.
 Uma pá de mano preso é o objetivo do sistema.
 Preto e branco pobre é um revólver nas mãos do sistema.
 De volta à cena pra reconstituição,
 A lei gera problema e dificulta a regeneração.
 A constituição prever nos seus artigos
 Direito a ter direitos, mas só vejo aqui crime e castigo.

No contexto de luta por justiça, "omissão também é uma forma de violência" (SIMPLES RAP'ORTAGEM, 2014). Em sintonia com MC Osmar, o *rapper* Preto Du considera: "só alguns que conseguem driblar o sistema, entendem o processo real dos fatos". Driblar o sistema é ter consciência crítica (FREIRE, 1983) e não aparecer entre as estatísticas negativas. A composição de MC Osmar coloca bem a situação de injustiça dentro do contexto de um sistema econômico-jurídico-penal (FOUCAULT, 1987). Segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias⁸⁰ - InfoPen (2014), o Brasil tem a quarta maior população carcerária do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China e Rússia. A diferença é que esses, desde 2008, estão reduzindo o número de pessoas presas, enquanto nosso País aumenta. Porém, mesmo no quadro prisional, se mantém a desigualdade étnica e de raça, onde "dois em cada três presos são negros" (*ibidem*, p. 50). No caso da região Nordeste, por exemplo, alguns, ignorando o fator racismo, poderiam concluir apressada e automaticamente que

⁸⁰ Cf. <http://www.justica.gov.br/noticias/relatorio-do-infopen-e-lancado-em-formato-aberto-na-internet.3>

a maioria dos/das encarcerados/as é negra por essa raça ser a maioria nessa região. No Sudeste, embora a população⁸¹ branca seja predominante, representando aproximadamente 57%, a maioria das pessoas que são presas não é branca. "Nessa região, os negros representam apenas 42% da população total, mas 72% das pessoas presas" (*ibidem*, p.52).

Conforme depoimento no "Quadro 1"⁸², MC Osmar protesta: "Eu conheci e vivi o racismo às avessas desde criança". É necessário lembrar a todo instante que racismo é um sistema de poder (MOORE, 2013). Enquanto tal é equivocada a utilização do termo "racismo ao contrário", "racismo às avessas". Não há um sistema de poder negro "ao contrário" ou "às avessas" capaz de fazer, citando caso análogo, a partilha⁸³ do continente europeu como as potências imperiais europeias fizeram com a África, consagrada na Conferência de Berlim, em 1885. Segundo Carlos Moore (2013)⁸⁴:

Mesmo na África, são os brancos que mandam e se dirigentes se opõem são assassinados. O negro não tem poder de ser racista em nenhum lugar, mesmo se fosse possível. Racismo negro não é nem possível porque os negros não podem reinventar a história. O racismo surgiu uma vez só.

Ao invés do termo racismo, o mais adequado seria preconceito ou discriminação "ao contrário", "às avessas". Para Gaspar, "o racismo é institucional, se você segue simplesmente só as regras, você pode se tornar um racista em potencial", o que contrasta com a hipótese de Don Bruno, na qual "a sociedade "branca", em sua maioria, pode-se dizer NÃO RACISTA". Na medida em que os brancos, em todas as camadas sociais, gozam dos privilégios da brancura, privilégios esses geradores de desigualdades naturalizadas como normais, omitindo-se em relação a essas, eles estão sendo racistas, no mínimo, por "omissão" ⁸⁵. O equivalente vale para os homens em relação ao machismo; para os héteros em relação à homo-lesbo-transfobia; da mesma forma, para as pessoas sem deficiência em relação às com deficiência; para os ricos em relação aos

⁸¹ Cf.

www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf

⁸² Sub-capítulo "Tensões e melindres - "brancos/as cantando música de negro/as"

⁸³ Sobre o tema, livro "A Partilha da África Negra" de Henri Brunscwing (2006).

⁸⁴ Cf. <http://www.geledes.org.br/carlos-moore-desconstrui-senso-comum-sobre-o-racismo/#gs.cd13b2540e6a4852a719d2b27734b3ea>

⁸⁵ Não à toa em 2003, a pesquisa da Fundação Perseu Abramo, revelou que 87% dos brasileiros acreditavam que há racismo no Brasil. Mas somente 4% deles reconheciam que eram racistas. (SCHUCMAN, 2012)

pobres. "Frente a situações opressivas, qualquer um pode decidir não fazer nada para mudar e essa também é uma opção política" (MIRANDA, 2014, p.166).

Fabio Brazza diz: "Muitos negros discriminam os próprios negros como o caso de policiais negros que param o negro, mas o branco, não". Fato que muitos se baseiam para acusar que os negros "são os primeiros racistas", "os mais racistas" ou "os próprios racistas". Essa blindagem sobre os/as brancos/as é um dos clássicos exemplos de privilégio da brancura (BENTO, 2003).

O orgulho negro é um tema que aparece nos depoimentos de DeDeus, Fabio Brazza e Lurdez da Luz. Sobre o assunto nas composições, alguns brancos cantam na primeira pessoa, o que tem a ver com a autodeclaração racial, a ser analisada no Capítulo 3, sub "3.1 - Autodeclaração racial 2 - "Sou branco/a"". Os demais engrandecem aspectos simbólicos e culturais do outro, negros/as. A referência ao continente africano, a heróis e personalidades negras é uma constante na voz de Gaspar e seu grupo

(...) A raiz implantada ultrapassou os elos da vida
 A canção da velha África nunca foi esquecida, o dialeto cântico de magias e profecias Zumbísticas, não.
 Só penso na liberdade de Palmares, ainda há senzalas por todos os lados
 Não se trata somente viver livre, mais sim de libertar os ainda escravos (...)
 Zumbi, não apareceu por acaso foi um predestinado
 A resistência de um herói. Símbolo, na libertação dos escravos
 As guerras nas capitanias eram estratégias de combate
 O grande reino negro tornou-se poderoso, não subestime a força de Palmares
 (...)
 Os tambores cadenciaram o canto e as danças
 As tradições culturais, a crença, a fé, a luta, a união e a esperança
 São mandingas é manha, é malícia, é força e coragem
 O feiticeiro negro ultramarino atacando entre terras e mares (...)
 (Z'ÁFRICA BRASIL, 2002⁸⁶)

Com base na luta de Zumbi, a canção reclama um comprometimento político e solidário "Não se trata somente viver livre, mas sim de libertar os ainda escravos". A liberdade em suas múltiplas dimensões é uma meta, afinal ainda hoje "há senzalas por todos os lados". Outro Rap que faz menção ao líder palmarino é "Nego negô"⁸⁷ "do grupo Inquérito:

Nego, negô, respeito prus nosso ancestral na cor

⁸⁶ Música "O rei Zumbi". Cf. <http://letras.mus.br/zafrica-brasil-musicas/186767/>

⁸⁷ Cf. <http://letras.mus.br/inquerito/1782493/>

Só que foi na África que o mundo começou
 A cana, o café e o algodão quem que plantou?
 E o ouro que você ostenta quem que arrancou?
 Não foi bem do jeito que a história te ensinou
 Zumbi que lutou, a princesa só assinou
 500 anos se passou nada mudou
 O mônio azedou e a vida amargou, num adoçou
 Sô Inquerito e vô até o fim
 Ninguém fala nada por isso que isso aqui tá assim
 Esqueceu da gente mas na eleição lembrou
 O voto cê arranjô, comprô, negociou
 O Rap que fez os moleques ter orgulho de gritar sou nego
 Político compra castelo ao invés de declara, sonegou
 A vida é um bumerangue doutor, então ele voltou
 Porque vocês nunca dão nada pra gente, cês se negô

Aqui se afirma também a importância da liberdade. A sua conquista não se fez e nem se faz sem conhecimento e consciência crítica: "Não foi bem do jeito que a história te ensinou". Não se faz sem luta permanente "Sô Inquerito e vô até o fim". Mantém uma ligação direta com a política, seja em sua forma mais partidário-governamental ou engajada de poder artístico, ao modo do "Rap que fez os moleques ter orgulho de gritar: sou nego!". Conforme Lurdez da Luz, a "sociedade em geral vai sendo "embranquecida" culturalmente", porém cada vez mais percebe haver "uma consciência bem maior, e uma busca da juventude negra pela sua história e direitos".

Na música "Isso é vitória", Preto Du (2015) rima:

Bate forte o tambor, como bate o coração
 Regue, molhe a flor e sua coloração
 Filósofe com vigor de uma percussão
 Põe no punho o negror e segue a procissão
 Que isso é vitória, sente a glória
 De um verdadeiro protagonismo da história
 A verdadeira odisseia há séculos da estreia
 E os vilões vão ter que aplaudir da plateia
 Pra ver que tipo de sorriso brilha mais que diamante
 E entender quem são os verdadeiros gigantes
 Titãs intelectuais, culturais, braçais
 Que transformam a tua pólvora em grafites de munições verbais
 Entre páginas, cantos, louvores, ciência
 Entre versos, doutores de consciência
 Pra entender o controle remoto do apelo
 E assim poder fazer política com cabelo

A letra não se limita a reconhecer a riqueza cultural negra, como se faz comumente restrita à culinária, arte e religião. Vai além, referendando a ciência, intelectualidade e o fazer política, dentre outras, com a estética. Contexto de valorização

e empoderamento que propicia "orgulho" e afirmação. Para Lurdez da Luz, "orgulho de ser negro, isso estatisticamente com certeza cresceu". Segundo Fábio Brazza, "esses negros não querem “agir como branco” para serem aceitos, pois acreditam que antes de serem aceitos pelos brancos o mais importante é (...) aceitarem a si mesmos”.

Ainda sobre o orgulho negro e na contramão das pessoas que defendem que a cor da pele não exerce influências nas relações sociais, Jaf traz a irônica ideia, em "Nega Marrenta" (2012):

Sou fugitivo do padrão estabelecido
 Que anda na contramão e uma Rapa vai comigo
 Fala para os Céus que ser preto é positivo
 Que a cor não interfere no caráter do indivíduo
 Ou melhor, interfere, branco ruim vejo em série
 Que mata, manda matar ou no mínimo fere

A consciência de que "ser preto é positivo" deve ser afirmada em toda a parte. A mesma acompanha uma visão sarcástica sobre alguns brancos, segundo o qual se tornaram mau-caráter, criminosos em função da sua cor.

No mesmo horizonte discursivo, alguns, como Elvis Kazpa, na música "Tamo por Nós" (2015), incluem o tema reparação:

Só não me atrapalhe, jão, cada qual na sua contenção
 Se o problema for o universo em crise então valorize eu rimo a solução
 Igualdade ta na minha missão, pega a força que ta na canção
 Nós agora vem cobrar com juros o preço do futuro pós escravidão
 Negão, educação não tem dinheiro que paga
 Nunca tive muito parceiro se eu nasci herdeiro de nada
 Lembro do que eu faço e ter fê nos inimigo é mancada
 Sempre dei meus passos a pé, sei quem veio comigo na estrada
 Se alguém te persegue, enxerga, hoje quem te pede, nega
 To fazendo por quem me agrega, não dou mole a quem não dá e só pega

Na letra, a solução para a crise passa pela educação e pela equidade, essa estabelecida na cobrança "com juros o preço do futuro pós-escravidão". Mas diferente do que Kazpa afirma, não ter nascido "herdeiro de nada", vantagens ou desvantagens, valores simbólicos e/ou materiais sempre se herda dos antepassados (BENTO, 2003; CARDOSO, 2014; SCHUCMAN, 2012). Na obra de MC Osmar intitulada "O Rap" (2010), temos:

A voz de uma cultura em movimento e o negro lamento
 Sou Abdias Nascimento.
 Eu invadi os centros, mas nasci na periferia.
 Eu vim do sofrimento com ritmo e poesia.
 Eu vim na luz de um novo rebento de um ventre livre,
 Meus ancestrais foram presos e minha geração em crises desencaminha.
 Assim como caminha a humanidade de esquina em esquina.
 Sou injeção de adrenalina, uma dose elevada de autoestima,
 o verdadeiro dom da rima.
 O embate, o combate, o nocaute, liberação de endorfina.
 Sou táticas de guerrilha e as armas pra revolução,
 As palavras de ordem que lideram a manifestação.
 Tô no discurso e na ação, na luta por reparação.

Embora MC Osmar pontue aspectos negativos em frases como "o negro lamento" e "eu vim do sofrimento", ambos se conectam em um contexto histórico de afirmação e superação, "Sou injeção de adrenalina, uma dose elevada de autoestima". Por reparação, enfatiza uma perspectiva concreta de luta (FREIRE, 1983), quando canta que não está só "no discurso" mas acima de tudo "na ação". O tema reparação voltará a ser analisado posteriormente.

No desenvolvimento desta pesquisa, priorizo examinar composições que abordam, em algum nível, a temática étnico-racial. Com exceção dos/das pouquíssimos/as rappers que já possuíam composições escritas disponibilizadas na rede, foi solicitado a todos/as os/as demais participantes diretos o envio das mesmas. Alguns não enviaram as letras; outros só informaram um trecho curto, o que inviabiliza a interpretação das ideias no contexto da obra. Também como já dito, descartei a opção de transcrever alguns Raps, em função de complicadores maximizados pela característica do canto falado, muitas vezes rápido, que envolve problemas com a dicção e/ou não compreensão de partes da música. Então, embora a maioria dos artistas afirme ter composições relacionadas ao tema-foco, na prática, o repertório de letras que consegui acessar para análise foi bastante reduzido.

Conforme o "Quadro 2", três artistas informaram não possuir letras relacionadas ao nosso tema/foco: De Leve, Livia Cruz e Shark. Nesse sentido, resta analisá-los através de suas respostas ao questionário para se chegar a algum diagnóstico se, o fato de não possuírem letras que toquem no assunto étnico-racial, reflete ignorância⁸⁸ e/ou indiferença crítica em relação à temática. Dos três autores, examinarei trecho de uma

88

No sentido de desconhecimento.

música do *rapper* De Leve, por se tratar de um artista emblemático em relação ao que pode se considerar "irresponsável", "descompromissado", com atitudes que o levam a ser rotulado como "*playboy*" e polêmico. Para alcance do objetivo proposto, acredito ser interessante metodologicamente analisá-lo enquanto exemplo extremado.

No geral, as canções do *rapper* são escritas na primeira pessoa do singular e abordam o seu cotidiano. Na música México⁸⁹, ele canta:

Mulé cê quer um papo cabeça, liga pro Pedro Bial
 Não me formei na PUC, fugi da Federal
 Não quero falar sobre física quântica
 Filosofia, democracia, poesia romântica
 Nada de Kant ou Schopenhauer
 Não quer que cante, paga um chopp e dá 1 real
 Não leio jornal há dois anos e não assino a Veja
 Mas posso fingir que sei se você pagar uma cerveja (...)
 (DE LEVE, 2010)

De Leve canta de modo descompromissado e com sátira. Nesse trecho, se restringe a citar autores e temas familiares ao meio acadêmico e, ao que tudo indica, ao seu círculo social, ao tempo que os nega. O refrão dessa música rendeu polêmica em um *show* realizado em São Paulo. Segundo *site* da Revista Abril⁹⁰, o artista terminou a apresentação sob vaivém e protesto pelo "trocadilho obscuro com o nome do país latino-americano" México, cantada "Mexe o cu / mexe o cu / mexe o culote". Pelas características de suas composições sarcásticas e debochadas envolvendo o que se considera assuntos banais, poderia ser julgado, segundo concepções freireanas⁹¹, como um *alienado*⁹² (1987) ou de *consciência ingênua*⁹³ (1983). Ao ter acesso à sua fala, através do questionário, percebe-se que não é o caso. Quando perguntado "Como você acha que os brancos percebem a si mesmo?", responde:

Particularmente eu não sei, até porque é um grupo bem heterogêneo, ficando difícil saber como todos se percebem em diferentes partes do país, mas imagino que seja uma percepção favorável já que nossa sociedade tem tendências eurocentristas e grande parte dos modelos e símbolos de nossa sociedade são melhor aceitos quando europeus, seja na comida, vestimenta, cabelo, costumes... Porém, aqui no Rio de Janeiro o modelo eurocentrista não é adotado isoladamente, visto que temos vários símbolos culturais de manifestação africana e árabes.

⁸⁹ Cf. <http://letras.mus.br/de-leve/543221/>

⁹⁰ Cf. <http://www.abril.com.br/noticias/tecnologia/Rap-provoca-confusao-campus-party-246877.shtml>

⁹¹ Referente ao educador, filósofo e escritor brasileiro Paulo Freire

⁹² Indivíduo ignorante, vítima da ideologia dominante e opressiva.

⁹³ Sujeito que revela simplismo, superficialidade. É polêmico, não pretende esclarecer. Sua discussão é feita mais de emocionalidades de que de criticidades.

O mesmo demonstra um posicionamento politizado e consistente sobre questões étnico-raciais, verificável também em outras respostas ao questionário que, por se referir à temática Branquitude, reservarei para discuti-las no Capítulo 3, conforme anteriormente sinalizado.

Sobre a indagação "Como você acha que os negros percebem a si mesmo?" ele diz:

Assim como foi o caso dos brancos, é difícil saber como um grupo tão heterogêneo se percebe de uma forma homogênea, porém, posso concluir que a percepção pode não ser a mais favorável possível devido à perpetuação errônea de certos estereótipos que ainda persistem por identificar pessoas negras de modo pejorativo e não só.

Se um artista possui consciência crítica sobre o assunto, o que o faz não tratá-lo em suas composições? No caso de De Leve, ele se defende: "O Rap sempre abordou este tema. Na minha geração o protocolo a ser quebrado era outro". Muitas podem ser as justificativas. Entendo a visão do rapper De Leve dado que na minha própria experiência, minha primeira música sobre a pauta, intitulada Quadro Negro⁹⁴, só veio acontecer após dez anos de carreira artística. Compor sobre a temática sempre foi uma necessidade, porém era uma exigência pessoal (sic) que só pude concretizar quando senti que tinha conteúdo suficiente para escrever algo que retratasse bem as inquietações do grupo Simples Rap'ortagem. Se fosse para falar as mesmas coisas que outros *rappers* já falam, sem ter um diferencial, preferiria focar em outras matérias. Por conta desse posicionamento e do aprofundamento do estudo sobre as Ações Afirmativas, assunto até então novo na cena Hip-Hop, a composição levou quatro anos para ficar pronta.

Referente ao questionário, embora De Leve tenha respondido separadamente, as duas perguntas estão formuladas em uma única questão, item 4. A seguir, a análise das respostas de Lívia Cruz e Shark - que não possuem letras sobre o tema/foco. Vejamos como respondem a pergunta conforme disposta no questionário: "Como você acha que os brancos percebem a si mesmo? Como você acha que os negros percebem a si mesmos?"

⁹⁴ Música que integra o Programa de Ações Afirmativas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Gravada e lançada (2004/2005) com apoio da UNICEF, Fund. Palmares, Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO) e da Pró- Reitoria de Extensão. Cf. <http://www.simplesRap.com/2010/05/quadro-negro-2005.html>

| Quadro 2 | |
|--|------------|
| 2. | Lívia Cruz |
| Acho que no Brasil ainda precisamos refletir mais abertamente sobre as questões raciais, ainda percebo muitos brancos e negros em negação da sua cor e suas origens, tanto de forma consciente como inconsciente. No contexto específico do Rap e Hip-Hop no Brasil, percebo um esforço de afirmação da identidade dos negros com relação as suas raízes mais antigas e dos brancos um desejo de reparação, convivência harmônica e reconhecimento da construção de todas as etnias na história do Brasil. | |
| 2. | Shark |
| - | |

Lívia Cruz também demonstra posicionamento crítico e consistente sobre a necessidade no País de se refletir de modo mais amplo sobre as questões raciais.

No que tange ao contexto do Hip-Hop, de fato há "um esforço de afirmação da identidade dos negros com relação as suas raízes mais antigas". Porém, sua fala merece ser problematizada quando diz que percebe dos brancos "um desejo de reparação, convivência harmônica e reconhecimento da construção de todas as etnias na história do Brasil." Sobre o desejo de reparação, o tema cotas raciais nas universidades, por exemplo, ainda gera controvérsias dentro e fora do Movimento. O fato de um branco reconhecer seus privilégios não significa necessariamente que seja a favor das cotas raciais. No questionário, não elaborei perguntas específicas sobre o assunto, o que traria mais elementos para reflexão. Porém, segundo a pesquisadora Lia Vainer Schucman (2015), em uma entrevista⁹⁵, a Agência FAPESP⁹⁶:

Na maioria dos casos, a oposição às cotas não decorre de nenhum critério racional. Tive a demonstração disso em minha pesquisa. Quando perguntei "você acha que tem privilégios pelo fato de ser branco (ou branca)?", meus 40 entrevistados responderam que sim. Uma empregada doméstica disse: "Minha patroa é preconceituosa. Se eu fosse negra, não teria este emprego". Um jovem falou: "O pai da minha namorada é racista. Talvez eu não pudesse namorar com a filha dele se fosse negro". E por aí foi. Imediatamente em seguida, perguntei: "Você é a favor das cotas?" Dos 40 entrevistados, 37 responderam: "Não. Somos todos iguais". Esses 37 tinham acabado de dizer que possuíam privilégios. E, agora, negavam as cotas, com o argumento de que elas privilegiavam os negros. É um posicionamento totalmente irracional.

⁹⁵ Cf. http://agencia.fapesp.br/racismo_e_branquitude_na_sociedade_brasileira/20628/

⁹⁶ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Por isso, eu uso a expressão “medo branco”. E é um discurso fragmentado. Só um discurso fragmentado pode acomodar o fato de a pessoa admitir que tem privilégios e, em seguida, dizer que todos somos iguais.

Das 9 (nove) questões do questionário, a que está em análise foi a única que o *rapper* Shark não respondeu, por motivo desconhecido. No geral, suas demais respostas não apresentam consistência se comparada com os dois artistas na mesma condição. Para se ter uma breve noção de como o mesmo pensa o tema/foco, opto por transcrever seu argumento à última pergunta, que é de natureza genérica: "Deseja considerar algo mais?"

Vivemos no Brasil, o país mais negro nesse mundo, tirando o continente africano. Existem pessoas preconceituosas? Existe sim. Existem oportunistas pra saírem de coitado e de vítima? Existe também. Vamos ter mais maturidade! Recentemente teve um enforcamento de um boneco da COR PRETA na UFBA e os negros criticaram, foram a imprensa falar, protestar e tudo mais. Se fosse um boneco da COR BRANCA, você acha realmente que as pessoas de pele clara iria na TV fazer o mesmo?! Será que a imprensa iria dar mesma ATENÇÃO? Não! O Racismo, o preconceito vem de nós mesmos. Se vivêssemos sem se preocupar com isso, muita coisa iria fluir e dar continuidade em nossas vidas.

O artista faz referência a um infeliz episódio de trote⁹⁷ aos calouros do curso de Arquitetura, que gerou grande repercussão. Embora estudantes brancos/as também tenham externado indignação, circulou nas redes sociais algumas críticas aos/às negros/as que protestaram, acusados/as de "se fazerem de coitados/as" uma vez que a cor preta do boneco não teria sido intencional. A desaprovação de Shark segue na mesma linha. É direcionada aos/às negros/as que considera "oportunistas", que se passam como "vítima"(s) e "coitado"(s), privilegiados, dentre outras, pela imprensa. Em suma, como defende que o "Racismo, o preconceito vem de nós mesmos", no contexto da crítica, ele vê os/as negros/as como os/as próprios/as racistas. Tal posicionamento é muito comum no debate sobre o tema, que busca desqualificar e enfraquecer o mesmo, tentando minimizar a problemática do racismo com expressões clássicas do tipo "os gordos ou os japoneses também são discriminados" ou, a mais frequente, "os próprios negros se discriminam, os negros não assumem sua identidade" etc. (BENTO, 2003, p 148). O *rapper* assume uma postura de evitar o confronto através da culpabilização das vítimas do racismo, o que pode insinuar certo receio de refletir sobre os privilégios raciais e suas consequências. Sua fala parece uma estratégia retórica que se afina com o

⁹⁷ Cf. <http://varelanoticias.com.br/trote-de-faculdade-da-ufba-com-boneco-negro-enforcado-causa-polemica-entre-estudantes/>

discurso político de que basta não discutirmos o racismo que ele desaparecerá. Semelhante à ideia defendida pelo ator estadunidense, Morgan Freeman, em um vídeo⁹⁸ que rodou as redes sociais, supõe magicamente que a solução para superar o racismo está no ato de não falar sobre o mesmo, não "se preocupar com isso". Sobre tal, utilizo a perspectiva organicista de Durkheim (2004), para propor uma reflexão: se no corpo social imaginarmos que o racismo é uma doença semelhante a um câncer na próstata⁹⁹, como combatê-lo? Ignorando-o ou dando a devida atenção e cuidados?

Com o exame sobre as respostas dos/da *rapper(s)* De Leve, Livia Cruz e Shark, considero que o fato de não possuírem letras que toquem no assunto étnico-racial não reflete necessariamente consciência ingênua e/ou indiferença crítica em relação à temática. Porém, não deixa de ser um indicativo de que a correlação possa existir. Com o mesmo raciocínio, é possível supor também que ter letras que abordem o tema-foco não signifique precisamente que o artista seja engajado e/ou possua maturidade e consistência em seu discurso. Percebo em boa parte das composições e depoimentos que as definições de preconceito, discriminação e racismo às vezes se misturam ou não são entendidas em suas dimensões operacionais, o que compromete a compreensão do problema racial em sua complexidade. Tal entendimento poderia evitar a perpetuação de ideias do senso comum que colocam a responsabilidade do racismo nas próprias vítimas.

De uma perspectiva educativa, se faz importante a vigilância entre os/as *rappers* para evitar julgamentos moralistas e/ou precipitados sobre os demais. Não se trata de ser conivente ou permissivo com o que se considera erro, ou "vacilo" alheio. Ainda que seja direito opinar criticamente sobre o trabalho e posicionamento do outro, tal opinião tende a ter maior coerência se relativizada pelo olhar mais apurado sobre o mesmo. Postura que poderá contribuir para o fortalecimento de relações mais respeitadas. Vale também para como cada qual se define racialmente, como veremos a seguir.

Embora não seja comum nos trabalhos científicos, me absterei de, no final de cada capítulo, retomar a análise do mesmo, considerando o esforço a ser feito, em desenvolver de modo satisfatório, as discussões e reflexões teóricas no "corpo" de cada

⁹⁸ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=Cp4WVtdUrH8>

⁹⁹ Poderia ser qualquer câncer, a referência irônica ao da próstata se dá em alusão ao machismo, intimamente ligada à temática racial.

seção. Até porque alguns aspectos discutidos são recorrentes e preocupo-me em evitar redundâncias. Adoto esta estratégia metodológica também para manter uma melhor fluidez e interesse da leitura, não somente dos produtores de ciência mas, sobretudo, dos artistas.

Esse duplo lugar o qual ocupo de militante e de pesquisador me põe em condição de constante atenção sobre onde às perspectivas de um e de outro, se convergem e se "conflitam". A consciência interna obriga-me a ser "fiel" a ambos, a ser um "equilibrista" cuidando para que nenhum seja anulado completamente ou em partes. Afinal, antes de ser acadêmico em alguma medida já era ativista-pesquisador. Condição orientada pelo 5º elemento do Hip-Hop, ou seja, o Conhecimento. Esse, um elo de busca que direciona meu caminhar e agrega as duas condições em uma dimensão diferenciada. Na academia, pesquisador e militante, em realidade, são duas "camisas de força" para o/a artista. A primeira, pelas "amarras" metodológico-científicas que, no geral, se limitam a compreender/explicar fenômenos. A segunda, pela "armadura" de educador, voltada sempre para uma "luta" em que o fim é a transformação positiva das pessoas. Nesse processo, examino meus próprios pares artísticos, sou um "nativo" olhando para outros (VELHO, 1998). Busco manter-me em postura de pesquisador-ativista, assumindo o risco de o contrário às vezes acontecer, sem que pese juízo de valor sobre isso ser "bom" ou "ruim". Quando me guio pela "fidelidade" a ambas as posições, é porque de fato estão imbricadas, complementando-se e potencializando-se. Lembrando, foi no exercício de militância que me confrontei com o estranho grito de "Morte aos brancos" e o conseqüente despertar para entender as relações raciais a partir da branquitude. Sobreposto por um objetivo maior: contribuir com a sensibilização e mobilização das consciências críticas dos/as *rappers* brancos/as e não-brancos/as no combate ao racismo. Maior, porque tal motivação é de ordem transdisciplinar¹⁰⁰ e, como tal, articula elementos que passam entre, através e além dos componentes acadêmicos, ou seja, se mantêm dentro e fora das práticas científicas. Assim, a análise teórica deste trabalho acompanha, sempre que julgar necessário, considerações de cunho educativo, que, conseqüentemente, imprime um posicionamento político-ideológico, em coerência com os objetivos mencionados.

¹⁰⁰ Transdisciplinaridade é um enfoque pluralista do conhecimento que tem como objetivo, através da articulação entre as inúmeras faces de compreensão do mundo, alcançar a unificação do saber. Assim, unem-se as mais variadas disciplinas para que se torne possível um exercício mais amplo da cognição humana. Cf. <http://www.infoescola.com/educacao/transdisciplinaridade/>

Capítulo 2

Mistura e categorias identitárias na visão dos/as *rappers* brancos/as

2.1 "Autodeclaração racial 1 - "Sou da raça humana""

Neste tópico, investigo as respostas dos participantes a duas perguntas: "Como você se define racialmente?" e "Na sua visão, como a sociedade te define racialmente?". Formulo algumas hipóteses para explicação de determinados fenômenos. Analiso a diluição da identidade racial em afirmações do tipo "sou mestiço", "sou da raça humana", "sou brasileiro", e as possíveis implicações político-pedagógicas na luta antirracista. Discutirei tais classificações relacionando-as com os conceitos e noções de mestiçagem, branquitude e o mito da democracia racial. No final, faço uma reflexão sobre uma possível dimensão do "humano" que não comprometa o esforço pelo fim do racismo. Para tanto, examinarei depoimentos e composições de artistas brancos.

Dos 17 (dezesete) entrevistados, 11 (onze) se definem diferentemente de como, segundo os mesmos, a sociedade os vê.

| Quadro 4 | | | |
|----------------|----------------|--|--|
| <i>Rappers</i> | | Como se autodeclararam racialmente | Como, segundo os mesmos, a sociedade os vê |
| 1. | DeDeus | Branco | Branco |
| 2. | De Leve | Racialmente me defino como humano. Etnicamente me defino mestiço. | Depende do local. Mas geralmente como mestiço, moreno ou branco. |
| 3. | Dom Bruno | Humano... sou da raça humana. | Branco |
| 4. | DOPE69 | Branco | Branco |
| 5. | Elvis Kazpa | Humano | Branco |
| 6. | Fabio Brazza | Apesar de saber que visualmente sou branco eu gosto de me definir racialmente como "brasileiro" o que inclui misturas diversas, em sua maioria europeia, indígena e negra. (...) | Branco |
| 7. | Fex Bandollero | Sinceramente, indefinido. Sou fruto de muita | Branco |

| | | | |
|-----|----------------|--|--|
| | | miscigenação étnica: índios, negros e brancos. | |
| 8. | Gaspar | Ser Humano! Raça humana. | Não sei... espero que em um ser humano munido de todas as etnias e povos deste e de outros planetas... pra quem não sabe? sou a sobra dos cometas. |
| 9. | Janaina Noblat | Miscigenada. A minha bisavó, meu avô e tios por parte de mãe, são negros. Pela parte de meu pai, o meu avô é filho de espanhóis, minha avó tinha suas ancestralidades na França. A cor da minha pele é parda. Essa é a minha classificação. Quando me olho lembro-me da história genética dos meus familiares. | Branca |
| 10. | Jasf | Negro | Pardo-branco |
| 11. | Kaab | Mestiço | Branco |
| 12. | Livia Cruz | Branco | Branco |
| 13. | Lurdez da Luz | Branca (...) | Branco |
| 14. | MC Osmar | Branco africanizado | Branco pobre |
| 15. | Preto Du | Branco | Branco |
| 16. | Rubia | Não me defino etnicamente como "branca": minha árvore genealógica é constituída de pessoas de descendência africana, indígena e européia. Prefiro me definir "humana". | Branca |
| 17. | Shark | Pela lógica, se parar pra ver, dizem que sou pardo. Mas minha raça é humana. | Branco |

Até então cultivava a hipótese de que os/as *rappers* que se autodeclararam como "brasileiro/a", "raça humana", "mestiço/a" não reconheceriam privilégios conferidos pelo fenótipo branco; que usavam tais identidades como "carapaça" para esconder, proteger a branquitude. Com o resultado dos questionários, constatei a invalidade da hipótese. Como mostrarei no sub-capítulo "3.2 *Rappers* brancos/as e a visão dos privilégios", a grande maioria deles/as conta casos em que ser branco/a lhes conferiu vantagens e depõem assegurando a branquitude como um fato. Não sei até que ponto esse reconhecimento se deu motivado pelo estudo para participar desta pesquisa. Como mencionei na "Introdução", após o convite, quase todos pediram tempo; alguns declarando abertamente que precisavam entender e pensar melhor sobre o assunto.

Cheguei a atender a condição da *rapper* DeDeus para participar da pesquisa, de lhe informar as referências bibliográficas que eu estava utilizando. Também já havia na rede uma apresentação que fiz para as aulas no mestrado, com base no título¹⁰¹ anterior deste trabalho.

Mas o que faz a maioria dos/as participantes não se declarar como branco/a, embora reconheça que a sociedade os/as vê como tal? Uma das hipóteses é o receio de assumir as consequências ao se reconhecer do mesmo grupo racial do colonizador, dominador, opressor, violentador; do indivíduo/sistema branco protagonista de barbaridades históricas as quais os efeitos ainda são vistos a todo instante pelo mundo.

Na formação da nossa identidade, tenderíamos a procurar pertença a grupos sociais que valorizem nosso autoconceitos, de modo que haveria uma preferência por pertencer a grupos valorizados socialmente. Isto ocorreria porque o resultado das comparações sociais é fundamental para aumentar ou diminuir nossa autoestima coletiva (TAJFEL 1981, citado por FRANÇA; LIMA, 2014, p.144).

Assim, ainda que haja esforço em considerar a contribuição branca na formação do País (FREYRE, 2003) tem também a contribuição das outras raças, levando a autodeclaração como "brasileiro/a". Nesse sentido, Fabio Brazza é emblemático: "Apesar de saber que visualmente sou branco, eu gosto de me definir racialmente como "brasileiro", o que inclui misturas diversas, em sua maioria, europeia, indígena e negra". Para Brazza "brasileiro" e "mestiço" são equivalentes e, portanto, "não-branco" (CARDOSO, 2014). Ele completa: "Inclusive julgo ter uma alma muito negra, pois as coisas que mais gosto como o Samba e o Rap são oriundos da cultura negra e a maioria dos meus heróis também são negros". Entendo que, do mesmo modo quando um homem diz ter "uma alma feminina" não significa que o mesmo está se declarando mulher, quando um branco diz que tem "uma alma negra" não necessariamente está se definindo, como fez Jasf, enquanto negro. Em relação a isso, Jasf se justifica "Não sou branco (risos); por ter pele clara e cabelo liso, consideram. Nós, negros, fomos confundidos e educados a não se perceber, às vezes pensamos que somos brancos, brancas ou índios apenas como fuga da possibilidade de ser NEGRO. Porém muitos já percebem que a pigmentação da pele, os traços marcantes e a cultura faz de nós pessoas diferentes das não negras". Ele defende que, embora tenha a pele clara e cabelos lisos, possui outros traços fenotípicos além de aspectos culturais pelos quais se sente

¹⁰¹ "Hip-Hop, branquitude e mestiçagem: reflexões para uma luta anti-racista"

legitimado a definir-se negro. Como temos visto, tal posicionamento não o impede de analisar criticamente as relações raciais com base também em seus traços de branco.

No diversificado repertório da música Rap brasileira, encontramos rico material para reflexões sobre identidade racial, bem como, limites e potencialidades na luta pela eliminação do racismo. Várias canções apresentam problemáticas instigantes para a compreensão do tema. Na letra¹⁰² Lavagem Cerebral, o *rapper* Gabriel O Pensador (1993) canta:

(...) Não seja um imbecil, não seja um Paulo Francis
 Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
 O que é que importa se ele é nordestino e você não?
 O que é que importa se ele é preto e você é branco?
 Aliás, branco no Brasil é difícil,
 Porque no Brasil somos todos mestiços
 Se você discorda, então olhe pra trás
 Olhe a nossa história, os nossos ancestrais
 O Brasil colonial não era igual a Portugal
 A raiz do meu país era multirracial
 Tinha índio, branco, amarelo, preto
 Nascemos da mistura, então por que o preconceito?
 Barrigas cresceram, o tempo passou
 Nasceram os brasileiros cada um com a sua cor
 Uns com a pele clara, outros, mais escura
 Mas todos viemos da mesma mistura
 Então presta atenção nessa sua babaquice
 Pois como eu já disse: racismo é burrice.

Em conformidade com Elisa Larkin Nascimento (2003, p.113), "Se abordar as relações raciais implica examinar a brancura; a singularidade do caso me leva a sugerir que, no Brasil, interrogar a brancura significa questionar a miscigenação". Gabriel em nenhum momento da música faz menção a sua posição de branco, e seus versos soam como uma quase afirmação de que não existem brancos no País, pois "nascemos da mistura". Considera de modo preponderante a questão pelo ponto de vista biológico, amenizando a importância do fenótipo. A solução para o fim da discriminação de raça passaria pela "lavagem cerebral" aplicada "por vontade própria, à elite e ao povão" (SOVIK, 2009, p.166) e pela mera aceitação de que não existe pureza racial no Brasil, somos todos frutos de uma grande mistura de povos. Munanga (1997) critica tal pensamento, afirmando que a mestiçagem não pode ser concebida apenas como um fenômeno estritamente biológico, mas antes de mais nada, a partir de categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização. É através dessas categorias

¹⁰²

Cf. <http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/lavagem-cerebral.html>

de conteúdo muito mais ideológico do que biológico que adquirimos o hábito de pensar nossas identidades sem nos darmos conta da manipulação do biológico pelo ideológico. Sobre o artista no palco, Liv Sovik considera:

Gabriel O Pensador assume como seu o terreno do Hip-Hop, e como colegas mais próximos, músicos negros, mas sua identidade é de classe dominante branca e ele se dirige aos valores e setores de origem. Suas admoestações a seus pares são limitadas por um certo nominalismo, em que a miscigenação é equivalente a mestiçagem cultural e a mestiçagem, ao ideal da convivência inter-racial pacífica. Mesmo assim, a boa vontade do artista transparece, faz parte do seu show. (SOVIK, 2009, p.167-168)

Importante salientar que as críticas não invalidam o potencial educativo do Rap. Até porque, além da denúncia explícita ao racismo e desigualdades raciais em versos como: "E de pai pra filho o racismo passa / Em forma de piadas que teriam bem mais graça / Se não fossem o retrato da nossa ignorância / Transmitindo a discriminação desde a infância", em um exame mais atento da mesma letra - como no trecho a seguir - percebo uma condenação ao privilégio branco, não em si próprio, mas da elite e das camadas populares:

A "elite" que devia dar um bom exemplo
 É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
 Num complexo de superioridade infantil
 Ou justificando um sistema de relação servil (...)
 Me responda se você discriminaria
 Um sujeito com a cara do PC Farias
 Não, você não faria isso não
 Você aprendeu que o preto é ladrão
 Muitos negros roubam mas muitos são roubados
 E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
 Porque se ele passa fome, sabe como é:
 Ele rouba e mata um homem seja você ou seja o Pelé (...)
 (GABRIEL O PENSADOR, "Lavagem cerebral", 1993)

Como veremos no sub-capítulo "3.4 - Música Rap e educação racial", essa música, conforme elaborada em 1993, tem conseguido sensibilizar pessoas e provocar mudanças. Acredito que os Raps que conseguirem incorporar as considerações críticas abordadas sobre essa canção conquistarão resultados ainda maiores.

Mestiçagem é diferente de miscigenação. Abrange de modo genérico cruzamentos de variadas ordens: político, cultural, biológico, etc numa perspectiva

assimilacionista. A miscigenação refere-se ao cruzamento específico de ordem sexual entre diferentes grupos biológicos. Objetivamente

O que é mestiçagem?

No contexto brasileiro, a mestiçagem tornou-se e ainda é um projeto político-ideológico que, através da miscigenação, pretende atingir fins diversos relacionados à identidade nacional (MUNANGA, 2004; SCHWARCZ, 1995).

Tal projeto se metamorfoseia a cada contexto. A mestiçagem, a partir do século XIX,

de romântica se transforma em biológica e degenerada, para virar símbolo de cultura nacional, ícone do Estado nos anos 30, exemplo para o mundo na década de 50, e associar-se à malandragem. (...) O mestiço surge, dessa maneira, constantemente reinvestido como espaço da ambiguidade, suporte de representações (SCHWARCZ, 1995: 60 e 61)

A mestiçagem faz com que muitos indivíduos brancos não se reconheçam como tal, e neguem sua posição histórica de privilégio, adotando um posicionamento omissivo frente às desigualdades raciais. Acabam por acreditar, majoritariamente, de modo não declarado, que tal desigualdade se justifica por inferioridade ou por culpa do negro. Tanto a branquitude quanto a mestiçagem são engrenagens de uma mesma máquina reprodutora de desigualdades.

No questionário, os/as *rappers* Fex Bandollero, Janaina Noblat e Kaab também se declaram mestiços, "não-brancos" (CARDOSO, 2014). Em resposta à questão: "Como você se define racialmente?" Janaina faz a clássica relação de parentesco, a fim de justificar sua resposta enquanto "miscigenada":

A minha bisavó, meu avô e tios por parte de mãe, são negros. Pela parte de meu pai, o meu avô é filho de espanhóis, minha avó tinha suas ancestralidades na França. A cor da minha pele é parda. Essa é a minha classificação. Quando me olho lembro-me da história genética dos meus familiares.

Fex afirma: "Sinceramente, indefinido. Sou fruto de muita miscigenação étnica: índios, negros e brancos. Concordo com Valéria Corossacz (2014, p.213) quando afirma:

Esse repertório discursivo pode ser associado a um discurso que se apresenta como antirracista ("a cor não é importante para mim") ou, no caso do Brasil, pode responder à lógica da democracia racial, para a qual não existem diferenças de cor, apenas de classe. Em particular, quando são os brancos a interpretar esse repertório discursivo baseado na *color evasion*¹⁰³, pode-se notar como a tendência a não se deter na própria cor vem acompanhada da capacidade de identificar os significados e as consequências da cor dos Outros, os negros.

Nessa direção, embora a *rapper* DeDeus se declare branca, ao ser perguntada: "Como você acha que os brancos percebem a si mesmo? Como você acha que os negros percebem a si mesmo?", responde "(...) Eu não tenho nenhuma percepção pela minha cor, mas sim pela pessoa que eu sou. Os negros eu creio que tenham uma questão forte sobre o orgulho de ser negro".

A mestiçagem é uma ideologia¹⁰⁴ na qual forjou-se o mito da democracia racial. "A essência da ideologia é a sua função de ocultar o processo histórico de constituição de ideias, representações, normas e regras no contexto das relações de poder" (NASCIMENTO, 2003, p.27). Segundo Munanga (2004, p.89):

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são "expropriadas", "dominadas" e "convertidas" em símbolos nacionais pelas elites dirigentes.

¹⁰³ Negação das diferenças raciais com base na defesa da mistura.

¹⁰⁴ Segundo Elisa Larkin Nascimento, "um sistema ordenado de ideias ou representações, normas ou regras que operam socialmente e são percebidas, ou muitas vezes passam despercebidas, como se existissem em si e por si mesmas, separadas e independentes das condições materiais e históricas.

No processo relacionado à presente pesquisa, encontrei uma imagem que chamou muito a minha atenção:



A banda Alternativa C teve na sua formação um ex-integrante do Filosofia de Rua, mesmo grupo que, como relatei, teve um membro agredido fisicamente em função da música "A cor da pele não influi em nada". Como essa, a capa do álbum é provocativa e sugere diferentes interpretações em torno do que parece, uma proclamável união das raças. O bebê negro representa fragilidade, dependência extrema do leite da mulher branca, que lhe assegurará uma vida saudável. A mulher branca remete a ama de leite¹⁰⁵. Com base no mito da democracia racial, aqui ela estaria num papel invertido, sinalizando que negras/os e brancas/os "são iguais", que independente da cor, estão sujeitas às mesmas vicissitudes da vida. Por outro ângulo, embora não tão comum, não se pode descartar que ela seja a mãe da criança. Sendo ou não, a mulher não expressa

¹⁰⁵

Negra escravizada que cumpria a função de amamentar os filhos da senhora.

satisfação com o ato de amamentar. A feição indica certa indiferença. O pano vermelho no ombro pode representar alerta, atenção, para as mensagens das músicas no disco e/ou uma menção a situações de violência, abandono da criança etc. A composição¹⁰⁶ que dá título ao álbum (2004) diz:

Por que que a cor incomoda?
 Por que que minha cor te incomoda?
 Por que que a cor incomoda? Racista idiota
 Por que que a cor incomoda?
 Por que que minha cor te incomoda?
 Será que você não se toca? Somos todos iguais (...)
 Por que que a cor incomoda?
 Por que que minha cor te incomoda?
 Pretos e brancos unidos e todas as raças de mãos dadas
 Um racista gera outro racista
 É como uma bola de neve que faz crescer o ódio
 Como uma febre infernal, mais de 40 graus
 E o delírio provocado, fora do normal
 Eu ando vendo, eu ando ouvindo
 Tanta idiotice (...) como pode ser assim
 100% isso, 100% aquilo
 Não admito, somos todos misturados
 Aqui é Brasil, não existe povo puro
 Sou contra qualquer tipo de separação
 Discriminação, auto-superiorização
 Todos iguais e sempre seremos assim (...)

A letra traz implícita a defesa do mito da democracia racial e sugere que "pretos e brancos" são "iguais" e, portanto, com as mesmas oportunidades de condições. Em outras palavras, não faz sentido se incomodar com a branquitude alheia: "Por que que minha cor te incomoda?". Faz menção aos/às negros/as brasileiros/as que, em um movimento de afirmação, usavam camisas com a estampa "100% negro". Ora, se "somos todos misturados", "somos todos iguais" (que equivale a viver numa democracia racial), tal gesto político é visto como "racismo", "idiotice", "autossuperiorização". É uma interpretação que carece de fundamento. A mensagem do "100%" na camisa surgiu em um contexto em que muitas pessoas tinham vergonha de se assumirem negras, sua cor escura e/ou cabelo crespo, lábios grossos, sua religiosidade, modo de vestir, etc (NICOLAU, 2013). Não passa por questão biológica, não se refere a uma suposta pureza racial, mas sim à consistência da afirmação de que "se aceita plenamente do jeito que se é" e não pelo padrão imposto pela sociedade, de beleza, religião etc. É uma forma de dizer que se nega enfaticamente qualquer autoidentificação ambígua. Para

¹⁰⁶

Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=KS8plJsGPJc>

Mayara Nicolau (*idem*), essa crítica "mostra a falta de empatia com os outros e confirma a posição de privilégio ou superioridade" de quem tá do "alto da brancura" e não consegue "ver quem está embaixo, tentando e fazendo muita força pra subir".

O mito da democracia racial busca perpetuar "a imagem de um país cuja identidade é mestiça, democrática e coesa", ocultar "as diferenças e os conflitos raciais aqui existentes" e dar ensejo "para que o brasileiro se pense, seja visto e, até mesmo, aja como povo acolhedor, receptivo (...)" (COSTA, 2014, p.136).

Algumas das principais características desse mito são:

- I. Além do Brasil, está presente também em outros países da América Latina.
 - II. Prega que existe uma convivência sem conflito entre pessoas de diferentes raças/etnias.
 - III. Propõe aos indivíduos que, ao invés de se identificarem com uma identidade étnico-racial de negro/a, índio/a, branco/a, etc, definam-se com base em uma identidade ambígua: mestiço/a, pardo/a, mulato/a, moreno/a, humano/a, brasileiro/a etc.
 - IV. Nega-se toda a história de escravidão brasileira.
 - V. Propaga-se a crença de que o Brasil é um país mestiço, onde todos são iguais, logo, individualmente, todos têm as mesmas chances de sucesso.
 - VI. Faz acreditar que, se há desigualdades raciais, é por mera incapacidade individual, sem nenhuma relação com o privilégio branco e com o passado de injustiças.
- (BENTO, 2003; MUNANGA, 2004; MOORE, 2005 e outros).

Em outra canção do grupo Alternativa C, considerada continuação da música "Por que a cor incomoda?", o grupo reuniu vários/as *rappers*, em sua maioria brancos/as, para expressarem seu apoio, no sentido de responder a quem critica os/as de pele clara no Rap.

Sem muito ti-ti-ti, sem muito blá-blá-blá
 Eu, você, ele, nós somos todos seres humanos
 O ser humano só vai cair na real mesmo
 Quando ver que esse barato de cor não tem nada a ver
 Você que tá me tirando por causa da cor de minha pele
 Corta seu pulso, se seu sangue for diferente do meu aí vou te dar um ponto
 (RUBIA, 2004)

Embora se deseje que "esse barato de cor não tem nada a ver", é fato que a cor da pele determina tratamentos diferenciados, com privilégios simbólicos e materiais para os/as brancos e barreiras e violências para os não-brancos/as (BENTO, 2003; CARDOSO, 2008; SOVIK, 2009; e outros). Quando Rubia (2014), em nome de defender a ideia de que "todos somos iguais", diz para quem discrimina os/as brancos/as no Rap "Corta seu pulso, se seu sangue for diferente do meu, aí vou te dar um ponto", ela, além de ignorar as diferenças humanas, põe a existência das mesmas à prova, em um desafio, no qual, caso constatadas as diferenças, tornam-se condição para que as discriminações sejam "negociadas". Essa questão do sangue me fez lembrar uma aula, na qual eu falava para crianças e adolescentes sobre a importância de se respeitar a diversidade, que somos diferentes, as diferenças são riquezas, que o sangue vermelho é uma das poucas coisas que temos como igual. Daí uma aluna retrucou: "mas até o sangue é diferente, professor: Tem sangue A positivo, B negativo, O positivo...". Diante da própria brancura e de ter a sua legitimidade questionada no Rap, alguns parecem adotar a estratégia de acionar a condição universal de todas as pessoas serem geneticamente mestiças, portanto "iguais", para fugir do conflito do próprio privilégio. Ao que indica o racismo não é entendido enquanto sistema de dominação branca, mas como discriminação praticada por qualquer raça-etnia. Assim, a crítica de Rubia parece estar direcionada para esta discriminação com foco no branco/a, um/a "igual" e não necessariamente para o modo estruturante e institucionalizado de violência que negros e índios passam sistematicamente com base no poder da brancura. O ser diferente, parece não representar uma condição humana positiva, o que sugere ausência de referenciais que contribuam para uma reflexão em sentido oposto, como no programa Oficineiros da Inclusão (2005), da ONG Escola de Gente, ao promover um papo simples via rádio¹⁰⁷, em que a tônica é o valor da diferença:

LOC1: a inclusão e a ética da diversidade devem ser construídas no dia-a-dia das pessoas, seja na defesa dos direitos, seja no exercício da cidadania // somos todos diferentes e isso é que enriquece // não é, Sabrina?

LOC2: com certeza Lu// iguais apenas em direito // nada de criar padrões e modelos de ser humano // como não se costuma respeitar diferenças, as discriminações estão aí, gerando intolerâncias e descumprimento das leis // quem, por exemplo, nunca se sentiu excluído? // cada um de nós se sentirá excluído em diversos momentos de nossas vidas// (...)

¹⁰⁷

Cf. http://www.escoladegente.org.br/recursos/programaRadio/doc/1129_1.doc

Na mesma faixa musical do grupo Alternativa C, a *rapper* negra, Sharylaine, depõe: "(...) Se liga, falta informação, conscientização. Fica esperto, oitava geração, miscigenação. Precisamos permanecer vivos, indo pelo mesmo sentido. Estamos unidos; é isso aí!". Concordo com Elisa Nascimento (2003, p.27) quando considera que, como qualquer ideologia, a mestiçagem "evita que os dominados percebam as artimanhas da dominação".

A defesa da identidade mista baseada nas três ou mais raças/etnias, refere-se à intenção, conforme Gilberto Freyre (2003), de reconhecer a contribuição de cada grupo na formação cultural brasileira. O trabalho desse autor ajudou a dismantelar o racismo científico e seus hediondos pressupostos de inferioridade negra e indígena, porém seu exagerado eufemismo e equívocos de ordem teórico-político favoreceram o florescimento do problemático mito da democracia racial.

Em sua obra, Freyre postula que a distância social entre dominantes e dominados é modificada pelo cruzamento inter-racial que apaga as contradições e harmoniza as diferenças levando a uma diluição de conflitos. Ao postular a conciliação entre as raças e suavizar o conflito, ele nega o preconceito e a discriminação, possibilitando a compreensão de que o "insucesso dos mestiços e negros" deve-se a eles próprios. Desta forma, ele fornece à elite branca os argumentos para se defender e continuar a usufruir dos seus privilégios raciais. Estes postulados constituem a essência do famigerado Mito (ou ideologia) da Democracia Racial Brasileira. Esse mito, ao longo da história do país, vem servindo ao triste papel de favorecer e legitimar a discriminação racial (BENTO, 2003, p.48).

Conforme "Quadro 4", De Leve, Dom Bruno, Elvis Kazpa, Gaspar, Rubia e Shark são os 6 (seis) *rappers* que se definem racialmente como "humano" e/ou "raça humana", sendo que algumas definições acompanham justificativas. De Leve traz uma fala curiosa: "Racialmente, me defino como humano. Etnicamente, me defino mestiço". Para melhor compreensão da resposta, faz-se necessário diferenciar o conceito de raça do de etnia. O Relatório do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - InfoPen (2014) assim sintetiza¹⁰⁸: "entende-se raça como o grupo definido socialmente em razão de características físicas; por etnia entende-se grupo definido pelo compartilhamento histórico, religioso ou cultural". Stuart Hall desdobra os conceitos:

¹⁰⁸

Para os fins do relatório.

A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de lugar – que são partilhadas por um povo (...)

[a raça] é uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas corporais – cor de pele, textura de cabelo, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2005, p. 62-63 citado por CARDOSO, 2008, p.37).

No livro "Hip-Hop Interdisciplinar"¹⁰⁹, explico que raça¹¹⁰ serve para compreender os/as negros/as no Brasil, mas não necessariamente os/as negros/as, por exemplo, do Senegal ou em outros países do Continente Africano. Para esses, o conceito apropriado é o de etnia, devido principalmente à imensa diversidade religiosa e linguística entre os diversos povos que lá existem. Essa diversidade que caracteriza tais povos como grupos étnicos, no Brasil se vê entre os indígenas, mas não entre os/as negros/as, salvo no caso de imigrantes¹¹¹. Portanto, no Brasil, embora raça(s) sirva(m) para nos referimos, por exemplo, aos/às negros/as e brancos/as, no caso dos/as índios/as, o mais adequado é a expressão etnia(s) ou povo(s).

Mestiço é correspondente à raça, remete à mistura, à multiplicidade; e etnia, à unidade. Para Munanga (2003, p.12), etnia "é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território". Assim, quando De Leve afirma "Racialmente eu me defino como humano. Etnicamente me defino mestiço" assume a posição política de afirmar-se ambigualmente, de modo não racializado conforme concepção de "raças" apontada por Rubia, enquanto construções histórico-sócio-políticas de afirmação e atribuição.

Mas, se como disse, diferente do que achava, a maioria dos/as *rappers* desta pesquisa reconhecem privilégios conferidos pela brancura, então, o que os faz não se declarar como branco/a embora reconheçam que a sociedade os vê como tal? Se entre eles/as há os que revelam pouca base argumentativa sobre as relações raciais, mas

¹⁰⁹ De própria autoria a ser publicado em 2016.

¹¹⁰ Raça abarca etnia. Posso me referir a várias etnias como sendo de uma mesma raça, a exemplo, posso dizer que ambas as etnias Zulus, Xhosa, Basotho, e Bapedi são da raça negra. O contrário é difícil conceber.

¹¹¹ Sobre o tema da imigração, Cf. (ANEXO 3), a música Naija, da *Rapper* Lurdez da Luz, feita com base na observação da mesma observação, da colônia Nigeriana, no centro de São Paulo.

também, os/as que demonstram pensamento crítico, consistente e politizado sobre o assunto? Uma segunda hipótese refere-se ao fato de que, embora tais artistas reconheçam privilégios, não se enxerguem como parte do problema, ou seja, racismo é problema do(s) outro(s). Assim, politicamente alguns se definem "mestiços", "humanos", "brasileiros" com base no futuro, na expectativa que fazem de uma sociedade justa, onde a aparência física não mais seja relevante, nem tampouco condicione tratamentos desiguais. É um posicionamento que chamo **crítico-passivo**. É crítico na medida em que denuncia o racismo, desigualdades e privilégios, porém, da sociedade, dos outros, não os próprios; é passivo, pois não age admitindo-se parte do problema, omite-se de uma crítica a partir da própria branquitude. Do contrário, poderiam se definir com base no presente, numa postura que denomino **crítico-ativa**, na qual, a partir da crítica aos próprios privilégios, se colocam como peça determinante, e mobilizadora de ações pró-equidade. A ambiguidade de se classificar como "mestiços", "humanos", "brasileiros", "aparece como artifício fundamental para que os sujeitos mantenham os privilégios, eximindo-se da responsabilidade moral" (SCHUMAN, 2014, p.137). Não é suficiente reconhecer que o fenótipo branco confere vantagens, é preciso assumir posições concretas de enfrentamento. Embora definir-se branco/a não indica necessariamente que o/a *rapper* adota postura "crítico-ativa", declara-se enquanto tal, já é um bom começo.

O branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas é também produtor ativo dessa estrutura, através dos mecanismos mais diretos de discriminação e da produção de um discurso que propaga a democracia racial e o branqueamento. Esses mecanismos de produção de desigualdades raciais foram construídos de tal forma que asseguraram aos brancos a ocupação de posições mais altas na hierarquia social, sem que isso fosse encarado como privilégio de raça. Isso porque a crença na democracia racial isenta a sociedade brasileira do preconceito e permite que o ideal liberal de igualdade de oportunidades seja apregoado como realidade. Desse modo, a ideologia racial oficial produz um senso de alívio entre os brancos, que podem se isentar de qualquer responsabilidade pelos problemas sociais dos negros, mestiços e indígenas (SCHUCMAN, 2012, p.14, citada por BENTO, 2002).

Assim, da mesma forma que é estranho se alguém pergunta a outro "qual sua orientação afetivo-sexual?" e ouve como resposta "brasileiro", também deveria ser estranho, ter essa resposta diante da pergunta "Como você se define racialmente?". Ser "brasileiro" é nacionalidade e não identidade racial, de gênero ou qualquer outra

categoria. Tanto que o IBGE¹¹², desde 1991, somente adota como critério para "Cor ou Raça" a sequência opcional: branca, preta, amarela, parda ou indígena. Como diz Gaspar - Z'África Brasil (2009?), na obra "Periafricana/BrasileiroZ":

Não tenha medo em dizer que tu é preto
 Não tenha espanto em dizer que tu é branco
 Não seja omissos em dizer que tu é índio
 Nos toca-discos corre sangue nordestino (...)

O trecho sugere a importância de se afirmar de forma racializada, sem perder de vista a identidade regional. Porém contrasta com a própria autodefinição de Gaspar enquanto "humano"¹¹³, em alguma medida, "mestiço". O mundo inteiro é "mestiço" na genética e "humano" enquanto espécie (MOORE, 2003). Assim, não basta cantar o orgulho negro, as desigualdades sociorraciais e a demanda por reparação. É necessário "discutir o lugar da branquitude nas relações raciais. É preciso enfrentar a versão conservadora da mestiçagem. Para mudar o quadro de aceitação da rotina racista, é preciso inventar uma nova versão do Brasil" (SOVIK, 2005, p.172), acima de tudo, colocando-se crítica e ativamente como peça do problema. Quem adota autodefinições evasivas e dúbias, politicamente, está, em alguma medida, *se eximindo* de reconhecer-se parte do dilema racial, podendo *omitir-se* em assumir sua responsabilidade no enfrentamento do mesmo. Em outras palavras, vendo o racismo como problema dos outros.

Até então, tenho me referido ao "humano" no aspecto mais político-semântico. Enquanto artista, educador - que na visão freiriana é indissociável da política - me pergunto: haveria alguma dimensão conceitual do "humano" que possa, em alguma medida, se configurar em uma referência coerente de luta antirracista? Farei algumas ponderações com perspectiva de organizar um pensamento sobre tal questão.

O ser humano e sua natureza constituem-se histórica e ontologicamente em duas direções: humanização e desumanização (FREIRE, 1996). A primeira é vocação histórica voltada para o "ser mais"; a segunda é a deturpação dessa vocação, o "ser menos" em função de uma "ordem" injusta, que incide diferentemente sobre oprimido e opressor (*idem*, 1987 citado por JESUS, 2010). Nesse processo, eminentemente

¹¹² Cf.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/notas_tecnicas.pdf

¹¹³ Cf. Quadro 4.

relacional, a humanização só se faz, segundo Fanon (2008, p.180), pelo reconhecimento do outro:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida.

Em sintonia com o pensamento de Paulo Freire¹¹⁴, Fanon defende a necessidade de "reconhecer" o outro em seu direito de "ser mais", em uma cidadania para além das convenções nacionalistas, "em direção a um novo humanismo" (*idem*, p.25), contrário ao projetado pela concepção ideológica européia. Para ambos os autores, a possibilidade de "desumanização" é um "risco" real, daí a exigência da "luta" que atestará "que ultrapasso a vida em direção a um bem supremo que é a transformação da certeza subjetiva, que tenho do meu próprio valor, em verdade objetiva universalmente válida" (*ibidem*, p.180). Tal visão se conforma com o paradigma de humanidade da região oeste da África, pelo qual Nogueira compartilha:

O modelo que emerge deste paradigma tem muitas características. Ele assume que todos os seres humanos deveriam ser [1] livres para crescerem e realizarem seus mais altos potenciais como seres espirituais [distinto da religiosidade, necessariamente]; [2] livres da opressão e dos ambientes humanamente degradantes; [3] livres para viver cooperativamente com qualquer ser humano que respeite sua humanidade; [4] livres para desenvolver o conhecimento sobre si mesmo (...); livres para atingir a dignidade humana sem barreiras artificiais que negam seu acesso aos campos de crescimento humano. (AKBAR, 2004, p.45 citado por NOGUEIRA, 2014, p.52)

Essa concepção de "humano" está relacionada à liberdade e ao respeito pela dignidade própria e do outro, conseqüentemente, ao "reconhecimento" (FANON, 2008) do outro em seu direito de "ser mais" (FREIRE, 1987). Nesse sentido, com a obra intitulada "Humanidade", Gaspar (2009?) prosea:

Indígena atitude, Negritude,
Pra que a Branquitude mude: só mais Humanidade
Sabe o que é ser um mano?
Sabe o que é ser um mano? (...)
Ser um mano é lutar por dia mais Humano
Sabe o que é ser um mano humano de atitude
De mudar de agir conduzir sua virtude
Além na resistência guerreiro não se ilude

114

Idem

É a luz pra que obtenha a consciência do ajude
 Fazendo sua parte pra que a atitude mude
 Bravamente lute cordialmente é solicitude
 Quilombolas dispostos a alcançar a plenitude
 Conhecimento é a fonte pro futuro da juventude
 Um Brasileiro na Babilônia com um mapa-mundi
 A preservação da Amazônia é Indígena atitude
 Pra que a Branquitude mude com dignitude
 Negritude é atitude humana Humanidade.

A letra me inspira no esforço de pensar essa dimensão do "humano", de modo que a luta pela abolição do racismo não seja comprometida. Assim entendo "humanidade" não como negação da identidade negra, índia ou branca. Para fins didáticos e com base na obra de Gaspar, defino

O que é "humanidade"?

Um movimento "virtuoso", de luta de "manos" e minas por dias melhores. "Atitude" de buscar "conhecimento", "consciência" e mudanças, pelo fim dos privilégios da brancura e valorização da identidade e cultura negra e indígena. De modo genérico, objetiva o reconhecimento das diferenças e da humanidade de todos os grupos raciais.

Por esse contexto, considero o pensamento de Gaspar coerente com o sentido de "humano" que não compromete o esforço antirracista, nem exclui as diferenças enquanto valor positivo. A "humanidade" do outro/a é uma condição, a "humanidade" corresponde a uma luta, uma busca dessa condição. Não vejo tal movimento como de afirmação identitária, do tipo "a partir de hoje deixei de ser branco/a e passei a me definir "humano/a", mas sim como uma ação que qualifica uma postura "sou branco/a e me oriento pela humanidade". Uma ação virtuosa semelhante a "branquitude crítica" (CARDOSO, 2008) como veremos mais para frente.

Também de modo poético, Fanon (2008) contribui decisivamente para o debate: "Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano. Um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar minha liberdade" (*Ibidem*, p.189). Nessa perspectiva, sentir-se livre para escolher caminhos é uma obrigação. E justamente em função do meu direito a "exigir do outro um comportamento humano", que opto, "luto" pelo "reconhecimento" individual e

coletivo da humanidade dos não-brancos. "A afirmação humana somente é possível quando a identidade branca não se constrói em detrimento de nenhuma outra" (CARDOSO, 2014, p.267). No olhar de Milton Santos:

Pode-se dizer, como fazem os que se deliciam com jogos de palavras, que aqui não há racismo (à moda sul-africana ou americana) ou preconceito ou discriminação, mas não se pode esconder que há diferenças sociais e econômicas estruturais e seculares, para as quais não se buscam remédios. A naturalidade com que os responsáveis encaram tais situações é indecente, mas raramente é adjetivada dessa maneira. Trata-se, na realidade, de uma forma do apartheid à brasileira, contra a qual é urgente reagir se realmente desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil. (SANTOS, 2000¹¹⁵)

A exemplo da luta negra, considero político e pedagogicamente estratégico lembrar, a todo o momento que, se geneticamente não existem raças, sociologicamente existem. Defender que, pela valorização da negritude, será importante, por muito tempo ainda, a raça negra auto afirmar essa identidade, se fortalecer para suprimir os efeitos negativos dos estereótipos e deturpações históricas. Se fortalecer para eliminar as desigualdades sociorraciais para que um dia, quem sabe um dia, faça sentido dizer "somos todos da raça humana" ¹¹⁶.

Assim, a dimensão humana a qual reflito, não sobrepõe a necessidade de auto identificação racializada, como negros/as, índios/as, brancos/as. Mesmo "o sujeito pardo ou branco-mestiço, carregados de elementos de um e outro, da negritude e da branquitude, deve constituir-se e posicionar-se" (LOPES, 2014, p.66). Torna-se uma "bússola" interna a orientar-nos para a compreensão do que aponta Fanon, ou seja, "exigir do outro" é um "direito" e não uma obrigação, imposição. Se o limite não for respeitado, "se fecho o circuito, se torno irrealizável o movimento [de reconhecimento] nos dois sentidos, mantenho o outro no interior de si" (*idem*, p.180)

2.2 Classe e raça

Neste sub-capítulo, com base em composições e respostas ao questionário, discutirei como as duas categorias acima referidas são abordadas e articuladas pelos/as

¹¹⁵ Fonte: Folha de S.Paulo - Mais - brasil 501 d.c. - 07 de maio de 2000.

¹¹⁶ Utilizei o termo "raça humana" na frase em seu contexto de afirmação popular. Em ciência o termo adequado seria "espécie humana" (PENA; BIRCHAL, 2005-2006).

artistas e como, o que denomino "padrão Racionais", tem extrapolado as classes afetando também *rappers* negros das camadas populares. Aliado a isso, investigarei se o discurso de classe se sobrepõe ao de raça.

No questionário não há pergunta relacionada diretamente à classe. Mas é possível constatar, através de diferentes respostas, além das composições, como os/as *rappers* pensam tal categoria articulada à de raça. Como vimos anteriormente, o termo “*playboy*” é usado com certa frequência para desqualificar os/as *rappers* brancos/as. Pelo contexto das críticas e da abordagem do tema nas músicas, o *playboy* sintetiza bem o entrelaçamento entre as categorias de raça e classe. O tema levou Gabriel o Pensador a compor duas letras musicais: "Retrato de um playboy (Juventude Perdida)¹¹⁷" (1993) e "Retrato de um playboy - parte II"¹¹⁸ (2003). Em suma, tal designação se refere ao homem branco com alto poder aquisitivo, hedonista, machista, potencialmente agressivo, que leva a vida de modo desregrado e irresponsável.

(...) Se alguma coisa está na moda então eu faço também
 Igualzinho a mim eu conheço mais de cem
 Só faço tudo o que eles fazem então tudo bem
 Não quero estudo, nem trabalho, não vem que não tem
 Porque eu sou um playboyzinho e disso não me envergonho
 Não sei o que é a vida, não penso, não sonho (...)
 Eu digo onde a playboyzada prolifera-se a mil
 É num país capitalista pobre como o Brasil
 Onde não somos patriotas nem nacionalistas
 Gosto das cores dos States com as estrelas e as listras
 E o que eu sinto pelo país é o que eu sinto pelo povo
 Olha só que legal quando eu pego um ovo
 Entro no carro com os amigos e levo o ovo na mão
 (Olha o ponto de ônibus: Freia aí meu irmão!!)
 E eu tacho o ovo bem na cara de um trabalhador
 Que esperava o seu ônibus, que passou e não parou
 Que maneiro eu não ligo pra quem tá sofrendo
 Em vez de eu dar uma carona, eu deixo o cara fedendo
 Que legal se um mendigo me pede um cigarro
 É apenas um motivo pra eu tirar mais um sarro
 Sacanear um mendigo é a maior diversão
 Não tem problema há quantos dias ele não come um pão
 E por falar em pão que eu como todo dia
 Eu me lembrei da empregada que se chama Maria
 Ela me dá comida me dá roupa lavada
 Mas quando eu tô presente ela é sempre humilhada
 Você precisa ver como eu trato a coitada
 Eu a rebaixo, a esculacho, e fico dando risada (...)

Na segunda versão, aqueles que se enquadram no rótulo de *playboy* continuam com as mesmas características, porém com maior disposição para cometer violências.

¹¹⁷ Cf. <http://letras.mus.br/gabriel-pensador/65056/>

¹¹⁸ Cf. <http://letras.mus.br/gabriel-pensador/65101/>

Só ando com a galera e bato nos mané,
 Mas quando eu tô sozinho eu só bato nas mulhé (...)
 O papai e a mamãe me dão do bom e do melhor
 E quando eles viajam eu fico com a vovó
 Papai é meio ausente e eu sou meio carente
 Mas se falar do meu papai você vai ficar sem dente
 Já sou bem grande, já sei me virar
 Sei até dirigir, só não aprendi a conversar
 Eu não discuto, chuto, eu não debato, eu bato
 Não sei bater um papo mas resolvo no sopapo
 Entro no meu carro e o pedal vai no chão
 "Olha o cara ultrapassando pisa aí meu irmão"
 O cara me encarou aí eu dei uma fechada
 Peguei o extintor e parti pra porrada (...)
 Macho é isso, não brinca em serviço
 Macho é robusto, macho é roliço
 Macho é parrudo, macho é pescoçudo
 Macho é poderoso, macho é tudo (...)
 É até engraçado, to na delegacia encarando o delegado
 Eu não decido nada to esperando advogado
 Papai já ta chegando pra deixar tudo acertado
 Dei até entrevista, vou sair na TV
 Que maneiro, eu adoro aparecer
 E na hora da foto eu fiz cara de mal
 Amanhã minha galera vai me ver no jornal, aí.
 Sou playboy, filhinho de papai
 Eu tenho um pitbull, e eu imito o que ele faz
 Sou playboy, filhinho de papai
 Eu era um debilóide, fiquei ainda mais

Em ambas as canções ficam evidenciadas a falta de educação familiar, a ausência de limites bem como de uma sociabilidade voltada acima de tudo para o respeito. A brancura aliada a uma alta condição financeira torna-se poderosa imunidade contra as punições pelos atos de violência. O privilégio cumpre sua função (BENTO 2003).

Em sua pesquisa sobre Gabriel O Pensador, Carla Domingues Ferreira (2009) realizou um levantamento na extinta rede social Orkut, observando a opinião sobre esse artista, através de duas comunidades virtuais. A primeira chamada "Gabriel O Gênio Pensador", possuía mais de 64.000 (sessenta e quatro mil) inscritos. Dessa, ela selecionou o fórum "Rap do Mano Brown", para comparar o perfil que os simpatizantes do estilo fazem de Gabriel, e do Racionais MC's. Como exemplo, seguem duas falas:

Lello: Com certeza o Gabriel teve que lutar muito pra chegar onde chegou ainda mais que ele é "branco" e veio da classe média, sofreu muito com isso, e ainda tem os

babacas que falam: Ah, Gabriel não é RAP, veio da classe média e tal, ignorância por parte de alguns, mas pela grande maioria e pelos mais conceituados ele é reconhecido e digo mais, o som do Gabriel vai muito além do RAP!!!! Gabriel faz música que não é só pra quem é fã de RAP”

Vital: (...) O que distingue um *playboy*, eh sua ideia não sua origem. A atitude prevalece sempre, Gabriel eh muito inteligente e merece respeito (sic)
(FERREIRA, 2009, p.22)

Percebe-se em ambos os depoimentos que Gabriel é defendido das críticas feitas com base no que chamo "padrão Racionais". Didaticamente

O que é o "padrão Racionais"?

Defino como uma visão de um grupo específico de simpatizantes da música Rap, que inspirado no perfil comportamental do grupo Racionais MC's, atribui aos demais grupos e artistas do gênero e/ou suas obras, um julgamento de "legitimidade" ou não, pelo que consideram ser "*rapper* verdadeiro" ou "Rap de verdade": ser negro/a, da periferia, cantar assuntos relacionados ao cotidiano periférico e não aparecer na grande mídia, sendo que essa última condição é a que mais pesa no julgamento sobre os cantores.

Uma das características dos que incorporam tal padrão quando querem criticar seus alvos é chamá-los de "playboy". O participante chamado Vital atribui um eufemismo ao significado de "playboy", colocando como irrelevante a origem, condição social e a raça para tal classificação. Assim, a partir da condição de classe, daria margem para se falar em playboys negros. Veremos que na prática tal ideia não se sustenta uma vez que tal categoria articula classe, raça e comportamento.

A segunda comunidade intitulava-se Racionais MC's e tinham mais de 357.000 (trezentos e cinquenta e sete mil) participantes. Com base no fórum de discussão: "O que vocês acham do Gabriel O Pensador?", seguem alguns depoimentos, a fim de verificarmos como o "padrão Racionais" se manifesta.

William Pedra 90: ele até q rima bem, mas é rap pra boy
(sic)

Léo Sub: algumas músicas salvam!!! Mas eu nem considero o som do cara como Rap não!!!! Racionais , Facção , MV Bill , Realidade Cruel isso sim é rap!! (sic)

PAC: (...) pra mim a intenção do Gabriel às vezes é boa em suas letras, mas pra mim não é rap não é só palavras rimadas (sic)

Orual: muito pensativo pensa demais canta bem, mas... como nós todos aqui da comu estamos acostumado com rap q fala da favela, do Brasil podre, de racismo e vários outros protestos.... o Gabriel pensador naum tem músicas q encaixa na nossa mente como rap. vamos dizer q ele seja um cantor de hip hop pop.. e ele se vende fácil as mídias, mais um motivo pra ele naum ser cantor de rap. he essa aí minha opinião.... (sic)

Aninha: eu gosto (do Gabriel) só que a realidade dele é outra ele fala sobre o que ele vê na televisão, diferente dos racionais que passam ou passaram por isso. mas é legal escutem que vcs vão gostar (sic)

Mario Kerque: Ele não é da favela!! Os raps dele é foda! Num chega nem perto do nosso mestre Brown! É um boy querendo dá uma de pobre!! (sic)
(FERREIRA, 2009, p.24-25)

Se confirma o "padrão". As críticas, mesmo quando reconhecem o talento de Gabriel, ressaltam que sua obra "não é Rap", pois ele "não é da favela"; não fala da realidade da periferia, mas sim do que somente "vê na televisão"; "é um *boy* querendo" se passar por "pobre"; que faz música "para boy" e "se vende fácil as mídias".

No contexto do Hip-Hop, chamar alguém de "playboy" geralmente representa uma grande ofensa. É comum letras de *rappers* brancos/as se defendendo dessa rotulação. Encontrei duas composições do baiano Shark nesse sentido. Na música "Chega" ¹¹⁹, ele começa simulando a fala de quem o critica:

"Ah, mano, você é playboy e nunca fez Rap,
Para de fazer isso, dá um tempo e vê se esquece"
Isso aqui é pra provar, trampo de noite, noite e dia
Se tenho motivo pra falar, é porque eu sempre fui correria

Shark se resguarda da provocação afirmando que sempre foi "correria", ou seja, trabalha "duro", intensamente. Em "Quem vai me segurar" ¹²⁰ é a vez dele de provocar:

Pra quem não botou fé, seu argumento me diz qual é?
O Shark é um playboy ou não passa de um mané?
Vai na fé, continue assim me julgando

¹¹⁹ Cf. <https://youtu.be/G5o95FmPDQA>

¹²⁰ Cf. <https://youtu.be/xZdfGWDDXMM>

Enquanto cê tá na mesma, minha calculadora vai trabalhando
 Engordando o meu, descontando o seu
 Quem falou de mais? Quem? Quem foi que venceu?

Como o termo “*playboy*” já contém implícito se tratar de um indivíduo branco, no geral, as defesas não fazem menção direta à cor - como se fosse uma redundância - somente ao que consideram mais grave: ser visto como "vida fácil", "preguiçoso". O *rapper* DJ Alpiste, na canção "Pela grana" ¹²¹ enfatiza essa característica maior de um *playboy* enquanto "eterno" desocupado:

Pra que tanto dinheiro se o melhor dessa vida
 Ninguém pode comprar, o amor verdadeiro
 Só em Deus você vai encontrar
 Pelo dinheiro muita gente se corrompe
 A ganância destrói o coração do homem (...)
 O *playboy* que tem grana mais nunca trabalhou
 Não sabe de onde vem, nem nunca deu valor
 É, nunca sofreu por um prato de comida
 Nunca passou necessidade na vida

Afirmar-se "correria" é um recurso muito valorizado na cena H2. Porém, na contramão, De Leve, no seu Rap: "Só pode ser sonho" ¹²², assume-se "vagabundo" ironizando a classe social a qual pertence e o contexto de desigualdade no País:

Mas eu sou vagabundo, diferente de todo mundo
 Oriundo de uma classe antes média, hoje pobre
 Que come ovo todo dia, mas arrota carne nobre
 Sendo que minha mãe era pobre, meu pai, nordestino
 Tento manter dignidade, mas será que meu destino
 É continuar igual a eles ficando duro? (...)
 Sem conseguir entender porque não tem o que comer,
 Nós, vós e ele, vendo que tu só pensa em você...
 Mas se tudo fosse de todos não ia ser legal
 Ninguém ia mendigar pra ganhar um real
 O mundo não seria mais tão desigual
 Mas aaahh só pode ser sonho!
 (DE LEVE, 2010)

Essa exaltação do baixo poder aquisitivo pode ser uma estratégia artística para ser melhor aceito na comunidade Hip-Hop, na qual a música Rap historicamente é considerada som de preto, oriundo das camadas populares, onde "ser correria"

¹²¹ Cf. <http://www.kboing.com.br/dj-alpiste/1-1185881/>

¹²² Cf. <http://www.vagalume.com.br/de-leve/so-pode-ser-sonho.html>

prevalece. O fator social é apresentado como algo que pode aproximar a classe média da pobre; o que não o livra de ser vítima por parte de artistas não brancos, de críticas e acusações de *playboy*. Assim, no Rap intitulado "Eu Rimo"¹²³, o cantor continua ironizando:

(...) Elza disse que sou playboy, não nego,
 Afinal minha mãe é manicure, meu pai é taxista e moro em Niterói
 Meu irmão é bombeiro, não ganha dinheiro, mas é herói
 Na hora de salvar roubam seus óculos e a raiva corrói (...)

Na faixa "Melô da Amônia"¹²⁴ De Leve também se defende:

Quando cê me ligou, eu não tava em casa tão bem assim
 Eu nem te falei mas tava sem um finim
 E tava precisando aliviar toda dor que eu tive
 Ate liguei prumas amiga, (e ai gatinha?) ninguém ofereceu nada, é 'incrivi'
 E eu não sou um *playboy*
 Vim de Niterói, mas não sou *playboy*
 Eu tenho que ralar pra comprar
 Ligar pro amigo e barganhar
 Ficar devendo ou rachar
 Pra poder ficar feliz, voando pelo céu
 Mas com U. P. P., nego encareceu pra dedéu (...)

A música aborda a relação do usuário em torno da maconha, a procura pelo "finim", para relaxar, "poder ficar feliz, voando pelo céu". Porém, após instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), a droga ficou cara na região. Se está cara, só "*playboy*" pode adquirir sem dificuldade, coisa que ele não é; afinal tem "que ralar"¹²⁵ pra comprar". Com seu talento para ironia, seria interessante conhecer do mesmo uma obra em direção oposta, que reconhece vantagens em relação a seu irmão negro, e que questiona tais privilégios a partir dos seus próprios traços de branquura.

O *rapper* Suave, do grupo Jigaboo, na música "Qual é a cor?"¹²⁶ (1997), não só se afirma branco, como problematiza a questão também de modo irônico:

Qual é a cor do teu estilo e que predomina?
 Alguns têm pouco, outros têm bastante melanina
 A minha cor é transparente como um copo d'água
 Porque pra mim a tua cor não quer dizer nada

¹²³ Cf. <http://www.vagalume.com.br/de-leve/eu-rimo.html#ixzz3gU50nhs2>

¹²⁴ Cf. <http://www.vagalume.com.br/de-leve/melo-da-amonia.html>

¹²⁵ Suar; trabalhar muito; fazer grande esforço.

¹²⁶ Cf. <http://letras.mus.br/jigaboo/392319/>

Eu faço rap sendo preto, branco ou amarelo
 Tenho mais "collor" do que aquele Fernando de Mello
 Não sou racista, nem nazista, sou da raça mista
 Rap não é onda, mas se fosse eu era surfista
 Não discrimino mas as vezes sou discriminado
 Por ser um rapper loiro, branco e de olho claro
 Eu nunca fui aquele bom filhinho, bom aluno
 Subi no morro duas vezes só pra compra fumo
 Fazia shows com a rapaziada, barra pesada
 Mas comigo nunca aconteceu nada
 Andava com neguinho pobre, odiava rico
 Pichava em muro branco pra deixar meu nome escrito

Ele, que também canta na primeira pessoa, e se define como "loiro, branco e de olho claro", ressalta essa condição para apontar a discriminação que sofre e não para reconhecer privilégios que suas características fenotípicas lhe confere. O verso "A minha cor é transparente como um copo d'água", sugere uma postura neutra, ou seja, uma vez que se é "da raça mista", a melanina deve ser um fator sem importância para quem canta Rap, o que é uma perspectiva que desejo para um futuro justo. Talvez como forma de se defender do rótulo de *playboy*, a diferença social é apresentada num contexto de aproximação do *rapper* com um mundo diferente do seu, seja subindo o "morro duas vezes só pra comprar fumo" ou andando com "neguinho pobre".

Sobre a legitimidade em cantar Rap baseado no "padrão Racionais", a mesma crítica que afeta o branco de classe média e alta, considerado um "playboy", também tem afetado o/a *rapper* branco da periferia. Como já visto, JASF alega¹²⁷ que mesmo sendo "pobre e sofrendo as mesmas mazelas", enfrentou empecilhos por ser considerado *playboy* entre adeptos do Movimento. Ele reconhece que "diante da sociedade Racista (...) teria muito mais chance pra crescer em qualquer área do que cada irmão e irmã de pigmentação de pele mais escura". Porém compreender tal questão "sempre fez com que lutasse contra os privilégios de cor, e por isso nunca [reclamou] de ter existido barreira no início". Para Cardoso (2010, p. 182):

Problematizar o branco pobre ilustra a complexidade existente quando se olha de perto o indivíduo ou grupo branco. Em uma modesta hipótese, acredito que problematizar a branquitude na sua diversidade pode contribuir para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre as sutilezas da lógica de classificação social que, ao resultar em múltiplas e distintas hierarquias, gera prejuízos para uns e privilégios para outros. Se, como já foi assinalado, o ponto em comum entre os diversos grupos brancos seria a obtenção de privilégios, é natural que os privilégios obtidos sejam diversos entre si. A

127

Cf. Quadro 1 do sub-capítulo "Tensões e melindres - "brancos/as cantando música de negro/as"

compreensão dos múltiplos aspectos da branquitude pode resultar na maior complexificação das diferentes formas de privilégios obtidos pelos brancos (...)

Em um fórum¹²⁸ sobre o então CD divulgado do Rapper C4bal (Cabal), em 2010, alguém que assina como Manotuemcontraste, escreveu:

(...) mó patifaria esse playboy ai (...) num sei pq tem uma pá de pessoas ai que falam bem do CABAL... ELE NUM É PERIFERIA!!!! NUM FAZ RAP PRA TIRAR MANOS DO CRIME, NUM FAZ RAP QUE LEVE AS CRIANÇAS A TEREM UMA IDÉIA MAIS FMZ (**firmeza**), A ESTUDAREM... ELE SÓ FICA FALANDO DE BALADINHA... tem gente ai falando pra DEIXAR DE LADO A REALIDADE, tá de brincadeira né... Se essas pessoas ainda não perceberam TODOS OS OUTROS TIPOS DE MUSICAS (axé, forró, sertanejo “o de agora”, rock) Não defendem a periferia, não defendem o pobre, se o RAP virar nessa bosta que certas pessoas querem daí ja era de verdade msm, ninguém vai defender a periferia... CABAL faz musica (pois ele nunca foi ou vai ser rapper) para ganhar DINHEIRO e ostentar coisas para si próprio, a mente do verdadeiro RAPPER o verdadeiro guerreiro da periferia é de ajudar os outros e não de pensar em si próprio... O certo é fazer uma coisa: que o Cabal crie um novo titulo pras musicas dele e não diga que é rapper, que ele invente outro nome (...)(sic)

Uma característica implícita na fala e que é comum em outras críticas, é desassociar o Rap de um caráter profissional, comercial. Aqui também se verifica o "padrão Racionais" atrelado a outras exigências. O Rap é defendido como uma arte eminentemente solidária, voltada exclusivamente para educar e defender os pobres, de autoria restrita a quem "é periferia". Como para ele as músicas de C4bal não se enquadram nesse contexto, logo não pode ser considerada Rap. O artista rebateu as críticas respondendo:

Realmente, irmão, falei que não sou ‘favela’ porque eu não nasci, nem cresci em uma. Seria ridículo eu falar que sou ‘favela’, não? E quem disse que pra ser *rapper* tem que ser ‘favela’? Rap é música e música é pra todo mundo. Quem são os ‘verdadeiros’ do Rap? Thaide, DJ Hum, RZO, Afro X, DJ Alpiste, entre outros, fecham comigo e pergunta pra qualquer um deles se eles não querem ‘lucrar’. Eu quero ajudar a periferia, assim como todos os *rappers*, mas como vamos ajudar a periferia se a gente não tiver dinheiro? Eu faço Rap por amor, mas o Rap é meu trabalho, diferente do que pensam, não sou ‘playboy’, sou pai de família, trabalhador, e você deve saber que só amor não põe comida na mesa. Amo o Rap, muito, por isso mesmo quero ver os *rappers* ‘engordando os bolsos’, porque quem ama o que faz, merece ser recompensado e nós merecemos isso. Outra coisa, o Rap não tira ninguém do crime, não faz nenhuma criança a ter uma idéia ‘mais firmeza’, o Rap ajuda, mas isso vai de cada um e falando em crianças, engraçado que, cada vez

128

Cf. <http://www.rapnacional.com.br/portal/cabal-responde-os-comentario-do-rapnacional/>

mais, a molecada ta deixando de ouvir Rap pra ouvir Funk, porque será? Porque a molecada quer se divertir, então o que é melhor, a molecada ouvir Rap pra se divertir, ou ouvir Funk? Você quer ‘defender’ a periferia, irmão, faça dinheiro e ajude sua comunidade, porque ficar reclamando, não muda nada, infelizmente.

Consta em artigo¹²⁹ publicado no site "TrabalhoSujo" sobre o *rapper* C4bal que, assim como Gabriel O Pensador, é de classe média alta. De acordo com as informações fornecidas por esta fonte, seu perfil social e artístico é assim definido:

Morou com a mãe radialista em Nova Iorque, formou-se em administração de empresas e fez estágio no Citibank. Sua história de vida destoa da maioria dos *rappers* brasileiros, assim como sua pele clara e seus olhos verdes. Também em oposição à tendência principal do rap nacional, suas letras falam mais de festa e de mulheres do que de problemas sociais. Segundo se lê em seu release, ele “acredita que não precisa cantar desgraças para fazer um bom rap”. (MATIAS, 2011)

C4bal (Cabal) afirma "Eu quero ajudar a periferia", mas não explicita de que maneira, em sua fala, nem em suas canções. Muitos dos questionamentos sobre as consequências dos/as brancos/as no Rap se dão em função do perfil descompromissado, da apropriação para si de um capital simbólico e material de origem negra, sem retorno coletivo para os mesmos. Questiona-se o "destino do rendimento da produção cultural" (SOVIK, 2009, p.163). Sobre isso, o produtor e empresário negro Celso Athayde, em entrevista¹³⁰, reclama:

O Hip-Hop, o rap, tem que discutir, por exemplo, o poder dos brancos no Hip-Hop, e descobrir se eles são os buchas¹³¹ do movimento ou se o movimento está democraticamente dividido. Essa discussão foi perdida, muitas discussões foram partidas, a única discussão é saber quem está fazendo mais sucesso para falar mal. (ATHAYDE, 2010)

Na mesma direção crítica, o *rapper* negro, Coscarque (2015), compartilhou em seu perfil do facebook¹³² o depoimento intitulado "Rap'ensando", no qual desabafa:

¹²⁹ Cf. <http://trabalhosujo.com.br/emicida-versus-cabal-encenando-conflitos-reais-por-ricardo-indig-teperman/>

¹³⁰ Cf. <http://www.mundodarua.com.br/home/?p=737>

¹³¹ Na gíria, dentre outros sentidos, refere-se ao aproveitador, espoliador.

¹³² Na data 22/07/2015. Cf <https://www.facebook.com/coscarque.cosquality?fref=ts>

O que temia é a realidade que: Mais uma vez o que foi criado pelos negros está sendo tomado por uma elite branca. (...) o que vemos hoje é o embranquecimento desse ritmo negro. (...) O rumo que vemos é a repetição do mesmo fenômeno que aconteceu com tantos outros ritmos criados pelos negros que sofreram perseguição, resistência, portas fechadas, marginalização e que depois de tanto insistirmos e criarmos uma demanda de procura, chega a "indústria" (entenda, os oportunistas branco\$\$\$) (sic) com sua tal "Ajuda" e pega um dos nossos, lança na mídia e começa seu processo de embranquecimento na "calada da noite", pois enquanto você roncar eles roubam sem alarde. O pior de tudo é que estamos endeusando e legitimando esse movimento, estamos esquecendo nossas lutas e causas, esquecendo porque rimamos, a quem realmente devemos direcionar nosso discurso. Sou a favor dos Raps chegarem em todos lugares, romper fronteiras e ser cada vez mais respeitado, mas chegar sendo vazio? Não dá mano.

O baiano Coscarque (*idem*), dentre outras, critica a "indústria" cultural. Teme que aconteça com o Rap o mesmo que se deu com o Rock, que, apesar da origem negra, tornou-se popularizada como "som de branco", beneficiando simbólica e materialmente esse grupo racial a ponto de forjar um deles - Elvis Presley - como "rei" do estilo. Para fins didáticos:

O que é indústria cultural?

É um aparato técnico-ideológico que integra o sistema de poder da classe dominante branca. É composto, dentre outras instâncias, pela mídia de massa e como qualquer sistema "cada sector é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985. p.57). Essa rede de negócios fundada no liberalismo caracteriza-se pela padronização de bens culturais, voltados exclusivamente para um mercado de entretenimento. Enquanto produtora em série de "pseudo-cultura", nega qualquer outro caráter que não se volte para diversão - seja de resistência, educação, apreciação estética etc.

O/a *rapper* politizado/a, não-embranquecido/a ou disposto/a a tal, é ignorado. "A resistência é encarada como um sinal de má cidadania, como incapacidade de se divertir" (ADORNO, 1986, p. 142 citado por MONTI, p.5). O/a artista que for lançado/a por essa "indústria" será só mais um produto útil enquanto permanecer adestrado a sua lógica mercantil. O poder da "indústria cultural" está diretamente ligado às

"necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive, suspendendo a diversão." (*idem*, 1985. p.68).

No contexto de privilégios estruturados pelo racismo, no geral, o/a artista branco/a não encontra barreiras para inserir-se aos ditames dessa indústria. Ele/ela é o modelo fenotípico funcional dessa engrenagem. Apropriar-se de uma expressão artística originária de um grupo historicamente excluído dos seus Direitos Humanos, das condições dignas de vida, provavelmente não crie coibição, intimidação ética, se não encontrar resistência, conflito por parte dos injustiçados. A responsabilidade moral pela exploração da "propriedade alheia" pode ser abafada emocionalmente pelo/a *rapper*, uma vez que tende ser assumida pela estrutura institucionalizada. É o normal, faz parte da natureza da mesma. Essa "porta da esperança", em verdade, é um campo minado em que raramente se passa por ele incólume.

Para quem considera essa questão como algo menor, deve buscar desenvolver empatia, se colocar na situação de ser pobre e afetado por diferentes contextos de desigualdades, principalmente étnico-racial. Por exemplo, imaginar que, em meio a tal contexto, com talento e criatividade desenvolveu um produto útil e interessante para muitas pessoas no mundo, que comercialmente colocaria a si e outros semelhantes, em uma condição social justa e confortável. Mas sem patentear¹³³ a invenção - fruto de sua inspiração, esforço e trabalho - ver sua propriedade intelectual sendo "furtada" por outro já privilegiado "pela vida", que se aproveita sem nenhum constrangimento ético para fazer riqueza que, por um mecanismo injusto, se desdobra com propulsão beneficiando a si e seus pares. O que está se falando sobre a apropriação das músicas de origem negra, do "som de preto" é nessa perspectiva contextual, ético-político-cidadã (SANTOS, 2010).

Para Coscarque (2015):

Precisamos dar continuidade às lutas raciais, às lutas de classes, lutas de gênero, lutas educacionais, lutas políticas. Essas lutas são mais que nunca demandas emergenciais, é só olhar o caos que estamos passando em todas as partes do mundo. (...) depois não adianta chorar pelo leite derramado, ou melhor o café. Eu quero ver é a coisa ficar preta.

¹³³

Registro documental formalizado, expedido por uma repartição pública, por meio do qual se reconhecem direitos de propriedade e uso exclusivo para uma invenção ali descrita amplamente.

Retomando a crítica de "Manotuemcontraste" e resposta de C4bal, enquanto uma referência de classe é utilizada para criticar o *rapper*: "não é periferia", ele traz outra referência de classe em sua defesa, mas sou "trabalhador". Ele argumenta a favor do caráter profissional da música Rap como meio de sustento pessoal e familiar. Porém, sua afirmação "o Rap não tira ninguém do crime, não faz nenhuma criança a ter uma ideia 'mais firmeza'¹³⁴", ou seja, o Rap apenas "ajuda", é controversa. Em outras palavras, sair do crime ou ter um pensamento mais consciente sobre sua condição social, "vai de cada um". A questão é que, nesse contexto, "vai" tem o mesmo sentido que "depende". Daí, pergunto: depende do que mesmo de cada adulto ou criança? Do esforço? Do desejo? Da instrução? Ainda que se entenda que depende das três ou mais qualidades juntas, se uma música tem o poder de sensibilizar um indivíduo a tal ponto de evitá-lo seguir uma vida criminosa de alta exposição ao perigo e risco de morte, o que o impede de se referir a essa situação como "salvação", não no sentido religioso, mas político-pedagógico? Não à toa que "Hip-Hop salvou minha vida" é uma frase que estampa a camisa de muitos artistas e simpatizantes no Brasil. Sinônimo de o Hip-Hop *me fez contrariar as estatísticas* apontadas, por exemplo, na introdução da música *Capítulo 4 Versículo 3*¹³⁵, do grupo Racionais MCs (1997):

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial;
 A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras;
 Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros;
 A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo;
 Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente...

Curiosamente, essa expressão conservadora que estou chamando de "padrão Racionais" gera uma intransigência que tem se voltado até mesmo contra *rappers* negros/as, com passado de exclusão social, como MV Bill e Emicida, acusados de "se vender ao sistema" ou fazer "Rap modinha", "Rap de playboy", principalmente por aparecer na grande mídia¹³⁶. Talvez, no caso de MV Bill, a crítica seja reação por uma invigilância que o tenha feito "abusar" demais dessa exposição na grande mídia, chegando a contextos estereotipados. Por não ter se prevenido, conforme Milton Santos:

¹³⁴ Pensamento crítico, politizado sobre o próprio contexto social e projeto de vida.

¹³⁵ Cf. <http://letras.mus.br/rap-na-fita-musicas/78050/>

¹³⁶ Cf. comentários aos vídeos "Mv Bill So Deus pode me Julgar Ao vivo Faustão 25 04 04" <https://www.youtube.com/watch?v=0tI7Kqpm7OM> e "Emicida - O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui (disco e doc.)" <https://www.youtube.com/watch?v=Oe6dpYScIKE>

Mas quantas vezes tive, sobretudo neste ano de comemorações, de vigorosamente recusar a participação em atos públicos e programas de mídia ao sentir que o objetivo do produtor de eventos era a utilização do meu corpo como negro -imagem fácil- e não as minhas aquisições intelectuais, após uma vida longa e produtiva. Sem dúvida, o homem é o seu corpo, a sua consciência, a sua socialidade, o que inclui sua cidadania. (SANTOS, 2000¹³⁷)

Nem mesmo o grupo Racionais tem se mantido livre de receber críticas¹³⁸ com base no padrão forjado na postura deles próprios. Cobra-se uma "coerência" centrada numa atitude que deve ser imutável, em função do que seus membros sempre pregaram, a exemplo do DJ KL Jay, que num bate-papo *online*¹³⁹ (2007), ao ser perguntado sobre a conduta de negação em aparecer na grande mídia, justifica: "a partir do momento que a gente abrir para a mídia, será o começo do fim para o Racionais. As coisas se conquistam aos poucos, sangue".

Para *rappers* como Gaspar, o privilegio que a sociedade confere aos/às de fenótipo branco só se verifica para quem não é da periferia, uma vez que essa confere tratamentos iguais para negros e brancos.

Na periferia de São Paulo e em todo país, ser periférico já é visto como elemento suspeito, pelo estado, pela polícia, pela burguesia que reproduz a violência que ela insiste em se proteger... ainda mais sendo preto, indígena, branco pobre de periferia também é visto como elemento suspeito (...)

Assim, a categoria de classe se sobrepõe completamente a de raça. Gaspar não considera que mesmo em condição de pobreza os privilégios da brancura atuam nas mais diferentes áreas, e a da segurança é um forte exemplo. Para MC Osmar: "As questões raciais estão inseridas no modo de vida da periferia" e ao que se refere à exposição à violência, reconhece ser "notório que o maior número de mortos é de negros", porém relativiza: "quando se fala em "pobre, preto da periferia" somos todos nós porque os galegos também tão morrendo, os negros embranquecidos que se envergonham de sua negritude também". Galegos estejam morrendo e tal fato também é condenável, mas em função dos seus traços de brancura, terão, em alguma medida,

¹³⁷ Fonte: Folha de S.Paulo - Mais - Brasil 501 d.c. - 07 de maio de 2000.

¹³⁸ Cf. comentário ao vídeo "Edi Rock no Caldeirão do Huck Show de bola. Momento histórico". <https://www.youtube.com/watch?v=pWyPvXWsjxU>

¹³⁹ Cf. <http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/musica/dj-do-rationais-mcs-kl-jay-fala-sobre-o-lancamento-do-primeiro-dvd-do-grupo.jhtm>

vantagens diversas em relação aos seus "irmãos" de traços africanos. "Há, em qualquer classe, um contexto de ideologia e de prática da supremacia branca" (PIZA, 1998).

No sub-capítulo, "Rappers brancos/as e a visão dos privilégios", outros artistas depõem comprovando tal afirmativa.

Sobre as relações de raça em meio ao sistema capitalista, Rubia fala:

Não podemos ignorar o fato que vivemos em um sistema capitalista e de consumo, e os jovens de hoje acreditam no empoderamento pelo "ter". Proporcionar políticas públicas de acesso desses jovens, em sua grande maioria negros, à educação, e conseqüentemente, de uma ascensão social e financeira, é obrigação do Estado e uma demanda da sociedade. Claro, não da tal sociedade dos "brancos", que preferem que eles fiquem na ignorância e continuem dando seqüência aos trabalhos serviços e domésticos passados de geração em geração.

Para a cantora, a forma de propiciar essa ascensão é através do acesso à educação de qualidade. Compreende que "os brancos" que representam a classe dominante buscam manter as opressões e a subserviência da maioria (FREIRE, 1987). Porém, não considera as ações afirmativas enquanto mais um recurso para alavancar sociofinanceiramente jovens negros e negras. "A única fórmula que vejo possível para um efetivo processo de combate à discriminação racial é através da educação de qualidade e seu acesso às classes mais baixas, e dessa forma permitir sua mobilidade social". Seria interessante saber da *rapper* sua opinião sobre as cotas para mulheres em partidos políticos e se considera que, para resolver o problema histórico de desigualdades de gênero, é suficiente investir na educação de qualidade para empoderá-las. Sobre as cotas raciais, na música "Denegrada"¹⁴⁰ (2011), Preto Du diz:

Que se foda a discriminação racial!
O objetivo das cotas é ascensão social
Quantos negros na TV nós vemos?
Quantos negros no poder nós temos?
Quantos escritores negros nós lemos?
E o que fazemos?

Enquanto medida equitativa, as cotas (reserva de vagas) objetivam a ascensão social de qualquer grupo que se encontre historicamente em situação de desigualdade. Como Carlos Moore (2012), considero necessário não desviar a energia de combate ao

¹⁴⁰

Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=iT2Fia3-e-0>

racismo, em debates defensivos, em função de quem acusa as cotas raciais de injustiça, etc. Como se sabe, as discussões sobre a adoção das mesmas em universidades públicas federais levou o julgamento até o Supremo Tribunal Federal (STF), instância que desde a sua criação foi composta em sua totalidade por brancos/as, sendo a única exceção o ex-ministro negro, Joaquim Barbosa. Por decisão unânime, julgou-se pela constitucionalidade das mesmas¹⁴¹, ou seja, não ferem o princípio de igualdade. É o reconhecimento de que a isonomia, a igualdade ao "pé da letra" pode ser injusta. Tratarei dessa questão no sub-capítulo "Música Rap e educação racial".

Em resposta ao questionário, na opinião de Lurdez da Luz:

(...) o que se vive hoje do racismo, e até de um *apartheid* cultural e econômico arraigado, vem dessa história nefasta [escravidão]. Acho que a maior parte da população considerada branca se sente superior aos negros, não sei se é consciente ou assumido, em quais pontos, acho que em relação a direitos inclusive, e o contrario digo, negros que sentem superiores aos brancos é bem menor, geralmente quando isso acontece vem da consciência de exploração do seu trabalho e/ou negação de sua cor nos meios de comunicação e perseguição da sua cultura. Acho que a sociedade em geral vai sendo "embranquecida" culturalmente. (...) vamos levando, tapando o sol com a peneira e vivendo num patriarcado-neoliberal-branco.

Talvez o que Lurdez considera "negros que se sentem superiores" não diga respeito a se sentir-se melhor que os outros. Afinal como sentir-se superior, tendo consciência de "exploração do seu trabalho", "negação de sua cor" e "perseguição da sua cultura"? Provavelmente o que ela interpreta como "superioridade" seja, em realidade, uma autovalorização identitária; afirmação contundente dos valores e contribuições civilizatórias de matriz africana, com fins de fortalecimento da própria imagem e do grupo.

Preto Du assume a visão de que, embora racismo e capitalismo sejam historicamente entrelaçados, nas relações cotidianas há predominância da raça sobre a classe. Para ilustrar o que pensa, conta um caso envolvendo ele, branco, morador de um bairro nobre [Pituba] e seu então melhor amigo, negro, residente em um bairro periférico [Nordeste de Amaralina], cuja a mãe trabalhava como doméstica na área onde ele morava.

Quando eu era criança, meu melhor amigo era negro. A maioria dos meus amiguinhos brancos era proibida de andar com ele. Uma vez, eu e esse amigo

¹⁴¹ Cf. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,stf-aprova-cota-racial-em-universidade-imp-866006>

fomos brincar de pedir esmola na rua. O tratamento das pessoas comigo era sempre muito caloroso... “que menino lindo! O que está fazendo aqui? Cadê sua mãe? Você tinha que estar brincando”... Com o meu amigo negro, apenas jogavam umas moedas nas mãos dele, ou simplesmente negavam. Eu confesso que não consegui muito dinheiro, mas quase descolei uma adoção.

Na "brincadeira", os meninos estavam teoricamente na mesma faixa social, "pedindo esmola". O privilégio da brancura operou conferindo a criança branca uma atenção especial. Aquele lugar é visto como "normal" para os de pele escura, que de tão naturalizado, não enseja, mesmo dos "bons cristãos", o mesmo olhar de solidariedade e atenção para a criança negra. Como constata Lia Schucman (2015), mesmo em condições de extrema pobreza, o privilégio da brancura se mantém:

Um mendigo de rua me disse algo muito forte. Quando perguntei “O que é ser branco, para você?”, ele me respondeu: “Eu posso entrar no banheiro do shopping e meu colega preto não”. Isso foi muito impactante: na extrema pobreza, a condição de ser branco ainda lhe dava um privilégio.

O *rapper* Kaab acredita que a pigmentação dos/as brancos/as "lhe define de qual suposta classe social é derivado ou quer pertencer." Com ideia semelhante, Preto Du (*idem*) canta direcionado à classe social que representa:

(...) Eu vou te ferir e jogar sal na sua ferida
 Eu vou denegrir, com minha letra atrevida
 Privilégio no colégio
 Na saúde, no comércio
 Eu tenho porque eu tenho pele branca
 E quem tem e não se manca
 Mente pra si mesmo e se engana
 Com a história de primário e insana (...)

Preto Du declara abertamente que a cor da sua pele contribui para sua boa posição financeira: "eu tenho porque tenho pele branca". Assume o comprometimento político de "jogar sal" na ferida, no "calo", do seu grupo racial, ou seja, no racismo de quem mantém seus privilégios considerando as desigualdades étnico-raciais como normal e de "denegrir" a história de civilização branco-europeia até hoje imposta, revelando "atrevidamente" a contribuição científico-tecnológica de negros e negras para a humanidade.

Em que pese o esforço para focar a análise do tema *classe* nas relações raciais a partir dos/as *rappers* interlocutores desta pesquisa, a mesma não se esgota aqui. Sempre que necessário voltarei a abordá-la como modo de favorecer a reflexão.

2.3 Identidades e imbricamentos

Com base nas discussões sobre identidades e imbricamentos, abordarei outras categorias de análise como gênero, religião e estética articuladas com a de raça. Também discutirei aspectos que fazem alguns/mas *rappers* e o senso comum acionarem tais categorias para demonstrarem que as pessoas brancas não possuem privilégios em relação às não brancas, pois ambas são tratadas e expostas a discriminações e demais violências da mesma forma. Analisarei letras e respostas ao questionário.

No questionário não elaborei perguntas específicas sobre as categorias gênero, religião e estética. As falas sobre tais marcadores, quando apareceram, se deram de modo espontâneo.

De antemão

O que é identidade?

É uma representação constituída a partir da diferença. É uma identificação atribuída e que se atribui caracterizando indivíduos e coletividades, com base em fatores culturais, biológicos, sociais, históricos etc. (CIAMPA, 1989; HALL, 2006). Se estabelece na interação social do indivíduo que "articula o conjunto de referenciais que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo." (NASCIMENTO, 2003, p.31).

Cada pessoa possui múltiplas identidades - maleáveis, não-fixas, imbricadas¹⁴² - que podem se alterar, se ajustar conforme os diferentes contextos. Assim, a partir de alguns/algumas artistas e das identidades de *rapper*, gênero, estética, raça e religião, analisarei diferentes quesitos e contextos relacionados a imbricamentos, envolvendo tais categorias.

No livro "HIP-HOP - A Cultura Marginal" (2006), de Anita Motta¹⁴³ e Jéssica Balbino¹⁴⁴, a *rapper* Rubia é descrita como uma das "precursoras" do H2, sendo enfatizado que "mesmo sendo branca, (...) é uma grande defensora do Hip-Hop e das mulheres no Movimento" (BALBINO; MOTTA, 2006, p.112). Em nosso questionário, a artista não se declara branca, mas sim "humana", justificando que sua "árvore genealógica é constituída de pessoas de descendência africana, indígena e europeia". Quando indagada sobre sua trajetória de vida e convivência com pessoas negras, ela considera:

Nasci, cresci e vivo até hoje na periferia. É inevitável que minha identificação fosse com a música negra, sempre presente na quebrada, do samba de partido alto ao Funk de hoje. Meus relacionamentos afetivos foram em quase sua totalidade com homens negros. Tenho dois filhos negros. A música que trabalho e me identifico é negra. Meu sustento é como cabeleireira de cabelo afro. Estudo em uma universidade federal que o contingente de pessoas negras está aumentando a cada ano. Meus melhores amigos são negros. Resumidamente, minha vida toda está permeada pela cultura e vida afrodescendente. Acho que até responde um pouco a questão de me ver "branca". Não me sinto "branca". (RUBIA, 2014).

Aqui me deparo com uma questão interessante. Tanto a *rapper* Rubia quanto a escritora Jéssica Balbino são, em aparência física, brancas e gordas. Mas, curiosamente, embora Jéssica, em seu livro, classifique não só Rubia, mas também a *rapper* Dina Di, como "brancas", como base em seus fenótipos, quando se refere à própria definição racial, parece não demonstrar a mesma disposição. Na busca que fiz na internet, nas mais diferentes matérias, sua fala restringe-se a se apresentar como "gorda, mulher e feminista", omitindo sua identidade étnico-racial. Para Ruth Frankenberg:

¹⁴² Segundo o Infopédia, imbricamento refere-se ao "que se sobrepõe parcialmente (...)"; a algo "complexo; complicado"; "ligado estreitamente com outro". Cf. <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/imbricado>. Conforme Wikcionário, em seu sentido etimológico imbricar quer dizer "inter-relacionar". Cf. <https://pt.wiktionary.org/wiki/imbricar>

¹⁴³ Em memória.

¹⁴⁴ Jornalista feminista, escritora, produtora e assessora de imprensa ligada ao Hip-Hop.

(...) qualquer sistema baseado na diferença molda aqueles a quem outorga privilégio tanto quanto os que oprime. As pessoas brancas são investidas de "raça", da mesma forma que os homens são dotados de "gênero". E num contexto social onde pessoas brancas veem-se com demasiada frequência como não-raciais ou racialmente neutras, torna-se crucial observar a "racialidade" da experiência de ser branco. (FRANKENBERG, 1993, p.1 citada por NASCIMENTO, 2003, p.210).

O conceito de interseccionalidade busca dar conta da análise em torno dos diferentes imbricamentos em contextos opressivos. Para a intelectual e ativista negra Kimberlé Crenshaw ¹⁴⁵:

É uma conceituação das duplas ou triplas formas de discriminação que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 7 citada por BARBOSA, 2013, p.38).

Assim, com a mesma coerência que defende o fim do machismo e do que chama de "gordofobia"¹⁴⁶, seria interessante que Jéssica Balbino, diante do seu quadro interseccional, se posicionasse afirmando-se racialmente e de modo autocrítico, questionando os privilégios - ainda que involuntários - ofertados pelo seu fenótipo branco. Essa empatia possibilita se solidarizar com o "problema do outro", que também é seu, estimulando um ciclo compreensivo e colaborativo entre os que se encontram em diferentes posições de desigualdades. Para mim, é um compromisso ético-pedagógico, enquanto homem agir na mesma perspectiva em relação às questões de estética e de gênero, o que inclui não somente as convenções sociais de masculino e feminino, mas acima de tudo os incompreendidos estados sociobiológicos, envolvendo orientação afetivo-sexual de *gays* e *lésbicas*, por exemplo, bem como a identidade de transexuais, intersexuais, travestis, dentre outras.

¹⁴⁵ Norte-americana, nascida em Ohio, em 1959, estudou Direito em Harvard, é professora de Direitos Civis das universidades de Columbia e da Califórnia, em Los Angeles (Ucla), especializada nas questões de raça e gênero. Uma das lideranças no Movimento Intelectual chamado Teoria Racial Crítica. (BARBOSA, 2013).

¹⁴⁶ Discriminação sistemática contra pessoas gordas.

Em relação a seu ativismo contra a gordofobia, Balbino (2013) levanta uma série de questionamentos importantes em uma entrevista¹⁴⁷:

Se eu sou gorda, trabalho, vivo, existo e pago meus impostos, por que não ter acesso a tudo? Por que não posso me sentar confortavelmente em uma cadeira de cinema? Por que devo me adequar a um padrão? Aí, vem o famigerado discurso sobre saúde para defender um preconceito, uma imposição. Ando com cópia de exames feitos recentemente, provando que sou saudável. E então? Sou eu que devo mudar ou a sociedade que deve parar de me escravizar? (...). A imposição da mídia, de seus amigos, do mundo, é extremamente complicado. NÃO EXISTE DOR MAIOR DO QUE OUVIR: "VOCÊ TEM UM ROSTO LINDO!". Como assim?! E meu corpo? E meus quilos "extras", e minhas curvas, e minha barriga – que sim, é saliente, mas é minha parte –, então, somos violentadas o tempo todo, quando nos impõe padrões. (BALBINO, 2013).

Em seu livro (*ibidem*), cita um episódio envolvendo a *rapper* Rubia, que entrelaça discriminação com base na cor e na condição de gorda. Segundo a escritora, ela encontrou no banheiro um escrito que dizia: "Rubia, branca vaca". Apesar da ofensa, Rubia afirma não ter se intimidado, sendo mais um motivo a continuar fazendo do Rap um meio de luta. Defende que "as mulheres têm de se unir e lutar sozinhas, porque os homens não farão isso por elas". Penso de modo diferente, acredito na educação enquanto processo de transformação positiva dos indivíduos capaz de sensibilizar homens para desenvolverem autocrítica e ações pelo fim do machismo e demais formas de violência contra a mulher. Nessa luta, bradou Paulo Freire:

Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. (FREIRE, 1996, p.25)

A opressão é nossa e nos privilegia a todo instante, portanto a responsabilidade maior diante do problema é dos "machos". Como Gaspar, também defendo que "quem fez a merda que limpe". Nesse sentido, Elisa Larkin Nascimento (2003), fala da postura do sociólogo negro estadunidense, W.E.B Du Bois¹⁴⁸, enquanto aliado das mulheres, já em um período extremamente crítico de subjugação e negação de direitos.

¹⁴⁷ Cf. <http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2013/10/09/jessica-balbino-fala-sobre-ser-mulher-gorda-e-feminista/>

¹⁴⁸ Pensador pan-africanista que, dentre outras questões, estudava e combatia a relação entre racismo e patriarcalismo.

Du Bois dedicava-se ativamente à causa do voto para a mulher, o que naquela sociedade segregada significava, na prática, o voto para a mulher branca. Entre 1911 e 1920, Du Bois escreveu mais de vinte artigos, organizou simpósios, participou em atos públicos e advogou, em geral, o sufrágio feminino. (NASCIMENTO, 2003, p.70)

Em nosso questionário, quando perguntada sobre letras de sua autoria que tratem da temática étnico-racial, Rubia informa que suas composições abordam mais a questão de gênero. Na música "Vergonha na cara"¹⁴⁹ (1997), ela manda um recado para os homens:

Se ao invés de tentar passar uma falsa imagem
De quem nada teme e se julga dono da situação
Ser forte e valente é sua obrigação?
Se for assim ainda prefiro aquela frase tão usada
Antes só do que mal acompanhada (...)
Falam tão fácil da prostituição feminina
Cara de mau não adianta, não intimida
Vocês vão agüentar o que vou falar nesse momento
Sabe o que é fechar os olhos para o sofrimento?
Fingir prazer para ganhar o seu sustento
Arriscando a pele numa esquina qualquer da vida
E ter que agüentar seu falso moralismo
Sua fantasia é possuir uma delas no íntimo
Pior que vender o corpo é vender a moral
Se corromper pelo poder e o vil metal
- Na política tá assim de prostitutas, Rubia - tô ligada

Rubia fala de machismo, que, dentre os vários efeitos, enclausura os homens numa auto-obrigação de sempre se mostrar inconsequentemente "forte" e "valente". Critica o "falso moralismo" dos mesmos e aponta a necessidade do respeito às profissionais do sexo.

No questionário, indagada se considera haver na sociedade privilégio aos brancos/as em função do fenótipo, ela alega:

Ter pele clara não me deu privilégios perante a sociedade, visto que sou gorda e possuo inúmeras tatuagens. Não ter um corpo pelo padrão imposto pela mídia e ostentar desenhos na pele que, ainda hoje é visto como coisa de marginal, não me permitiu ver os privilégios desse "branco" ao qual estamos dissertando.

¹⁴⁹

Canção do repertório do grupo de Rap RPW, o qual Rubia faz parte. Cf. <http://letras.mus.br/rpw/321870/>

A fala de Rubia se assemelha à do homem que nega ser privilegiado socialmente enquanto tal, por ser negro, gordo, cheio de tatuagem. Sem dúvida que os estereótipos e estigmas em torno do sobrepeso e dos "desenhos na pele" interseccionalmente se somam convertendo-se em barreiras. Porém, essa realidade não deveria "invisibilizar" os efeitos da identidade de poder enquanto aparência branca. Ainda que não intencional, a "invisibilidade" branca, também entendida como ausência de vigilância e autocrítica, colabora para a manutenção dos privilégios raciais em prol do branco/a (CARDOSO, 2014). A pesquisadora Lia Schucman (2012), em seu estudo sobre a branquitude paulistana, apresenta a visão de uma mulher loira e gorda, que descreve, convencidamente, como sua condição racial lhe privilegia nas relações conjugais, mesmo estando "acima do peso". Diz ela: "Quando saio à noite, se vejo um branco muito bonito, tenho certeza de que não tenho chances com ele. Mas sei, e tenho quase certeza, de que tenho chances com um cara negro muito bonito... (Vanessa)." (*idem*, p.68).

Numa feliz (ou infeliz?) coincidência, exatamente um dia após redigir a reflexão acima, assistindo ao noticiário da TV local, me deparei com uma matéria sobre um concurso na Bahia, o "Miss Bariátrica 2015" voltado para mulheres que passaram pela cirurgia de redução de estômago. Sem entrar no mérito do tema, ao ver as candidatas em desfile, chamou-me atenção a desproporcionalidade quantitativa das mulheres brancas em relação às não-brancas. No estado onde as pessoas brancas representam apenas 20,8% da população¹⁵⁰, as mesmas são "hegemônicas" quando o contexto é de destaque. O privilégio branco se mantém intocado em sua "normalidade". Procurei um possível vídeo da matéria, sem sucesso. Porém, em sentido semelhante, me deparei com outras notícias Brasil afora. O *site* do jornal Folha de São Paulo exibe fotos¹⁵¹ de 30 (trinta) mulheres relacionadas ao concurso Miss Plus Size (2015). Dessas, 29 (vinte e nove) possuem fenótipo branco - especificamente com pele clara e cabelos lisos - com predomínio do tipo "branca branquíssima" (loira natural ou artificial) e "branca morena" (SCHUCMAN, 2012). Apenas uma preta, que, talvez, para ter conseguido "furar o bloqueio" e estar nesse espaço segregado, precisou estar de cabelo alisado e com os olhos claros, levando a crer estar de lentes.

¹⁵⁰ Segundo a SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia-, com base nos dados do IBGE (2013). Cf.

http://www.sei.ba.gov.br/images/bahia_sintese/xls/pnad_2013/Tabela_615.xls

¹⁵¹ Cf. <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/6202-miss-plus-size#foto-117165>

O assunto me motivou a buscar mais informações na internet. Ao acessar o *site* Miss Brasil Plus Size¹⁵², uma janela foi exibida com a seguinte imagem informativa:



Fonte: <http://missbrasilplussize.com.br/>

Com a informação, fiquei animado. Se "mudou", se tem "novo formato", "mais oportunidade" e está "mais moderno", logo deve estar mais justo racialmente. Ao clicar no *link* indicado sobre o novo *site*¹⁵³, eis que "caí na real" ao constatar que o predomínio das mulheres brancas nas fotos se mantém, quase absoluto, se não fosse a cota¹⁵⁴ de uma ou duas negras.

Analisemos agora o imbricamento envolvendo as dimensões artística, racial, de classe e de gênero, através da história de vida da *rapper* Dina Di. Sobre ela, na obra citada de Jéssica Balbino e Anita Motta (2006, p.144) é descrito:

Ela é branca, da cor dos opressores. É mulher. Não tem RG, endereço ou namorado. Não tem pai nem mãe. Perdeu o celular, o marido e a guarda do filho, Lucas. Não tem dinheiro, tampouco religião. Ela tem estilo, rima na ponta da língua. É guerreira, considerada uma "mina de fato". Ela é paulistana, cria do hip hop. Líder do primeiro grupo de rap feminino a chegar até a mídia. Tem três CDs gravados. Seu nome? Ela é conhecida como Dina Dee, e tem fãs em todo o país.

¹⁵² Cf. <http://missbrasilplussize.com.br/>

¹⁵³ Cf. <http://miss.tv.br/>

¹⁵⁴ Adotada, mas não oficializada, uma vez que, em discurso, se colocam quase sempre contra as cotas.

O pai de *Dina Dee* era mestre de obras e morreu engasgado com um pedaço de carne num boteco, na periferia. A mãe dela era camelô e foi assassinada dentro de casa, uma morte lenta e dolorosa, ela foi asfixiada com um pedaço de pano que lhe enfiaram na garganta, enquanto estava amarrada com os fios do varal de roupas. Seu companheiro, ao querer vingar a sogra, acabou baleado e preso. *Dina Dee* ficou só, e da dor, cria versos, que são transformados em músicas de rap, sob a visão da rua¹⁵⁵, literalmente. (...) A *rapper* vive de favores, como lugar para morar, dinheiro para comer e se vestir. Fugiu de casa aos 13 anos porque estava cansada de trabalhar para mãe. *Dina Dee* vendia rosas e cachos de uva. Passou várias vezes pela Febem. cursou até a terceira série e apresenta um vocabulário precário, engolindo e trocando algumas letras nas palavras, entretanto, isso não a impede de rimar o que lhe aflige. Ela conheceu o hip hop aos 16 anos.

Confesso que fiquei muito impressionado com o relato, pois desconhecia toda essa situação de infortúnios e violência na vida da *rapper*, "vítima do próprio sistema que tenta combater", como bem pontuado pelas autoras. Porém, o livro não acompanhou outro fato lamentável e ainda mais triste. Em 2010, aos 34 anos, a artista veio a falecer¹⁵⁶ vítima de uma infecção hospitalar generalizada, que contraiu e se agravou após dar à luz a sua filha Aline. Diante de qualquer quadro semelhante, é inevitável não se sensibilizar, ainda mais quando se trata de alguém da mesma comunidade artística, a qual se comunga, dentre outras coisas, sonhos comuns. Essa tragédia, banalizada principalmente no cotidiano da população negra, é reflexo da transformação na forma como os governos exercem o poder (Foucault, 1999[1976]). Conforme Raquel Silveira (2013, p.49): "Se antigamente o soberano tinha o direito de "fazer morrer" e de "deixar viver", na lógica contemporânea do biopoder há uma inversão, em que os Estados vão "fazer viver" e "deixar morrer".

Porém, o episódio em questão poderia servir para alguns reforçarem suas ideias de que brancos e não-brancos são tratados da mesma forma, de que "não existe essa coisa de privilégios da brancura". É prudente que qualquer análise que se pretende aprofundada não seja feita sob apelo emotivo. Dito isso, pergunto: pode se dizer que, nessa estrutura machista, nem sempre nós homens somos privilegiados? Sim. Segundo a revista *Exame*¹⁵⁷ (2014), com base em dados do IBGE (2014), enquanto vítimas de ato violento, os homens morrem em um número aproximadamente cinco vezes maior do que as mulheres. Do mesmo modo que representamos mais de 80% da população de rua¹⁵⁸, além dos nossos índices de escolaridade¹⁵⁹ serem inferiores aos delas. Mas, por

¹⁵⁵ Visão de Rua é o nome do grupo que a citada *rapper* criou e fez história.

¹⁵⁶ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Dina_De

¹⁵⁷ Cf. <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/homens-sao-as-principais-vitimas-da-violencia-no-brasil>

¹⁵⁸ Cf. <http://www.brasilecola.com/brasil/populacao-situacao-rua.htm>

conta disso, posso dizer como Gabriel O Pensador, na música Lôraburra "Não, eu não sou machista, exigente talvez"? ou mesmo que "somos iguais" porque não reconheço machismo em mim (talvez só na sociedade), e que não faz sentido um dia das mulheres, cotas para as mesmas em diferentes setores, se aposentar mais cedo, uma lei como a Maria da Penha etc? Não. A exceção não é a regra. A sociedade é estruturada institucionalmente para privilegiar nós homens, todos os dias do ano, inclusive no 8 de março¹⁶⁰. Resumindo, somos machistas, no mínimo, por omissão. Para se ter dimensão dessa realidade que nos beneficia, compus um Rap intitulado "Privilégio de Macho"¹⁶¹.

Ela não pode nem mesmo vestir o que quer
 "Quer ser abusada", quem nunca ouviu isso de um mané?
 A Amélia, de saia curta, se atrapalha
 Com a identidade feminina resumida à genitália
 Quem de nós suportaria?
 Já pensou ser agredida e ainda ouvir deboche na delegacia? (...)
 Quando o assunto é concepção
 Seu corpo não é seu, é da religião
 Se não tem grana arrisca a vida em cada aberração
 Até a ciência tá do nosso lado, irmão!
 Descubrem a cura da AIDS, câncer, imagina
 Mas não criam uma pílula masculina(...)
 Estudou duas vezes mais, ganha duas vezes menos
 Se ela é alta, qual macho pisa nesse terreno?
 Vá entender, é mais prudente no volante
 Mas a fama que leva é preocupante
 Longe quero tá desse julgamento cruel
 Continuar com o meu privilegiado papel
 Vendo a gramática privilegiando nós
 Elas são muito melhores, mas respeito tá em nossa voz
 De autoridade masculina, a começar por Deus
 Mas se Deus é homem ou mulher, a vida não respondeu
 Elas precisam de bolsa, nós apenas de bolso
 Cadê a banda feminina famosa, seu moço?
 Se tô na festa, pego dez, eu sou o miserê!
 Se ela fica com o segundo, a fama vai correr
 A maioria, com intelecto de invejar
 Conhece Freud, mas não o caminho de gozar
 (SIMPLES RAP'ORTAGEM, 2014)

O sufixo "ismo"¹⁶², dentre outras coisas, se refere à "sistema político" e "ideologia". Capitalismo, racismo e machismo são sistemas de poder que, além de outros aspectos, têm em comum a reprodução de desigualdades. No caso do racismo,

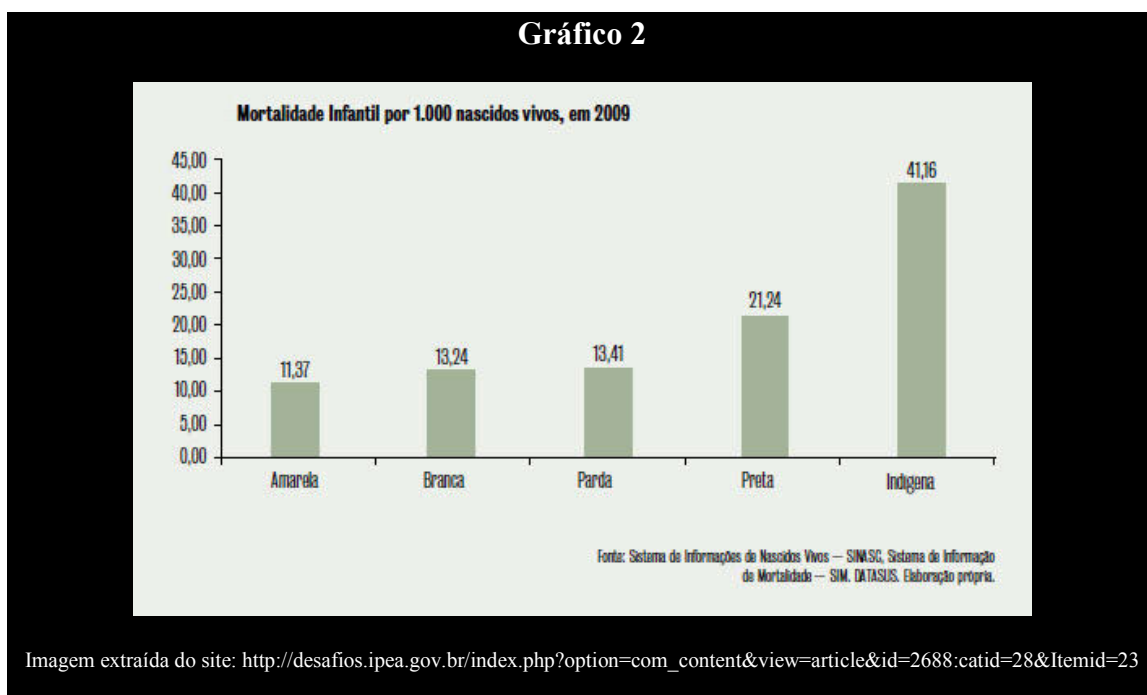
¹⁵⁹ Cf. <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/11/escolaridade-das-mulheres-aumentada-em-relacao-a-dos-homens>

¹⁶⁰ Estipulado como Dia Internacional da Mulher

¹⁶¹ Cf. <https://youtu.be/WZT3ejUoS7o>

¹⁶² Segundo o Wikipédia. Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ismo>

mesmo no Sistema Único de Saúde - SUS, diferentes estudos constataam que mulheres brancas possuem vantagens quando comparadas às pardas, pretas e indígenas. Em 2009, o Ministério da Saúde publicou o documento *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, Princípios e Diretrizes*¹⁶³. Para as pessoas que insistem em acreditar simploriamente que as desigualdades se justificam pelo fato de a população mais prejudicada ser a numericamente maior, o "gráfico 2" faz cair por terra tal pensamento.



Pelos dados desdobrados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2009), a população branca brasileira (48,4%), é superior em números a da parda (43,8%), preta (6,8%) e indígena ou amarela¹⁶⁴ (0,9%). Esses últimos, que representam a menor população brasileira, se encontram, conforme o "gráfico 2", em realidades opostas, com os indígenas ocupando a pior posição em mortalidade infantil. Como já falei e mostrei anteriormente, justificar a violência e desigualdades que um grupo sofre, em função de estar em maior número populacional, não se sustenta, é um pensamento falho, superficial e perigoso. Pela lógica que critico, os brancos apareceriam entre os

¹⁶³

Cf.

http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2688:catid=28&Itemid=23

¹⁶⁴

Podem representar os asiáticos do Extremo Oriente e seus descendentes (os mongóis, chineses, coreanos e japoneses). Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Amarelos>. Segundo Nota Técnica do IBGE, a cor amarela entrou como critério censitário a partir de 1940, para dar conta da imigração japonesa ocorrida fundamentalmente entre 1908 e 1930. Cf.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/notas_tecnicas.pdf

piores índices relacionados à violência e ausência de direitos. Mas, o que se verifica é justamente o contrário. Desde o nascimento, as pessoas de cor branca são privilegiadas em relação a outras, se mantendo assim ao longo da vida em todas as classes sociais. Ao que se refere à taxa de mortalidade infantil, os brancos são o segundo mais protegidos, só sendo superados pelos amarelos, os mesmos que frequentemente são equiparados a negros e indígenas quando, a esses últimos, é sugerida atenção diferenciada em função das discriminações e racismo dos quais são vítimas. Para se negar que existem privilégios para os de pele clara, logo os orientais de olho esticado são lembrados. Para exemplificar, o programa humorístico *Custe o Que Custar - CQC*¹⁶⁵, veiculado pela TV Bandeirantes, desde quando surgiu, em 2008, sempre teve 100% dos seus repórteres de pele clara, contemplando homens, mulheres e até os considerados fora do padrão, como o "baixinho" Oscar Filho, o "gordinho" Lucas Salles, e o "ruivo" Erick Krominski. Mesmo recebendo críticas - como as do ator Lázaro Ramos - sobre a ausência de repórteres de epiderme escura, até o presente ano de 2015, essa realidade não mudou. Os cabelos encaracolados do repórter Marco Luque parecem garantir a cota do que eles consideram presença negra. Quando a discussão vai para o público, de imediato surgem falas do tipo: "não só negros, falta japonês também". E não será de estranhar se um japonês ou japonesa for contratado/a primeiro que um preto ou uma preta. Principalmente quando se trata de mídia televisiva, o privilégio da brancura e até da "amarelura" é implacável.

Em todas as situações, as mulheres brancas se encontram privilegiadas em relação às negras¹⁶⁶. Ainda com base no documento do Ministério da Saúde (*idem*):

| Situação | Brancas | Negras |
|---|---------|--------|
| Não receberam anestesia no parto normal ¹⁶⁷ . | 5,1% | 11,1% |
| Receberam orientação para a importância do aleitamento materno. | 77,7% | 62,5% |
| Tiveram acompanhantes no parto. | 46,2% | 27,0% |

¹⁶⁵ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Custe_o_Que_Custar

¹⁶⁶ Pardas e pretas somadas segundo classificação do IBGE.

¹⁶⁷ O SUS paga esse procedimento, com o objetivo de diminuir o medo da dor do parto, para tentar reduzir a frequência de cesarianas.

| | | |
|-----------------|-----|-----|
| Mortes maternas | 34% | 60% |
|-----------------|-----|-----|

Diante do contraste, o então ministro, Arthur Chioro, reconheceu¹⁶⁸ que "Dados importantes mostram como a desigualdade e o preconceito produzem mais doença, mais morte, mais sofrimento (...). O que mais pode justificar essa diferença [no atendimento a brancos e negros no SUS] que não seja o preconceito e o racismo institucional?".

Ainda que na mesma faixa de renda e instrução, as desigualdades se mostraram marcantes. Com base na avaliação das mães, completar o segundo grau de ensino (ou mais) pode reduzir os riscos de atendimento de má qualidade no SUS; fato que poderia conferir outro destino à *rapper* Dina Di, uma vez que só possuía a 3ª série do antigo 1º grau escolar. Porém, os dados revelam que, entre essas mães com escolaridade maior, a redução dos riscos de atendimento de má qualidade é favorável às brancas, contemplando uma taxa aproximada de 70% delas. No caso das pardas, a redução dos riscos cai para 50% e nas negras¹⁶⁹, por volta de 30%. Ou seja, a educação protege mais as mulheres brancas.

*

Na música Loraburra¹⁷⁰ (1993), de Gabriel O Pensador, acontece um fenômeno curioso. Ele, branco, critica um tipo pertencente ao seu grupo racial, loiras (ou louras), que representa o topo da hierarquia estética e de raça (CARDOSO, 2014), o mais alto grau de padrão de beleza. Embora seja difícil mensurar, seria interessante um estudo que buscasse verificar em que medida a branquitude delas foi "arranhada" por essa música.

Milhões de pessoas transitam pelas ruas
 Mas conhecemos facilmente esse tipo de perua
 Bundinha empinada pra mostrar que é bonita
 E a cabeça parafinada pra ficar igual paqueta

¹⁶⁸ Cf. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/saude-lanca-campanha-contra-racismo-no-sus>

¹⁶⁹ A referência não informa os motivos para não se usar a classificação do IBGE, de pardos e pretos ao invés de negros.

¹⁷⁰ Cf. <http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/loraburra.html>

A crítica é direcionada a um padrão de comportamento associado às mulheres loiras, principalmente àquelas não naturais que se fizeram tal através de produtos como "parafina". As principais características relacionadas ao "desvio" de conduta em questão seguem em trechos como:

À procura de carros, à procura de dinheiro
 O lugar dessas cadelas era mesmo no puteiro (...)
 Não pensam em nada só querem badalar
 Estar na moda, tirar onda, beber e fumar (...)
 Escravas da moda, vocês são todas iguais
 Cabelos, sorrisos e gestos artificiais
 Ideias banais e como dizem os Racionais:
 (Mulheres vulgares: uma noite e nada mais)
 Lôraburra, você e vulgar sim
 Seus valores são deturpados, você é leviana
 Pensa que está com tudo, mas se engana
 Em sua frágil cabecinha de porcelana
 A sua filosofia é ser bonita e gostosa
 Fora disso é uma sebosa, tapada e preconceituosa (...)

Pode se dizer que, no contexto de privilégios que tal condição estética lhe confere, a Lôraburra não é tão "burra" assim. Pelo que a música indica, ela tem um propósito firme, que é buscar conforto, facilidades e ostentação de poder. Seja "À procura de carros" ou "de dinheiro" se fará "preconceituosa" na escolha dos homens que possam lhe garantir o *status* desejado.

No final do Rap, Gabriel procura deixar explícito que sua crítica abrange os mais diferentes protótipos de loirice¹⁷¹.

É, o problema não tá no cabelo, tá na cabeça, não se esqueça
 Nem todas são sócias da farmácia (Lorácia)
 Tem muita Lôrabúrta de cabelo preto e castanho por aí
 Lôrabúrta morena, ruiva, preta...
 Lôrabúrta careca...
 E tem a Lôrabúrta natural também (Loraça belzebúrta)
 Cada Lôrabúrta é de um jeito, mas todas são iguais

O *hit*¹⁷² Lôraburra fez um estrondoso sucesso nos anos de 1990. Porém, esse estereótipo associado às loiras tem origem e autoria anteriores localizados entre as décadas de 1930 e 1940, no cinema hollywoodiano. Segundo Denise Silva e Martha

¹⁷¹ Qualidade de quem ou do que é ou está loiro. Cf.

<http://www.aulete.com.br/loirice#ixzz3hCgDQxip>

¹⁷² Música de grande popularidade.

Mendonça¹⁷³ (2010), nos filmes desse período, os gângster sempre exibiam suas loiras oxigenadas¹⁷⁴. A partir daí, essa indústria cinematográfica soube explorar bem "o filão".

Na comédia clássica "Os Homens Preferem as Louras", de 1953, Marilyn Monroe (a diva oxigenada) e Jane Russell (uma morena legítima) disputam um bom partido. Dois anos depois, os estúdios americanos lançaram o longa *Eles se Casam com as Morenas*, dando continuidade à pendenga. "Ali ficou clara a divisão de papéis", comenta [o crítico de cinema] Rubens Ewald. "O símbolo estava criado." (SILVA; MENDONÇA, 2010)

As autoras concluem que, independente do preconceito e das maledicências, o fascínio pela aparência loira se mantém dentro e fora do Brasil. Na referida matéria, elas trazem outras vozes:

"Elas realmente chamam mais a atenção", reconhece o publicitário Alexandre Gama. Segundo ele, a escalada de modelos altas e magras de origem europeia foi decisiva para firmar o tipo. Já o feminismo interpreta o fenômeno de maneira mais contundente. "Ser loura é adotar o estereótipo de Primeiro Mundo", diz a escritora Rose Marie Muraro, representante histórica do movimento. "Só os homens têm a ganhar com mais essa desqualificação da mulher". (SILVA; MENDONÇA, 2010).

No que tange aos privilégios conferidos pelo racismo brasileiro, como ele é de base melanodérmica, cromática (GUIMARÃES, 1999; MOORE, 2012; LOPES, 2014) e não genética, tanto faz ser loira natural ou tingida. Não possuo elementos que me permitam concordar completamente com a escritora Rose Marie quando diz que só os homens ganham com o estereótipo negativo associado às loiras. Como já disse, gostaria de ver um estudo que buscasse dimensionar se as bases de poder que sustentam a superbranquitude das loiras, em alguma medida, foram afetadas; o que poderia sugerir algum ganho para outros grupos de mulheres não-loiras.

Me pergunto: se ao invés de mulher o alvo da música de Gabriel fosse homem, um "lôroburo", a repercussão seria a mesma? Acredito que não. Uma pista que reforça minha posição está na fala de Nathália, uma das participantes da pesquisa de Cardoso (2014, p.167):

A mulher é muito mais cobrada, uma consequência de um pensamento extremamente machista pelo qual a nossa sociedade foi erigida. A mulher

¹⁷³ Em artigo para o site da revista Época. Cf. <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI137488-15228,00-A+VINGANCA+ESPERTA.html>

¹⁷⁴ Que utilizou produto químico para tingir o cabelo.

sempre é colocada como um objeto. No caso, a beleza é fundamental, ela tem que ser bonita para ser bem vista, para ser aceita. Uma necessidade que não é tão imposta ao homem. Evidentemente que também existe uma cobrança de que o homem esteja bem-apegoado. Mas, não é uma cobrança tão grande quanto em relação à mulher. Ela tem a obrigação de estar constantemente bonita porque é um objeto de consumo. Então ela tem que estar sempre pronta ao consumo, é como se ela sempre estivesse numa vitrine.

Em uma autoavaliação, Gabriel tem declarado¹⁷⁵ que a música Lôraburra traz alguns aspectos moralistas que ele tem discordado. "O mundo evoluiu, assim como a liberdade sexual. Se a garota quer usar roupa curta, beber e fumar, deixa ela. Se eu tivesse uma filha mulher, não seria o pai caretaço", afirma.

Em 2003, após dez anos de lançada, a canção foi regrava para o CD MTV ao vivo, ganhando novos versos¹⁷⁶, dentre os quais um que chamou bastante atenção na época "Escravas da moda, você é capaz de matar seus próprios pais!". A frase fazia alusão à assassina loira Suzane Von Richtofen. Sobre a referida criminosa, uma matéria¹⁷⁷ traz o curioso título "Suzane Richthofen, que matou os pais, vira pastora evangélica e choca o País". Embora tornar-se líder religiosa/o seja algo incomum no caso de bandidas/os como Suzane, o mesmo não se pode dizer sobre esses converterem-se na religião evangélica. Mas por que não a católica, espírita, candomblé ou qualquer outra? Talvez pela base teológica protestante, historicamente voltada para a realização material e prosperidade em vida, e não após a morte (WEBER, 2004). O fato é que tornou-se recorrente assassinos com certo prestígio social, por serem brancos, e/ou artistas, e/ou ricos, tornarem-se evangélicos, vide o caso do ex-ator Guilherme de Pádua (assassino da atriz Daniella Perez) e outros¹⁷⁸. O apelo religioso, junto aos privilégios da branquira, estética e classe social compõem uma poderosa corrente amenizadora-protetora de assassinas/os como estes/as.

¹⁷⁵ Cf. <http://odia.ig.com.br/porta/diversaoetv/rapper-gabriel-o-pensador-lan%C3%A7a-novo-cd-depois-de-sete-anos-e-fala-da-separa%C3%A7%C3%A3o-1.527472>

¹⁷⁶ Cf. <http://www.padrebeto.com.br/padrebeto/Portugues/detPost.php?codpost=1483>

¹⁷⁷ Cf. <http://www.midiagospel.com.br/brasil/suzanerichthofen-vira-pastoraevangelica>

¹⁷⁸ Cf. <http://noticias.gospelmais.com.br/historia-criminosos-famosos-converteram-prisao-44257.html>

Dos/das participantes diretos/as desta pesquisa, 3 (três) *rappers* - DeDeus MC, Fex Bandollero¹⁷⁹ e Kaab - sinalizaram em suas respostas uma ligação religiosa que me motivou analisar o imbricamento envolvendo religião, raça e música Rap. Com esse foco específico, elaborei outras perguntas, que só foram respondidas por DeDeus MC. Desconheço a razão para o "silêncio" de Fex. Talvez por considerar um terreno delicado e comprometedor. No caso de Kaab, possivelmente tenha ligação com falta de tempo. Na ocasião, ele falou das "correrias" de uma viagem para Arábia Saudita. De qualquer modo, encontrei na rede uma entrevista dele que nos auxiliará dentro dos objetivos propostos.

Diante do meu pedido para enviar composições autorais que, em algum grau, abordem temáticas de raça-etnia, o *rapper* e evangélico¹⁸⁰ Fex Bandollero me indicou a letra intitulada "Amor, Honra e Sangue"¹⁸¹ (2011):

Hoje a nossa quadrada é a palavra sagrada
 E em qualquer quebrada ela será celebrada
 Fique firme na estrada mesmo se for comprida
 Pois o Senhor se agrada daquele que prega a vida
 Somos de várias raças, somos de várias cores
 Somos um corpo só, somos adoradores
 Somos, sim, o que quisermos ser
 Pois Jesus Cristo libertou e honrou eu e você
 Disposição pra missão nesse plano de ação
 Transformação: inspiração e elevação
 Esse é o corre do louco, sou irmão, batizado
 Ontem só no sufoco e hoje eternizado

A única referência ao tema reconhece a diversidade racial ao passo que afirma a unidade enquanto "adoradores" do "Senhor"; o que leva a crer que esse reconhecimento restringe-se aos adeptos da sua comunidade religiosa. Sobre a questão, ele diz: "Dentro do que creio, fazemos parte de um mesmo corpo. E um corpo só pode funcionar conjuntamente."

No questionário, ao ser perguntado: "Como tem sido na sua trajetória de vida a convivência com pessoas negras [relação interpessoal, afetiva, artística, escolar, universitária...]?", Fex responde: "Cotidiana. Meu pai é negro, minha esposa é negra,

¹⁷⁹ Ex integrante do grupo Filosofia de Rua. Ele não se sentiu autorizado a falar sobre o mesmo, mas concordou em participar da entrevista com base em sua carreira individual.

¹⁸⁰ Não sei informar de qual seguimento.

¹⁸¹ Cf. <http://letras.mus.br/fex-bandollero/1898708/>

muitos amigos meus são negros. Na igreja onde congrego há 7 anos, 90% da membresia é composta por negros". Em outra indagação, que analisarei no sub-capítulo "*Rappers brancos/as e a visão dos privilégios*" ele, que se declara racialmente como "indefinido (...) fruto de muita miscigenação", assume que há privilégios conferidos pelo fenótipo branco. Talvez essa percepção tenha sido facilitada pela convivência com muitas pessoas não-brancas.

DeDeus MC se declara evangélica, porém não especificou de qual segmento. Considera que sua carreira no Rap é muito influenciada pela religião. Não recebi composições suas para análise, mas encontrei duas que fazem menção à questão étnico-racial. Em "Eu sou DeDeus"¹⁸² (2010), ela canta:

O que você deseja, pode jogar
 Se tu for bom, bons ventos vão soprar
 Viva muito mas não espere
 Assim que a porta se abrir se entregue (...)
 A idéia primitiva
 Soma a ganância radioativa
 Um país que quer ser como Europa
 Finge ser ao receber uma copa
 Mas prefere coibir
 Ao invés dos problemas ele suprir
 Uns se conformam porque a vida não é justa
 Mas falta gente pra fazer justiça!
 No dia a dia fazer o certo não custa
 E a consciência daqueles atija

A canção aborda problemas sociopolíticos e a importância do que a cantora considera ser de "Deus" para o enfrentamento e a eliminação dos mesmos. No verso "Um país que quer ser como Europa finge ser ao receber uma copa", parece afirmar a existência do desejo nacional de embranquecimento. No contexto da crítica, "receber uma copa" não está restrito a ser sede do campeonato mundial, ao que indica, refere-se muito mais ao período em que acontece esse evento, quando os brasileiros se veem ufanados. Confirmei como a vontade de branqueamento se intensificou e/ou foi expressa com mais ênfase na Copa do Mundo de 2014, que aconteceu em nosso território. Eu e meu parceiro de banda, Preto Du, incorporando dois personagens,

182

Cf. <http://letras.mus.br/dedeus-mc/1855791/>

fizemos um vídeo¹⁸³ encenando e exibindo imagens televisivas reais, em diferentes contextos, no qual a branquitude se mostrou exacerbada durante o período competitivo.

Diferente de Fex Bandollero, a *rapper* DeDeus segue uma linha discursiva que não se restringe ao louvor. De sua outra música "Voto capital" (2012), consegui extrair alguns versos, transcrevendo-os do clipe¹⁸⁴, receoso de ter cometido alguma falha no processo.

Levanta cedo que é pra estudar
 Quer ter o seu? então vai trabalhar
 O voto nos fez lutar
 E o que nos fará acreditar?
 Uma pessoa, o nosso país
 Se tá em dúvida, o que me diz
 Somos o povo, somos a voz
 Fé que Ele é justo, olha por nós (...)
 Fascismo, radicalismo, mostra a cara do racismo
 Dignidade e o respeito junta e joga pelo abismo
 Sem pensar só constatar
 Atos maldosos, bandidos, criminosos

O vídeo foi lançado na rede no contexto das eleições 2012 e de julgamento do chamado "escândalo do mensalão". A música aborda a importância do voto. Fala de uma fé em Deus associada ao poder de mobilização popular. A crítica ao racismo aparece de modo breve e diluída em meio a outros problemas, nos quais os culpados são os policiais e políticos "maldosos, bandidos, criminosos".

Na última questão, em que pergunto: "Você acha que a religião pode ajudar a combater a discriminação racial? Como?" Ela responde genericamente:

Sim, quando as pessoas deixam Jesus Cristo entrar em sua vida Ele traz seu reino, porque Ele é rei. A maioria dos valores, pensamentos que tínhamos anteriormente dão lugar a novos sentimentos, pensamentos e valores. Dando alguns exemplos, é a humildade, o amor ao próximo e não julgar para não ser julgado.

Talvez para a *rapper*, deixar "Cristo entrar em sua vida" signifique converter-se ao segmento religioso ao qual é filiada. A contribuição para superar a discriminação racial se dá pela mudança da própria pessoa, através da incorporação de novos valores, a exemplo da adoção de uma postura humilde e de amor ao próximo. Seria interessante

¹⁸³ Cf. no Facebook - <https://www.facebook.com/simplesrap/videos/721959057864343/> ou Youtube - <https://youtu.be/CCMKWdwU7y8>

¹⁸⁴ Cf. <https://www.youtube.com/watch?t=134&v=vTDU4YO3GpQ>

saber como a mesma define "humildade" e "amor" ao semelhante. Essa "humildade" inclui a capacidade para autocrítica (FREIRE, 1983) de si e da própria religião, numa perspectiva de reconhecer que nenhuma é perfeita e todas merecem respeito? Esse "amor" se estende, por exemplo, aos adeptos do candomblé e das demais religiões de matriz africana? Nesse sentido, o "não julgar" abarca aceitá-los como são? De fato, seria interessante compreender o "não julgar para não ser julgado", a propósito do qual me questiono: se a crítica que se faz aos problemas de ordem social não está também fundamentada em um julgamento próprio.

Ao ser perguntada como tem sido a convivência com pessoas negras, reservou-se a dizer que, embora "algumas vezes as portas se fecharam" no Hip-Hop, por ser branca, de olho azul, não faz "diferença entre as pessoas pela cor". Como veremos em próximo capítulo, a *rapper* que se classifica racialmente como "branca" também reconhece haver vantagens sociais (mas não artísticas) em função dos seus traços físicos.

César Kaab Abdul¹⁸⁵, ou somente *rapper* Kaab, se define como muçulmano. Seu primeiro contato com o Islam foi através do livro de Malcolm X, como abordei em capítulo anterior, o qual influenciou fortemente boa parte dos ativistas que iniciaram o Hip-Hop brasileiro. Kaab conta ter se interessado mais pela história de vida de Malcolm do que pela religião.

Segundo entrevista¹⁸⁶ (2014) disponibilizada no *site* "Diário de São Paulo", ele passou por vários grupos de Rap e atualmente se concentra em trabalho solo. Mas em resposta ao questionário desta pesquisa, ele não fez referência a essa nova fase, somente citou o nome de três músicas de trabalhos anteriores, duas das quais encontrei na forma de clipe e pude fazer uma transcrição¹⁸⁷ parcial. No Rap "Caçadores de Racistas"¹⁸⁸, nosso tema-foco é abordado.

Essa é a questão nossa sugestão
 Para aqueles que ignoram nosso gesto
 Como todo ser humano deve ter diplomacia
 Dando as costas para filho da puta racista (...)
 Abra o espaço volte ao passado
 Não foram os brancos que foram os primeiros discriminados

¹⁸⁵ É como ele se apresenta no Facebook. Também é conhecido artisticamente como Vulto.

¹⁸⁶ Cf. <http://www.diariosp.com.br/blog/detalhe/25236/rapper-kaab-al-qadir-fala-sobre-msica-e-religio>

¹⁸⁷ Desculpo-me ao autor por possíveis erros.

¹⁸⁸ Cf. <https://youtu.be/6VhkgHDJ5wU>

Abra o espaço e olhe para os lados
 O Brasil é um país de miscigenados
 Onde não deveria haver toda essa oposição
 Tentando esconder a cara da nossa nação
 Em primeiro lugar se julgam imortais
 Racistas ignorantes, cérebro de animais (...)
 Porque racismo é doença só você não percebeu
 Dessa mesma praga, muitos otários já morreu
 Está escrito em nossa face o quanto odiamos
 Não preciso pintar minha cara pra mostrar ou provar o que estamos
 expressando
 (GRUPO DIAGNÓSTICO, 1990)

Kaab conta que "se firmou no Islam" no ano 2000, após a saída do grupo que batizou de Organização Xiita¹⁸⁹. A música em questão foi feita dez anos antes, o que provavelmente explica não abordar a temática religiosa. Em seu conteúdo, a crítica "ácida" é direcionada ao indivíduo racista - doente e ignorante que não enxerga que "O Brasil é um país de miscigenados". A condição de nação mestiça é acionada como coerência, contra qualquer ação de indivíduos brancos que se baseie em uma pretensa pureza e superioridade.

Com os avanços da genética molecular e mapeamento do genoma humano (PENA; BIRCHAL, 2005-2006), a partir da segunda metade da década de 1990, se divulgou a não existência de raças na espécie humana e que, não só o Brasil, mas o mundo inteiro é geneticamente mestiço. Muitos achavam que tal descoberta seria um antídoto "mágico" para a eliminação do racismo. Porém, o que se verifica é que as desigualdades étnico-raciais permanecem, e os casos de discriminação parecem que se multiplicam. Isso porque, ontologicamente, todas as manifestações do racismo planeta afora - incluindo as teorias de cunho biológico - foram fundamentadas e, ainda hoje, se estruturam a partir da aparência física.

desde seu início, na Antiguidade o racismo sempre foi uma realidade social e cultural pautada exclusivamente no fenótipo, antes de ser um fenômeno político e econômico pautado na biologia. O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta à negação ou confusão; é ele, não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social. É o fenótipo que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais, e como ponto de

¹⁸⁹ Ele informa que o nome para o grupo não tinha relação com a religião e o pouco que havia estudado sobre o "Xiismo" não lhe deu noção "do que era em sua essência". Conforme dicionário do google, xiismo é um ramo da crença muçulmana caracterizado pela convicção de que a sucessão religiosa e política do profeta Maomé, o fundador da religião, deveria ter se restringido a membros de sua família e descendentes, obedecendo o critério permanente de consanguinidade [Tal convicção terminou por condicionar historicamente uma atitude de maior ortodoxia e zelo pela tradição do que a de seus opositores, os sunitas.].

referência em torno do qual se organizam as discriminações “raciais”.
(MOORE, 2012, p.19)

Diferente do que a academia sustentou durante anos, essa estrutura sistêmica centrada no fenótipo não surgiu a partir da escravidão do século XV. Como defende Carlos Moore (2012), sua origem tem aproximadamente 4 (quatro) mil anos de existência, comprovado nos mais antigos textos sagrados, dentre os quais a "Bíblia, de origem judaica, os textos védicos (particularmente o Rig-Veda), os textos fundadores do Zoroastrismo persa (Zend Avestra) e, finalmente, o Alcorão" (*ibidem*, p.41).

Assim defendo que qualquer processo que busque educar o indivíduo para a abolição do racismo deve considerar a importância da alteridade e do respeito à diversidade, aliada ao desenvolvimento da crítica, autocrítica e de ações contra o mito da democracia racial e o privilégio da branquidão.

A outra música de Kaab, "Carta ao poder"¹⁹⁰ (2009?), diz:

Peço a Allah que nos ajude
Nos odiamos sem nos conhecer
Nos odiamos até mesmo sem saber porque
Nem tudo que não vemos é porque não existe
O silêncio que respeita vale mais que mil palavras, eu disse
Até por isso hoje eu sou Kaab Al Qadir (...)
Não falamos apenas de religiões (...) tem aquele que disse (...)
O mesmo motivo que move muitos a se mal dizerem
É o mesmo que deveria mover todos a se mobilizarem
Constroem muros, encarcera a consciência
Aí, súditos sujos, sugam a nossa aderência

Como o próprio título sugere, a denúncia é focada no sistema de poder da classe dominante, que fundamenta o ódio entre as religiões e as pessoas com base nas suas diferenças. Nela, Kaab não faz uma associação direta com a temática racial, mas pontua sua condição religiosa, o que inclui a mudança de nome.

Na citada entrevista, diante do fato histórico de negros malês terem sido traficados para o Brasil (REIS, 2003), lhe foi indagado se percebe influência desses na cultura brasileira, ao que respondeu:

Os malês foram os primeiros muçulmanos a pisar nessa terra, irmão, a influência da cultura africana no Islam você pode encontrar em qualquer

190

Cf. <https://youtu.be/yAltzjmtlcs>

lugar por aqui e no mundo, tanto que temos diversos irmãos muçulmanos africanos, temos Shers africanos que muito ajudam na divulgação do Islam aqui no Brasil até mais que os próprios árabes. Só para você ter uma ideia o primeiro chamado para oração intitulado de Adhan, foi feito por um africano chamado Bilal Ibn Rabah, e é a mesma proclamação que cada muçulmano seja ele branco, preto, amarelo, vermelho, o faz em cada canto do mundo quando vai fazer suas orações diárias.

Sobre a resistência de alguns ao Islam, Kaab acredita ser devido a não conhecerem a religião em sua natureza e também ao que a mídia divulgou em demasia sobre o 11 de setembro¹⁹¹ nos Estados Unidos. Porém, defende que as dificuldades de hoje não se comparam com as do passado:

Não passamos meio terço do que nossos profetas passaram, alguns foram mortos simplesmente por seguir a religião, o profeta Muhammad (Que a paz e as bênçãos de Deus esteja sobre ele) passou por diversos constrangimentos e humilhações, tudo para que a palavra de Deus Exaltado fosse transmitida.

As postagens do *rapper* em seu perfil no Facebook¹⁹² trazem muita referência sobre os direitos humanos, a arte como meio de transformação¹⁹³ e o Islam, mostrado sempre como uma religião que valoriza o respeito em suas mais diferentes expressões, o que inclui, por exemplo, aceitar a mulher no mesmo patamar hierárquico que os homens.

Ele, que no questionário se define como "mestiço", também reconhece que a sociedade privilegia o fenótipo branco; o que veremos mais adiante.

¹⁹¹ Atentado as chamadas Torres Gêmeas.

¹⁹² Cf. <https://pt-br.facebook.com/kaabijihad>

¹⁹³ Um dos seus trabalhos comunitários mais conhecidos é referente à biblioteca ZUMALUMA, cujo significado é: Zumbi dos Palmares, Malcolm X, Luther King, Mandela. Como conta, surgiu da necessidade de colocar em prática o que cantava nas letras. "As pessoas aderirem ao trabalho com muita ânsia, com muita dedicação. Eu quase sempre leio por aí que o povo não gosta de ler, em partes é verdade, mas muitas vezes foi a falta de acesso que levou a isso. O Zumaluma também serviu para o meu amadurecimento como ser humano. Nasci na favela e, às vezes dependendo da caminhada, os bang vão te afastando de suas raízes. Então eu resolvi fincar as minhas raízes abrindo a primeira biblioteca dentro de uma favela aqui em Embu das Artes (SP). E com a graça de Allah (SWT) continuamos firmes e fortes por aqui." Cf. <http://www.diariosp.com.br/blog/detalhe/25236/rapper-kaab-al-qadir-fala-sobre-msica-e-religio>

Capítulo 3

Os dilemas da branquitude

3.1 Autodeclaração racial 2 - "Sou branco/a"

Neste tópico, refletirei sobre a autodeclaração racial e a visão dos/as artistas enquanto brancos/as. Discutirei os conceitos "branco africanizado", de MC Osmar, e o "branco denegrado"¹⁹⁴, bem como o de "branquitude crítica", criado por Lourenço Cardoso (2008), propondo um desdobramento do mesmo. Problematizarei uma frase muito dita como forma de "elogiar" alguns brancos: "mais negro que muitos negros". Analisarei respostas ao questionário e composições.

Conforme "Quadro 4", dos/as 17 (dezessete) entrevistados/as, 16 (dezesesseis) consideraram que, no geral, a sociedade os vê de modo racializado, como brancos/as. Apenas Gaspar se eximiu de um posicionamento mais direto, se limitando a externar sua expectativa de como deseja ser visto: "um ser humano munido de todas as etnias e povos deste e de outros planetas". Como sinalizei, a maioria reconhece privilégio - o que veremos depois - porém, apenas 6 (seis) *rappers* classificam-se como brancos/as. As hipóteses para explicação de tal fato, além de estarem relacionadas ao que foi discutido anteriormente, como a possibilidade de estudo prévio sobre branquitude para participar desta pesquisa, podem estar vinculadas a uma maior maturidade desses/as artistas, com base em experiências próprias sobre o tema. De Deus, Livia Cruz, Lurdez da Luz, MC Osmar, Preto Du e DOPE69 ao/a serem perguntados/as: "Como você se define racialmente? E, na sua visão, como a sociedade te define racialmente?", responderam: "branco/a" para ambas as questões. MC Osmar se declara como um branco diferente: "branco africanizado". Tratarei dessa questão mais adiante. Constatei que entre esses/as 6 (seis) *rappers*, todos/as reconheceram privilégios advindos da condição de branco/a; o que não necessariamente significa estar disposto/a a "abrir mão" dos mesmos. Lourenço Cardoso (2014, p. 192) em sua entrevista com 12 (doze) pesquisadores/as brancos/as que estudam o tema do negro na academia, obteve de todos/as a mesma resposta para ambas as perguntas, ou seja, "branco/a". Ele considera não ter havido controvérsias, pelo fato de os entrevistados serem "especialistas no tema,

¹⁹⁴

O qual batizo, com base em letra "Denegrada" (2011), da Simples Rap'ortagem.

por isso, se depararam com essas questões muitas vezes no decorrer de sua vida acadêmica e além dela."

Dos que se definem brancos/as, Lurdez da Luz foi a única que justificou:

Eu sou miscigenada, tenho sangue de várias partes da Europa, Hungria, Itália e Espanha, tem Oriente Médio, Síria e Líbano e negro de alguma parte da África que não se sabe. Mas meu cabelo é liso, minha pele é clara, meu pai e minha mãe têm a pele clara, minha experiência de vida aqui é como branca, eu não posso escolher outra cor ou dizer que seja indefinida, ou parda, que é um termo que entendo como pejorativo. Eu acredito que uma gota de sangue negro você é negro, mas em relação à identidade, não à raça.

Provavelmente o fato de ter pai e mãe de "pele clara" tenha contribuído para sua autoclassificação enquanto branca. Embora não tenha sido o caso de Lurdez, recorrer à árvore genealógica é um recurso muito utilizado para justificar autodefinições ambíguas enquanto mestiço, brasileiro, humano etc. Nesse sentido também ela poderia acionar o parentesco que representa a "parte da África" em seu sangue. Até porque, numa perspectiva biologicista, acredita-se "que uma gota de sangue negro" torna uma pessoa negra, deixando-me confuso quando diz "em relação à identidade, não à raça". Qual identidade? Político-ideológica? Mas raça também não é uma definição nesse sentido? Considera "pardo" um termo "pejorativo", o que não é comum na visão de um/a branco/a. Pardo e moreno, por exemplo, representam uma zona racial não nítida, de quem, no geral, se classifica com base na conveniência e estratégia (LOPES, 2014). Os desdobramentos em torno da sua "experiência de vida [...] como branca" indica que a *rapper* adquiriu um olhar mais aprofundando sobre as relações raciais.

Chamou-me atenção nenhum/a artista ter se declarado/a "moreno/a"¹⁹⁵. A única referência sobre esse termo veio de De Leve, para responder como acha que a sociedade o define racialmente, ao que disse: "Depende do local. Mas, geralmente como mestiço, moreno ou branco." Para Cardoso (2014, p.56):

A ideia de moreno distanciou-se de sua origem histórica e etimológica associada à ideia de "mouro"¹⁹⁶. A morenidade era uma característica de nascença (biológica) específica de um grupo que possui "pele bronzeada",

¹⁹⁵ Cf. No geral expressões como "moreno/a", "pardo/a", "mulato/a" são rechaçadas entre os adeptos do Hip-Hop. No caso dos negros/as, a referência valorizada é se assumir enquanto preto/a independente da intensidade escura da pele. É uma forma de ressignificar positivamente o sentido depreciativo pelo qual a palavra foi usada ao longo dos anos.

¹⁹⁶ Cf. Dicionário Aurélio. Indivíduo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia (África); mauritano, mauro, sarraceno. 2. P. ext. Ant. Aquele que não é batizado, que não tem a fé cristã; infiel. (CARDOSO, 2014)

“pele marrom”, “pele vermelha”, etc., originário de um determinado espaço geográfico. O branco de cabelo preto ou louro não se encaixava no perfil, em razão de ser considerado branco por nascimento ou “opaco”, “pálido”, “fantasma”, isto é, ser com falta de “morenidade”. De outra forma, a ideia de branco-moreno pode se fortalecer para se distinguir da concepção de moreno atribuída ao mulato. Na hierarquia estética (Schucman, 2012, p. 68-72), em primeiro lugar, estaria o moreno branco, em segundo, o moreno indígena (caboclo), em terceiro o moreno negro (o moreno mulato). A morena branca é [considerada]¹⁹⁷ a mais bela do que a negra e a indígena em virtude de sua brancura.

Vejamos como os/as 6 (seis) artistas que se declararam brancos/as se expressaram diante da pergunta: "Para você, o que significa ser branco (a)?"

| Quadro 5 | | |
|----------|---------------|--|
| Rappers | | Para você o que significa ser branco/a ? |
| 1. | DeDeus | Apenas um estado exterior. |
| 2. | DOPE69 | Nada. Não tenho essa postura. Sou igual a qualquer um. |
| 3. | Livia Cruz | Nunca refleti muito sobre o “ser branco”, desde muito criança fiz sempre o esforço de enxergar mais as semelhanças das pessoas do que suas diferenças. |
| 4. | Lurdez da Luz | Uma embalagem que me foi dada pra eu existir nesse mundo. Só. |
| 5. | MC Osmar | Apenas ter pouca melanina e resistência ao sol. |
| 6. | Preto Du | Ser branco no Brasil especificamente significa ser um sujeito dotado de privilégios. Ser branco é ser herdeiro de uma política que sempre existiu com o fim de nos manter num estado de poder, independente de o indivíduo branco ser ou não contra o racismo. |

Deduzo que a pergunta foi respondida como se a maioria dos artistas tivesse entendido a questão de outro jeito: "O que significa você ser branco/a?". Na visão de DeDeus, MC Osmar e Lurdez da Luz é um detalhe invariável, caracterizado pelos advérbios restritivos "apenas" e "só", que aparecem em suas falas, tentando excluir, por exemplo, qualquer possibilidade de associar o significado de ser branco/a às atrocidades historicamente cometidas por esse grupo racial. No geral, as respostas se dão de modo simplista e um tanto ambíguo; como se o fato de reconhecer algum significado mais objetivo e contextual sobre "ser branco/a" indicasse adotar o mesmo pensamento

197

Grifo nosso.

preconceituoso da sociedade. Lívia Cruz justificou que não foi educada a refletir sobre isso. Em sentido parecido, DOPE69 defende-se "não tenho essa postura". O exercício que ambos se habituaram a fazer é "de enxergar mais as semelhanças das pessoas". De fato, não ser educado/a para a diversidade, para o respeito das relações identitárias, reconhecendo as diferenças individuais/grupais como um valor positivo, uma qualidade humana, é uma das principais causas para que tais diferenças, ao longo da história, tenham ajudado a sustentar a produção e manutenção de desigualdades, e portanto, sejam reconhecidas e assimiladas como algo ruim.

A resposta de Preto Du seguiu por outro ângulo e aqui vale uma observação sobre a parceria artística e afetiva que desenvolvemos. O convite para o mesmo dividir a função de vocalista comigo na banda Simples Rap'ortagem se deu por eu já conhecer e admirar seu olhar "diferenciado" da maioria dos/as brancos/as sobre as relações raciais. Não fui eu quem lhe deu a noção sobre privilégios da brancura. Como no seu relato mencionado anteriormente sobre a experiência de pedir dinheiro com o seu amigo negro, quando eram crianças, ele revela que desde cedo tais privilégios são "visíveis". Então, profissionalmente, percebi que a imagem de um negro e um branco cantando e problematizando, juntos, questões polêmicas conferiria uma dimensão política, educativa e estrategicamente interessante na luta pelo fim do racismo. Minha contribuição para Preto Du se deu no sentido de potencializar a visão que já possuía, lhe apresentando o conceito de branquitude, indicando-lhe bibliografia sobre o tema e aprofundando o assunto em conversas informais. Acredito que toda essa vivência converge para que o mesmo responda a presente indagação do questionário de modo mais crítico. Assim, ser branco/a para ele "é ser herdeiro de uma política que sempre existiu com o fim de nos manter num estado de poder, independente de o indivíduo branco ser ou não contra o racismo".

É bastante raro um/uma *rapper* branco/a fazer menção à própria condição racial em sua música. Até porque, mesmo reconhecendo que a sociedade os/as vê como brancos/as, pouquíssimos/as se declaram como tal, pelas razões já discutidas. Como em alguma medida temos visto, dentre esses poucos, a maioria o faz como forma de defesa por alguma ofensa e discriminação que foi vítima, no geral, relacionadas ao termo "*playboy*". Há quem se afirme branco em contexto de divertimento e também quem o faça criticando a branquitude a partir de si.

De Leve na letra "Menstruação" ¹⁹⁸ (2003), segue sua linha do "divertimento":

Acontece todo mês, desce igual cachoeira e encharca o "OB"¹⁹⁹
 A não ser que cê dê mole e esqueça o remédio pra impedir o bebê
 Dizem que é uma praga, mas até as mais magras
 Ficam com 1 capuzão de fusca, nem preciso de viagra (...)
 Suja a camisa, limpa com "Ace"²⁰⁰ a cama, a mancha,
 Empoça tanto que brinca de lancha
 Pano úmido com sabonete "Lux luxo"
 O sangue desmancha o trabalho que dá
 Não vale a pena, é uma pena eu querendo virar
 E dormir e tendo que limpar até conseguir ficar
 Branco, mais branco que eu no inverno
 E deixo de dar a segunda porque já esgotei minha pilha de esforço interno

Música de caráter sexista em que ele aborda suas peripécias na hora de manter relação sexual com uma mulher menstruada. Sua condição de "branco" associada à limpeza, pode reforçar estereótipo que vincula a cor/raça branca a qualidades como "limpo", "bonito", "desejado" etc.

A *rapper* Flora Matos (2012), em sua música intitulada "Preto no branco" ²⁰¹, diz:

O branco de preto / E o preto de branco
 Preto no branco / Preto no branco (...)
 Ficar de canto na pista é bobagem
 Desenvolve a dança pra chegar no baile
 Mulata bonita dança de verdade
 Requebra no *beat* e o DJ solta a base
 MC chega e desenvolve no mic
 Inspirando as obras de arte no graff
 É o rap na vida da gente, meu chapa!
 O preto e o branco num belo contraste (...)
 Um trampo no gueto / É um preto no trampo
 Um preto no banco / Um gueto no grampo (...)
 Um trampo no beco / É um gueto no trampo
 O branco de preto / E o preto de branco.

Na letra, a percepção da sua identidade branca não é visível. Não há autodeclaração racial. Fala de festa e de um desejo de interação entre pretos e brancos. Ela prossegue:

¹⁹⁸ Cf. <http://www.vagalume.com.br/de-leve/menstruacao.html#ixzz2vkgFI79M>
¹⁹⁹ Absorvente interno.
²⁰⁰ Marca de sabão em pó.
²⁰¹ Cf. <http://www.vagalume.com.br/flora-matos/preto-no-branco.html>

Homem de malote / Mulher de tamanco
 Homem de maloca / Mulher de malandro
 Preto de cartola / Branco de turbante
 O branco diz preto / E o preto diz branco (...)
 O beijo do preto / O desejo do branco
 O branco de preto / E o preto de branco
 (FLORA MATOS, 2012)

Na proposta da letra, mantém-se o desejo de interação sociorracial com a valorização do gesto de assimilar a cultura característica do outro. Numa primeira busca das letras da *rapper* disponíveis na rede, só havia encontrado essa composição. Como não houve resposta positiva da artista na colaboração com a presente pesquisa - segundo sua produção por motivo de agenda - não foi possível que a mesma apontasse, como indica o questionário, as músicas que porventura abordassem a temática racial. Assim, numa segunda busca mais aprofundada, identifiquei mais duas, uma intitulada "Pretin"²⁰², que segue pelo mesmo prisma romântico, da intimidade e do desejo, sem definir-se racialmente, e outra, "Sem mão na cara"²⁰³ que reservei para exame, por dar uma pista para entender como a *rapper* não está alheia a conflitos relacionados ao tema.

Sei muito bem quem são, correm em outra direção
 Vão ter que ter a pureza pra interpretar meu som
 Se sou preta ou não, entenda a minha visão
 Dos brancos eu herdei a cor
 Dos pretos eu herdei esse dom
 (...) Seu problema comigo é que eu nunca te dei mole
 Só pode ser isso, pra tu atrapalhar meu corre
 Meu papo é um só, comigo você não pode
 Eu que não vou te querer nem que um dia eu engorde
 Homem metido, invejoso, problemático, ciumento
 Fica tranquilo que eu quero é mostrar o meu talento
 Será que eu posso entrar? De qualquer jeito eu entro
 Tu não entende o que eu sou, porque não tem discernimento
 (FLORA MATOS, 2009)

Ela faz uma espécie de desabafo, na forma de crítica irônica, direcionada a pessoas que lhe têm causado incômodos por "inveja" e "ciúme" do seu sucesso profissional. Problemas com a inveja é assunto recorrente nas letras de diferentes *rappers* brasileiros/as. Tal sentimento traz uma dimensão perigosa de desgosto e despeito pela felicidade ou sucesso de outrem, gerando anseio pelo seu mal (MIRANDA, 2014). Mas fica explicitado que há outra motivação para a ofensa ou

202

Cf. <http://www.vagalume.com.br/flora-matos/pretin.html#ixzz3eptMd6Mf>

203

Cf. <http://letras.mus.br/flora-matos/1673342/>

desagrado alheio com o seu trabalho, que é o fato de ser uma branca cantando Rap. Talvez por isso tenha iniciado a música se justificando "Se sou preta ou não, entenda a minha visão / Dos brancos eu herdei a cor, dos pretos eu herdei esse dom". Não à toa o trecho é parte do refrão. Para a *rapper* é indiferente se ela é branca cantando música originária dos pretos, pois considera como mais importante ter herdado o talento dos mesmos. Uma provocação que pode ser entendida como: que adianta ser preto se não for talentoso na rima? Daí canta em outra parte "Vai aprender a rimar, se tu quiser, eu te ensino". Para Flora, parece ser mais fácil atribuir a crítica recebida a um ato de inveja do que realizar um exercício reflexivo sobre o que o "sucesso" de uma branca ou branco representa em um contexto de uma sociedade desigual, que, historicamente, tem colocado os não-brancos em situações de injustiça. Evitar discutir a questão por esse prisma mantém a cantora em sua zona de conforto (BENTO, 2003). Com base no conceito de Cardoso (2014, p.270), a postura da mesma é de uma "drácula", na medida em que, enquanto branca, "guia sua ação no sentido de não se observar, afinal, (...) não "precisa"". Tal conduta mantém intocável seu *status* racial enquanto "padrão" hierárquico. O mesmo vale para os/as *rappers* que seguem comportamento análogo.

"Denegrída" ²⁰⁴ (2011) é uma canção autobiográfica em que Preto Du, dentre outras coisas, se afirma racialmente e justifica seu pseudônimo:

Meu nome é Preto Du, e não me venha perguntar
 Antes que você pergunte, eu já vou lhe adiantar
 Por que Preto no meu nome se eu tenho a pele clara?
 "- A resposta é bem clara". ã, ã, é bem escura (...)
 Alimento os sentimentos que habitam no meu corpo
 Os pensamentos tão escritos para quando eu estiver morto
 Louco? Sou sim, pode me trancar no hospício
 Mas mudar minha ideologia vai ser difícil (...)
 Se tem negros completamente embranquecidos
 Eu sou um branco completamente denegrído

²⁰⁴ Denegrída era o nome do anterior grupo de Preto Du, idealizado pelo mesmo enquanto fã da banda Simples Rap'ortagem. Ele informa ter se inspirado nos versos da música Quadro Negro (2004-2005): "Se na prova der branco na memória, vamos denegrir a sua mente com a nossa história", na época, cantados por mim, Paula Azeviche e Gueléo, ambos negros. Conta Preto Du que ficou um bom tempo intrigado, tentando compreender o sentido da palavra "denegrir" no contexto da canção. Cf. música Quadro Negro - <http://www.simplesrap.com/2010/05/quadro-negro-2005.html> Cf. música Denegrída - <https://www.youtube.com/watch?v=iT2Fia3-e-0>

Antes de analisar a letra, considero importante fazer algumas considerações. Essa era uma obra inacabada do anterior grupo de Rap de Preto Du. Aproximadamente 80% do conteúdo estava pronto, mas para que incorporássemos a mesma no repertório da *Simples Rap'ortagem*, segundo ele, faltava o meu aval, apontando criticamente o que deveria ser corrigido e acrescentado. Uma vez que eu tinha maior experiência e habilidade com o tema e com os versos, conseguiria mais facilmente converter em rimas algumas de nossas ideias, fruto de constantes diálogos informais. Com isso, ele buscava evitar que sua autobiografia musical incorresse em afirmações comprometedoras e equivocadas na perspectiva crítica da militância negra. Assim, entrei como coautor da obra²⁰⁵. Sobre seu nome artístico, eu considero: "O saque tá no pseudônimo, na provocação / Preto Du, aquele que não precisa não / Se dizer, afirmar afrodescendente / Negro, pra ser aceito entre a gente". Em suma, como veremos, seu pseudônimo está coerente com o que defende na letra. Objetiva chamar a atenção para um tema em que os seus não dão muita importância. Seria um "tiro no pé"²⁰⁶ se o mesmo se afirmasse negro. Ao contrário, se declara branco, reconhece e questiona os próprios privilégios, ao passo que direciona toda a crítica a seu próprio grupo racial pelos vários equívocos. Para ele, não há obviedade em torno do significado em usar o pseudônimo Preto Du. Diferente do que alguns poderiam deduzir, não é "claro", nem tão fácil entender. Em sentido inverso, provocativamente, afirma "é bem escuro", fazendo uma referência direta à posituação da palavra "escuro" e à tensão racial a qual problematiza, que aprofundarei no próximo sub-capítulo, quando será discutida a visão dos/as artistas sobre os privilégios. Por ora, interessa-me verificar e refletir sobre como o/a artista se declara na canção.

No verso "se tem negros completamente embranquecidos, sou um branco completamente denegrado", sem negar a sua identidade, ele inverte a lógica do embranquecimento, "enegrecendo" suas ideias. Outro trecho deixa explícito como se define a partir de uma negação comumente usada para defender/caracterizar brancos/as que se afirmam negros/as e/ou que se simpatizam com a cultura de matriz africana: "'Mais negro que muitos negros", na moral / Se eu falasse isso, me sentiria irracional / Sou Eduardo Filho, que no trilho racial / É branco no nome e privilegio social". O "elogio" que Preto Du rejeita e critica é o mesmo que deixou o *rapper* Don Bruno

²⁰⁵ Explico isso em função de possíveis dúvidas e curiosidades que alguns poderiam ter ao constatar que meu nome também aparece assinando a autoria da letra.

²⁰⁶ Popularmente se refere a ação que se volta contra a própria pessoa.

"profundamente orgulhoso". Como nos conta no questionário, buscando reconhecê-lo enquanto aliado na luta contra o racismo, o DJ do grupo Inquérito - que segundo Bruno "é um cara negro e estudioso sobre tudo o que envolve o passado, a escravidão" - assim se referiu a ele "mais preto que muitos pretos que eu conheço". No contexto de militância negra²⁰⁷, um/a branco/a se afirmar ou aceitar tal rótulo é um impropério, na medida em que, já privilegiado por sua condição de branco/a, se coloca mais uma vez como superior. Reflete insensibilidade e falta de empatia por não considerar as diferentes dimensões - histórica, política, social, psicológica, econômica etc. - do que representa "ser negro/a" em uma sociedade racista, que violenta estruturalmente essa identidade, ao passo que promove o embranquecimento²⁰⁸ ideológico e cultural da população.

Baseado no contexto da música, o termo "branco denegrado" pode servir para orientar a prática de outros/as brancos/as, dentro ou fora do Hip-Hop, que pretendem ser reconhecidos/as como aliados/as, como verdadeiramente antirracistas. Assim, para fins didáticos, defino

Em que consiste o termo "branco denegrado"?

Refere-se a uma postura política e não a uma afirmação de identidade, ao/a branco/a que se reconhece como peça da estrutura a qual o racismo opera, que faz mais que a "lavagem cerebral" sugerida por Gabriel O Pensador, se submetendo a uma espécie de "quimioterapia denegrecedora" contra as "células cancerígenas" do racismo. Nesse processo, ele/a vê caírem de sua cabeça velhas crenças. Passa por diferentes sentimentos como culpa, vergonha, indignação, raiva... enfrenta seus "demônios", até que, vitorioso/a, se estabelece renovado/a em suas ações. Torna-se denegrado/a, não por se afirmar negro/a, mas por incorporar a perspectiva de denúncia da militância negra, que, dentre outras coisas, considera que os privilégios e a omissão sustentam as desigualdades sociorraciais. Em suma, o "branco denegrado" é um branco "sartreano"²⁰⁹.

²⁰⁷ Relaciona-se aos seguimentos dos Movimentos de negritude baianos que tive aproximação, como MNU (Movimento Negro Unificado), Níger Okan, Fórum de Entidades Negras da Bahia, CONEN (Coordenação Nacional de Entidades Negras na Bahia).

²⁰⁸ Sobre a adoção brasileira do branqueamento enquanto política nacional, Cf. Teoria do embranquecimento (SCHWARCZ, 1993; SKIDMORE, 1976 e outros).

²⁰⁹ Em referência a Jean-Paul Sartre, em seu famoso prefácio (1961) para a obra "Os condenados da Terra" (1968), de Frantz Fanon.

Desenvolvendo mais o conceito, o "branco denegrado" se reconhece como branco, questiona os privilégios individuais e coletivos conferidos por esse fenótipo. Se identifica com a luta negra, aliando-se a essa, consciente de que o protagonismo cabe aos/às próprios/as negros/as. É o branco com as ideias "escurecidas", em que o próprio termo "denegrado" indica a incorporação de palavra com conotação socialmente negativa, de modo estratégico, positivada e politizada. Mc Osmar se define como "branco africanizado" que, pelas suas considerações, tem semelhança com o "branco denegrado", ao reconhecer privilégios, porém, diferente desse, não os questiona. O "branco africanizado" diz respeito não necessariamente a uma postura, mas sim a uma construção de identidade.

O "branco denegrado" traz uma dimensão curiosa de afirmação, pois sua existência se dá contrária a do "negro embranquecido", que busca os traços físicos da brancura. Em contraste, o "branco denegrado" não almeja se parecer fisicamente com o negro, o que pode se configurar um problema, na medida em que, involuntariamente, continuará acessando as vantagens²¹⁰ da branquitude (CARDOSO, 2014). Porém, é a partir dos seus traços físicos que essa mesma branquitude será questionada, problematizada. Se buscasse a semelhança fenotípica do negro, poderia ser acusado de falso, superficial, de querer parecer o que não é. Considero a postura menos problemática que a dos brancos que negam a existência de privilégios e se autodeclaram negros meramente por possuir parentesco de pele escura ou porque defendem não existir brancos no Brasil (SOVIK, 2009). Se há DIREITO que possibilita a existência de "negros embranquecidos", que proporcionalmente haja DEVER que fomente a consciência de "brancos denegrados". Sigo nesse sentido, acreditando estar cumprindo uma obrigação ética.

Diferente do "branco africanizado" de Mc Osmar, o "branco denegrado" é o branco de "branquitude crítica", ou seja, que, individual ou em grupo, desaprova publicamente o racismo (CARDOSO, 2008, p.178). Assim, posso afirmar que todo "branco denegrado" é partidário da "branquitude crítica", mas nem todos que pertencem à "branquitude crítica" são "brancos denegrados".

²¹⁰ Nesse ponto, tenho chamado a atenção do meu parceiro de banda, Preto Du, em relação a própria vaidade, uma vez que se destaca enquanto padrão de beleza. Aos cuidados que deve ter em relação a esta armadilha da branquitude.

Numa perspectiva de colaboração político-semântica, sugiro um desdobramento do conceito de "branquitude crítica", cunhado por Cardoso (*idem*), tendo em vias uma melhor compreensão dos diferentes lugares que os *rappers* se encontram enquanto denunciadores públicos do racismo. Assim:

O que é branquitude "crítico-passiva" e "crítico-ativa"?

- **"Branquitude crítico-passiva"**, aquela relacionada ao indivíduo ou grupo de brancos que denunciam publicamente o racismo e privilégios da sociedade, dos outros, porém, acomodam-se na omissão de não reconhecerem-se parte do problema, ou seja, não problematizam publicamente os próprios privilégios.
- **"Branquitude crítico-ativa"**, aquela referente ao indivíduo ou grupo de brancos que, a partir da autocrítica sobre os próprios privilégios, denunciam publicamente o racismo, mobilizando ações pró-equidade.

Tais definições serão contextualizadas nos próximos tópicos.

3.2 Rappers brancos/as e a visão dos privilégios

Neste tópico, abordarei a visão dos/as artistas sobre o privilégio conferido pelo fenótipo branco. Analisarei composições e respostas ao questionário. Apresentarei os significados de privilégio. Trarei minha colaboração teórica para o debate sobre a "invisibilidade / neutralidade" racial. Apresento um conceito sobre branquitude, com base no que Bourdieu (2005) chama de *habitus*.

Minha hipótese inicial com a presente pesquisa era que a maioria dos/as *rappers* brancos/as não possuía visão sobre os privilégios da brancura. Pensava dessa forma por não ver tal assunto nas obras de Rap nacional. Curiosamente, dos 17 (dezessete) artistas que responderam ao questionário, 15 (quinze) reconheceram, em alguma medida, que independente do desejo, o fenótipo branco produz nas relações sociais vantagens e

benefícios diversos, de ordem simbólica e material. Vejamos a confirmação dos/as artistas em relação à indagação: "Você considera que há alguma espécie de privilégio, vantagem em ser branco? Você já vivenciou alguma experiência nesse sentido?"

| Quadro 6 | | |
|-----------------------|--------------|--|
| <i>Rappers</i> | | Você considera que há alguma espécie de privilégio, vantagem em ser branco? Você já vivenciou alguma experiência nesse sentido? |
| 1. | DeDeus | Com certeza, mas não no meio artístico. Infelizmente o país em que vivemos é sim muito preconceituoso. É nítido que os táxis param pra mim com mais facilidade, por exemplo. |
| 2. | De Leve | Sim, há. Ser jovem e negro é ter suas chances de ser assassinado, inclusive pelo estado, que é quem deveria protegê-lo. |
| 3. | Don Bruno | <p>Sim. Como no meu grupo sou o único branco, sempre quando somos abordados pela polícia o tratamento comigo é um, com meus amigos é outro. Isso é escancaradamente visível! Certa vez um policial pediu o documento de todos, eu estava sem. Ele apenas pediu para levantar a camiseta para ver se eu não estava armado, solicitando em seguida que eu ficasse de canto. Com meus amigos, só faltou virá-los pelo avesso, fez inúmeras perguntas, sempre de forma truculenta... parecia que eu era uma vítima de sequestro e meus amigos eram os sequestradores.</p> <p>Outra situação recente: estávamos em São Paulo, na Avenida Paulista, depois de um show, era madrugada e precisávamos pegar um táxi para o hotel... nenhum taxista parava.. a nossa tática foi meus amigos negros se afastarem de mim, e só eu pedir para um táxi parar... na primeira tentativa um taxista parou... antes que ele visse meus amigos se aproximarem e arrancar com o carro, já disse que acabamos de sair de um <i>show</i> e precisávamos ir para o Hotel Ibis, já para ele não pensar que meus amigos eram bandidos...</p> |
| 4. | DOPE69 | Sim, principalmente quando era mais jovem, com meu grande amigo Márcio (DJ T, do grupo O Credo). Quando a polícia nos parava, ninguém me chamava de branquelo, mas ele era sempre o "negrinho". |
| 5. | Elvis Kazpa | <p>Com certeza, há certos privilégios! Já vivenciei vários episódios que mostraram isso. Trabalhei em uma loja de roupas durante 1 ano e meio. Minhas colegas de trabalho tinham receio em atender muitos negros, que pra elas eram aparentemente pobres, pois imaginavam que não iriam comprar nada, não trariam lucro financeiro pra elas. Eu mesmo fazia questão de atender no lugar delas e fazia várias vendas aos mesmos que elas achavam que não iriam comprar nada.</p> <p>Fora as abordagens da polícia que são diferentes quando se trata de um suspeito branco, ou negro. Já vivi muitos casos.</p> |
| 6. | Fabio Brazza | Eu nunca soube o quão privilegiado eu era até conviver com negros e pobres e notar o quanto eles sofriam preconceito. Um |

| | | |
|-----|----------------|---|
| | | exemplo é o do restaurante contado na historia acima ²¹¹ . Outro exemplo é ouvir deles a visão que tinham da polícia e o quanto sofriam com os policiais. Eu nunca tive o pensamento que um policial fosse um inimigo, até então, muito pelo contrário, para mim polícia era sinônimo de amigo e segurança. Ao ouvir suas experiências com policiais, ficava indignado e comecei a entender um pouco melhor a fonte desse ódio. Uma vez a polícia parou o carro em que eu estava com meus amigos negros, eles estavam na frente e eu atrás, eles até brincaram; “eles tão pensando que a gente está sequestrando você, dois negros na frente e um branquinho atrás é sequestro!” Por isso sim posso dizer que por ser branco tenho muitas e muitas vantagens, muitas das quais eu nem saiba que tinha. |
| 7. | Fex Bandollero | Na sociedade em geral ainda há, sim, muitos privilégios. Eu acredito, verdadeiramente, que eu mesmo tive algumas oportunidades de trabalho e estudo que outros da minha faixa etária e nível socioeconômico não tiveram por causa da cor de suas peles. |
| 8. | Gaspar | (...) Vejo um Brasil com resquícios coloniais vigentes e racistas, uma minoria que se acha privilegiada por serem donos dos grandes empreendimentos do país, um país que segue padrão feudal de dominação sem reparação... Por isso sempre dissemos: a reparação é feita na prática... Quem tem que limpar a merda é quem fez! Esta branquitude racista que está no poder acha que goza de privilégios e imunidades, mas na verdade a nossa consciência está ampliando, as visões do povo está mudando (...). Vejo vários privilégios, principalmente na política partidária (...). |
| 9. | Janaína Noblat | Antes massacravam as pessoas da pele escura de forma abertamente, nos dias de hoje houve algumas mudanças, mas não o suficiente para deixar as pessoas negras totalmente livres do preconceito e das nuances de preferirem mais a cor branca como padrão. Não passei por nenhuma experiência de privilégios, tudo que alcancei e que almejo são através de esforços de ter foco e dedicação. |
| 10. | Jasf | Lógico que tem privilégio, ou se não tem privilégio, pelo menos existe o privilégio de não existir barreiras, diferente de meu irmão preto que precisa provar que é alguém de confiança, inteligente ou capaz. Aqui no Brasil tudo é muito descarado, fingido, talvez tenha vivenciado algo neste sentido mas justificariam dizendo que não foi por causa da cor e que não existe isso, foi simplesmente mérito. 1 - Eu era jovem ator em uma ONG e sempre tive muito mais possibilidades de atuar em filmes que meus companheiros de grupo. 2 – Meu grupo de Rap, hoje em dia BANDA, somos 9 e só eu de pele mais clara, eu sempre tive o melhor emprego e as melhores oportunidades. Acredito que isso é fruto do nosso processo |

²¹¹ Em referência a um caso citado em outra resposta do questionário: "Uma vez levei dois amigos negros para comer no restaurante do meu pai, no estacionamento fomos barrados e o segurança nos disse; “você vão no restaurante? Mas lá é caro, hein? Você vão fazer o que lá, lavar prato?” Aquele dia pude sentir na pele um pouco da dificuldade e da injustiça que o negro sofre todo dia." (BRAZZA, 2014)

| | | |
|-----|---------------|---|
| | | educativo e de Racismo Institucional. |
| 11. | Kaab | Claro! Então, CLARO! Entendeu? O Brasil foi estabelecido para beneficiar somente um povo, o branco, nosso país não foi pensado para o preto, mano. Sobre privilégios eu posso não ter me apercebido, no entanto, certamente alguém já deve ter passado um pano “branco” pra mim em alguma ocasião da minha vida. |
| 12. | Livia Cruz | Eu não diria “privilégio” ou vantagem, mas de fato já vivenciei situações onde eu não fui constrangida ou maltratada por ser branca. Não acho que a ausência do constrangimento ou de maltrato seja um privilegio, entende? Não podemos achar que ser mal tratado é normal e ser tratado com respeito é um privilégio. Percebo que há diferença no tratamento em muitas circunstâncias, exemplo: saía do mercado com minha enteada negra, e o alarme de um dos produtos apitou, saímos normalmente do mercado, mas ela afirmou- “Se eu tivesse sozinha já teria sido abordada por seguranças”. |
| 13. | Lurdez da Luz | Existe! Você já não vivencia o racismo institucional, uma barreira a menos, existe uma possibilidade maior de que sua família seja estruturada economicamente, já que estatisticamente a maioria branca tem mais poder aquisitivo que a maioria negra. Eu vivenciei no meu primeiro disco uma aceitação maior de imprensa por ser branca, acho que tem a cor da pele, porque meu trabalho contém referências que os "formadores de opinião" conseguiam entender, era um Rap que eles podiam assimilar... Porque o universo cultural negro sempre foi perseguido, aí, quem tá na frente dos meios de comunicação mais tradicionais não entende, não vivenciou aquilo, estranha, daí quando se mostra de uma forma que eles captam, tudo bem. |
| 14. | MC Osmar | Sim, em alguns espaços realmente sou melhor aceito pela aparência. |
| 15. | Preto Du | O branco é um ser dotado de privilégios. Eu percebo esse privilégio em todos os momentos. Quando ligo a TV, abro revistas, vejo profissionais bem sucedidos, na política... Só vejo gente branca, com raras exceções. Meu cabelo é chamado de “cabelo bom”, o cabelo do meu amigo negro é chamado de “cabelo ruim”. Sempre sou bem tratado quando entro em uma loja de roupa ou um restaurante, mesmo quando estou de bermuda, camiseta e chinelo. Já trabalhei em uma loja de roupa famosa, destinada ao público de classe média. Muitas vezes quando entrava um cliente negro, o gerente sutilmente me pedia pra ficar de olho, contar quantas peças de roupa levavam para o provador. Esses pedidos nunca me eram feitos quando o cliente era branco. Engraçado que presenciei três vezes roubo nessa loja. Nenhum deles foi cometido por clientes negros. Quando acontece uma festa em que o público é essencialmente branco, dizem que só vai dar gente bonita. Dizem exatamente o contrário quando é uma festa essencialmente negra. (...) Teria mais vários exemplos de como ser branco é inumeramente mais fácil, mas acho que não caberia aqui nesse espaço. |
| 16. | Rubia | Pelo contrário, no começo de minha trajetória no Hip Hop, por ter pele clara, fui hostilizada em alguns meios mais radicais. Hoje é |

| | | |
|-----|-------|---|
| | | passado e tenho meu espaço e respeito conquistados na cultura. |
| 17. | Shark | Nunca fui alvo de preconceito racial, mas tenho exemplos de uma pessoa branca querer andar com pessoas negras e ser rejeitada por ser branca. |

Algumas respostas foram acompanhadas de ressalvas dos/as *rappers*, apontando casos de discriminação que foram vítimas. No geral, como tais casos já foram apresentados e discutidos, não os expus novamente, buscando objetividade sobre reconhecer ou não a existência de privilégio conferido pelo fenótipo branco.

Segundo o dicionário do Google²¹², privilégio significa: a) "direito, vantagem, prerrogativa, válidos apenas para um indivíduo ou um grupo, em detrimento da maioria; b) oportunidade ou concessão especial para realizar algo muito desejado ou valorizado; c) situação de superioridade, amparada ou não por lei ou costumes, decorrente da distribuição desigual do poder político e/ou econômico". O *site* Conceito.de²¹³ complementa: "vantagem especial ou a isenção de uma obrigação (...)". Todas essas definições, de algum modo, estão imersas nas falas dos/as *rappers* e os exemplos e casos são bastante elucidativos.

O prestígio da pele clara na parada do táxi, nas abordagens policiais e no tratamento a clientes em lojas é constante nos relatos. Questões que convergem na característica institucional pela qual o racismo opera, ou seja, através dos pontos de poder, também chamados, segundo concepção bourdiana²¹⁴, de "campos"²¹⁵ - econômico, educacional, artístico, científico, jornalístico, político, religioso, familiar etc -. São núcleos reprodutores de desigualdades (BOURDIEU, 2005), onde sua estrutura "é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo" (THIRY-CHERQUES, 2006, p.37). São espaços de relações objetivas

²¹² Cf. www.google.com.br"o que é privilégio"

²¹³ Cf. <http://conceito.de/privilegio#ixzz3hyV4dAfh>

²¹⁴ Relativa ao autor Pierre Bourdieu.

²¹⁵ "Espaços sociais, mais ou menos restritos, onde as ações individuais e coletivas se dão dentro de uma normatização, criada e transformada constantemente por essas próprias ações". (MORAES, 2006-2007, p.183). Conforme explicações dadas em contexto de aula, pela prof^a. Dr^a. Delce Mascarenhas (2013), na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), "campos" são microcosmos sociais, com atividade cultural, leis e discursos específicos, articulados como mercado de bens simbólicos.

consolidadores de "*habitus*"²¹⁶ no qual seus agentes dominantes se movimentam principalmente pela aquisição/manutenção de capital simbólico²¹⁷. *Habitus* são ao mesmo tempo "estruturas (disposições interiorizadas duráveis) e são estruturantes (geradores de práticas e representações) (*ibidem*, p.33)", que classificam e organizam as interações sociais dentro de um "campo". Além de tais características, talvez a principal seja a de ser "infraciente",

como uma segunda natureza, parcialmente autônoma, já que histórica e presa ao meio. Isto quer dizer que ele nos permite agir em um meio dado sem cálculo ou controle consciente. O *habitus* não supõe a visada dos fins. É princípio de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção (BOURDIEU, 1987, p.22 citado por THIRY-CHERQUES, 2006, p.34).

Tal componente subliminar²¹⁸ é o terreno que aduba e fertiliza a violência simbólica que envolve, dentre tantas questões, raça-etnia. Considero tais conceitos de Bourdieu importantes para o exercício de melhor compreensão do racismo brasileiro, entendendo, por exemplo, que em nosso contexto, o mesmo opera através dos "campos" sociais, estruturando "*habitus*" com base no fenótipo e se perpetuando com eficiência através de sua natureza infraciente: principal sustentadora do mito da democracia racial. O esforço que faço aqui de pensar relações raciais com base em concepções bourdianas, é inicial e auto-indicativo para aprofundamento em trabalhos futuros.

Por ora, apresentarei um conceito próprio, sobre privilégio branco, para fins didáticos:

²¹⁶ Um sistema de percepções, práticas, juízos e gostos automatizados sócio-ideologicamente nos indivíduos através de estruturas institucionais. (BOURDIEU, 2005)

²¹⁷ Correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social) (THIRY-CHERQUES, 2006, p.39).

²¹⁸ psic que não ultrapassa o limiar da consciência, que não é suficientemente intenso para penetrar na consciência, mas que, pela repetição ou por outras técnicas, pode atingir o subconsciente, afetando as emoções, desejos, opiniões; subconsciente. Cf. Google "o que é subliminar".

O que é branquitude?

É um *habitus* racial, uma expressão do racismo. É um sistema de pensamentos e comportamentos condicionados, individuais e coletivos, que outorga duradouros privilégios - simbólicos e materiais - para as pessoas de fenótipo branco.

Para Liv Sovik (2009, p.50)

A branquitude é um atributo de quem ocupa um lugar social no alto da pirâmide, é uma prática social e um exercício de função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente. A branquitude mantém uma relação complexa com a cor da pele, formato de nariz e tipo de cabelo.

DeDeus afirma a existência de privilégios, mas não no meio artístico, pelo menos não em sentido próprio. Diferentemente, Lurdez da Luz considera que foi beneficiada "por ser branca" na imprensa, com a boa aceitação do seu primeiro disco. Os mecanismos tradicionais de comunicação²¹⁹ são componentes estruturantes da chamada "indústria cultural". Não é nosso foco abordar os novos rumos do mercado fonográfico, mas a rede a qual o mesmo faz parte, ainda tem significativa parcela da imprensa como aliada provinciana, em que os "formadores de opinião" são seus "braços fortes", de visões anacrônicas e preconceituosas. Não à toa estranham o "universo cultural negro" que, diferente do que esperam, está longe de ser homogêneo, além de ter uma parcela cada vez mais reduzida de artistas "cordiais"²²⁰ e restritos aos ditames do entretenimento da referida "indústria".

Livia Cruz traz uma reflexão interessante sobre a pergunta: "Você considera que há alguma espécie de privilégio, vantagem em ser branco? Você já vivenciou alguma

²¹⁹ TV, rádio, jornais impressos, revistas.

²²⁰ Em referência ao "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda "que se caracteriza como expressão de fundo emotivo, desejoso de estabelecer relações de intimidade, não é cerimonioso, age através impulsos afetivos, tem horror às distâncias, quer tornar todas relações pessoais, (...) caracteriza necessariamente o predomínio da afetividade (...). (HOLANDA, 1956 citado por MARÇOLA, 2005, p.37)

experiência nesse sentido?". Ela reconhece ter experimentado um tratamento diferente por ser branca, onde não foi "constrangida" ou "maltratada" e daí alega: "Eu não diria "privilégio" ou vantagem (...). Não podemos achar que ser maltratado é normal e ser tratado com respeito é um privilégio". Ou seja, na medida em que se acha normal, assume-se, a nosso ver, uma postura conivente, conformista. Porém, o termo privilégio não se aplica ao que "podemos achar" normal, mas sim, ao que de fato se constata ser "normalizado", "naturalizado". Nesse contexto, qualquer tratamento racial diferenciado é um *habitus*, uma discriminação reproduzida como aceitação de algo comum, cotidiano, que faz parte do DNA da sociedade e não como uma construção histórica e social, uma violência a ser superada. Essa diferença de tratamento gera um quadro desigual, conferindo aos/às brancos/as superioridade, facilidades, ganhos, prazer, e para não-brancos/as, inferioridade, dificuldades, perdas, dor. Assim, constatamos: os/as que se aproximam da branquidade, mais do que meramente "respeitados", são privilegiados, enquanto, os/as da negritude, mais do que somente "não-beneficiados", são violentados em sua dignidade.

Embora Rubia tenha dito que na sua experiência dentro do Hip-Hop vivenciou o que chama de o "contrário", uma desvantagem por ser branca, na pergunta seguinte: "Você acha que os brancos podem desempenhar algum papel no combate à discriminação racial? [Se sim] Qual seria esse papel? [Se não, por quê?]" ela reconhece: "Esse "branco" não me parece disposto a reformular conceitos enraizados na sociedade em troca de seu conforto". Nesse contexto, o "conforto" é uma zona, um lugar de quem se mantém favorecido por um tratamento distinto dos demais.

Fex e Kaab admitem o poder da branquidade, mas apontam a ausência de um autoexercício perceptivo sobre onde e como a cor da pele os privilegia. Assim, também Janaína Noblat assume a existência de privilégios, segundo a qual preferem "mais a cor branca como padrão", dito como forma de reforçar que os negros são desfavorecidos, mas não como real reconhecimento de que os/as brancos/as - involuntária e independentemente de como se afirmam enquanto identidade racial -, são beneficiados. A chamada "invisibilidade" sobre a própria branquidade chega ao ponto mais perigoso e conservador, em sua fala: "Não passei por nenhuma experiência de privilégios, tudo que alcancei e que almejo são através de esforços de ter foco e dedicação." Por esse pensamento, o racismo deixa de operar de modo estruturante e institucionalizado, passando a ser confundido com discriminação pontual e não como algo sistemático. O

problema passa a ser individual, do/a próprio/a negro/a, que não teve "esforço", "foco" e "dedicação" suficientes.

Admitir o impacto do racismo que lhe traz privilégio mina, para o branco, a autoimagem de competência e de mérito. Fica difícil reconhecer que "negros nas mesmas condições que brancos não costumam ter as mesmas oportunidades, os mesmos tratamentos" (CEERT, 1999, p.3), pois esse fato lhes mostra que nem sempre é o mérito que rege a conquista de posições superiores por parte do branco. Por isso, "uma grande resistência a superar é a crença, que muitos querem preservar, de que o esforço individual é reconhecido com imparcialidade (NASCIMENTO, 2003, p. 211).

Essa "isenção de obrigação" - conforme uma das definições de privilégio - de manter-se atento a como a branquitude lhes traz vantagens (também de como o machismo nos beneficia enquanto homens, por exemplo), é uma das principais características que possibilita tal *habitus* racial permanecer eficientemente atuando.

O tema "invisibilidade" ²²¹ me faz adentrar num campo teórico em debate. Segundo Cardoso (2008, p.190-191), em sua dissertação:

A invisibilidade da identidade racial branca tornou-se umas das questões controversas na teoria sobre branquitude. Ao pensar na realidade brasileira, essa ideia de branco "invisível" parece realmente "ficção", porque sugere a concepção de uma identidade racial não marcada (...). Mesmo que mitos como a democracia racial invisibilizem o conflito não significa que esse não existia. Invisibilidade não significa ausência.

Parece-me que o problema é de ordem semântico-hermenêutica. Mais que caracterizar ²²² essa "invisibilidade", falta mapeá-la conceitualmente. O que a autora Edith Piza (2003, p.61) defende é haver "uma fronteira invisível que se impõe entre o muito que se sabe sobre o outro [não-branco] e o quase nada que se sabe sobre si [branco]". Como na própria citação da autora (Piza, 2002: 61-62) feita por Cardoso (2008, p.190), a mesma usa a expressão "suposta invisibilidade". Particularmente, entendo essa "fronteira invisível" como a fronteira do normal, do silêncio "sobre sua própria racialidade [que] faz exacerbar a racialidade do outro" (PIZA, 2003, p.85),

²²¹ Sobre este tema Cf. Piza (2002), Frankenberg (1999; 2004), Wray (2004), Oliveira (2007) e Cardoso (2008).

²²² Ouve um exercício nesse sentido na tese de Cardoso (2014), quando seus entrevistados respondem a pergunta: "Como explicar a "super-visibilização" do negro e ao mesmo tempo a "invisibilização" do branco na teoria e discussão sobre relação racial no Brasil?". Lúcio Oliveira (2007), chama a invisibilidade de ""relativa" falta de consciência da própria racialidade e dos privilégios de ser branco".

como a própria zona de conforto que mantém a branquitude como uma forte guardiã silenciosa de privilégios (BENTO, 2010).

Nascer e crescer sob o mito da democracia racial confere ao branco um padrão de normalidade para seus privilégios. É assimilado pelo subconsciente, sem esforço. Se manterá confortável, neutro (e/ou "invisível"), até que alguma agitação externa lhe provoque a autocrítica. Como a branquitude se manifesta em várias gradações, é possível que essa "neutralidade" (e/ou "invisibilidade") se manifeste também em níveis diferenciados.

Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais, para uns, e a neutralidade racial, para outros. As consequências de visibilidade para negros é conhecida, mas a da neutralidade do branco é dada como "natural", já que ele é o modelo paradigmático de aparência e de condição humana"(PIZA, 2003, p.72).

Assim, ao que indica, o foco da autora não é a "invisibilidade" em si, mas a neutralidade, a conveniência em não se posicionar, em se abster de tomar partido sobre a condição de branco/a. Para a maioria desses/as, é uma postura automatizada, movida pelo inconsciente, tão "normal" como passar a marcha de um carro, enquanto ao mesmo tempo dirige e fala ao celular.

Cardoso parece reconsiderar seu ponto de vista em relação ao tema. Em sua tese (2014, p. 270), pondera: "A característica do branco não se enxergar traduz-se melhor com o significado de não possuir o hábito de se autocriticar. Mesmo porque enquanto Narciso vai criticar o quê?"

Desenvolvi um quadro conceitual, para melhor se pensar a distinção entre invisibilidade e neutralidade relacionadas a branquitude.

| Invisibilidade | Neutralidade |
|---|--|
| Inconsciência, constante ou não, da situação de privilégios. | Consciência constante da situação de privilégios. |
| Posicionamento passivo, não dissimulado, não intencional de acomodação frente aos privilégios. | Posicionamento ativo, dissimulado, intencional de omissão e indiferença frente aos privilégios. |
| Ausência de autocrítica - causada pelo olhar imperceptível sobre os próprios | Ausência de autocrítica - motivada pelo |

| | |
|---|---|
| privilégios. | desejo se manter na zona de conforto. |
| Indiretamente, acaba por colaborar para a manutenção dos privilégios. | Colabora diretamente para manutenção dos privilégios. |

Assim, a metáfora²²³ "porta de vidro", de Edith Piza (2003), pode ser entendida também relacionada a percepção sobre a própria branquitude, pela perspectiva da invisibilidade (quando ainda não se chocou contra a porta de vidro) e da neutralidade (após se chocar contra a porta de vidro). Ambas as expressões são resultante da natureza infraconsciente do *habitus* racial, que, em sua relativa autonomia, "encontra-se entre o inconsciente-condicionado" (invisibilidade) e o "intencional-calculado" (neutralidade) (THIRY-CHERQUES, 2006).

Uma questão a ser mais bem estudada é em que medida uma mesma pessoa age com base na invisibilidade e/ou neutralidade. Penso ser possível que um mesmo indivíduo tenha consciência sobre alguns privilégios e inconsciência sobre outros. Ou mesmo que de tão naturalizado se mantenha inconsciente (sem refletir sobre a questão) na maior parte do tempo, até que seja provocado externamente para isso através de um conflito, um constrangimento, por exemplo. Em alguma medida é possível se falar em invisibilidade absoluta?

É fundamental considerar que a eliminação do racismo é responsabilidade de toda a sociedade. Porém, esse sistema foi construído socialmente pelo branco, é um problema desse grupo racial (BENTO, 2003; CARDOSO, 2014; e outros) e, portanto, compete ao mesmo o comprometimento maior nessa empreitada ético-político-educativa. Conforme Carlos Moore²²⁴ (2012), como uma criação branca, "são os brancos que têm de exercer um movimento e uma força de contraposição ao racismo". Em outras palavras, como diz o *rapper* Gaspar e com a licença poética do mesmo: "quem fez a merda que limpe".

²²³ Na qual o despertar de um indivíduo branco sobre sua própria racialidade é comparado ao forte impacto de uma pessoa ao bater em uma porta de vidro aparentemente inexistente.

²²⁴ Cf. Entrevista - <http://www.geledes.org.br/carlos-moore-desconstroi-senso-comum-sobre-o-racismo/#gs.cd13b2540e6a4852a719d2b27734b3ea>

O foco desta pesquisa é o olhar dos/as *rappers* brancos/as sobre as relações raciais, em especial, sobre a branquitude. Nesse sentido, boa parte das análises das letras que estabeleci já foi feita. Para este sub-capítulo, examinarei a composição "A cor da pele não influi em nada"²²⁵ (1993), do grupo paulista Filosofia de Rua e duas letras específicas de Preto Du, pelo ineditismo com o qual aborda o assunto privilégio branco.

Se continuarmos pensando do jeito que muitos estão
 Sempre colocando homem branco como vilão
 Não chegaremos a nada, será uma palhaçada
 Ai, meu Deus, a cor da pele não influi em nada!
 Se nós continuarmos pensando assim
 Vai estar muito mais próximo o nosso fim
 Eu te garanto que de nada vai adiantar
 Você precisa parar um pouco para pensar
 Que não é todo branco que é culpado
 Eu te garanto que existem muitos brancos conscientizados
 A cor da pele não influi em nada
 Será que é pedir muito a união das raças?
 Se você tem um antepassado que foi escravizado
 Não me olhe assim
 Eu sou branco, mas não sou culpado
 E os *blacks in the rudi* estão do nosso lado
 Existem brancos e negros que vivem juntos felizes
 Outro se digladiam, isso é muito triste.
 (FILOSOFIA DE RUA, 1993)

O verso: "A cor da pele não influi em nada" compromete a reflexão dos/as *rappers*, ao passo que nega a influência do fator epidérmico nas manifestações do racismo. Se a cor da pele não influi, o que influi então? Não está explicitado.

Os cantores do grupo convocam os/as negros/as a não generalizar a crítica e a se unirem aos/às brancos/as conscientizados/as. Se autodeclaram brancos/as, afirmam que não é todo/toda branco/a que é culpado/a, no entanto, em nenhum momento fazem menção à condição de privilégios que possuem, ainda que involuntários. Se "não é todo/toda branco/a que é culpado/a", algum/alguma é. A referência dessa parcela que seria a causadora ou reprodutora do racismo aparece nos próximos versos:

O passado dos pretos foi sofrido e doloroso
 O homem branco do preto tinha nojo
 Hoje em dia realmente é bem diferente
 O homem branco é muito mais consciente
 Nas coisas que faz, vê, escuta e fala
 A cor da pele não influi em nada
 Eu raciocino como negro, por fora a minha pele é clara

Tem muito preto original que não diz nada com nada
 É motivo de risada, pra nós vira a cara
 E o pior de tudo nega sua própria raça
 Vocês sabem muito bem quem são os brancos racistas
 São os *playboys*, os políticos e os neonazistas
 Espero que a minha música sirva como um apelo
 Para a reflexão de muitos negros
 Falar do racismo, da sua origem, do seu sofrimento
 Tudo bem, eu te respeito, é um direito, negro!
 Pra ser mais sincero, enxergo o sofrimento
 Dessa raça falida, sofrida, oprimida
 Que luta para ter uma vida digna
 Mas existe negro que não se conscientiza
 Se eu fosse um burguês, não estaria aqui
 Desabafando pra tentar as raças unir
 Então, batam na minha cara se eu estiver errado
 Eu tenho a pele clara, mas eu não sou culpado
 De toda a sujeira que a raça branca fez no passado
 (FILOSOFIA DE RUA, 1993)

A banda se preocupa em afirmar que, embora seja do mesmo grupo racial que colonizou o País, não se sente responsabilizada pelos crimes cometidos por esse grupo. Não vai além de apontar quem são os/as brancos/as racistas: "os *playboys*, os políticos e os neonazistas". Limita-se a dizer que "Hoje em dia (...) o homem branco é muito mais consciente". A afirmação não se estende à consciência dos privilégios em ser branco/a, seja coletivo ou individual. Talvez, por desconhecimento do tema, não aborda as consequências da branquitude, como tais privilégios operam reproduzindo desigualdades, como essa dinâmica beneficia o grupo racial branco ao passo que vitimiza homens e mulheres negras, afetando sua identidade e comportamentos. Ao contrário, em parte, considera a culpa do racismo sendo do/a negro/a que "nega sua própria raça" e "não se conscientiza". A psicóloga estadunidense, Tatum, explica tal fenômeno pela perspectiva da invisibilidade, com base em uma autocrítica:

Como uma pessoa branca, me dei conta de que pensava sobre racismo como alguma coisa que coloca outras pessoas em desvantagem, mas não tinha pensado no aspecto de seus resultados, o privilégio dos brancos, o que colocava em vantagem... Eu via o racismo somente como atos individuais de agressão, não como um sistema invisível conferindo dominância para o meu grupo. (TATUM, 1992 citado por BENTO, 2003, p.42-43)

Ao longo deste trabalho, tenho constatado que a visão sobre a branquitude, embora apareça na fala dos/as *rappers*, quando, por exemplo, responderam o questionário, não está refletida em suas obras. Quando se verifica, no máximo, refere-se a um privilégio que o artista não se mostra dotado, é algo do outro, criticado no outro.

De todos os participantes, Preto Du é o único que identifiquei composições que acenam para o que estamos chamando de branquitude crítico-ativa²²⁶. No Rap "Denegrada"²²⁷ (2011), ele narra o seu despertar:

Era uma vez um menino que nasceu, cresceu
Tendo tudo muito fácil, se desenvolveu
Mas de pensamento ágil, como poucos têm
Pensamento que desvia da linha do trem
Tem vergonha de uma história onde ele mesmo explora
E é nessa hora de vergonha que seu pensamento aflora
E aflorou, feito uma primavera
Então pra esse menino começou uma nova era
Era de revolta e de conhecimento
O pano branco é da paz? Com que embasamento?
Foi lá no dicionário procurou e achou
P - A - Z
Pensou, pensou e logo constatou
Não tem nada a ver
Com dominação, com escravidão, discriminação
Com racismo, cinismo, apaguem as luzes:
- vão estudar melhor o iluminismo (...)
Eu podia deixar a correnteza me guiar
Mas não, não, eu remo contra a correnteza

A percepção sobre como a sociedade privilegia os brancos se deu desde criança. O sentimento de vergonha impulsionou o início de sua "nova era", dando lugar à "revolta" e à autocrítica, enquanto alguém que, mesmo involuntariamente, "explora" e se beneficia de alguma forma com o sistema injusto (BENTO, 2003). Assim, desviar "da linha do trem" pelo qual seus pares trilham, foi inevitável. A busca por novos conhecimentos aguçou seu senso de julgamento, chegando a "alfinetar" o iluminismo²²⁸. Alguns iluministas ilustres como Montesquieu, Kant, Hegel e Hume julgavam os negros inferiores, no geral, por "não terem alma", o que favorecia a justificativa para a escravização dos africanos (LIENHARDT, 1994; CALLINICOS, 2005; SPÄTH, 2010). O *rapper* reconhece que poderia ser mais um levado pela "correnteza", pela omissão e fascínio do poder da brancura, mas optou conscientemente por "remar contra a maré".

Seguindo a mesma linha, em "Gente branca reunida"²²⁹, Preto Du denuncia a violência do seu grupo racial:

²²⁶ Referente ao indivíduo (ou grupo de brancos/as) que, a partir da autocrítica sobre os próprios privilégios, denunciam publicamente o racismo, mobilizando ações pró-igualdade.

²²⁷ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=iT2Fia3-e-0>

²²⁸ Movimento intelectual do séc. XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico, o que implica recusa a todas as formas de dogmatismo, esp. o das doutrinas políticas e religiosas tradicionais; Filosofia das Luzes, Ilustração, Esclarecimento, Século das Luzes. Cf. Google

²²⁹ Letra ainda não lançada mas que o mesmo me autorizou utilização.

Três séculos de escravidão, mais um de exclusão
 Pautados no egoísmo, com defesa na religião
 Holocausto indígena, africano, judaico
 Ficam ricos fazendo de cadáveres um mosaico
 Ouro, açúcar, petróleo
 Quantas lágrimas cabem no seu portfólio?
 Na verdade o sangue foi sempre seu principal negócio
 Quantas mãos te enriquecem e garantem seu ócio?
 Imperialismo, Nazismo, Guerra do Paraguai
 Insistem como o Pink e Cérebro, só que o negro não cai
 É com cultura que organizamos nossa tropa
 E não fiquem surpresos quando fizermos a partilha da Europa
Gente branca reunida
Quando não suja na entrada, suja na saída (...)
 Pra salvar suas cabeças de gados, latifundiários
 Matam trabalhadores e revolucionários
 O país apoia e diz sim
 A terras que só servem como plantação de capim
 Boi, boi, boi da cara preta
 Pega esse playboy que só liga pra micareta (...)
 Levo estampada em mim essa herança
 Mas não sou como você, que a guarda na poupança
 Não pude mudar a história, por isso mudei meu nome
 E traço o futuro cantando assim no microfone

A crítica ao sistema de poder branco segue sem novidades, em tom parecido a de outras letras de Rap, até chegar ao refrão, em negrito, uma espécie de autoironia, que coloca seu grupo racial no mesmo contexto depreciativo que este criou para os negros. Assume a postura de "ovelha branca" desgarrada do rebanho, identificada solidariamente com "os outros" não-brancos. Usa a imagem utópica de "partilha da Europa" como luta pela "humanidade" alheia, enquanto disposição para surpreender os seus. Reconhece ser "herdeiro" de capitais materiais e simbólicos. Mais uma vez, afirma ser alguém que não pode mudar o passado, mas se compromete com um futuro diferente, a partir da sua postura transformada, que o caracteriza como "branco denegrado"²³⁰. Tal postura é uma importante referência para os demais artistas de fenótipo branco, que de fato desejam lutar pela eliminação do racismo.

230

Cf. sub-capítulo: 3.1 "Autodeclaração racial 2 - "Sou branco/a""

3.3 Música Rap e educação racial

Antes das considerações finais, como modo de fechamento desta pesquisa, abordarei aqui o papel da educação racial na mudança de pensamentos e atitudes, educação pela abolição do racismo, como processo fomentador da alteridade, sociabilidade e respeito às diferenças. Analisarei algumas composições e as respostas dos/as *rappers* à pergunta "Você acha que os brancos podem desempenhar algum papel no combate à discriminação racial? [Se sim] Qual seria esse papel? [Se não, por quê?]".

No contexto de minhas vivências pessoais no Hip-Hop,

O que é educação?

É todo processo de mudança positiva, toda e qualquer transformação que se opera em "mão dupla"²³¹ no sentido de desenvolver no indivíduo qualidades e valores para um convívio social justo e respeitoso, independente dos meios e recursos utilizados para tal: arte, instrução, criticidade, diálogo, esporte, religiosidade, socialização etc.

Nesses anos de ativismo iniciados em 1996, com a formação do Movimento Hip-Hop Baiano²³², me deparei com diferentes questões inquietantes, de ordem conceitual, sobre essa Cultura de Rua e seus papéis sociais. Mesmo sem conhecer a pedagogia de Paulo Freire (1987), a **educação** foi assimilada como princípio libertador, compreendida como diferente da **instrução**. A classe dominante preteriu a primeira, estabelecendo a segunda como expressão de uma violência simbólica e institucionalizada (BOURDIEU, 2005).

Em exercício intelectual e físico, logo constatei que no contexto do Hip-Hop, toda educação instrui, mas nem toda instrução educa. Como a instrução, a música Rap e qualquer outra arte são um meio para educar, ou seja, para promover transformações positivas. Carrega o potencial sensibilizador, abrindo caminho para que a mudança

²³¹ Bidirecional. Conforme concepção freireana (1987) no processo de educar, quem educa também é educado.

²³² Cf. MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. *Bahia com H de Hip-Hop* (2014).

aconteça, pois conforme frase atribuída a William Shakespeare: “A transformação é uma porta que só se abre por dentro”.

Vejam os olhares dos/as *rappers* sobre a responsabilidade dos/as brancos/as frente às injustiças raciais. Aqui também omito com reticências as falas já discutidas:

| Quadro 7 | | |
|-----------------------|-----------|--|
| <i>Rappers</i> | | Você acha que os brancos podem desempenhar algum papel no combate à discriminação racial? [Se sim] Qual seria esse papel? [Se não, por que?] |
| 1. | DeDeus | Creio que ambos, não só os brancos. Creio que o caminho seja olhar para as pessoas independente de sua cor ou classe social. |
| 2. | De Leve | O papel de não perpetuação de ideias discriminatórias criminosas é um início. Punir quem comete tais atos é papel inicial <e posterior> fundamental. Mas isso sem educação desde a infância e sem a mudança de cultura não vai funcionar. Ensinar história e dar valorização à cultura africana/negra é outro fator importante. Desestigma e deixa de ser estranho ao outro, já que geralmente se discrimina o que não se conhece, o outro, o estranho. E, obviamente, punir quem ousar cometer crime de injúria, difamação etc, por sua etnia/cor é fundamental para a percepção de que isso é crime, passível de cadeia/punição. |
| 3. | Don Bruno | Sim, claro! O mínimo que todo branco que combate o racismo ou mesmo aqueles que têm uma posição de ser contra é não aceitar o racismo, seja lá de que forma seja... seja uma piada, uma demonstração de preconceito por mais banal que seja no dia-a-dia, isso é o mínimo. Não precisa ser como eu, um <i>rapper</i> , que faz da música não uma forma, mas sim uma arma contra o racismo, mas o fato de não aceitar e se mostrar indignado já é algo. Não se calar, expor sua opinião a um amigo que faça algum comentário racista. Ensinar dentro de casa aos filhos brancos, pequenos, ainda criança que não existe diferença entre ele e um amiguinho negro que vai ter na mesma escola que ele... Eu tenho dois filhos, meu primogênito eu sei que nunca vai me perguntar nada, pois a mãe dele (minha ex) é negra... ele já está crescendo sabendo que não há diferença entre a cor branca dele, com a cor negra da mãe dele... Já meu caçula, eu sei que em algum momento da vida dele, da infância dele, da adolescência dele, ele vai ser exposto e vai presenciar o racismo, afinal a sociedade, de forma um pouco mais oculta, é racista, e minha função vai ser prepará-lo para isso. Mostrar de “berço” pra ele que não existe diferença nenhuma entre ele e um amiguinho negro (...) |
| 4. | DOPE69 | Quanto mais discutido, mais problemática se torna a situação. Somos todos humanos, independente da cor da pele. O racismo é uma coisa intolerável, que não pode sequer ser cogitado. É coisa de séculos passados. Acho que a melhor maneira de combatê-lo é, em primeiro lugar, a conscientização de que somos iguais, somos gente, e ponto. Em segundo, respeito. As pessoas devem ser respeitadas por suas crenças, história e atitudes. E, finalmente, |

| | | |
|-----|----------------|---|
| | | com punição. O racismo tem que ser punido exemplarmente. |
| 5. | Elvis Kazpa | O papel que todos nós podemos fazer que é acabar com isso, acabar com esse crime, com essa injustiça, simplesmente acabar com isso! Falando sobre o assunto de forma inteligente, mostrando que não tem lógica em julgar ninguém pela cor da pele. |
| 6. | Fabio Brazza | Sim, com certeza, eu acho que temos uma obrigação moral de lutar contra a discriminação e buscarmos a igualdade racial. Um estado é governado pela elite e é a elite que define o que é belo e feio, o que é certo e errado. Sendo assim e considerando que a grande maioria da elite é branca, o branco tem um dever ainda maior que o do negro na luta contra a discriminação, pois é ele que tem mais poder para mudar. Esse papel seria na prática da inclusão social e não da exclusão social que a elite pratica. Se hoje eu sou um homem desprovido de preconceito foi porque eu tive a dádiva de conviver com negros e pobres desde pequeno. Acredito que se as pessoas não têm a mesma oportunidade que eu tive, o preconceito e a intolerância nunca vão ser quebrados. É preciso urgente de programas de inclusão social para que as crianças cresçam aprendendo respeitar e porque não admirar as diferenças. Na briga por direitos civis nos Estados Unidos os negros e brancos se uniram e aí que está o segredo da mudança, a mudança só é possível com essa união e é aí que os brancos têm que se unir com os negros, pois essa não é uma causa somente em prol dos negros mas em prol de uma sociedade melhor para todos. |
| 7. | Fex Bandollero | Sim. Não calar-se diante de atitudes racistas e testemunhar contra o criminoso. Educar os que o cercam para não compactuarem e não proliferarem este pensamento abominável. |
| 8. | Gaspar | Sim, sim, sim... é o papel de todos combater a discriminação racial, principalmente os brancos que causaram as maiores atrocidades na história da humanidade com a escravidão nos últimos séculos... e agora, vivemos numa escravidão moderna cheia de pegadinhas. Como já disse, quem fez a merda que limpe, isso é papel do branco, principalmente do branco, então pegue o papel e limpe, e se não limpa, não suje, conscientize. |
| 9. | Janaína Noblat | Não é necessário ser branco para combater a discriminação, o preconceito da cor de pele, é preciso ser humanizada para combater qualquer tipo de injustiça social, política, econômica, religiosa etc. Todos os avanços que ocorreram foram importantes e o governo, as Ongs, os movimentos negros e outras instituições ou qualquer pessoa podem se engajar contra esse pensamento de que tal cor de pele é melhor do que a outra. Essa ideia deveria ter morrido junto com os que conceberam essa maldita visão de inferioridade da cor de pele. |
| 10. | Jasf | Devem. Papel de colocar essa questão no centro dos debates em todos os lugares, oportunizar, contratar e reparar. Não aceitar os privilégios do racismo no Brasil, fazer parte das lutas e pensar formas de combate a essas questões, mas primeiro é educar seu filho, fazer ele ver que o porteiro, segurança, empregada, ator, cantor, jogador é gente igual a ele e seu filho não é melhor em nada ao filho de um desses. |

| | | |
|-----|---------------|---|
| 11. | Kaab | Não! Somente o preto o pode! Pois ele é quem sabe verdadeiramente o que transpõe sua realidade através de sua pigmentação. Agora pensando na somatória de forças acredito que existam não brancos, mas mestiços que possam chegar junto na caminhada. |
| 12. | Livia Cruz | Algum papel sim, pois tomamos seres políticos e temos poder de transformação, mas a luta deve ser protagonizada por quem simboliza o oprimido e não quem simboliza o opressor. Não vejo um único papel a ser desempenhado pelo branco, acho que isso varia de cada indivíduo e a sua vivência, no meu caso eu respeito muito a história de luta dos negros no Brasil e no mundo, procuro sempre estudar sobre, adquirir conhecimento e repassar, acho que o conhecimento quebra preconceitos. |
| 13. | Lurdez da Luz | Até certo ponto pode. Vou falar aqui da população comum e não da elite dominante e dos governos, porque aí tudo tem que mudar, a grande maioria aí é branca, logo responsável pela ideia colonialista de como as coisas funcionam, pela exclusão e violência social. Mas, nós enquanto povo, temos que entender o processo de reparação urgente devido à escravidão e não entender que isso é racismo ao contrário... Nunca vi com a bobagem de: e feriado da consciência branca? Num precisa, vivemos na consciência branca, ou então: cota tem que ser pra alunos de escola pública, mas são discussões diferentes, entender em que pontos a luta é racial e em que pontos é questão de classe social. Enfim, acho que você pode se posicionar do lado certo de qualquer luta, você só não pode representá-las. Você num pode ser líder de um movimento de negros, você não tem essa experiência, você pode participar, contribuir... Eu não posso ir pra um debate representando a questão da mulher negra, mas eu também (...) não tenho o que reivindicar enquanto mulher branca, e sim enquanto mulher, e sim enquanto mulher pobre. Pra que exista igualdade precisamos separar as discussões com cuidado. |
| 14. | MC Osmar | Sim, claro, acho que podem e devem. As questões raciais estão inseridas no modo de vida da periferia (...). A luta por uma sociedade igualitária é de todos. |
| 15. | Preto Du | Os brancos deveriam ser os principais interessados em desempenhar o combate à discriminação racial. Mesmo os que não discriminam fazem parte dessa desigualdade. São privilegiados. Se o indivíduo branco não discrimina, mas simplesmente segue sua vida em paz, sem agir contra todo esse sistema racista, ele está sendo conivente com isso. Ele está sendo no mínimo cúmplice. Imagine que eu esteja recebendo mensalmente em minha conta bancária, dinheiro desviado da saúde pública. Eu não sei quem está me enviando esse dinheiro, eu não sei porque estão fazendo isso, e eu sou contra... mas simplesmente aceito e uso esse dinheiro. Seria ou não cúmplice do desvio de verba da saúde? Esse exemplo é bem parecido com o que a maioria de nós brancos fazemos... Nós recebemos privilégio e usamos isso a nosso favor sem nem perceber. Se existe um grupo privilegiado, logicamente há um outro grupo desfavorecido. Aceitar esse privilégio calado é exercer o racismo... |

| | | |
|-----|-------|---|
| | | O primeiro papel a se desempenhar de um branco, seria o de se interessar por questões raciais. Segundo passo seria o de buscar conhecimento sobre o assunto. A partir daí há um leque imenso de possibilidades para combater a discriminação racial e o racismo. |
| 16. | Rubia | (...) Não podemos ignorar o fato que vivemos em um sistema capitalista e de consumo, e os jovens de hoje acreditam no empoderamento pelo “ter”. Proporcionar políticas públicas de acesso desses jovens, em sua grande maioria negros, à educação, e conseqüentemente, de uma ascensão social e financeira, é obrigação do Estado e uma demanda da sociedade. Claro, não da tal sociedade dos “brancos”, que preferem que eles fiquem na ignorância e continuem dando seqüência aos trabalhos serviços e domésticos passados de geração em geração. |
| 17. | Shark | Antes de responder a pergunta, o que me deixa triste é essa divisão de negro e branco. Qualquer pessoa pode fazer o papel no combate a discriminação racial. |

Diferentes processos educativos²³³ são citados pela maioria dos participantes, como meio de eliminação do problema racial. De Leve aborda a importância da Lei 10.639/2003²³⁴, que estabelece o ensino da História e Cultura Afro-brasileiras no currículo formal do Ensino Básico. Ele, Fex Bandollero e DOPE69 também ressaltam a punição como recurso fundamental. De Leve, junto com Don Bruno, Fábio Brazza, Jaf e Rubia enfatizam a necessidade de começar as práticas de transformação desde a infância. Nessa perspectiva, trago um depoimento de Gabriel O Pensador, que aponta para o efeito educativo do Rap já nas idades iniciais. Em entrevista²³⁵ (2004) a um *site* de Luanda, ao ser perguntado: "Qual foi a mudança mais visível que a tua música já provocou na sociedade brasileira, se de facto aconteceu?", assim responde:

No meu primeiro disco, quando fiz "Lavagem Cerebral", falando abertamente do racismo no Brasil, esse assunto ainda era de certa forma um tabu, pois muitos preferem dizer que não há racismo aqui, o que é mentira, como eu

²³³ Para estudos específicos, alguns autores classificam e diferenciam a educação em três dimensões: formal, não-formal e informal. A primeira acontece nas escolas, enquanto estrutura tradicional e sistemática de ensino. A não-formal é a que se dá através de movimentos, entidades e demais formas de associações sociais, organizada com base em contextos próprios, dispensando a rigidez programática das escolas. E a informal é a que se estabelece espontaneamente ao longo da vida, nas experiências diárias, cotidianas, no ambiente familiar, entre os amigos, no trabalho, no lazer, etc. (BRANDÃO, 1985; GHON, 2005).

²³⁴ Atualizada pela Lei 11.645/2008 que inclui a obrigatoriedade também do ensino da cultura indígena em todo currículo escolar. Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

²³⁵ Cf. <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0408/0284.html>

digo na letra da música. Essa foi uma das músicas que geraram discussões interessantes e até mesmo recebi cartas de crianças e jovens dizendo que seus pais eram racistas e que eles perceberam isso após analisar a letra da música e passaram a condenar o racismo e desafiar os próprios pais.

Na postagem ²³⁶ (2012) de um *blog* criado por fãs de Gabriel, a música Lavagem Cerebral aparece como favorita do artista. O *rapper*, mais uma vez, fala do potencial educativo dessa canção: "Essa música começou a tocar muito em uma época em que diziam que no Brasil não havia racismo (...). Eu tinha 19 anos e recebia cartas de crianças de 12 anos que diziam: meus pais são racistas, mas eu não quero ser". As crianças vivem sob o campo da heteronomia, ou seja, sujeitas à vontade dos seus responsáveis. E, pelo contexto descrito, se encontram vulneráveis, desejam não serem racistas, mas tal desejo está subordinado à ação dos seus pais e demais estruturas com as quais elas se relacionam. O Rap não só colabora com o papel que os pais deixaram de fazer, mas também ajudando na "correção" do mal que fizeram, a exemplo de preconceitos e demais crenças negativas desenvolvidas na criança. Enquanto papel renovado, cabe despertar os/as pequenos/as para a injustiça dos privilégios, a fim de que o "câncer racial" ²³⁷ seja eficientemente combatido. O mesmo vale para os adultos.

Lurdez da Luz fala, em resposta a outra pergunta ²³⁸, da sua fase quando criança e como se deu a maturidade perceptiva sobre as relações raciais:

Pra mim não existia cor de pele, pra criança pequena não existe, mais cedo ou mais tarde é que vai rolando essas percepções... Pra mim foi tarde, parte da minha família de sangue baiana é negra, e eu esperava o ano todo pra estar com eles na Bahia, e nada se falava sobre diferenças, porque não existia no coração. Maria, irmã de criação da minha mãe, negra de pele bem escura, estava em um momento difícil economicamente e 2 primos meus foram morar lá em casa. Estávamos entrando na adolescência, o mais velho gostou de uma amiga minha branca, e ao dizer isso pra ela, eu ouvi: "Imagina né, ele é preto!" Eu na época nem achei um absurdo, não entendi qual era o problema, mas aceitei a justificativa... Não que desejo sexual demonstre ausência de racismo, certo? Se não a história de miscigenação não teria começado tão cedo na história do Brasil através dos estupros dos senhores de engenho nas escravas... Daí veio o Rap e você começa a pensar muito sobre tudo isso, o que eu devo fazer, o que eu devo falar e como. Eu comecei então a conviver mais com pessoas negras do que brancas, e pessoas negras que sabem quem são, que amam ser negras (...)

²³⁶ Cf. <http://fcseligaai.blogspot.com.br/2012/11/gabriel-o-pensador-recebeu-cartas-de.html#ixzz3HpcmEXH6>

²³⁷ Racismo.

²³⁸ Em resposta a pergunta "Como tem sido na sua trajetória de vida a convivência com pessoas negras [relação interpessoal, afetivo, artística, escolar, universitário...]?"

O mesmo Rap que possibilita negros e negras ter autoestima, conhecer suas raízes, se fortalecer contra o racismo, também sensibiliza não-negros/as para os dilemas de raça, orientando-os ao olhar crítico e a necessidade de mudança de comportamento.

Preto Du, na música "Quando eu era criança", aborda a influência do estilo musical em sua formação:

Negro Eric ²³⁹, Deus o tenha
 Não entendia porque, mas eu não desisto, mesmo que o castigo se mantenha
 E não desisti, foi meu melhor amigo da vida
 Lutei pela amizade, e essa guerra foi vencida
 Convenci a todos que cor de pele e condição social
 Não era empecilho para uma amizade real
 Na escola sofria bullying por ser tímido e magrelo
 E a vontade de botar aqueles meninos no chinelo
 Preparei discursos que nunca falei
 Mas falavam por mim, quando eu apertava o play
 Gabriel chegou e depois Racionais
 "Só Deus pode me julgar"²⁴⁰ me ensinou muito mais
 Que o ensino médio inteiro
 Agora sim fazia algum sentido
 Bater no peito e dizer, orgulho de ser brasileiro

Para Preto Du, as músicas de Gabriel O Pensador, Racionais e MV Bill lhe ensinaram assuntos mais significativos que "o ensino médio inteiro". A educação informal promovida pela arte teve mais sentido na vida do artista que a educação formalizada (BRANDÃO, 1985). O "Orgulho de ser brasileiro" veio em função de se identificar com uma postura de crítica a omissão e de luta contra as injustiças e desigualdades do País.

Convém analisar um pouco mais, um pensamento recorrente tanto no conteúdo das letras quanto na fala dos artistas. Refere-se à visão sobre igualdade e diferenças. Don Bruno, sobre seu filho primogênito, diz: "já está crescendo sabendo que não há diferença entre a cor branca dele, com a cor negra da mãe dele". É como se, em função do contexto de injustiças, a diferença não comportasse valor positivo. Na mesma linha, DOPE69 indica enquanto solução de combate ao racismo: "a conscientização de que somos iguais, somos gente, e ponto". Há uma tendência problemática em torno do discurso do "somos todos iguais", em nome do qual se busca o respeito e a dignidade.

²³⁹ Dedicada a seu amigo Eric, amigo negro de infância citado anteriormente. Faleceu ainda na adolescência de uma doença chamada miocardite, agravada em função de uma pneumonia que o hospital público demorou a diagnosticar e conseqüentemente tratar.

²⁴⁰ Música do rapper MV Bill. Cf. <http://letras.mus.br/mv-bill/72674/>

Chamo de problemática, pois tal discurso não percebe que pode acabar reproduzindo concepções discriminatórias sobre as diferenças, que na história mundial legitimaram a violência e as desigualdades. Sem dúvida que há traços de igualdade entre todos da espécie humana. Porém, comparativamente, aliado aos mesmos, há diferenças infinitamente mais numerosas. O que leva a concluirmos que "somos igualmente diferentes" (PENA; BIRCHAL, 2005-2006). Então porque essa busca por direitos e condições iguais de cidadania, por respeito e dignidade, não pode ser pautada pelo reconhecimento das diferenças enquanto riqueza e valor fundamental ²⁴¹? Nessa direção, Fabio Brazza defende atitudes "para que as crianças cresçam aprendendo a respeitar e por que não admirar as diferenças". O que impede? Como resposta, tenho duas hipóteses. A primeira está relacionada à questão religiosa. Com base na crença de um único Pai, Deus, todas as pessoas, em tese, são igualmente seus filhos. Afinal, ele "criou o homem a sua imagem e semelhança" (A BÍBLIA, 2001 citada por CARDOSO, 2014).

Grupo Alternativa C, música "Porque que a cor incomoda?"²⁴² (2004)

Jesus do humilde, do pobre, do velho e do rico
 Jesus do novo, do preto, do branco e do paralítico
 Sem separação de classe, sem acepção de cor, idade
 Sem discriminação de raça, ele é o caminho, a vida, a verdade
 Cacau novamente, nova escrita, novo palavreado
 Velha escola, nova rima, nova versão renovado
 Muitos ao invés de ajudar somando, só subtrai
 Ao contrario de juntar tijolos no céu a tua casa cai
 Vários insistem com esse sentimento idiota
 Ô criatura, se curva, aí maluco: porque que a cor te incomoda?
 Sabia que somos todos iguais independentes da raça e da cor da pele
 E hoje você me aparece, racista, fascista
 Com umas ideias comédias, que não tem nada a ver

Esse sentido religioso de igualdade tem uma forte dimensão subjetiva e orienta as pessoas em suas relações cotidianas. Por essa perspectiva, as diferenças existem, mas continuam não sendo valorizadas, só cabendo mencioná-las quando em contexto de enfatizar a igualdade. O "Jesus do humilde, do pobre, do velho e do rico" não discrimina, o que equivale pensar que "Jesus" não diferencia e, uma vez que "somos

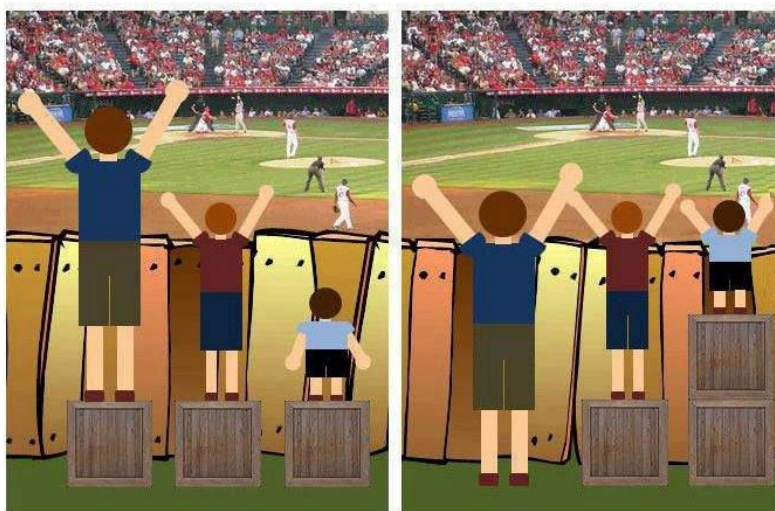
²⁴¹ Conforme, por exemplo, a "humanidade" que Gaspar propõe, que, como já vimos, de modo genérico objetiva o reconhecimento das diferenças e da humanidade de todos os grupos raciais.

²⁴² Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=KS8pJJsGPJc>

todos iguais", diferenciar é sinônimo de ser mal. Em outras palavras, quem vê diferenças é o "racista", "fascista".

A segunda hipótese refere-se à crença de que a maioria das pessoas tem de que igualdade sempre é sinônimo de justiça; o que não é verdade. Parece paradoxal, mas a igualdade pode ser injusta. Circulou nas redes sociais esta imagem que ilustrava bem o que digo.

Igualdade nem sempre é Justiça



Isso é igualdade

Isso é Justiça

Fonte: <http://www.sabbatum-ppgspuvv.com.br/igualdade-ou-justica/>

A imagem é interessante e autoexplicativa. Mas achava necessário um pequeno ajuste na mensagem, uma vez que ambos os quadros estão relacionados a concepções de igualdade e não somente o primeiro. Assim, aproveitei uma adaptação da mesma imagem, que também passou a circular na rede e, para fins didáticos, editei-a acrescentando na parte inferior os termos isonomia e equidade.



Fonte da imagem original, sem edição: <http://obviousmag.org/letrismos/2015/07/e-melhor-ser-aceito-ou-ser-compreendido.html>

Para fins didáticos, estabeleço conceitualmente cada termo, contrastando-os:

Qual a diferença entre isonomia e equidade?

Enquanto a **isonomia** se baseia no princípio de que "todos os indivíduos são iguais diante da Lei, sem distinção de qualquer natureza", a equidade dá "um passo a frente" levando em consideração o contexto nos quais tais cidadãos estão inseridos. Então, pela **equidade** "todos os indivíduos são iguais perante a Lei", e diante de desigualdades de qualquer natureza, é dever que os desiguais sejam tratados de modo diferenciado para se alcançar o equilíbrio.

Por esse ângulo equitativo, Jasf, Gaspar, Lurdez da Luz e Preto Du são alguns dos que defendem ações pró-equidade, a exemplo das cotas raciais e demais formas de ações afirmativas como meio de reparação das injustiças historicamente reproduzidas.

Kaab acha que só o preto e o "mestiço" podem lutar contra o racismo. De modo diferente, Fábio Brazza e Preto Du seguem Gaspar: consideram que cabe prioritariamente aos brancos a tarefa de "limpar a merda que fizeram". Porém, Livia

Cruz e Lurdez da Luz chamam atenção sobre os riscos da própria vaidade. O papel de luta contra o racismo se esbarra em um cuidadoso limite: o do protagonismo. Segundo Livia; "a luta deve ser protagonizada por quem simboliza o oprimido e não o opressor." Para Lurdez, o/a branco/a pode se aliar a qualquer luta de grupos raciais historicamente discriminados, desde que não pretenda "representá-los" ou ter para si as "glórias" que não lhe cabem. Mesmo que os brancos assumam a responsabilidade maior pela "limpeza da merda", essa tem o seu lugar a ser mantido em constante vigilância contra as artimanhas da presunção, uma vez que o movimento negro historicamente sempre assumiu a dianteira denunciativa e propositiva de luta. Essa consciência é compartilhada também pela pesquisadora Lia Vainer Schucman (2015)²⁴³:

Percebi que só é possível o branco se enxergar como branco, isto é, ter uma noção dos privilégios que o fato de ser branco lhe proporciona, quando ele convive com os negros. Percebi, na convivência com meus colegas de pós-graduação negros, que, se eu comparecesse a alguma reunião dos movimentos sociais negros e me pronunciasse contra o racismo, até nisso eu teria privilégio, pois o fato de ser branca e antirracista me dava um status especial. Meus colegas eram muito críticos e até isso eles me apontavam. Eu procurava não ser reativa. Mesmo que, às vezes, a crítica fosse pesada e até mesmo agressiva, eu tentava entender e assimilar. Tinha uma abertura muito grande. Além disso, sempre tive uma ideia muito clara sobre o meu papel: se sou branca e estou trabalhando ou me aproximando do movimento negro, não posso pretender ser protagonista. O protagonismo é negro. O meu papel é estar junto; não pretender estar à frente. Esta é uma consideração muito clara para mim, que continua orientando minha participação.

Sobre a necessidade de o grupo branco "limpar a merda que fez", Gaspar enfatiza: "pegue o papel e limpe, e se não limpa, não suje, conscientize". Porém, a branquitude é um exercício de poder condicionado e enraizado na "normalidade" das práticas sociais. Não se faz a "merda", ela já foi "feita", produzida historicamente. Tudo que vemos hoje é a reprodução e manutenção dos seus efeitos. Assim, a ideia de "não sujar" é insuficiente, sugere uma postura que pode ser enquadrada enquanto "**branquitude crítico-passiva**", na medida em que o/a branco/a omite-se de se reconhecer privilegiado/a, ou seja, parte do problema. É sugestivo se isentar, encarando "a doença" como sendo "do outro", da "sociedade" e não também de si. Se o/a branco/a disposto/a a conscientizar não desenvolver a dimensão autocrítica, estará, em alguma medida, contribuindo para perenizar essa perturbação.

²⁴³

Cf. entrevista -

http://agencia.fapesp.br/racismo_e_branquitude_na_sociedade_brasileira/20628/

Os/as *rappers* de aparência branca que desejam dar "um passo adiante" na luta racial, podem sair do ciclo que até então vêm se mantendo, de denunciar o racismo no outro, não se reconhecendo beneficiário do mesmo. Superar a visão limitada que confunde racismo com discriminação de raça, com algo pontual, ao invés de enxergá-lo - assim como o capitalismo - como um sistema permanente e em constante atuação, privilegiando uns, ao passo que violenta outros. "Ser racista é um aprendizado que pode ser 'desaprendido' com o reconhecimento dos privilégios de ser branco e com vigilância para evitar legitimação e reprodução do racismo" (SCHUCMAN, 2012; 2015). Nesse sentido, faz-se urgente uma postura orientada para um processo que enseje o grupo racial branco "descolonizar-se"²⁴⁴.

O que é descolonizar-se?

Segundo concepções sartreanas²⁴⁵, é uma necessidade que todo indivíduo de fenótipo branco deve se atentar em extirpar "por meio de uma operação sangrenta, o colono que há em cada um".

Se a colonização é um sistema de poder, os brancos que nascem imersos nesse contexto, aprendem, dentre outras coisas, a reproduzi-lo. Damos aquilo que temos. É preciso um processo educativo que forneça aos brancos que ainda não tem a consciência crítica sobre o assunto, que ainda não despertaram para confrontar a própria branquitude, referenciais para que os mesmos, através de "uma operação sangrenta", ou seja, radical, descolonizem-se. Um exemplo desse processo de "coragem" e renúncia é o

²⁴⁴ Historicamente, a descolonização é uma ação de libertação e independência das antigas colônias. Pela perspectiva epistemológica, vem caracterizando-se enquanto um movimento crítico e de empoderamento dos povos subalternizados, com base na produção de estudos pruralistas, "em termos de raça-etnia, gênero, trabalho, conhecimento, sexo, religião-espiritualidade e linguagem" (BARBOSA, 2012, p.174). Também chamados de estudos "descoloniais", "descolonizadores", a partir do lugar dos sujeitos envolvidos, pautam-se um novo olhar científico, frente ao conhecimento hegemônico-eurocêntrico. Movimento fortemente inspirado nos trabalhos de Frantz Fanon e Du Bois, tem alguns/mas dos/as principais interlocutores/as DUSSEL, 1973; MALDONADO-TORRES, 2006, 2011; MIGNOLO 2000; GROSFUGUEL, 2008; MORAGA e ANZALDÚA, 1983; COLLINS, 1990.

²⁴⁵ Com base no prefácio de Sartre (1961) na obra de Frantz Fanon "Os condenados da terra" (1968, p.16).

que estamos chamando de "**branquitude crítico-ativa**"²⁴⁶, bem expressada na composição mais contundente e autocrítica de Preto Du, de sugestivo título "**Branquitude**"²⁴⁷.

Toda contribuição minha ainda é pouca
 Trago no sangue os genes de quem rouba
 Rouba sonhos, rouba o conforto do lar
 Rouba tudo, e não aceita se você roubar
 Sou o ladrão da história, e adivinha o que eu roubei?
 Roubei sua voz e me reinventei
 Roubei a sua versão dos fatos e me editei
 E vendi a mentira que eu mesmo comprei
 Me vici e hoje roubo por compulsão
 Cleptomaniaco, maníaco por alienação
Porque eu sou branco, e minha família deve
Estou devendo até as calças, e o suor da minha pele
Porque eu sou branco e minha família deve
Perdeu seu iphone? Bota na conta da branca de neve
 Branquinho se borra todo, "olha o bicho papão"
 Quando fala de cotas e indenização
 Olhe no currículo, em negrito minha especialização
 Perito em manipulação
 Desde o fio do cabelo até a minha oração
 Mas você não percebe, está de cara pro paredão
 O tempo passa e nem reparamos
 Que a maioria não tem sucesso em seus Ramos
 É que quando chegamos, sujamos
 E não reparamos os danos

A difusão desta obra, em seu sentido político-educativo, pode ser considerada uma ação pró-equidade. Na mesma, o artista se comporta como uma espécie de Robin Hood²⁴⁸ "denegrado", que "rouba a voz" da classe dominante branca, seus discursos de mérito e igualdade com base no mito da democracia racial. Através desses, ele se reelabora e alimenta novos argumentos, com a intenção de ferir a quem sempre feriu e não admite ser ferido. A quem sempre impediu a maioria não-branca, de ter "sucesso em seus Ramos". Como propõe Sartre (*idem*), o *rapper* "corta a própria carne", reconhecendo-se herdeiro de privilégios duradouros e conseqüentemente de uma dívida, sobretudo moral, contraída pelos seus antepassados e mantida, em algum nível, pelos seus pares e família. Ele prossegue:

Preto Du, o funcionário da limpeza
 Cuspindo no seu padrão de beleza
 Eu prefiro o assassinato à omissão
 Então eu vou assassinar essa conspiração

²⁴⁶ Cf. Sub-capítulo 3.1 "Autodeclaração racial 2 - "Sou branco/a""

²⁴⁷ Uma das suas várias obras incompletas e ainda não lançadas.

²⁴⁸ Um herói mítico inglês, um fora-da-lei que roubava da nobreza para dar aos pobres. Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Robin_Hood

Com o dedo na ferida até ferir o meu dedo
 Vou abrir a porta do camarote sem medo
 Porque eu devo, devo e não nego
 Pago quando puder, e agora eu posso
 E pra você que se faz de cego
 Piso nos seus destroços e me coço
 Porque eu sou branco e me sinto endividado
 Tenho privilégios e sei que isso é errado

Resta saber em que medida o artista de fato "cospe no padrão de beleza" que ele próprio usufrui. Seguindo a análise da letra, para quem "se faz de cego", ele aponta a sua justiça. Sua sentença é dura, lembra a fala de Sartre (*ibidem*, p.14) diante das atrocidades cometidas historicamente pelos europeus:

Quando os camponeses tocam nos fuzis, os velhos mitos empalidecem, e caem por terra, uma a uma, as interdições. À arma do combatente é a sua humanidade. Porque, no primeiro tempo da revolta, é preciso matar; abater um europeu é matar dois coelhos de uma só cajadada, é suprimir ao mesmo tempo um opressor e um oprimido: restam um homem morto e um homem livre; o sobrevivente, pela primeira vez, sente um solo nacional sob a planta dos pés.

Porém, no contexto atual, Preto Du internaliza a posição do oprimido para também fazer a justiça "com suas próprias mãos", na verdade, com seu próprio verbo e ações que buscam contrariar, incomodar, ferir, "matar" de raiva ou vergonha os que se mantêm acomodados na "omissão", para que só assim, quem sabe, uma mudança verdadeiramente profunda aconteça.

O ato de descolonizar-se envolve um choque redentor. Requer direcionar uma energia tida como negativa, a exemplo da própria raiva, para um fim positivo, a própria transformação. Semelhante a Paulo Freire quando considera:

A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de "ser mais" inscrito na natureza dos seres humanos. Não posso, por isso, cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e "morno", que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. (FREIRE, 2000, p.36)

Uma vez que os privilégios exercem um fascínio sedutor e hipnotizante, a autodescolonização é um exercício de desprendimento que só terá eficácia enquanto

radical e inegociável, com os próprios privilégios e do grupo racial branco. E por isso precisa ser, em alguma medida, público (CARDOSO, 2008), testemunhado e permanentemente vigiado. "A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser", introduzindo no mesmo "um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos." (FANON, 1968, p.26).

Considerações finais

Como dito na introdução, esta pesquisa tem duas dimensões principais. A primeira é científica, que busca atender a critérios pré-estabelecidos relacionados a rigor técnico, normas metodológicas, planejamento e sistematização. Nesse sentido, busquei compreender e analisar a visão dos/as *rappers* brancos/as sobre as relações raciais, discutindo como se declaram racialmente, o que é ser branco para eles e elas, suas percepções sobre racismo, democracia racial, mestiçagem e privilégios, e como esses temas refletem ou não em suas músicas. O acesso às composições foi um dificultador da pesquisa. Dos/das 17 (dezesete) *rappers*, 14 (quatorze) afirmaram possuir letras abordando a questão étnico-racial, porém, desses/as, mais da metade não possui composições exclusivas sobre o tema, que é abordado de modo pontual e disperso em outros assuntos, às vezes em poucos versos, com uma breve opinião. Além disso, de maneira geral, o acesso às produções escritas foi difícil, pelos motivos já relatados, inviabilizando uma análise mais apurada relacionada ao nosso foco de estudo. A aplicação do questionário contribuiu para suprir essa lacuna. É equivocado considerar ignorante ou sem consciência alguns/mas *rappers* meramente por não discutirem questões de raça-etnia em suas letras. Como vimos, mesmo no caso mais extremo, o de De Leve, que vai na contramão do Rap considerado responsável, compromissado, constatamos uma visão consistente sobre o tema. Em uma dimensão preocupada com as transformações sociais, tal constatação não significa que o mesmo deva ser isentado de críticas sobre os possíveis efeitos negativos de suas obras. Outro ponto verificado é que ter músicas sobre o assunto não necessariamente reflete positividade. Alguns/algumas, nessa condição, por visões consideradas equivocadas e comprometedoras, ao contrário de ajudar na abolição do problema racial, acabam por agravá-lo. Principalmente para os/as cantores/as que assumem papel educativo, faz-se imprescindível um

posicionamento que considere as estratégias e os limites na tarefa de contribuir com a mudança de pensamento e postura dos/as "equivocados/as", evitando sempre julgamentos precipitados e esforçando-se no fortalecimento de relações mais respeitadas.

Minha hipótese inicial com este trabalho era de que a maioria dos/as rappers não possuía dimensão sobre as vantagens conferidas pelo próprio fenótipo. Baseava-me no fato de ser muito raro o tema aparecer em suas obras. Os dados refutaram tal hipótese. A visão da branquitude se mostrou presente na fala da maioria, boa parte, exemplificada com casos reais vividos por esses/as interlocutores/as. Porém, de modo abrangente, tal visão não se reflete nas produções dos/as mesmos/as. Acredito que, conforme o assunto seja mais popularizado no meio da arte, em níveis proporcionais ao que vem se dando na academia, o número de letras que abordem a temática tende a aumentar.

Sobre a autodeclaração racial, poucos o fazem em suas letras. Dentre os possíveis motivos, por ser uma zona delicada que envolve repercussões diversas que a maioria prefere evitar. Afirmar-se de modo ambíguo parece ser menos problemático para os brancos que para os negros. A maioria dos/as *rappers* desta pesquisa se definiram ambigualmente, o que pode representar um problema, porém amenizado quando reconhecem a existência de privilégios. Embora não tenha sido foco do nosso estudo, no caso dos negros em contexto de militância, muitas vezes considera-se autodefinições não-racializadas como atestado de "alienação". Parece haver um sentido político mais complexo e exigente, talvez por ausência de um fator amenizante, como o reconhecimento de privilégios já que se pressupõe questão óbvia. No caso dos brancos, embora a autodefinição ambígua não impeça o olhar crítico sobre a branquitude, constatei uma fragilidade no fato deste olhar, em alguns casos, ser direcionado a crítica dos privilégios do outro e não dos próprios. E mesmo para os que se reconhecem como parte do problema, resta verificar em que medida estão dispostos a "abrir mão" das vantagens conferidas pelo fenótipo branco. E aqui trago minha reflexão sobre o Rap enquanto "som de negro". Pelo componente histórico e político que representa tal estilo musical, de instrumento empoderador e emancipador de negros e negras, é importante que o/a branco/a que se pretenda, ou seja um/a rapper, considere esse fato e em alguma medida seja coerente enquanto aliado da causa negra. O que está em jogo é o que se chama de "apropriação cultural", que não é algo individual, mas sim coletivo. Caracteriza-se por negar o "som de negro" quando este é feito pelo negro/a, e de aceitar, promover, valorizar e produzir altos rendimentos quando este "som de negro" é feito

pelo e para o/a branco/a. O que espero do/a rapper branco/a é um comprometimento com a mudança deste e de outros quadros, que possam contribuir significativamente na luta contra o racismo. Que atuem no sentido da branquitude crítico-ativa e do "branco denegrado". Considerando que alguns/mas reconheceram a ausência de um autoexercício perceptivo sobre onde e como a cor da pele os privilegia, espero que este trabalho possa referendar a superação desse vácuo.

A "humanidade" proposta por Gaspar, se de fato corresponder a interpretação que fiz, se mostra uma alternativa relevante para a crítica que não vislumbra qualquer abordagem do termo "humano" enquanto colaborativa com a luta antirracista, por sempre ser associado a uma autodeclaração ambígua, comprometedora politicamente por negar as diferenças e, dentre outras, por reforçar o mito da democracia racial. O movimento de humanidade parece trazer uma dimensão que equaciona este problema, uma vez que legitima as identidades racializadas, valorizando-as e defendendo o reconhecimento da humanidade de todas.

As discussões que relacionaram raça a classe, gênero, estética, religião teriam mais desdobramentos analíticos, se incluíssem no questionário perguntas específicas sobre tais categorias. Por outro lado, um questionário com muitas questões desmotivaria muitos dos que aceitaram participar deste trabalho. Esta pesquisa teve abrangência nacional e como já dito, articular os 17 participantes foi uma verdadeira "odisséia". Como estou lidando com meus pares, e no geral conheço os signos relacionados ao universo da música Rap, estrategicamente optei em manter poucas perguntas, considerando também a análise das composições, bem como de outras entrevistas e informações sobre os artistas, disponibilizadas em diferentes meios. Considero que, no contexto geral desta obra, a estratégia demonstrou-se acertada.

Não sei até que ponto a visão sobre branquitude refletida nas respostas ao questionário, se deu pela motivação em estudar o tema para participar da pesquisa. De qualquer modo, alguns dos rappers sinalizaram agradecimento por se verem provocados a refletir sobre o assunto "tão diferente" e "tão importante". O que em alguma medida indica um processo educativo.

Como constatado, a outra dimensão que procurei imprimir a este trabalho é de natureza educativa, que também é política e ideológica, interessada nas possíveis contribuições para mudanças positivas de comportamentos e abolição de injustiças

sociorraciais. E, para continuar o raciocínio, farei uma rápida digressão. Minha entrada no chamado ensino superior aconteceu no ano 2000, no curso de Ciências Sociais da UFBA²⁴⁹, depois de muito incentivo e certa "pressão" pedagógica, exercida pela ONG CRIA,²⁵⁰ para que eu me interessasse por uma faculdade. Ocupar esse novo lugar foi visto com certa indiferença e desaprovação, por alguns/algumas *rappers* locais, mas também foi festejado por outros, que compunham o mesmo círculo de ativismo. Assim como alguns artistas, eu também mantinha um olhar de rejeição para o universo acadêmico, por considerá-lo um lugar de gente "metida a besta", de "nariz em pé"²⁵¹. Como descrevi em meu "memorial"²⁵² (enquanto requisito para ingresso ao mestrado da Universidade Estadual da Bahia), superei essa e outras visões limitadoras, aliando minha "nova" vivência à luta enquanto militante do Hip-Hop. Vi minhas ações potencializadas. Obtive muitos aprendizados e conquistas que até hoje reverberam positivamente. Sinto-me em realização por conseguir, com a conclusão deste trabalho, vencer mais uma "batalha". Por perceber que, mesmo diante de todas as dificuldades e desafios, tenho conseguido me manter firme no que planejei²⁵³. Também desejo contribuir para aumentar o quadro de referenciais negros que podem e falam do lugar onde estão e escrevem sobre sua própria história. O foco deste trabalho não foi minha história de vida, mas surgiu a partir dela, de dúvidas, inquietações e desejos de mudança. Essa é "uma história" composta por visões e pensamentos de outros protagonistas que direta ou indiretamente estou relacionado, em interação e processo educativo, sensibilizando e transformando ao tempo que também sou sensibilizado e transformado (FREIRE, 1987).

Esta investigação representou aprendizado em diferentes perspectivas. Interpretar as visões dos/as *rappers* e assumir diante dos mesmos o presente debate, foi e é um grande desafio. É porque não se esgota aqui. Comprometi-me em dar um retorno a cada um/uma que colaborou diretamente e será importante para mim receber também

²⁴⁹ Universidade Federal da Bahia.

²⁵⁰ Centro de Referência Integral de Adolescentes. Desenvolve ações centradas na arte-educação, com foco no teatro, como meio de transformação social. Organização que fiz parte enquanto "jovem ator" e monitor.

²⁵¹ "Nariz em pé" semelhante a "metida a besta" popularmente refere-se ao indivíduo privilegiado socialmente, que mantém certo status de superioridade.

²⁵² Documento (2012) que sintetiza minha história de vida, com foco em meu contato com o Hip-Hop, a Universidade e os temas educação e relações étnico-raciais. Cf. http://www.mediafire.com/view/ht3fcl98sincfhr/MEMORIAL_-_JORGE_HILTON_-_UNEB.doc

²⁵³ Cf. Memorial (*idem*).

deles/as. Não se esgota aqui também porque o Rap é estilo musical originário nos Estados Unidos, onde as lutas pela eliminação do racismo referenciaram o Brasil, ao tempo que ensejaram críticas que até hoje são reproduzidas, principalmente por setores conservadores. Assim, esta pesquisa aponta para várias questões que sugerem aprofundamento, principalmente de ordem comparativa. Fui estruturando o presente estudo, estabelecendo de modo concreto os pontos e aspectos a serem continuados em novas abordagens. Em coerência com tal perspectiva, dois sub-capítulos foram realocados estrategicamente para o contexto de análise que pretendo desenvolver a seguir, objetivando em linhas gerais, analisar os/as *rappers* brancos/as estadunidenses, comparando com a realidade brasileira, as singularidades e semelhanças dos contextos de branquitude, de conflitos, lutas e ações educativas.

Um dos itens é: "O branco é racista com o próprio branco?". Em relação à frase: "o negro é racista com o próprio negro", que é muito frequente como modo de atribuir a responsabilidade do racismo às próprias vítimas, que "discriminam-se", como no caso de policiais negros/as que violentam pessoas negras. Pretendo discutir se é possível uma afirmação nesse sentido quando *rappers* brancos/as discriminam-se mutuamente depreciando no outro, traços fenotípicos característicos da própria raça. Característica presente no fenômeno musical das "Diss"²⁵⁴ que se faz importante averiguar. Sartre (1961), Gabriel O Pensador, por conta do *hit* "Lôraburra" ou Preto Du já foram e/ou podem ser acusados de "brancos racistas com os próprios brancos" quando se posicionam de modo radical contra os seus pares? Outro item refere-se as tensões em torno da "branquitude acrílica"²⁵⁵ (CARDOSO, 2008), em que se faz oportuno abordar tal conceito e o posicionamento emblemático do grupo de Rap Comando DMC que, através da letra "São Paulo está se armando" (1996), pregou o uso de armas e a violência como reação defensiva frentes aos constantes ataques de grupos neonazistas direcionados a negros/as e nordestinos/as. Desejo verificar, entre os *rappers* negros estadunidenses, se há relatos de reações nesse sentido.

Por conta do racismo nos Estados Unidos ter característica diferente, a exemplo do histórico de segregações institucionais oficializadas, acredito que, comparado ao Brasil, gerou uma cultura de debate mais amplo sobre as relações raciais. Assim, tenho

²⁵⁴ Literalmente traduzida por "canção de insatisfação", é um Rap criado com o único propósito de atacar verbalmente e insultar uma pessoa ou um grupo de cantores. Criado nos E.U.A, seu uso tem sido frequente na cena brasileira.

²⁵⁵ "A identidade branca individual ou coletiva que argumenta a favor da superioridade racial". (*Ibidem*, p.178)

a hipótese de que será mais fácil identificar publicações com a visão dos/as *rappers* estadunidenses sobre branquitude e raça-etnia, de modo geral, em relação ao que foi com os/as *rappers* brasileiros/as. Reforço tal pensamento em função do volume significativo de matérias e entrevistas, que tenho encontrado em pesquisas informais feitas em sites estrangeiros.

No processo do presente estudo, fui inevitavelmente me deparando com questões raciais diversas relacionadas a *rappers* brancos/as estadunidenses, o que me levou à compreensão da necessidade de analisar, em trabalho específico, artistas brancos/as solo e em grupo, como Beastie Boys, Vanilla Ice, Snow e Style Council, Kid Rock, Eminem, Iggy Azalea²⁵⁶ (australiana), 3rd Bass, Asher Roth, Miley Cyrus, Macklemore²⁵⁷ e Ryan Lewis, Yelawolf, T. Mills, Kitty Pryde. Bem como outros artistas que utilizam elementos do Hip-Hop para ganhar popularidade: Ariana Grande, Taylor Swift, Katy Perry, Justin Timberlake, Justin Bieber e Robin Thicke.

Faz-se oportuno aprofundar os efeitos da Indústria Cultural "norte-americana"²⁵⁸ e sua influência no Brasil. As repercussões sobre a apropriação branca do chamado "som de negro"²⁵⁹, e como esse "som" impacta o trabalho de *rappers* brasileiros/as, de diferentes grupos étnico-raciais. Buscar responder: como o fenômeno do racismo nos Estados Unidos influencia a visão dos/as seus artistas? (Essa influência se estende aos/as *rappers* brasileiros/as?). Como a branquitude se manifesta para os/as brancos/as cantores/as de Rap estadunidenses? Em que medida suas ações refletem o que

²⁵⁶ Ganhou notoriedade com seu Rap intitulado "Fancy", eleito pela revista Billboard a música do verão de 2014 nos Estados Unidos. Entre outros aspectos, faz-se relevante analisar os embates raciais desta artista com a rapper afro-estadunidense Azealia Banks.

Cf. <http://www.cartacapital.com.br/revista/820/a-pilantragem-e-branca-4628.html>

²⁵⁷ Dentre outros temas, Macklemore defende em sua música a união homoafetiva, além de se posicionar de modo autocrítico em relação a própria branquitude. Em 2014, chamou a atenção da grande mídia, pelo constrangimento moral demonstrado ao receber o prêmio Grammy, uma vez que, assim como a crítica local, considerava merecedor o rapper afro-estadunidense Kendrick Lamar, pelo elogiado álbum "Good Kid, m.A.A.d City".

Cf. <http://www.theguardian.com/music/2014/jan/27/macklemore-grammy-success-bad-for-hip-hop>

²⁵⁸ Por entender que Norte da América compreende também os países México e Canadá, não só os Estados Unidos, quando me referir a este último, em alguns momentos, farei a opção política de utilizar com aspas, os termos "norte-americano", "americano", "afro-americano", "branco-americano", etc.

²⁵⁹ Segundo os autores da obra "The Anthology of Rap" (BRADLEY; DUBOIS, 2010), em entrevista a revista a CartaCapital "Muitos consumidores brancos preferiram e ainda preferem consumir a música negra sem realmente ouvir a voz dos negros." Além desta fala, vale problematizar quando dizem "A cultura rejeita aqueles que se proclamam os seus donos. Por isso, o rap tornou-se um idioma global cujas formas mudam sob a perspectiva de artistas de diversas cores e segundo as regiões onde se manifesta." Cf. <http://www.cartacapital.com.br/revista/820/a-pilantragem-e-branca-4628.html>

chamamos de branquitudes "crítico passiva" e "crítico ativa"? É possível caracterizar algum deles enquanto "branco denegrado"?

Faz-se interessante examinar as tensões e resistências dos/as *rappers* negros/as dos EUA frente à branquitude da sociedade e, em particular, dos/as *rappers* brancos/as. Há nessa resistência negra, algo semelhante ao "padrão Racionais"? Há nos/as brancos/as posturas características de "empatia abnegada"? Também é desejável refletir sobre o fato do famoso *rapper* negro Dr. Dre ser apontado como responsável pelo sucesso do branco Eminem.

Outros pontos: A questão da invisibilidade/neutralidade aparece em algum contexto racial "americano"? É possível entender a branquitude estadunidense como superior a brasileira? Como as categorias de classe, gênero²⁶⁰, estética e religião²⁶¹ se imbricam com a de raça nas composições e falas dos/as *rappers*? De que maneira o fator interseccional opera? Acima de tudo, é indicada a busca por referenciais educativos pró-equidade²⁶² não só no trabalho dos/as *rappers*, mas também na academia²⁶³.

²⁶⁰ As diferenças do papel da mulher entre os dois países vão impactar distintamente no Rap produzido em cada um (PIMENTEL, 1997).

²⁶¹ Spensy Pimentel (1997) defende que as religiões católicas no Brasil, e de base protestante nos EUA influenciaram diferentemente a música Rap produzida em cada país. Que neste último, o Islam exerce ação que chega a contrastar com práticas fundamentadas no catolicismo do Rap brasileiro.

²⁶² Conforme orientada pela "branquitude crítico-ativa", é importante se apresentar exemplos objetivos de ações pró-equidade, que os brancos possam ter como referência.

²⁶³ Como as ações em torno da "racial literacy". Conceito da pesquisadora "afro-americana" France Winddance Twine, que Lia Schucman (2012) traduz como "letramento racial", que se constitui em diretrizes para "reeducar o indivíduo [branco] em uma perspectiva antirracista".

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 1947. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Dial%C3%A9tica-do-Esclarecimento-Adorno.pdf>. Acesso em: junho/ 2015.

ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

BALBINO, Jessica; MOTTA, Anita. *HIP HOP A Cultura Marginal: Do povo para o povo*. São Paulo: independente, 2006.

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. “*Eu me alimento, eu me alimento, força e fé das iabás buscando empoderamento!*” : expressões de mulheres negras jovens no Hip-hop baiano. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2013.

BENTO, Maria Aparecida da Silva; SILVEIRA, Marly de Jesus; NOGUEIRA, Simone Gibran (organizadoras). *Identidade, branquitude e negritude: contribuições para a psicologia social no Brasil: novos ensaios, relatos de experiências e de pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. in *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. (2003). p.25-55.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985

BUZO, Alessandro. *Hip-Hop: dentro do movimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010. il., retrs. - (Tramas urbanas)

CALLINICOS, Alex. *Capitalismo e racismo*. (2005). Disponível em: <http://socialista.tripod.com>. Acesso em: maio/2015.

CARDOSO, Lourenço. *O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007)*.

Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra. 2008

_____. *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). 2014.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (organizadoras). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CIAMPA, Antonio da Costa. *Identidade*. in *Psicologia Social: o homem em movimento*. LANE, S. & CODO, W. (Org.). São Paulo: Ed Brasiliense. 1989.

COROSSACZ, Valéria. *Entre cor e classe: definições de branquitude entre homens brancos no Rio de Janeiro*. Revista da ABPN, Vol. 6, Nº 13. (2014)

COSTA, Elaine Silva. *Um olhar sobre mecanismos ideológicos racistas a partir de constructores da psicanálise dos processos grupais*. In. *Identidade, Negritude e Branquitude*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2014.

CUTI. *Moreninho, Neguinho, Pretinho*. Coleção percepções da diferença. Negros e brancos na escola. Volume 3. 2007. 51p. Disponível em: www.usp.br/neinb/wp-content/uploads/NEINB-USP-VOL-3.pdf. Acesso em: abril/2015

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1968.

FELIX, João Batista de Jesus. *CHIC SHOW E ZIMBABWE: a construção da identidade nos bailes black paulistanos*. Dissertação de Mestrado defendida na FFLCH / USP. 2000.

_____. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. São Paulo. 2005

FERREIRA, Carla Domingues. *Gabriel O Pensador: análise da identidade social de um (possível) migrante*. Monografia. Campinas. (2009).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal; 1999[1976].

FRANÇA, Dalila Xavier de; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. *Identidade étnica e estereótipos em crianças quilombolas e indígenas*. In. *Identidade, Negritude e Branquitude*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2014.

FRANKENBERG, Ruth. *The construction of white women and race matter*. Minneapolis. University of Minnesota Press, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Educação e mudança*. 6ª ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. 47 ed. São Paulo: Global, 2003.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GHON, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 3ª edição. São Paulo: Cortez. 2005

GLUZ, N. *Discriminação positiva*. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HELLER, A. *O homem do Renascimento*. Lisboa: Presença, 1982.

JESUS, Rodrigo Marcos de. *O Humanismo Social de Paulo Freire*. 2010. Disponível em:
<http://www.tjmg.jus.br/data/files/5B/61/F4/1C/469D8310DACF8D83180808FF/pal032010.pdf>. Acesso em: maio/2015

KAWAHALA, Edelu; SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. *Por uma psicologia social antirracista: contribuições de Frantz Fanon*. Psicol. Soc., Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 408-410.

LACHOWISKI, Gibran Luis. *Mestiçagem cultural e rap brasileiro*. Disponível em:
<https://hetec.wordpress.com/anteriores-2/artigos/89-2/>. Acesso em: junho/2015

LIENHARDT, Godfrey. *Antropologia Social*. Editorial Fundo de Cultura Econômica, México, 1994.

LOPES, Joyce Souza. *Branco(a)-mestiço(a): problematizações sobre a Construção de uma localização racial Intermediária*. Revista da ABPN, Vol. 6, N° 13. (2014)

MACEDO, Iolanda. *O discurso musical Rap: expressão local de um fenômeno mundial e sua interface com a educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, 2010.

MARÇOLA, Fernanda Gonçalves. *O que é cordialidade ? - O conceito de cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre*. Monografia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2005.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. *Bahia com H de Hip-Hop*. Salvador: independente, 2014. Cf. <http://zuluhilton.wix.com/livrohipophbahia>

_____. *Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip-Hop*. Cadernos do CEAS - N° 223, julho/setembro, 2006.

MONTI, Manuela. *Possibilidades de resistência na pseudo-formação*. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió - AL. Psicologia social e Políticas de existência: Fronteiras e Conflitos, 2009.

MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

_____. *Do Marco histórico das políticas públicas de ação afirmativa*. In Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (2005).

_____. *Carlos Moore desconstrói senso comum sobre o racismo*. Entrevista. (2012). Disponível: <http://www.geledes.org.br/carlos-moore-desconstrói-senso-comum-sobre-o-racismo/#gs.cd13b2540e6a4852a719d2b27734b3ea>

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade Nacional versus Identidade Negra*. 2. ed., Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

_____. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 2003. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2003.

NICOLAU, Mayara. *100% negro e o suposto racismo ao contrário – ou deixa eu tentar te explicar*. 2013. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/colunistas/21131-100-negro-e-o-suposto-racismo-ao-contrario-ou-deixa-eu-tentar-te-explicar-por-mayara-nicolau>. Acesso em: maio/2015

NOGUEIRA, Simone Gibran. *Psicologia crítica africana e descolonização da vida na prática da capoeira Angola*. Tese. PUC - SP. São Paulo. 2013

_____. *Políticas de identidade, branquitude e pertencimento étnico-racial*. In Identidade, Negritude e Branquitude. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2014.

OLIVEIRA, Lúcio Otavio Alves. *Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos*. Dissertação. Mestrado. Departamento de Psicologia. UFBA. 2007

PENA, Sérgio D. J.; BIRCHAL, Telma S. *A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social?* REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 10-21, dezembro/fevereiro 2005-2006.

PIMENTEL, Spensy. *O livro vermelho do hip-hop*. São Paulo, 1997. Disponível em: www.realthiphop.com.br/olivrovermelho/spensy_pimentel.htm. Acesso em: 2010.

PIZA, Edith. *Porta de vidro: entrada para branquitude*. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida da Silva, 2003, p. 59-90.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal*. Editora Record, 2000.

_____. *Ser negro no Brasil hoje - Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro*. Artigo. Folha de S.Paulo - Mais - brasil 501 d.c. - 07 de maio de 2000. Disponível em: <http://antroposmoderno.com/word/sernegro.doc>. Acesso em: junho/2015.

SANTOS, Geisel Christian Ramos. *O Instituto da Discriminação Positiva como manifestação do Princípio Constitucional da Igualdade*. 2014. Disponível em http://geiselramos.jusbrasil.com.br/artigos/146770275/o-instituto-da-discriminacao-positiva-como-manifestacao-do-principio-constitucional-da-igualdade?ref=topic_feed Acesso em: abril/2015.

SCHWARCS, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil -1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese. Doutorado. USP. São Paulo, 2012.

_____. *Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI*. Revista da ABPN, América do Norte, 6, jun. 2014.

SPÄTH, Daniel. *Racismo europeu ou a continuidade desumana do pensamento ideológico iluminista*. 2010. Disponível em: http://obeco.no.sapo.pt/daniel_spath.htm. Acesso em: agosto/2015

SHETARA, Paulo. *A nação hip-hop*. Rio de Janeiro: UNE, 2001.

SILVEIRA, Raquel da Silva. *Interseccionalidade gênero/raça e etnia e a Lei Maria da Penha: discursos jurídicos brasileiros e espanhóis e a produção de subjetividade*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. 2013. 242p.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. *Por que tenho razão: branquitude, Estudos Culturais e a vontade de verdade acadêmica*. Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura, v. 3, n. 2, 2005. p. 159-180.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, Feb. 2006.

VELHO, Gilberto. *Nobres e Anjos. Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora. 1998. 214 pp.

VIANNA, Hermano. *O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*. UFRJ. Museu Nacional, 1987.

WRAY, Matt. *"Pondo a ralé branca" no centro: implicações para as pesquisas futuras*. in WARE, Vron (org.) (2004), 339-361.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras (Tradução de José Marcos Mariani de Macedo), 2004.

YOSHINAGA, Gilberto Kurita. *Resistência, Arte e Política: Registro Histórico do Rap no Brasil*. Faac-Bauru/SP. 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

Sou pesquisador do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Bahia. Em minha recente pesquisa, estou analisando as produções de Rap de artistas de pele clara, socialmente considerados/as brancos/as (que podem ou não se reconhecerem como tal). Já tenho estudado algumas composições suas e a pesquisa será divulgada em 2015. Sei que esse é um tema delicado e alguns/algumas artistas preferem não encarar, esquivando-se. A grande questão é: ao fazerem isso, incorrem no risco de após a publicação não se sentirem legitimad@s com a interpretação de suas obras. Então, buscando evitar futuros desconfortos por parte dos/das *rappers* contemplados/das, faço esse primeiro contato direto com os/as mesmos/as, convidando-os/as a responderem algumas questões sobre o tema. Para tanto, gostaria que indicassem um e-mail ou informassem outro canal para que eu possa enviar mais informações e as perguntas que são bastante breves.

Conto com a sua participação!

Grato.

ANEXO 2



Convite para participação de pesquisa

Saudações,

Meu nome é Jorge Hilton, sou estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Estou realizando, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Luciano Messenger, um estudo intitulado "Perspectivas de *rappers* brancos/as brasileiros sobre as relações raciais: um olhar sobre a branquitude", estudo esse que envolve MC's de pele clara, socialmente vistos como brancos/as (que podem ou não se reconhecerem como tal).

Gostaria que colaborasse nesse estudo, fornecendo algumas informações. Como já analiso algumas composições suas, considero fundamental conhecer sua visão, a fim de evitar equívocos de interpretação. O objetivo do estudo não é avaliar os seus conhecimentos em torno da pesquisa, mas de analisar e descrever as representações sociais sobre o tema a partir das informações fornecidas. Sendo assim, não há respostas certas ou erradas; interessa-me sua opinião sincera na resposta de oito breves perguntas.

Comprometo-me, ao final do trabalho, em fazer uma devolução dos resultados encontrados.

QUESTÕES

- 1) Como você se define racialmente?
- 2) Na sua visão, como a sociedade te define racialmente?
- 3) Para você, o que significa ser branco (a)?
- 4) Como você acha que os/as brancos/as percebem a si mesmos/as? Como você acha que os negros/as percebem a si mesmos/as?
- 5) Há alguma letra de Rap de sua autoria na qual a questão racial (mestiça, branca, negra ou indígena) em alguma medida seja abordada? Qual (is)?
- 6) Como tem sido na sua trajetória de vida a convivência com pessoas negras [relação interpessoal, afetiva, artística, escolar, universitária...]?
- 7) Você considera que há alguma espécie de privilégio, vantagem em ser branco/a? Você já vivenciou alguma experiência nesse sentido?
- 8) Você acha que os/as brancos/as podem desempenhar algum papel no combate à discriminação racial? [Se sim] Qual seria esse papel? [Se não, por quê?]
- 9) Deseja considerar algo mais?

NOME COMPLETO:

NOME ARTÍSTICO:

ESCOLARIDADE:

CIDADE E ESTADO ONDE NASCEU:

ANEXO 3

MÚSICA: Naija

AUTORIA: Lurdez da Luz e Eduardo Brechó

Porquê eu sou da pior quebrada do mundaréu
 E eu vou que vou, melhor ser suspeito do que ser réu
 Brasil é gol de placa, é gol de placa
 Brasil é gol de placa.

Meio Rebelde meio mercenária
 Vamo parar de gritaria
 Baixaria nem pensar
 Que já já vai clarear
 Num ganhar porra nenhuma
 Se fosse até que valeria
 Ainda sou capaz de amar
 A minha maneira
 Se não sei o que faria.

Licença ai deixa eu me banhar
 Abre esse teto solar
 Só assim pra eu me consolar
 Foi-se o tempo que eu sofria
 Vamos raspar na galeria
 Comprar uns boot pra variar
 Do crescimento eu sou cria
 Do criador filha legítima

Porquê eu sou da pior quebrada do mundaréu
 E agora eu to no topo no comando no meu papel.
 Brasil é gol de placa, é gol de placa
 Brasil é gol de placa.

Part. Eduardo Brechó

É do doce o meu dossiê,
 Antes fosse só falsiê
 É roubado e vendidool acrado
 perdido e achado para aparecer
 Não se mete com meu metiê
 Debaixo da blusa meu berro é blasé
 Não abusa com quem não conhece
 Mas troca tranquilo com quem merecer

Não tive sorte, só passaporte
 Quero ir pro norte, colonizar
 Passada passagem meu corte na cara
 Na corte do cara mais forte que há
 Na cara e coroa negocieei com o rei do ieieiê
 Por proteção, o Tio Sam me abençoa
 E não se mete com meu metiê
 Roubei do freeshop, o meu robocop
 Tudo do top, topo do ibope,
 Goste ou não goste, gaste ou não gaste
 Custe o que custar
 Quem investe não vai apostar
 Naquela peste, naquela bosta
 Um oceano me afasta da costa
 Daquela casta aquela veste
 Não encosta na minha Lacoste
 O crocodilo deixei na savana
 Mas tenho uma iguana pra negociar

Refrão

Da onde eu venho é tão tenso
 Só que o marzão é imenso
 Sem som de corno manso
 Minha vida é o balanço
 Tá difícil ter descanço
 Pra prevalecer o que eu penso
 Na babilônia é particular privado
 O jardim suspenso.
 Cada irmão e os que não são tb
 Já nasceram culpados
 Condenados direto a morte e nem
 A um uniforme listrado
 Muito menos a calça bege
 'Presidente num é nois que elege
 Mas agora ta diferente
 Num muda nada realmente
 Obasanjo é Umaru'Yardua que é GoodLook
 É o que desejo a quem ficou
 Anistia é tipo um truque
 Da minha família quem sobrou
 Á tá aqui a miliduke
 Niguem é capaz de me excluir maluco
 Só porque eu sou
 E eu vou que vou.